

**Jacqueline
Susann**

YARRO

O PARAÍSO IMPERFEITO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JACQUELINE SUSANN

(1918-1974)

YARGO

Título original americano

YARGO

1979 (póstumo)

YARGO

Jacqueline Susann

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "Yargo"

Copyright © 1979 by Distribuidora Record S.A.

Tradução: Isabel Paquet de Araripe Capa: Anibal 5. Monteiro

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da

Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo Composto pela
Linoart Ltda.

Impresso e encadernado em oficinas próprias

1

Com que então era aquilo a sala de espera de um psiquiatra!
Corri os olhos ao meu redor.

Não parecia diferente da sala de espera do dentista. Os mesmos móveis modernos e baratos. Uma mesinha de centro simples, cujo único ornamento era uma cigareira vistosa e vazia. Números atrasados das revistas Time e Life. Já os lera todos no consultório do dentista.

Eu passara um bocado de tempo no dentista. A gente quer ficar perfeita quando vai se casar. Sente que precisa botar tudo em dia.

Sabe como é, pagar todas as contas atrasadas nas lojas, jogar fora as saias e os sapatos inúteis, que raramente usa mas que não tem coragem de aposentar. E depois, finalmente, a ida ao dentista.

Esse é o ato mais nobre de todos, porque você sabe que os seus dentes estão em perfeito estado, mas vai ainda assim fazer uma revisão rápida e uma limpeza. Isso é que é começar o casamento da estaca zero. E então, como sempre acontece, o dentista descobre três cáries pequenas. Nada de importante; não são do tipo que se sintam ao toque da língua, ou com um copo de água gelada. São do tipo que ninguém sabe que você tem. Exceto o dentista, e mesmo ele teve trabalho para achá-las, com um pequeno exército de ferros e raios X. É, não haveria pressa em obturá-las, mas você as obtura assim mesmo, sentindo-se positivamente virtuosa. Você está determinada a que tudo esteja certinho. Você vai se casar!

Olhei para meu relógio de pulso, o presente de noivado que David me dera. Ainda faltavam cinco minutos para a hora marcada. Às vezes acho que ser pontual em excesso é uma falta tão grande quanto viver se atrasando. Dá muito tempo para a gente pensar; e ficar pensando e repensando uma decisão importante é como ouvir uma anedota. A primeira vez que você a ouve, ri a bandeiras despregadas. A segunda vez, sorri divertida. A terceira vez, fica entediada; e, lá pela quarta vez, fica se perguntando se alguma vez teve graça.

Eu estava nesse último estágio. Chegara cedo para a consulta. Quem sabe isso era a mão do destino, dando-me uma oportunidade de mudar de ideia.

Sempre fui fatalista. Se não lembro se apaguei a luz e volto correndo para me certificar (invariavelmente encontrando a luz apagada), consolo-me dizendo que houve um motivo para a minha volta. Talvez aqueles poucos minutos perdidos me tenham impedido de fazer algo que não constava do meu destino. Talvez até houvessem salvado a minha vida. Se àquela altura eu estivesse na calçada, poderia ter sido atropelada por um carro. Ou um vaso de flores poderia ter caído na minha cabeça. Uma infinidade de incidentes desastrosos podem ter sido evitados naquela volta. Os jornais estão cheios de casos assim.

Pois bem, levante-se e vá embora!

E depois? Depois vá passar mais uma noite fumando um cigarro atrás do outro. Outra noite de insônia e enxaqueca, até apagar com um Seconal por algumas horas de sono intranquilo.

Minha nuca começou a latejar. Corri os dedos pelos cabelos, num esforço para aliviar a pressão, depois parei abruptamente. Eu não estava com dor de cabeça. Estava apenas nervosa. Só estava conseguindo era desmanchar o meu penteado à italiana, novinho em folha.

Fiquei de pé. Cheguei até mesmo a esmagar o cigarro no cinzeiro que ficava próximo à porta. Olhei no espelho e vi uma moça estranha e calma. Bem, essa era a prova.

Uma expressão afável pode ocultar qualquer coisa. Pelo menos isso eu aprendera: essa impassibilidade quase oriental. Sempre ocultara tudo o que eu queria ocultar, até então. Até aquele momento quando estava a ponto de botar tudo para fora, para examiná-lo com o Dr. Galens.

Voltei a olhar para o espelho. Eu estava com ótima aparência. Até o meu penteado à italiana se achava intacto. Parece que quanto mais desmanchado, mais elegante fica. Cheguei a pensar em correr de novo os dedos pelos cabelos, mas mudei de ideia. Afinal, eu não conhecia o Dr. Galens. Seria mais prático começar com um ar arrumado. Embora os psiquiatras não devessem prestar atenção à

aparência dos pacientes, não é mesmo? Cada caso devia ser puramente clínico. Havia um artigo grande sobre Ava Gardner estar fazendo análise, que eu lera em algum lugar. Estou certa de que aquele psiquiatra deve ter prestado atenção na aparência da Srta. Gardner. Se não tinha prestado, então era ele que estava precisando de um psiquiatra.

Bem, eu não era nenhuma Ava Gardner, mas o Dr. Galens ia ter uma reação daquelas quando eu começasse a falar. Ajeitei o cabelo.

Sem dúvida, eu precisava entrar na sala dele com cara de sã.

Pus mais um pouco de batom. Tinha um ar bem são e vulgar. O tipo da garota cuja vida funciona segundo esquemas perfeitos, uma garota como se vê em cada rua da cidade, que trabalha em um escritório qualquer, que faz as suas próprias unhas, usa meias sem costura e procura as novidades da moda na Vogue.

Esse era o tipo de garota que eu era. Só que certas coisas haviam acontecido, e aí residia todo o problema. Nada mais era como antes. Eu precisava ver o Dr. Galens e contar-lhe tudo. Eu devia isso a David. Pobre David, noivo de uma desajustada como eu.

A voz exageradamente modulada da enfermeira interrompeu meus pensamentos inoportunos.

— O Dr. Galens atenderá a Srta. Cooper dentro de alguns momentos.

O que eram momentos? Talvez um ponto qualquer entre um segundo e um minuto, uma espécie de “meio minuto”. Mas não se podia dizer: “O Dr. Galens atenderá a Srta. Cooper dentro de alguns meios minutos”. Vou perguntar ao Dr. Galens. Supõe-se que os psiquiatras saibam tudo. Ah, mas que excelente começo de conversa! A vinte e cinco dólares a hora, vou entrando e perguntando o que quer dizer “momentos”. O Dr. Galens vai cooperar lindamente: vai pegar a rede de apanhar borboletas mais próxima e mandar que eu continue.

Forcei meus pensamentos a se centralizarem no Dr. Galens. Pelo menos esse era um pensamento afirmativo. O Dr. Galens me ajudaria. Era preciso! Que estranho, eu depositar tanta esperança num homem que nunca vira. Dentro de alguns minutos — não,

momentos — eu iria dizer-lhe tudo. Ia fazer confidências a um completo estranho.

Não pude deixar de sorrir intimamente ao lembrar os meios tortuosos que utilizara para descobrir o Dr. Galens. Algumas perguntas discretas feitas a David, um comentário inocente dirigido ao meu dentista, outro ao médico da família. Todas as perguntas começavam da mesma maneira: ‘Tenho uma amiga que está terrivelmente confusa. Pode até chegar a arruinar toda a sua vida. Acha que um psiquiatra poderia ajudá-la?’

Será que enganara mais alguém, além de David? Ele nunca sonhara que essa amiga confusa fosse a sua noivinha confiante. Acho que todo mundo usa os mesmos métodos, tentando persuadir-se de que ninguém está desconfiado. E sempre para um amigo, nunca para a própria pessoa. Mas foi confortador ver que todas as respostas conduziam-me diretamente ao Dr. Galens. Todos o haviam recomendado para a minha infeliz amiga.

Mas e se ele não puder ajudar? Às vezes um psiquiatra leva anos para ajudar alguém a encontrar uma solução. Eu adiarda demais a consulta. E agora só faltavam três dias. Só três dias até que David e eu.

A enfermeira reapareceu. Seu sorriso radioso me avisava de que havia chegado o grande momento. Levantei-me e segui o uniforme engomado, perguntando-me de repente se todas as enfermeiras tinham defeito nos pés, ou se apenas gostavam de usar aqueles sapatos brancos e feios. Entrei no consultório a tempo de vislumbrar um chapéu vermelho que desaparecia por uma porta que dava para o corredor de saída. Então, era assim que se fazia: um paciente se infiltrava sorratamente pela porta de entrada enquanto outro se esgueirava pela porta de saída. Por que se impunha um estigma a quem era analisado? A gente ia ao dentista se precisava consertar os dentes. Ia ao médico se precisava consertar o corpo. Então, qual o problema de precisar consertar um pouco a cabeça?

Mas não era o meu cérebro que precisava de conserto. O que me preocupava era a solução para alguns problemas muito reais.

Mas será que aquele homem tinha as respostas? Afinal de contas, era apenas um médico, não um mágico ou Deus.

Afundi-me quase agradecida na poltrona confortável que ficava em frente à escrivaninha dele. Cruzei as pernas e esperei. O

médico nem olhou para mim. Devotava atenção integral à tarefa rotineira de encher uma pasta com papéis. Depois, ajeitou do modo adequado sobre a mesa os seus lápis recém-apontados. Finalmente, ergueu os olhos e me mimoseou com a mais leve imitação de um sorriso. Decidi que o detestava.

Ah, mas que ótimo começo! Eu ia pagar vinte e cinco dólares, e o detestava. Podia comprar dois pares de sapatos por vinte e cinco dólares. Talvez até um belo vestido esporte. Quem sabe se de repente eu me levantasse e dissesse que estava me sentindo muito bem, e que a coisa toda fora um grande erro, ainda pudesse escapar sem pagar. Ou, na pior das hipóteses, pagar só doze dólares e meio. Isso seria mais do que justo.

Mas que raciocínio infantil, disse a mim mesma. Aqui estou eu, sentada diante do Dr. Galens, e ele vai me ajudar. Sentia-me muito agradecida por estar sentada na poltrona. Ora, se ele tivesse lançado um só olhar ao divã, eu o teria matado. Olhei rapidamente ao meu redor, para ver se havia algum divã. Havia, sim, mas não me pareceu muito confortável.

A enfermeira escreveu meu nome num cartão. Murmurei o meu endereço e um número de telefone. O único som que se ouvia era o arranhar da sua caneta contra o papel. Ela entregou o cartão ao Dr. Galens, que o examinou como se fosse a Declaração dos Direitos. Fez um sinal com a cabeça e a enfermeira saiu. Então fiz uma inspeção completa de tudo na sala; tudo, exceto o Dr. Galens.

Durante alguns segundos, nada houve além do silêncio. A espécie de silêncio que faz o tique-taque de um relógio parecer mais alto e o chão ranger às passadas em um aposento distante.

O Dr. Galens me disse para começar. E de repente, eu não sabia como fazê-lo.

— Por que simplesmente não começa falando? — sugeriu ele suavemente.

— Sei, mas sobre o quê? Quer que lhe conte tudo a meu respeito, ou devo falar direto sobre o problema em si?

— Srta. Cooper. — O olhar dele era impessoal, mas cheio de desejo de ser útil. — Estou vendo aqui no livro de consultas que a senhorita não veio fazer análise, mas sim buscar a psicoterapia para resolver um problema específico.

Assenti.

— É, foi o que disse à sua enfermeira quando marquei a consulta.

Sabe, é que tenho tão pouco tempo..

Ele deu um suspiro.

— É sempre a mesma história. Tão pouco tempo! Enfim, vamos tentar. Às vezes, podemos ajudar a superar uma barreira emocional, mas é necessário sabermos um pouco a seu respeito.

— Há tão pouco a meu respeito que poderia interessar ao senhor... quero dizer, como pessoa. Mas quanto ao problema, essa coisa que me aconteceu Sabe, antes disso nunca aconteceu verdadeiramente nada na minha vida.

Ele deu uma olhada para o relógio que estava sobre a sua mesa.

—Você é a minha última paciente do dia; portanto, se passar da hora, não haverá problema. Por que não começa do princípio?

O princípio. Levei alguns segundos pensando. Onde era o princípio?

Resolvi que começaria do meu princípio. Bem do princípio.

David.

2

Foi esse o meu começo. Nada de importante acontecera antes.

Minha infância se estendia às minhas costas, como um labirinto de anos sem nada de espetacular, ou portentoso. Contudo, não foram anos infelizes. Um verão passado numa colônia de férias e uma temporada na escola de arte dramática foram os únicos pontos altos. Ah, sim, e o fato de ter ganho o concurso de beleza em Atlantic City!

Não foi um concurso de verdade, do tipo em que os juízes tiram as medidas da gente. Nada parecido. Foi um concurso realizado no hotel, que eu ganhei, com faixa de cetim, taça de vencedora e tudo. Mesmo que minha mãe afirme que sou bonitinha mas nada tenho de excepcional, ganhei um concurso de beleza!

Compreendo minha mãe e não tenho complexos quanto a isso. Vovó era uma quacre de quatro costados, e, embora mamãe não seguisse fielmente seus rígidos ensinamentos, não era exatamente o que se pudesse chamar de loucamente liberal. Mamãe acredita que é seu dever acabar com a falsa vaidade e fazer com que uma pessoa dependa dos seus me-ritos reais, ou seja, a mente e a habilidade criativa. Deus se apiedasse daqueles que não tivessem essas qualidades básicas — mamãe simplesmente os ignorava.

Mas, já que eu era sua filha, ela não podia me ignorar, embora eu não fosse bem-dotada. Ela parecia achar-me brilhante. Só que eu não estava utilizando ao máximo as minhas capacidades.

Sendo uma pessoa que vai a qualquer extremo para evitar uma discussão ou qualquer tipo de situação desagradável, suponho que, quando era garota, me acostumei a fugir para um mundo de sonhos tipicamente adolescentes. Assim era mais fácil. Entregava a mamãe o meu boletim, e, enquanto ela esbravejava por causa das minhas notas baixas em história, eu ficava sonhando que era Vivien Leigh indo a uma pré-estreia de gala com Clark Gable. Vocês ficariam surpresos ao ver como funcionava. Depois, quando ela terminava, eu voltava a ser Janet Cooper de novo, lanchando com prazer uma fatia

de bolo de chocolate e um copo de leite bem reais. Mas, frequentemente, eu sonhava em ser uma grande estrela de cinema, mesmo quando as coisas corriam bem. Era a única coisa que parecia realmente importar.

Acho que foi aos dezesseis anos que desisti desse sonho impossível. Não desisti espontaneamente; fui forçada a isso porque era ridicularizada, e não só por minha mãe. Por meus amigos também. Ninguém se tornava mesmo uma estrela de cinema. Pelo menos se provinha da minha cidade natal. Eu costumava argumentar que, afinal de contas, as estrelas tinham que vir de algum lugar, tinham que ter sido gente comum, algum dia. Mas encontrava sempre oposição em massa. Qualquer pessoa que continuasse a desejar ser artista de cinema depois dos dezesseis anos era levemente perturbada. Antes dos dezesseis, podia-se desejar ser qualquer coisa. Era apenas uma fase por que todas as garotas passavam. Assim como os garotos, querendo ser bombeiros ou cowboys.

Assim, quando me formei na escola secundária, abdiquei dos meus sonhos secretos e enfrentei a realidade da escola de comércio e dos mistérios da taquigrafia e da datilografia.

Depois disso, a vida virou só rotina. Rotina agradável, mas nada mais. Um emprego de secretária — sem o “jovem chefe” bonito e romântico que vira em tantos filmes. A minha chefe era uma moça alinhada, que usava vestidos pretinhos simples, uma fieira de pérolas e um sinalzinho falso bem no alto da face.

A única bonificação que o emprego oferecia eram duas horas para o almoço, porque a chefe alinhada partilhava almoços de duas horas com um publicitário bonito, mas casado, num restaurantezinho escondido numa rua lateral.

Os almoços às escondidas eram o principal tópico de discussão entre mim e minhas colegas. Eu adorava esses bate-papos, especialmente às sextas-feiras, porque sempre havia o fim de semana para ser esperado e discutido. Participava de todas as conversas, dava palpites, partilhava das agonias de diversos corações partidos, oferecia a sabedoria da observadora, mas nunca passava disso. Uma observadora, nunca uma participante ativa.

Era quase como se eu estivesse deixando o tempo correr à espera de algum compromisso desconhecido, porém marcado.

E foi então que conheci David.

David não me aparecera montado num cavalo branco, mas tinha um Oldsmobile reluzente e muitas das qualidades do príncipe encantado. Para tornar as coisas ainda melhores, era advogado, gozava de uma bela reputação e ganhava um salário razoável.

Nossa afeição foi instantânea e mútua, e pensei que ia morrer de emoção no dia em que ele me presenteou com o anel que exibia um brilhante pequeno mas perfeito. Ele me disse que o anel estava integralmente pago; que poderia ter comprado um com o dobro do tamanho pelo mesmo preço, mas a cor não lhe agradara. Aquele era branco-azulado mesmo à luz do sol, explicou, o que era muito importante.

— É assim que quero que seja a nossa vida, benzinho dissera. — Perfeita, impecável como esta pedra. Nada de pomposa, apenas discreta, de bom gosto, e perfeita.

Eu me aconcheguei a ele e sorri, concordando. Desejava tanto que ele me chamasse de “querida”, em vez de “benzinho”, e que dissesse “eu te amo” de um jeito romântico, em vez de prová-lo com atitudes. Mas não tinha nenhuma queixa de verdade. Era um belo sentimento, e o brilhante não era assim tão pequeno. Além disso, eu pretendia valorizar o anel com uma aliança de brilhantes.

Ia dar esta notícia a David aos pouquinhos, e torcia para que ele não tivesse guardada nenhuma aliança de ouro de família, algo que tivesse pertencido à sua bisavó pioneira.

Portanto, eu me despedira do escritório, de minhas colegas de almoço, da chefe alinhada, que parecera entediada mas invejosa, e principiara a fazer todas as coisas que se espera que uma jovem futura noiva faça.

No verão o apartamento já estava escolhido, meu vestido de noiva pendurado no armário, e só me restava esperar. esperar seis semanas insuportavelmente longas até o mês de setembro.

A espera era mais dolorosa quando David se ausentava nas muitas viagens rápidas que era forçado a fazer para a sua firma. Sentia pena dele, pois, independente da natureza de seu serviço, as

viagens sempre incluíam visitas a lugares como Pottsville, Pensilvânia, ou Columbus, Ohio. Eu ficava tão entediada quando ele se ausentava, que já nas últimas viagens pensava em acompanhá-lo.

E nada disso teria acontecido — isso a que estou me referindo —, isso não podia ter acontecido se ele tivesse me levado com ele para Chicago.

E, a viagem para Chicago foi a causa de todo o problema. Ou pelo menos foi o começo do problema. Ele acabara de voltar de Norristown, Pensilvânia. Mal desfizera as malas, quando o Sr.

Finley, o sócio principal, lhe telefonou falando do negócio a ser resolvido em Chicago.

Tínhamos um encontro naquela noite. Eu fora recebê-lo na estação ferroviária, e seguíramos direto para o apartamento dele para deixar as malas. Fazia calor, e eu estava usando um velho vestido estampado. Ultimamente, eu só usava vestidos velhos, pois tudo o que era novo tinha de ser guardado para o enxoval. Disse à minha mãe que concordava com tal procedimento, desde que não perdesse David por causa disso. Cheguei a tocar neste assunto com ele naquela noite, pedindo-lhe desculpas pelo meu traje pouco elegante.

— Ora, não se preocupe, benzinho — falou, enquanto pendurava o terno amarrotado. — Para falar a verdade, nem reparo direito no que você esteja vestindo. Vou me casar com a moça, não com as roupas.

Reconfortante, mas com uma ausência total de romantismo. David era bom — quase bom demais para alguém tão estouvada e vulgar quanto eu. Fiquei sentada, observando os músculos volumosos de seus ombros e de suas costas, delineados pela camisa branca úmida. Fazia um calor insuportável àquela noite; o quarto estava abafadíssimo. Havia caixas empilhadas por todo canto e as mesinhas laterais tinham um ar estranhamente vazio. David também estava esperando, doido para deixar o seu apartamento de solteiro, ansioso para se mudar para a nossa casa novinha em folha.

E foi então que o telefone tocou.

3

Ir para Chicago imediatamente! Na manhã seguinte, para ser preciso. E não para uma estadia rápida. A viagem seria de dez dias.

Ouvi enquanto ele falava e tomava notas. Nem podia imaginar como aquela missão tão excitante viera às mãos dele. David era estritamente um homem para viagens a Pottsville. Os sócios mais antigos é que faziam as viagens fascinantes. Um deles já estava na costa do Pacífico, e o Sr. Finley tinha um caso importante a resolver pela manhã, portanto David fora escolhido.

Comecei a minha campanha no segundo em que ele desligou. O que estávamos esperando? Aquela era a nossa chance!

Podíamos casar às pressas e usar Chicago como local para a nossa lua-de-mel. Por que esperar até setembro? O final de julho também era uma boa época para um casamento.

David recusou. A data da cerimônia estava marcada. Sua tia Evelyn, da Califórnia, que fora uma espécie de mãe para ele, viria assistir ao casamento. Seu colega de quarto de Dartmouth iria ser o padrinho. Ah, não, benzinho, tudo já estava acertado para setembro.

Fiquei desapontada de verdade. Não houve um momento festivo a noite inteira, somente o entusiasmo constante de David com relação à viagem marcada. Ele estava a todo o vapor.

Não era a viagem em si, explicava. Era a confiança que a firma estava depositando nele, encarregando-o daquele serviço. Foi uma noite boa para David. Mas, para mim, foi apenas uma noite quente e pegajosa, que terminou com uma cerveja choca nos jardins ao ar livre que ficavam no final da rua.

Fui levá-lo à estação no dia seguinte e implorei para ir junto até o momento em que ele entrou no trem. A essa altura, estava até disposta a acompanhá-lo como solteira. Que haveria de mal?

Apenas dois bons amigos que viajavam juntos. Todo mundo fazia isso, e eu não conhecia Chicago. Diziam que a Marshall Fields era uma loja fantástica, e havia o Pump Room e o Chez Paree. Mas, naturalmente, David foi inflexível. O que os outros iriam pensar, perguntou. O Sr. Finley não gostaria da ideia. A 5 :a. Finley jamais o

acompanhava em viagens de negócios, e já estavam casados havia dezesseis anos.

Despediu-se de mim, beijando-me com ternura. Disse que escreveria todos os dias, e eu prometi que faria o mesmo.

Prometeu que depois de casados iríamos a um monte de lugares juntos, e depois partiu. Fiquei ali vendo o trem se afastar, aquele trem maravilhoso que se dirigia para a Marshall Fields e o Chez Paree.

Eu estava tão desanimada andando pela casa no dia seguinte, que minha mãe sugeriu que eu tirasse umas feriazinhas também.

Poderíamos ir juntas para Boston, e visitar tia Isabel.

Umás férias viriam a calhar. Mas a casa de tia Isabel não era a solução, de jeito nenhum. Também não tinha sentido reunir-me às minhas amigas em férias. Elas ainda estavam "caçando". Eu já tinha David.

Portanto, estava sem ter para onde ir. Sem ter para onde ir e com dez dias vazios para preencher.

Subitamente, lembrei-me de Avalon.

Em criança, passara uma temporada numa colônia de férias em Avalon, uma pequena estação de veraneio à beira-mar. Lembro-me daquela temporada como o verão mais perfeito da minha vida.

Enfrentei as objeções de minha mãe, concordei com ela que talvez fosse um capricho tolo e sentimental; mas eu queria ir, e sozinha!

Toda moça tem o direito de passar algum tempo a sós com as suas lembranças.

Acho que a umidade estava a meu favor. Minha mãe não retrucou com a sua energia habitual enquanto debatíamos o assunto, e eu venci. Lá fui eu para Avalon, para as minhas lembranças e para as dunas de areia.

Como sempre, mamãe estava certa. Avalon me recebeu com frieza e indiferença. Como todas as viagens feitas ao passado, foi um completo desapontamento.

A colônia de férias havia desaparecido, e com ela toda a animação que a cidade tivera. Agora, Avalon não passava de uma

aldeia de pesca desolada, e a pesca era o único e parco meio de subsistência local, e não um esporte.

Até mesmo a estalagem de Avalon se fora. Dela só tinham sobrado umas tábuas carbonizadas e umas janelas quebradas, mas o pessoal da terra mal se lembrava do fogo que a destruía. Um pequeno trecho irregular do calçadão de madeira ainda permanecia intacto, e o pessoal local falava com voz monótona do furacão pequeno mas violento que demolira o píer e a maior parte do calçadão de madeira. Até mesmo as dunas de areia pareciam ter ficado mais pobres e austeras. A grama crescia desordenadamente no topo delas, e o oceano era frio e pouco convidativo.

Eu caminhava pelo calçadão durante o dia, procurando achar um rosto ou um prédio familiar. Não encontrei nada, a não ser algumas antiguidades de preço exagerado que talvez ficassem bem na minha nova casa. Fiquei imaginando quem as compraria, já que a cidade inteira parecia prestes a ser colocada em leilão. Não, nada encontrei em Avalon que pudesse alimentar minhas lembranças sentimentais. No final da semana, desisti e me preparei para voltar para casa.

Mas resolvi que jamais admitiria que Avalon me desapontara. Ah, isso não! Voltaria para casa falando entusiasmada do clima maravilhoso, do ambiente pitoresco, das pessoas. Faria com que tudo parecesse maravilhoso. Não maravilhoso demais, porque senão David poderia sugerir que passássemos ali a nossa lua-de-mel. Na verdade, decidi de repente que não falaria de Avalon a ninguém, exceto minha mãe. Quanto a ela, jamais poderia deixar que dissesse “Eu não disse?”

É gozado quanto à minha mãe. Eu a amo mais do que a qualquer pessoa, exceto David, é claro, mas jamais concordamos realmente em coisa alguma. Exceto David. Concordamos quanto a ele imediatamente. Da primeira vez em que mencionara a mamãe que talvez David e eu estivéssemos apaixonados... Ou teria sido mamãe quem mencionara que David e eu pudéssemos estar apaixonados?

Bem, não fazia diferença. Eu ia me casar com David, e graças a Deus mamãe aprovava.

Mas isso me incomodava. Será que fora minha mãe que suavemente implantara em minha mente a ideia de me casar com

David? Será que ele era escolha exclusivamente minha? Ah, mas claro que era!

E, além disso, que mal fazia que ela o tivesse feito? Afinal, é para isso que servem as mães, não é? Para ajudar a gente a fazer a melhor escolha. Mamãe era honesta e boa demais — como David.

Lembro-me da vez em que tive o papel principal numa peça beneficente. A cidade comparecera em peso, e eu fora aplaudida ensurdecidamente ao final. Eu fizera um grande sucesso — ou pelo menos pensava assim —, até ver mamãe e David. Mamãe explicara como eu me movera mal em cena — como uma vaca, não uma condessa. David dissera: “O fato de querer ser atriz não faz com que você seja, benzinho. Não acreditei em você nem por um segundo. Você era só a minha Janetezinha brincando de faz-de-conta”.

É, mamãe e David tinham razão. Ambos tinham sempre razão — até mesmo sobre Avalon. Mas pelo menos eu vencera. Viera sozinha a Avalon.

Porém, este pensamento não provocou em mim a alegria delirante que devia. Percorri o calçadão sozinha, naquela última noite, passando de um estado de espírito para outro. Eu aprendera algo.

De agora em diante, deixaria de viver no passado, viveria cada momento intensamente, pois aquele momento jamais poderia ser vivido outra vez.

Minha adorada Avalon. As barracas armadas nas dunas, os sábados maravilhosos no parque de diversões, entupindo-me de chocolates e balas baratas, os filmes românticos com Lana Turner e Hedy Lamarr, estonteantemente belas nas suas estolas de raposa branca, como a gente ia ser quando crescesse. Agora, só restavam fantasmas. Fantasmas e pescadores cansados.

Percorri a cidade aquela noite, sentindo-me também um pouco fantasmagórica. Eu me revia na magreza da adolescência, com os cabelos desarranjados pela umidade e pelo vento, acampando nas dunas.

Portanto, não me surpreendi ao me pegar saindo do calçadão e me dirigindo propositadamente para as dunas de areia, embora sem

nenhum propósito definido. Subi na duna mais alta e ali fiquei, olhando para o céu como se buscasse alguma resposta.

Costumávamos deitar-nos ali, seis ou sete garotas embrulhadas em cobertores, dando risadinhas, trocando sonhos e confidências. E que confidências! Uma delas ia se casar com um milionário, ter cinco empregados e uma criada pessoal. A outra ia ser uma enfermeira famosa. Outra — nós a chamávamos de “a idiota” —, bem, a idiota não tinha nenhuma imaginação. Ela só queria um monte de bebês. Na verdade, um marido nem entrava nos seus planos. Só um lar com bebês. Mas meu sonho era o mais impressionante. Meu nome ia brilhar na Broadway. Milhares de pessoas talentosas iam me adorar, e depois o homem mais perfeito do mundo iria abrir caminho entre milhares de outros pretendentes e me tomar como esposa.

Ele nunca tinha rosto, esse homem perfeito. Era sem rosto, mas resplandecia no seu impecável traje a rigor. E agora, finalmente, ele tomara forma... com David.

Fiquei ali sentada nas dunas, deixando a areia escorrer por entre os dedos, e tentei combinar minha imagem de sonho com o rosto de David. Funcionava, funcionava direitinho.

.Mas a noite estava tranquila demais para que eu me preocupasse com assuntos de ordem prática. Em vez disso, concluí que a natureza saberia cuidar de si mesma, e me concentrei em fazer pedidos intensos e românticos a cada meteoro que caía. Após certo tempo, esgotei meus pedidos. Nada, nem mesmo isso, era como fora antes.

Tirei meu mantô e estendi-o na areia; depois me deitei, e fiquei fitando o céu.

A princípio, meus olhos enxergaram somente a imensidão escura, mas aos poucos o céu foi tomando forma e localizei a Ursa Maior, e uma estrela brilhante que certa vez me disseram ser Vênus. Aí terminavam abruptamente meus conhecimentos de astronomia.

De repente vi uma estrela cadente. Ela cruzou o céu, com sua luz brilhante declinando como a de um fogo de artifício que se desfizesse. Minha vigília foi recompensada com mais duas. Fiquei me perguntando por que todas as estrelas não acabavam por

desaparecer, já que tantas se dissolviam no espaço sem mais nem menos. Fiquei de pé e comecei a limpar a areia das pernas quando o vi. Pendurado no céu como eu jamais vira nada igual!

Aquilo não podia ser real!

Não era uma estrela, e era perfeitamente redondo e grande demais para ser a luz de um avião. Aumentava de tamanho, com um brilho que excedia três vezes o brilho da Lua.

Cruzou os céus com a velocidade de um cometa, voltou à sua posição original e permaneceu quase estacionário.

Um turbilhão de pensamentos invadiu-me a cabeça. Tentei respirar normalmente, a despeito do meu coração disparado. Queria manter-me calma e separar a verdade da ficção. O que é mesmo que eu lera e ouvira? O que era aquilo exatamente? Ou o que se supunha que fosse? Dispositivos secretos das nossas Forças Armadas? Mísseis teleguiados? Balões meteorológicos? Naves de outro planeta? Alucinação coletiva?

Eu lera tantas coisas, e no entanto chegara a um simples esboço de conclusão. Cada jornal apenas aumentava a minha confusão. Alguns negavam os relatos, outros os confirmavam.

E quanto à decisão do governo? Cada relatório que eu lia era contradito abertamente por outro no dia seguinte. A Look contradizia a Li/e. A Li/e contradizia a Time. A Time contradizia a si própria.

Lutei para organizar os pensamentos. Aquilo não era nenhuma alucinação. E então, sem aviso, a coisa desapareceu tão repentinamente quanto aparecera.

E agora?

Bem, havia as autoridades adequadas a quem se devia relatar tais ocorrências.

Mas claro! E depois tachavam a pessoa de biruta, e todo mundo a tratava como se tivesse estado seriamente doente.

Mas eu vira!

E como todos os demais que experimentaram tal fenômeno, tinha ficado tão embevecida que me limitara a ficar olhando, incrédula.

Como poderia responder às indagações técnicas que me seriam feitas? Quer dizer, se eu fosse relatar a aparição, o que naturalmente

não iria fazer, quais as perguntas que fariam? A que velocidade parecia viajar? Vinha do leste para o oeste. . . ou do norte para o sul? Tinha mesmo certeza de ter visto?

Bem, uma coisa era certa, eu ia me afastar dali, e depressa! De repente, a praia ficou pegajosa e as estrelas pareceram adquirir um brilho frio, e senti uma solidão assustadora e intensa.

Desci da duna às pressas, tropeçando enquanto a areia entrava pelos meus sapatos. Minha respiração era entrecortada e dolorosa; a brisa do mar fustigava meu rosto, e meus sapatos pareciam de chumbo.

E então, subitamente, ele voltou! Dessa vez, do tamanho da Lua.

Fiquei imóvel, como que para não o perturbar. Era claro que aquela coisa, a tantos quilômetros de distância, não podia me ver, mas mesmo assim eu não ia me arriscar. Era quase como se aquele disco luminoso me mantivesse em seu poder.

De repente, notei que ele se detivera e que estava ali, pendurado no céu, silencioso como a Lua e igualmente misterioso. O que seria? Uma estrela cadente ou um avião não podiam ficar parados num só lugar, e a Lua não podia se mover.

Lutei contra a súbita onda de pânico que sempre acompanha o desconhecido. Era ridículo. Nada podia me acontecer. Ele estava lá em cima, e eu cá embaixo. Além disso, comentei com os meus botões, estou vendo uma coisa maravilhosa. No mundo inteiro existem registros nos arquivos de dados científicos sobre este assunto. Talvez neste exato segundo haja homens pendurados nos telescópios, buscando uma visão dessas. E aqui está ela, oferecendo-se à plateia menos entusiástica que poderia encontrar.

E lá fiquei eu, iluminada por aquele luar artificial. Naquele momento só se ouviam as loucas batidas do meu coração, que pareciam subir num crescendo acima do rugido do oceano.

E mais uma vez ele cruzou o céu até sumir.

Sabia que voltaria, e eu iria ficar ali para vê-lo outra vez. E mais: iria notificar as autoridades a respeito do que eu vira. Ninguém mais iria referir-se a mim como a "boazinha da Janet Cooper".

Agora eu passaria a ser alguém, quem sabe até meu retrato sairia no jornal. É claro que eu estava com medo, e teria sido fácil

fugir.

Talvez fosse até mais seguro fugir, mas de repente me senti cansada da satisfação da segurança.

Resolvi que, sem sombra de dúvida, eu iria esperar a sua volta, e que me manteria calma. Tentei inspirar fundo e relaxar. Era preciso estar atenta, lembrar de tudo. Gostaria de ter prestado mais atenção às aulas de astronomia na escola — ou será que era de física que eu estava precisando? Queria parecer inteligente quando me fizessem todas as perguntas vitais às quais os membros da Força Aérea exigiriam que eu respondesse.

Cheguei a sentar na areia e esvaziar os sapatos. Congratulei-me intimamente pela eficiência com que estava agindo.

Eu já me via descendo a rua principal da cidade em carro aberto, enquanto as multidões delirantes me atiravam confete. Não, assim também era demais. Bom, então daria uma entrevista coletiva à imprensa. Agora, sim. Uma entrevista coletiva, onde os jornalistas ansiosos me cercariam fazendo perguntas delicadas, às quais eu responderia com inteligência ingênua, e eles tirariam muitos retratos meus e murmurariam com respeito: “Não diga, Srta. Cooper, e a senhorita conseguiu ficar tão calma? Sozinha, ali naquela praia escura, Srta. Cooper.

Mas, e se não me fizessem essas perguntas simpáticas? E se me ignorassem, considerando-me mais uma biruta? Já podia ver a cara de David. Uma semana sozinha em Avalon e ela inventa uma história dessas!

E minha mãe! Ah, eu sabia o que ela diria: “Janet sempre teve uma imaginação muito fértil. Quando era garotinha, muitas vezes tive que bater nela para que deixasse de contar mentiras. Janet, você não mudou? Precisa contar as coisas como realmente aconteceram”

Ora, de que adiantaria?

4

Levantei-me e fui indo embora. A coisa voltou.

Dessa vez não era nenhum objeto fantasmagórico com aparência da Lua. Parecia bem mais próximo e quase dançava cortando o céu numa velocidade incrível. Depois, formou um arco fantástico e entrou de novo na minha linha de visão.

Aquilo não era nenhum balão meteorológico.

Fez diversas piruetas graciosas, retornando a cada vez à sua posição original, acima de mim. Não importava o quanto se afastasse ou a que altura subisse, sempre voltava e ficava imóvel por um momento, como que a perguntar: “Que tal?” Senti quase como se ele me estivesse pedindo que o aplaudisse.

Quando se dirigiu de novo para o alto-mar, fui saindo da praia. Já bastava. Tinha perdido a vontade de ser a plateia solitária desse estranho ator. Fui caminhando pela areia aos tropeções, olhando para trás de vez em quando para me certificar de que meu visitante tinha ido embora. Estava quase alcançando os degraus que levavam ao calçadão quando senti, sem me virar, que ele voltara.

Os degraus pareciam estar a quilômetros de distância, e ele estava exatamente acima de mim. Ah, meu Deus, implorei. Se eu conseguir chegar até o calçadão!

Comecei a correr, totalmente apavorada e quase cega pelo brilho do disco sobre minha cabeça. Lutei para raciocinar e debelar o pânico. Ele estava a quilômetros de distância, não tinha jeito de me ver, eu era tão pequena, e a praia tão escura.

De repente, apareceu outra luz — um holofote! Os moradores da cidade, claro! Era isso. Eles também deviam ter visto o disco e estavam vindo me salvar!

Virei-me e ouvi um grito. Levei alguns segundos até perceber que vinha da minha própria garganta, e que não conseguia contê-lo.

Rasgava os meus pulmões, e só parou como um gemido estrangulado.

Havia mesmo uma luz, mas vinha daquela coisa fantasmagórica lá em cima, e era dirigida a mim.

A princípio fiquei sem saber se era a luz que me mantinha paralisada ou se eu me imobilizara de puro terror. Só sabia que estava ali, incapaz de me mexer um centímetro, banhada naquela luz intensa vinda de tão longe. Os degraus do calçadão de madeira

estavam a poucos metros de distância, as luzes da cidade tão próximas, e eu permanecia ali, como que petrificada por aquela outra luz. Tudo ao meu redor dava a impressão de ter ficado quieto. Até as ondas pareciam ter diminuído o ritmo de seu movimento, lambendo a praia silenciosamente.

E então senti a brisa. Cálida e suave como a carícia de um amante, ela me envolveu.

Apesar do medo que me paralisava, a sensação não foi desagradável; era como se eu estivesse sob o efeito de um poderoso anestésico. Meu corpo foi se relaxando, independentemente da minha vontade, e comecei a oscilar levemente. Vi que o chão caía sob os meus pés, e num minuto terrível compreendi que o chão se achava no lugar certo, eu é que não me achava.

Estava sendo erguida pela luz e pela brisa cálida que agora girava ao meu redor como um redemoinho invertido. cima para cima. , para cima... dentro do raio de luz. Para cima... para cima... para cima... e acho que devo ter desmaiado.

Quando abri os olhos, vi um teto abobadado cinza-pálido. Então me lembrei do misterioso disco prateado e do raio de luz. Fechei os olhos.

Aquele não era um pesadelo do qual se acordava para deparar com a calma realidade e um ambiente familiar. Era um pesadelo do qual se acordava para deparar com um teto abobadado e cinzento.

Com os olhos bem cerrados, deixei as mãos tatearem à minha volta. Estava deitada sobre algo sólido e enxergara um teto. Já era um consolo. Pelo menos sabia que não estava mais flutuando no ar, levada apenas por uma luz. Isso me deu coragem para reabrir os olhos. Por um momento, fitei a abóbada cinzenta como se pudesse, pela minha simples vontade, fazê-la desaparecer e substituí-la pelo teto plano e branco do meu quarto de dormir.

Aquele lindo teto branco com uma das lâmpadas faltando no lustre.

O teto continuava cinzento.

Reuni mais um pouco de coragem e virei a cabeça. Estava num quarto pequeno, totalmente vazio, exceto pelo catre que eu ocupava. A iluminação era suave. O quarto inteiro parecia luminoso,

no entanto eu não via nenhum sistema central. Na verdade, a luminosidade era tão irreal que, por um breve segundo, cheguei a imaginar se estaria morta e se aquele lugar era, bem, o lugar para onde se vai depois.

Sentei-me no catre. Sentia-me intacta, o que era de estranhar.

Para uma garota cuja única experiência de vôo se limitava a uma volta na roda-gigante, eu me saíra muito bem! Ter cruzado os ares como uma águia, à custa de um simples raio de luz, era um feito e tanto, até mesmo para uma águia. Comecei a me sentir um tanto vaidosa.

Foi então que vi a janela, ou talvez deva dizer a vigia. Acho que não a vi da primeira vez porque ela estava bem atrás de mim, no alto da parede. Tive que ficar de pé sobre o catre para poder espiar para fora.

Vi apenas céu, o céu infinito. Larguei-me sobre o catre, estupefata. Eu estava realmente voando pelo espaço!

Mas para onde???? De repente, minha atenção foi despertada para o outro lado do aposento. A parede inteira estava se abrindo!

Agarrei-me nervosamente aos dois lados do catre. Alguém ia entrar. Mas quem? Ou o quê???

Ah, Deus, implorei. Se for alguma coisa de Marte, não deixe que seja rastejante. Não me importo que tenha três olhos ou duas cabeças, só peço que não seja viscoso ou rasteje. Apoiei-me contra a parede e esperei.

Ele parecia humano. Na verdade, eu tinha certeza de que era o humano mais atraente que já vira.

Contudo, devido às circunstâncias, senti-me livre para examiná-lo com interesse indisfarçável.

Ele era extremamente alto, com bem mais de um metro e oitenta, e vestia um macacão semelhante aos que os mecânicos de garagem usam.

Foram seus olhos que me chamaram a atenção. Eram grandes, verde-esmeralda, amendoados, e tão belos que nem pareciam naturais. Depois percebi seu cabelo, ou melhor, a ausência de cabelo. Ele raspava a cabeça! Mesmo sem cabelo, ainda era

incrivelmente bonito, muito mais atraente fisicamente do que qualquer astro de Hollywood.

Por sua vez, ele também me examinava. Atentamente, e contudo como se aquilo fosse meramente a atitude educada a tomar.

Recostava-se contra a parede (que já voltara à sua posição original) e me fitava.

Eu devolvia o seu olhar fixo; sendo uma moça extremamente prática, resolvi que aquela não era a hora de admoestá-lo por ter me sequestrado. Não, eu deveria demonstrar uma curiosidade polida pela coisa toda, exigir suave mas firmemente que me pusessem de novo no lugar onde me haviam encontrado, e, acima de tudo, manter uma atitude amistosa.

Embora ele não tivesse falado, eu tinha certeza de que não era americano. Percebi isso por instinto, e não por alguma peculiaridade óbvia de sua aparência, exceto, talvez, os olhos. Ele não podia ser de Marte, de jeito nenhum. Tinha uma aparência totalmente humana; fascinantemente humana, para falar a verdade.

Mas já que íamos tratar de tudo amistosamente, esperava eu, sorri. Afinal, supõe-se que o sorriso seja um gesto universal de paz e boa vontade. Ele devia compreender.

Parece que compreendeu. Devolveu o sorriso.

Era ainda mais encantador sorrindo. Senti-me melhor. Pelo menos, momentaneamente, estava a salvo. Não se corta a cabeça de alguém quando se está sorrindo para ele, não é? Ou será que sim?

Pelo menos, eu esperava que não, e ninguém tão belo como ele podia ser mau. Ele ainda sorria, deixando à mostra os dentes brancos e iguais. Espere só até eu contar às moças do escritório a seu respeito, pensei. Cheguei até a ficar imaginando se ele era casado. Seria formidável para Catherine. Ela media um metro e setenta e oito, de sapatilhas de balé. .. Bem, poderia até usar salto agulha com este Sr. Olhos Verdes.

Minha boca estava começando a repuxar e meu rosto parecia congelado, mas consegui manter o sorriso enquanto planejava o próximo passo. Tinha que fazer alguma coisa. Não podíamos ficar rindo um para o outro eternamente. Não que me importasse muito.

Não podia pensar em outra pessoa que me agradasse mais ver sorrir para mim, mas havia David, e subitamente me lembrei de que estava muito, muito longe de casa. Então, estendi-lhe a mão.

Ele não compreendeu. Olhou para a minha mão com grande interesse, mas como encontrou a quantidade habitual de dedos, voltou a olhar para meu rosto e a sorrir.

A seguir, com uma coragem que nem mesmo eu acreditava ter, levantei-me do catre e acerquei-me dele, estendi a mão, tomei a dele e apertei-a, sorrindo feito louca o tempo todo.

Dessa vez, ele percebeu. Seu sorriso aumentou de intensidade e ele devolveu o aperto de mão. Depois, voltei para o catre e desabei, exausta. E agora?

Perguntei-lhe onde estava e para onde íamos.

Nenhuma resposta.

Bem, eu não esperava mesmo que ele compreendesse. Agora não havia dúvidas de que não era americano.

Pois bem, então era o quê? Os russos não raspavam a cabeça e fazia frio demais na Rússia para andar vestido daquele jeito.

Talvez pudesse ser do Oriente, se não fosse pela cor dos olhos.

Talvez de alguma parte do Oriente cuja existência desconhecíamos, como aquelas montanhas que ninguém explorava ou alguma tribo perdida.

Não tinha sentido. Suspirei, mas de repente comecei a maravilhar-me com a coragem recém-descoberta que me permitia catalogar meus pensamentos e racionalizar cada acontecimento. Fui invadida por uma onda súbita de vaidade. Ali estava eu dirigindo-me sabe lá Deus para onde, com um gigante de olhos verdes me fitando, e permanecia sentada, pensando calmamente como se estivesse no meu próprio quarto tentando lembrar o nome de uma pessoa que conhecera numa festa. Era para eu estar histérica de pânico, e no entanto sentia-me estranhamente serena. Para confirmar o fato, deitei-me no catre e estendi os braços e as pernas. Meu braço esquerdo parecia entorpecido, e havia uma leve marca na veia interna do cotovelo.

Minha vaidade se dissolveu. Já não podia atribuir-me o crédito por aquela calma. Haviam-me dado algum tipo de sedativo. Não

poderia contar vantagem pela minha bravura. Mas contar a quem? A mamãe? A David? Podia apostar que aquela viagem não iria terminar no quintal de minha casa.

Podia ser que jamais visse David ou minha mãe de novo. Aonde estava indo? E por que eu? Resolvi que era melhor ir direto ao assunto e ver o chefe deles antes que o sedativo perdesse o efeito e eu desmaiasse de susto. Quem seria o chefe? Era óbvio que Olhos Verdes fora enviado apenas para dar uma olhada em mim. Além disso, alguém tinha que estar guiando aquela geringonça.

Isso exigia uma viagensinha de inspeção. Tinha direito, não tinha?

Fiquei de pé e fui me dirigindo para a parte da parede que se abria anteriormente. Olhos Verdes entrou em ação e suave mas firmemente levou-me de volta ao catre.

Concluí que não tinha direito a uma viagem de inspeção.

Larguei-me no catre e dei as costas a Olhos Verdes. Isso ele devia entender, fosse russo ou oriental. Uma mulher dando as costas significa que ela está zangada, seja em que idioma for. Obviamente entendeu, pois, quando me virei, Olhos Verdes tinha sumido.

Fiquei triste. Senti falta dele, apesar de não ser do tipo falante.

Mas fora agradável tê-lo por perto; ele era tão bonito!

Uma estranha sensação de bem-estar me invadiu. Tinha certeza de que não era inteiramente devida aos efeitos da injeção. Afinal, a gente pressente o perigo, não é mesmo? E naquele momento eu me sentia completamente em paz com o mundo. O movimento rápido e regular do vôo aumentava a minha nova sensação de segurança.

Não procurei combater a crescente sonolência que me acometia.

Dormi um sono sem sonhos. Senti uma picadinha no braço e voltei aos poucos à consciência, a tempo de ver Olhos Verdes enfiando uma agulha grande na veia do meu braço. Tentei me debater, mas era inútil. Estava amarrada ao catre por tiras à altura do peito, das pernas e dos braços.

Olhos Verdes retirou a agulha e sorriu. Se aquele gesto era destinado a me reconfortar, foi desperdiçado. Ele voltou à sua posição junto à porta e continuou a sorrir largamente. Eu tentei ser

corajosa e retribuir, mas acho que o sorriso que saiu mais parecia um tique nervoso.

Minha bela sensação de calma e bem-estar desaparecera. Mal podia respirar, tal era o pânico que sentia naquele momento.

De repente, a nave sacolejou e tive certeza de que havíamos batido. Cheguei a me sentir grata pelas tiras que me prendiam.

Apavorada, virei-me para Olhos Verdes. Se ele sentira o mínimo temor, não o demonstrava na sua aparência imperturbável.

De novo um sacolejo terrível abalou a nave. Olhos Verdes nem piscou. Mais uma vez a parede se abriu e dois homens entraram.

Fiquei de boca literalmente escancarada de surpresa e admiração.

Eles também vestiam macacões, raspavam a cabeça e tinham olhos verdes. Eram tão régios e belos quanto Olhos Verdes 1.

Fizeram um sinal de cabeça para Olhos Verdes 1, o que este obviamente tomou como uma ordem. Atravessou o quarto e soltou as tiras. Eu me sentei, sem tirar os olhos dos recém-chegados.

Eles, por sua vez, vieram até onde eu estava, fizeram uma reverência, apertaram minha mão e sorriram.

Comecei a me sentir um pouco melhor. Era evidente que Olhos Verdes 1 havia dito a Olhos Verdes II e III que esse era o meu estranho costume, e eles pelo menos queriam me deixar à vontade.

Parecia um bom sinal.

Trocaram algumas palavras entre si, Até aquele momento, eu não ouvira Olhos Verdes sequer gorgolejar, mas agora ele conversava animadamente com seus camaradas. Escutei com atenção. Não apenas não era inglês, como também não parecia ser idioma algum que eu já tivesse ouvido.

Podia ser uma língua oriental; afinal, nem todos os orientais falam chinês ou japonês, não é? Deixe ver —existe o javanês, o siamês, o balinês . Ah, meu Deus, por que não prestei mais atenção às aulas de geografia na escola? Veio à minha mente a lembrança desagradável de uma professora de história, gorda e de meia-idade, chamada Srta.Massinger. Eu detestava a Srta. Massinger, mas agora adoraria tê-la como companheira de viagem. Ainda mais, gostaria que ela estivesse ali no meu lugar.

Meus captos interromperam esses pensamentos agradáveis, indicando que eu devia me levantar e segui-los. Atravessamos a parede aberta e descemos uma longa escadaria em espiral.

Passamos por uma sala pequena, cheia de dispositivos semelhantes a relógios e onde havia algo que parecia ser uma grande tela de televisão. Chegamos a um aposento grande, com o mesmo tipo de instrumentos, só que em escala maior. Era óbvio que aquela era a sala de controle principal. Outro belo gigante de olhos verdes deixou o assento do piloto, cumprimentou-me com a cabeça, sorriu e reuniu-se à nossa procissão.

Chegamos a outra escada pequena. O piloto apertou um botão e outra porta se abriu, mas dessa vez a luz do dia inundou a nave, deixando ver uma pequena rampa que levava ao chão.

Desci a rampa, ladeada por minha estranha escolta. A luz do dia me incomodava a visão, mas foi com verdadeiro alívio que pus o pé no chão sólido de um magnífico campo de pouso. Inspirei fundo e fiquei agradavelmente surpresa ao constatar que o ar não passava de ar puro comum, nem mais nem menos inebriante do que aquele que eu respirava havia vinte e um anos. Virei-me para admirar a nave que me trouxera àquele destino.

Então, não existiam os discos voadores, não é?

Talvez não, mas aquela coisa às minhas costas não era exatamente quadrada. Tinha a forma de um cogumelo, com uma câmara de vigias quadradas encarapitada em cima. A parte arredondada parecia ter bem uns trezentos metros de diâmetro e se dividia em três seções. Mesmo agora, a nave já pousada, as diferentes seções ainda giravam devagar, cada uma num sentido oposto à outra. No sentido dos ponteiros do relógio e no sentido inverso, como o movimento ofegante de uma hélice que vai parando.

Nossa nave não era a única ocupante desse campo de pouso. Havia "discos" por todo canto. Pequenos, de tamanho médio, e alguns com cinco vezes o tamanho daquele no qual eu viajara.

Meu cortejo cruzou o campo comigo. Fazia um dia lindo; o sol brilhava e o céu ostentava um azul-claro inocente. Tinha a aparência

plácida demais para ser o refúgio dos estranhos objetos em forma de disco que lançavam raios de luz sequestradores.

Caminhamos cerca de trinta metros e paramos diante de uma enorme multidão que esperava. Meus captos hesitaram por um momento, em seguida encararam a multidão. Depois de uma fração de segundo, durante a qual milhares de olhos verdes me examinaram, vivas encheram os ares, e continuaram por um minuto inteiro, acompanhados por aplausos ensurdecedores. Foi muito lisonjeiro e gratificante, e quase fiz uma pequena reverência de agradecimento, mas minha modéstia nata me preveniu que aquela demonstração poderia ser para os aviadores que haviam realizado a missão, e não para o troféu.

Sem falar na natureza pouco comum das naves paradas no aeroporto, não enxerguei nenhum ponto de referência que pudesse me dar alguma pista quanto ao local onde me encontrava. Até mesmo a multidão composta de milhares de homens não oferecia nenhum esclarecimento. Eram todos de molde idêntico ao dos belos gigantes da nave; todos eles com aqueles estranhos olhos cor de esmeralda, a pele morena e as maçãs do rosto salientes. E todos raspavam a cabeça.

Pareciam ser guerreiros ou caçadores. Havia algo quase tribal na sua aparência.

Contudo, seu traje diferia violentamente dos macacões pardos dos aviadores. As cores vívidas tinham um efeito quase teatral. As vestes eram em estilo oriental: coletes de seda, calças de seda que terminavam abaixo do joelho, e sandálias baixas de tiras douradas. As cores eram bizarras e excitantes. Na verdade, havia um ar completo de ostentação naquele espetáculo todo.

Fiquei surpresa ao notar como aquela estranha plateia era controlada. Não havia cordas para contê-los, nem autoridades pedindo que se mantivessem em ordem. Eles me fitavam atentamente e no entanto permaneciam a uma distância respeitosa. A única coisa que os controlava parecia ser o seu próprio sentido superior de discernimento.

Como que a comprovar ainda mais esta observação, eles se afastaram subitamente, sem que ninguém mandasse, para dar

passagem a um do seu grupo.

Nada havia que o distinguisse dos demais espectadores, embora seus modos deixassem entrever que tinha uma tarefa específica e importante a realizar.

Esse homem especial veio a mim, curvou-se e sorriu, depois conduziu-nos entre a multidão, que mais uma vez abriu passagem educadamente.

Cruzamos o aeroporto, até chegarmos a um portão que se abriu sozinho. Caminhamos até chegar a uma via de acesso e paramos diante de um objeto pequeno, em forma de charuto, com cerca de três metros e meio de comprimento e dotado de seis rodinhas. No momento em que me dei conta de que aquele objeto era um meio de transporte, enfrentei a realidade de que estava em outro mundo.

Fizeram sinal para que eu entrasse no carro, e, sem outra escolha, obedeci. Apenas parte da escolta me acompanhou. Olhos Verdes 1, que parecia destinado a ficar grudado em mim, e Olhos Verdes Recepcionista. Os outros permaneceram no aeroporto.

Acomodei-me no carro e subitamente dei um salto para a frente quando o chão me faltou com uma velocidade que fez meus ouvidos zunirem e meus pulmões desmoronarem.

A velocidade extraordinária não diminuiu, e tornou impossível enxergar qualquer paisagem. Só percebi um caleidoscópio de verde e marrom. De quando em quando, um outro carro zunia em sentido oposto, mas, ao invés da terrível colisão que parecia inevitável, o carro que vinha desviava para o lado. Depois de meia dúzia dessas exhibições quase circenses, comecei a me dar conta de que era literalmente impossível para um carro bater no outro. Era quase como se houvesse uma força magnética agindo ao contrário, empurrando um para longe do outro.

À medida que meus nervos se adaptavam àquele ritmo, consegui ter rápidas visões da estrada que percorríamos, que parecia ser feita de aço, ou de algum metal semelhante. Virei-me para o homem ao meu lado, Olhos Verdes Recepcionista, e fiz um gesto indicando a paisagem.

— Como se chama este lugar?

Ele respondeu imediatamente:

—Yargo.

Acho que passou um minuto inteiro antes que eu sentisse a reação retardada da surpresa e do choque. Havia me preparado diversas vezes para gesticular, até mesmo fazer desenhos, mas ele me entendera imediatamente. Não minhas palavras exatas, tinha certeza, mas a expressão interrogadora do meu rosto.

Agora eu sabia que ele era inteligente e que pertencia a uma raça altamente civilizada. Foi necessária muita percepção para chegar a essa conclusão. Qualquer país ou mundo que possuísse uma máquina voadora que pudesse surrupiar gente do chão não estaria exatamente na Idade da Pedra. Ali estava um grupo de pessoas voando a seu bel-prazer por todo o universo, enquanto nossos maiores cientistas ainda teorizavam sobre nossas perspectivas de chegar à Lua.

Tentei descobrir que planeta Yargo poderia ser. Ouvira falar da teoria de que, se houvesse vida inteligente à nossa volta, seria provavelmente em Marte ou Vênus, embora suas condições atmosféricas diferissem das nossas. Portanto, era provável que a vida nesses planetas tomasse formas tremendamente diferentes daquela que consideramos humana. Pelo menos, era o que diziam os cientistas, mas a atmosfera de Yargo parecia exatamente igual à nossa, e eu desafiaria até mesmo o Dr. Einstein se ele ousasse chamar esses deuses de olhos verdes de não-humanos. Seria bom se tivéssemos mais desses humanos à solta na Terra.

Viajamos em silêncio por cerca de cinco minutos, depois do quê, sem nenhum aviso, o carro se deteve abruptamente. No mesmo instante a porta se abriu e fizeram sinal para que eu descesse.

Subimos a pé por um caminho de metal. Meus saltos batiam ritmadamente na sua superfície. Concluí que aquilo não era aço, parecia mais alumínio, mas forte como aço. Não era escorregadio, e parecia tornar o caminhar muito mais fácil.

Era um caminho curto, que terminava diante de um prédio grande em forma de cúpula. Fiquei parada na frente dele, de boca aberta.

Olhando-o, quase que se podia ouvir a música retumbante de uma nova sinfonia, visualizar um balé moderno ou uma pintura

abstrata.

Ao mesmo tempo, a aparição de um cavaleiro de armadura não pareceria absurda.

Não tinha tempo para sentir medo. Estava subitamente vibrante de excitação e de uma ansiedade pela aventura que sobrepujavam qualquer emoção que jamais sentira. Quem se importava com o que iria me acontecer depois que entrasse naquele prédio? Talvez não saísse dessa com vida, mas pelo menos não estava numa duna de areia sonhando com estrelas cadentes. Eu me encontrava numa delas, e aquilo estava acontecendo comigo!

Ladeada por meus acompanhantes, entrei num grande corredor de mármore e atravessei-o para chegar a um belo salão. Os dois Olhos Verdes fizeram uma profunda reverência e se foram, e eu fiquei só.

E agora?

Podia tentar fugir. Mas fugir para onde? Eu estava muito longe de casa.

Não, só me restava esperar. Caminhei cuidadosamente pela sala e finalmente acomodei-me num sofá de aspecto confortável.

Não sabia por que ou quem esperava, mas tinha certeza de que alguma coisa acabaria por acontecer.

E aconteceu.

Eu estava admirando a vista. Uma parede inteira da sala era de vidro, e através dela eu fitava uma montanha de topo branco, tão pitoresca que parecia irreal. A neve que cobria o cume parecia cor de rosa, até que percebi que o vidro é que era colorido. Seus tons suaves faziam até o céu parecer rosado, mas eu sabia que o céu lá fora era definitivamente azul.

As paredes restantes eram nuas, exceto por pequenas perfurações. À prova de som, concluí. Era óbvio que eles também tinham televisão, pois havia uma tela de bom tamanho numa das paredes. Não pude deixar de imaginar quem seria o equivalente ao "Uncle Miltie"¹ local, mas minha imaginação não chegava a ponto de visualizar um yargoniano de olhos verdes fazendo palhaçadas e contando piadas.

Depois de examinar o aposento com cuidado diversas vezes, voltei a fitar a montanha. Ficava muito distante e devia ser muito alta, concluí, provavelmente mais alta do que qualquer uma da Terra.

Havia uma leve bruma de nuvens a cobrir o seu pico mais alto. Será que eu estava na Lua?

1 *Um popular comediante americano Milton Berle. (N. da T.)*

5

Afinal, a Lua tinha montanhas, não é mesmo? E ninguém jamais enxergara o outro lado da Lua. Então aquele povo seriam os lunícolas ou selenitas. Imediatamente, conduzi o fio de meus pensamentos para uma direção mais tranquilizadora.

Aquele povo era extremamente inteligente e pacífico.

Virei-me rapidamente. A parede começara a deslizar, abrindo-se.

Levantei-me, pronta para receber mais um gigante de olhos verdes, mas dessa vez minha surpresa foi tão grande que desabei no sofá, muda de espanto.

Pela parede aberta entrara a mais bela mulher que eu já vira na vida.

Estava vestida igualzinho aos homens yargonianos. As mesmas cores brilhantes, calças até os joelhos, sandálias douradas e colete de seda. Seus olhos também eram verde-esmeralda e levemente oblíquos. Mas tinha cabelos. Uma enorme cabeleira negra como ébano, puxada para trás de um modo severo que teria enfeiado a maioria das mulheres. O cabelo era preso bem alto, à moda grega, por uma travessa de pedras preciosas que permitia que lhe caísse pelas costas até os quadris. A pele era branca e absolutamente impecável. O nariz era reto, e a boca cheia e de traçado exótico. Admiti a contragosto, depois de um escrutínio grosseiro, que toda aquela beleza existia sem a ajuda de qualquer cosmético.

Minha admiração transformou-se em assombro quando ela se dirigiu a mim num inglês perfeito, embora ligeiramente formal.

— Meu nome é Sanau. Dou-lhe as boas-vindas ao nosso planeta.

— Você fala inglês.

Não foi um comentário brilhante, mas foi o único que me ocorreu.

Ela assentiu.

— Não falo tão bem quanto gostaria, mas minha compreensão é bastante precisa.

— Só quero que me diga por que estou aqui, e o que vão fazer comigo?

Ela sorriu com uma serenidade quase irritante.

— Você sem dúvida está com fome. Providenciei uma refeição.

Virou-se e tocou a parede, que se abriu, deixando entrar duas mulheres com uma mesa rolante cheia de comida. As mulheres eram tão belas quanto Sanau e se vestiam de modo idêntico.

Colocaram a mesa à minha frente, curvaram-se e saíram.

Sanau examinou a mesa e o que havia sobre ela. Ficou aparentemente satisfeita e me comunicou: — Há aí uma pequena pílula. Você deverá consumi-la antes da refeição.

Depois ela sorriu e saiu do aposento, e a parede fechou-se às suas costas.

Eu estava com fome e a comida parecia ótima. Havia um tipo de carne, uma salada de aspecto estranho, um caldo frio e um pãozinho. Mas foram os talheres que fizeram os meus olhos se arregalarem. A lâmina da faca e os dentes do garfo pareciam feitos de diamante sólido. Ergui-os à luz e comparei-os com a pedrinha da minha mão esquerda. Eram mesmo diamantes. E a lâmina da faca tinha pelo menos uns cem quilates. Cem quilates de diamante sólido!

Engoli a pílula e comecei a comer. A água tinha um gosto forte. Era como a nossa água, mas mais pesada. O caldo estava excelente. A carne desapareceu, seguida pela salada. Achei que talvez devesse deixar alguma coisa no prato. Poderia deixar o pãozinho. Dei uma mordida. Está bem, então eu era uma esganada! E daí? Eu não pedira para ser convidada para o jantar; a coisa toda era ideia inteiramente deles. Desafiadoramente, não apenas comi o pãozinho como usei-o para limpar o molho que sobrara no prato.

Quando estava acabando de enfiar a última migalha na boca, a porta se abriu e Sanau entrou com suas criadas. Tive a sensação constrangedora de que elas tinham estado me observando enquanto eu comia. A mesa foi levada embora pelas criadas, e Sanau sentou-se e ficou me olhando de modo avaliador. Devolvi o olhar. No entanto, o dela parecia não conter nenhuma curiosidade.

Sentamo-nos assim por um momento, estudando-nos como dois animais estranhos, à vontade por fora, mas tensos internamente, esperando cada um que o outro desse o bote.

Meus reflexos cederam em primeiro lugar. Numa voz alterada pelo sistema nervoso, perguntei o que pretendiam fazer comigo.

Ela simplesmente ergueu uma linda sobrancelha, num sinal de completo desinteresse.

— Afinal de contas, por que me trouxeram para cá?

Sua maneira arrogante estava começando a me irritar de verdade.

Ela ergueu de novo a sobrancelha. Desta vez minha voz subiu uma oitava inteira:

— Exijo uma resposta. O que vão fazer comigo? O que querem de mim?

Não sei se ela respondeu por causa do meu tom de voz, ou apenas para evitar uma cena desagradável, mas enquanto falava não pude deixar de me admirar de como uma pessoa tão linda fisicamente pudesse ser tão despida de calor ou emoção.

— Não podemos decidir o que fazer com você — disse-me ela — até decidirmos o que fazer com relação ao erro mais desastroso.

— Que erro?

— Você.

— Eu?

Tentei impedir que o rubor me subisse às faces.

Eu? Um erro? Pelos padrões deles? Ou será que a viagem deles fora toda um erro? Quem sabe estavam apenas passeando com aquele holofote grande. Como se estivessem pescando.. E eu ficara presa na rede. Bem, podiam me jogar de volta. Para mim seria ótimo. Já estava farta de aventuras, queria ir para casa.

— Quando tomarão esta grande decisão?

— Na próxima reunião do Conselho.

— E quando será?

— Tão logo Sua Graça Todo-Poderosa, o Yargo, o permita.

O rosto dela ainda estava sereno e imóvel.

— Quem é o Yargo?

Eu não estava nada serena. Parecia que aquilo ia levar anos.

— O Yargo!

Os olhos de Sanau brilharam e o rosto dela assumiu uma expressão embevecida. Na verdade, seu ar de regozijo se tornou tão intenso que fiquei com medo que entrasse em transe. Repeti a pergunta: — Ele é o seu rei, ou coisa parecida?

— Ele é tudo. Ele é todo-poderoso.

Agora a expressão dela ultrapassava o êxtase. Ultrapassava qualquer coisa que eu já tivesse visto. Sua beleza aumentara e ela ergueu os olhos para o alto, como se subitamente tivesse tido uma visão de Deus. Havia reverência e admiração na sua voz. Agia como que possuída por algo quase sagrado.

Concluí que devia haver algum tipo de relacionamento entre este Yargo e Sanau. Tentei um novo ataque.

— Quem foi o homem que me recebeu no aeroporto e me trouxe até aqui?

— Você foi acompanhada pelo Líder Seado e pelo Piloto Hakwa.

A expressão de Sanau retomara a sua serenidade original.

— O Yargo é um líder?

— Ele é supremo!

Novamente o ar de êxtase.

— Supremo como o quê?

— Supremo. Todo-poderoso.

— Mas ele é humano? Quero dizer A gente pode vê-lo?

— É realmente afortunado aquele a quem se permite olhar para ele, até mesmo conversar com ele, às vezes. Ele tem a forma humana, mas é todo-poderoso.

Concluí que, sem dúvida alguma, havia algum relacionamento entre o Yargo e Sanau.

— Já que vocês parecem falar inglês tão bem por aqui, por que o líder ou o piloto não falaram comigo?

— Meu povo não fala a sua língua.

— Mas você fala.

O sorriso dela pedia desculpas.

— Este é meramente o meu talento especial. Domino todas as línguas que encontramos.

— O Yargo fala inglês?

A expressão de Sanau indicava que não apenas ele falava o idioma, como o havia inventado, mas, sendo uma jovem muito educada, respondeu no mesmo tom de admiração que parecia reservado somente para os assuntos referentes ao Yargo.

— O Yargo fala o idioma de todos os planetas, inclusive a língua de todos os países do seu planeta, e também as palavras dos animais e dos insetos.

— Os animais! Será que aqui os animais e insetos falam?

A essa altura, eu estava pronta para acreditar em praticamente qualquer coisa.

— Os animais e os insetos se comunicam uns com os outros em todos os planetas. O Yargo é o único ser humano que pode compreendê-los.

— Bem, o inglês que você fala é maravilhoso.

No pé em que as coisas estavam, achei que um pouco de lisonja não faria mal. Não teve, contudo, o menor efeito sobre Sanau. Sua expressão não se modificou, ao esclarecer: — Como já declarei, dedico-me ao estudo de línguas. Mas, para dominá-las, preciso esforçar-me. Mas o Yargo.. Seu talento lhe vem tão naturalmente quanto o respirar. Não consigo entender os animais, os insetos, as aves. Atualmente, apenas dominei o idioma do planeta que vocês chamam de Marte.

Com que então havia gente em Marte! Para disfarçar a minha confusão crescente, fiz outra pergunta: — Vocês já visitaram a Terra? Alguém do planeta de vocês já desembarcou no nosso mundo?

Ela meneou a cabeça.

— Não. Mas estudamos os seus costumes pelos monitores das nossas naves espaciais e interceptamos muitas das suas transmissões. Conhecemos muito a seu respeito.

— E eu sou um erro — concedi, sorrindo contrita-mente.

A resposta dela foi direta:

— Já entramos em contato com Marte para falar-lhes do erro.

Então Marte também estava envolvido. Debrucei-me para a frente.

— Olhe, Sanau, não nego que tudo isto seja vital-mente interessante. Qualquer cientista da Terra daria a vida para saber destes fatos. Também estou interessada. Mas eu poderia relaxar e saborear este conhecimento novo que estão me oferecendo se tivesse algum indício quanto ao meu futuro. Como, por exemplo, quando serei mandada de volta. Vou ser mandada de volta, não vou?

— Você se interessaria muito pelo povo de Marte. Eles têm um intelecto superior, se comparados aos habitantes do seu planeta.

Comecei a me desinteressar dessas novas maravilhas da natureza.

No momento, todo o meu interesse se concentrava no futuro de uma única habitante da Terra. Estava totalmente consciente de que Sanau deliberadamente evitara responder à minha pergunta, e assim, eu a repeti sem rodeios:

— Vou voltar para a Terra?

— Não cabe a mim responder. Neste exato momento nossos líderes estão entrando em contato com o governante de Marte.

Como já declarei, ele precisa ser consultado sobre este assunto.

— Por que ele precisa ser consultado?

— Porque foi atendendo à sugestão dele que você foi contactada.

— Eu????! !

Sanau se pôs de pé.

— Já falei demais.

— Não vá! — Levantei-me de um salto e agarrei seu braço. O movimento rápido que ela fez para soltar-se demonstrou um verdadeiro nojo pelo meu toque. Eu o percebi instantaneamente, e falei depressa. Precisava detê-la. Ainda havia tanta coisa que eu queria saber, — Por favor, fique um pouco mais. Você nem me disse ainda onde estou. Seu planeta é o que chamamos de Vênus ou Júpiter. ..?

— Não. Vocês não nos deram nome. Ficamos noutra sistema solar.

Vocês já localizaram o nosso sol e os seus cientistas afirmam que estamos a cerca de sete anos-luz de distância.

O tom de voz dela indicava que os nossos cientistas estavam certamente fazendo afirmações muito erradas. Mas eu queria me certificar.

— Não andei viajando durante sete anos, andei?

— Segundo o seu tempo, fizemos um vôo de quinze horas.

Viajamos mil vezes mais rápido do que a luz.

— Mas isto é impossível. Albert Einstein e todos os outros grandes cientistas sempre afirmaram que ninguém pode viajar mais rápido do que a luz.

Sanau sorriu de modo tolerante.

— Albert Einstein foi o homem mais brilhante do seu planeta.

Mas seu planeta é muito jovem. Há 100 anos, o povo do seu planeta nem cogitava das viagens aéreas comerciais. O que teria respondido algum Albert Einstein de 100 anos atrás se lhe houvessem dito que dentro de 100 anos a barreira do som seria rompida?

Não podia discutir contra esta lógica. Duvido que Albert Einstein também pudesse.

— Mas vocês progrediram — ela continuou generosamente. —

Há mais de trezentos anos que nós os observamos.

— Quer dizer que os discos vêm nos sobrevoando esse tempo todo?

Ela sorriu.

— Suponho que nossas naves espaciais lembrem os seus discos.

Mais uma vez ela se dirigiu para o painel da parede. Virou-se para mim como que para se despedir. Depois, lembrando-se obviamente de alguma instrução de última hora, deteve-se: — Você precisa descansar. Tem bons motivos para se sentir cansada. Aperte aquele botão e o divã se transformará numa cama.

O banheiro é completamente equipado para as suas necessidades.

Se por algum motivo precisar me chamar, aperte aquele botão e a minha imagem aparecerá na tela de televisão. Podemos comunicar-nos desse modo.

Tocou suavemente na parede e ela se abriu, embora eu pudesse jurar que não havia nenhum botão, dobradiça ou campainha.

— E quanto ao Yargo? — perguntei rapidamente. — Quando o verei?

— É muito improvável que o veja. Você é insignificante demais para absorver um momento que seja do tempo dele. Todos os assuntos pertinentes a você podem ser facilmente resolvidos pelos líderes.

Contudo, amanhã nossos planos para você já deverão estar bem formulados.

Fiquei tão estupefata com o insulto que nem tentei responder.

Permaneci ali, calada, olhando-a retirar-se. A parede fechou-se às suas costas e fiquei sozinha.

Só então dei vazão à minha raiva. Andei de um lado para o outro do aposento, furiosa. Raça superior uma ova! Não podia recordar de jamais ter sido tão frontalmente insultada, e de um modo tão estranhamente educado! Não havia nada de hipócrita ou obtuso no que ela dissera. Fora direto ao alvo, e o que tornava a coisa ainda mais desconcertante e enervante era o modo calmo com que me dava o fora. Simplesmente como se estivesse dizendo: "Ah, mas que belo dia está fazendo!" Bem, talvez para um yargoniano seu jeito de falar não fosse considerado má educação. Talvez achassem que aquilo era "falar a verdade", ou talvez ela não tivesse tido a intenção de soar tão brutalmente franca; mas eu tinha certeza de que falara tudo aquilo a sério. Demonstrara seu desagrado pela minha pessoa em cada gesto. Sua falta de emoção apenas aumentava o efeito.

Aliviei um pouco a minha raiva caminhando pela sala. Sentia apenas a humilhação feroz que sofrera nas mãos daquela mulher.

"Insignificante demais para ver Sua Alteza!" "Um erro!"

Naquele momento senti uma vontade real de destruir alguma coisa.

Apertei o botão e vi o divã transformar-se milagrosamente numa cama confortável. Fui para o banheiro e escovei os dentes.

E depois fui direto para a cama dormir.

Que mais podia fazer?

Para acrescentar mais um elo a uma cadeia fantástica de acontecimentos, dormi bem! Dormi tão bem que Sanau teve que me acordar.

Notei uma leve impaciência no jeito dela enquanto eu remanchava para tomar o desjejum. Normalmente, teria engolido a comida, pois sou uma pessoa cheia de consideração, mas lembrando-me da atitude dela na véspera, comi cada bocadinho bem devagar, de propósito.

Quando não dava mais para remanchar, pois já acabara com todas as migalhas, virei-me para Sanau, esperançosamente.

Ela assumiu o comando de imediato.

— Se já acabo — Falou — , seguiremos logo.

— Seguiremos para onde? — perguntei, levantando-me, obediente.

— Vamos nos reunir aos líderes.

Após um banho rápido, fiquei pronta, pois não tinha maquiagem a fazer. Teria me sentido mais confiante ao menos com uma pontinha de batom, mas depois de examinar-me criticamente ao espelho, tive que admitir que não estava com uma aparência má. Na verdade, acho que nunca estivera com uma cara tão boa na vida.

Concluí que devia haver algo na comida e no ar. Meus lábios apresentavam uma cor vermelha e saudável, e meus olhos brilhavam.

Para aumentar minha vaidade, Sanau me ofereceu um traje novinho em folha. Um traje yargoniano de verdade, idêntico ao que ela usava. Pedi desculpas por isso.

— Sinto não poder lhe oferecer roupas mais adequadas ao seu gosto. No momento, seu vestido da Terra está sendo consertado.

Ficou um tanto estragado com a viagem.

Aceitei suas desculpas enquanto me enfiava no traje. Sentia como se estivesse indo a um baile a fantasia, e devo confessar que, no meio de toda aquela confusão em que me encontrava, meu único pensamento naquele segundo foi:

“Ah, se David pudesse me ver agora!”

— Os líderes pediram para me ver? — perguntei, muito amistosa.

— Ninguém pediu para vê-la. Contudo, foi preciso fazer uma reunião para decidir o seu futuro.

— Não estou vendo nenhum problema. É só me mandarem para casa do mesmo jeito que me apanharam. É tão simples.

Por resposta, ela simplesmente apertou o painel e fez sinal para que eu a seguisse.

Saímos do prédio e entramos no mesmo carro em forma de charuto. A viagem foi sem novidades: a mesma visão confusa da paisagem; a mesma velocidade incrível.

— O que fazem os líderes? — perguntei, engolindo em seco com força para aliviar a pressão nos ouvidos.

— Governam seções diferentes do nosso planeta.

— Ah, como os presidentes dos diversos países.

Ela fez que sim com a cabeça, e eu também balancei a minha, satisfeita e impressionada. Afinal, meu único contato anterior com um alto funcionário fora por meio da tela da tevê de vinte polegadas da minha sala de estar. E agora ia discutir o meu futuro com todo tipo de governadores e presidentes. Fiquei expansiva de tanto orgulho e virei-me para Sanau, muito à vontade: — Você trabalha para um dos líderes?

— Sou uma líder.

Devia ter esperado algo assim. Não admira que fosse tão mandona.

— Qual é a parte do planeta em que você manda?

— Ninguém manda neste planeta. , nós lideramos o governo das diversas partes.

— Qual é a parte que você governa?

Se eu não tiver outra qualidade, tenho a da insistência.

— Sou líder cultural do planeta inteiro.

Ela era mesmo uma alta patente! O meu tom de voz era genuinamente humilde quando falei: — Estou realmente impressionada de ter sido entregue aos seus cuidados. E você tem sido muito amável, dando-se a todo esse trabalho por minha causa. Quero agradecer-lhe.

— Não havia escolha — respondeu ela, no mesmo tom uniforme de voz. — Além do próprio Yargo, sou a única pessoa do planeta que fala a sua língua.

Felizmente, o carro parou, porque eu estava prestes a dar uma resposta igualmente mal-educada.

Segui-a para dentro do prédio, resolvida a não abrir mais a boca.

Caminhava atrás dela num silêncio sorumbático, até que minha curiosidade me forçou a tentar mais uma pergunta: — Vocês elegem seus líderes do mesmo modo que nós elegemos os nossos?

Ela assentiu.

— Praticamente do mesmo modo, exceto pela exploração e ataques pessoais que parecem acompanhar a maioria das suas eleições.

Concluí que eles nos estavam observando com mais atenção do que eu suspeitara.

— Mas como é que pode vencer o melhor se não houver campanhas políticas?

— Pelo único motivo de que ele é o melhor.

Entramos num grande saguão cheio de ornamentos e candelabros de cristal. Suspeitei que talvez pudessem ser diamantes, e não vidro. Parei para admirar os enfeites brilhantes da sala, mas Sanau continuou a conversa, aparentemente indiferente à beleza que nos cercava.

— O público, o nosso público, reconhece o melhor candidato pelas suas antigas realizações e não pelas falsas promessas ou pelas calúnias de que seus políticos lançam mão.

Tomamos um pequeno elevador, que nos levou até a enorme ante-sala de um auditório. Aí fizemos uma pausa, presumivelmente para sermos anunciadas. Sentamo-nos num pequeno banco de mosaicos.

A apresentação seria feita a seguir. Umedeci os lábios e tentei imitar o porte fantástico de Sanau. Aquela tarde ia ser muito importante para mim. Precisava causar boa impressão. Para atenuar meu nervosismo, comecei a tagarelar sobre a beleza do prédio, minha admiração pelos trajes yargonianos, pelo seu avanço científico. Talvez Sanau tivesse percebido que aquela disposição gregária era apenas um meio de controlar meu nervosismo, pois ignorou-me totalmente. Somente quando mencionei o Yargo ela deixou transparecer que estava ouvindo.

— O povo elege o Yargo? — perguntei.

Esperei pela aparição do ar extático. Ele veio.

— Sim. O Yargo é eleito. Mas não do mesmo modo que os líderes e o Senado. Ele é eleito nas mentes e nos corações do povo.

Bom, aquela fora uma respostazinha bem simples. Não tive oportunidade de me aprofundar mais nela, pois de repente surgiu um gigante de olhos verdes que gorgolejou algumas frases em yargoniano para Sanau, e lá fomos nós.

Entramos num auditório imenso. A assembleia que estava à nossa espera era rígida e formal. O negócio era mesmo para valer. Todos os figurões estavam presentes, exceto, provavelmente, o próprio Sr. Todo-Poderoso.

Corri o olhar em volta. A cena me fazia lembrar os noticiários que focalizavam as assembleias da ONU. Fileiras e fileiras de homens e mulheres lotavam o imenso auditório. Sentia-me muito pequena e insignificante diante deles, até que me lembrei que a papagaiada toda era por minha causa. Eu era a atração principal, provavelmente pela primeira e última vez na vida, por isso fiquei bem ereta, imitando a postura perfeita de Sanau.

Um dos líderes na fila da frente se levantou e pediu atenção.

Dirigiu-se a Sanau em sua língua natal. Ela lhe respondeu, depois falou diretamente para a assembleia. Não havia microfone, nem sistema de alto-falantes. Ela falou numa caixinha dourada, que parecia um pequeno rádio portátil, e que usava presa ao cinto. Seu tom de voz era de quem conversava; se eu não estivesse sentada a seu lado, não teria escutado uma só palavra (não que eu compreendesse uma sílaba sequer).

Era óbvio que a plateia de dignitários a escutava. Sentavam-se com ar de atenção total, e percebi que também usavam as mesmas caixas douradas presas aos cintos. Elas pareciam funcionar como um telefone.

Fiquei o mais rígida que pude, tentando não parecer tão desajeitada quanto me sentia. Milhares de olhos verdes me perscrutavam com a intensidade de um radar, mas fiquei firme, rezando para que não me abalassem. Tinha uma sensação de que o mundo todo, o meu mundo, a Terra, estava contando comigo para fazer bonito. Era como se estivesse dizendo: "Mostre a eles, Janet, mostre a eles o tipo de gente que existe no nosso planeta.

Você precisa mostrar a eles. Faça com que eles nos respeitem... faça-nos sentir orgulho de você!”

Mas como? Fazendo um discurso? Sorrindo? Desmaiando? A última alternativa seria fácil, e provavelmente era o que eles esperavam.

Ah, mas por que foram escolher logo a mim? Com tanta gente flanando pela Terra, sem nada de especial para fazer, eles tinham que me pescar! Era uma pena... para a Terra, quero dizer. Se tivessem apanhado Marilyn Monroe, isso lhes daria em que pensar. Provavelmente, fariam planos imediatos para tomar o planeta inteiro, imaginando que ela fosse um exemplo típico da garota comum americana.

Aposto que até mesmo o Sr. Deus Todo-Poderoso viria dar uma espiada.

Fiquei pensando se deveria fazer um discurso. Olhei para Sanau. Ela ainda falava para aquela caixinha dourada.

Finalmente parou, quando eu já começava a passar o peso do corpo de um pé para o outro para aliviar a tensão de ficar parada tanto tempo num só lugar. Pigarreei, na expectativa de dirigir-me a eles.

Em vez disso, ela me indicou uma mesa com duas cadeiras que ficavam em frente à assistência.

— Nós nos sentaremos aqui — declarou ela.

— Sinto-me quase como se estivesse num tribunal, sendo julgada — sussurrei.

— Você está — respondeu ela simplesmente.

Aquela mulher tinha um efeito terrivelmente deprimente sobre mim, Afundei-me na cadeira.

— Eu devo traduzir o que se passa. Vai ser decidido o que fazer com você — disse Sanau.

— Ainda não decidiram?

O olhar de Sanau me fez ver que não apenas a minha sorte ainda não estava decidida, como, se dependesse dela, eu não duraria muito em mundo algum. Porém, tudo o que ela disse foi: — Traduzirei à medida em que cada líder for falando. Agora, o Líder Hallah está chamando a assembleia à ordem.

Concentrei minha atenção total no Líder Hallah. Ele falou tranquilamente para a sua caixinha dourada. Embora estivesse a uns quatro metros de distância, mal pude escutar a sua voz, mas todos os homens e mulheres das bancadas ajeitaram as suas caixas, e alguns até começaram a tomar notas.

Sanau começou a traduzir, em voz baixa mas intensa: — Senhoras e senhores, líderes, membros do Senado e presidentes estaduais. Jamais o conselho se reuniu para tratar de um problema tão delicado como este que se nos apresenta. É preciso usar de extrema cautela na decisão final, e, acima de tudo, devemos lembrar-nos de que a criatura que está diante de nós é humana, e precisa ser tratada como tal, e com justiça.

— Ah, Sanau, ele é maravilhoso.. — comecei a dizer.

— Não interrompa .— sibilou ela. — Não faça uma só pergunta ou perderei o que está sendo dito.

Acomodei-me obedientemente. Sanau continuou: — Membros do conselho, como sabem, esta mulher é do planeta que se autodenomina Terra. Todos fomos informados do sério erro cometido.

Houve muitos assentimentos de cabeça e aqueles murmúrios que significam concordância geral. Sentei-me bem quietinha e tentei não parecer muito constrangida.

— Como vocês sabem, uma das nossas espaçonaves foi enviada numa delicada missão que precisava ser realizada com uma precisão de milésimo de segundo. Todos os cálculos estavam exatos, foram verificados e reverificados antes de tentarmos a missão; no entanto, certos fatores têm que ser deixados à mercê da sorte. Hoje é realmente um triste dia. Ao invés de nos regozijarmos pelo êxito do nosso empreendimento, temos de nos defrontar com o fruto da nossa infelicidade. É na verdade um terrível desapontamento.

Mais uma vez houve uma pausa no discurso e todos pareceram partilhar a opinião de que era mesmo um terrível desapontamento, enquanto o fruto da infelicidade deles tentava parecer indiferente.

— Não posso me esquecer do grande dia em que a espaçonave Arealá decolou para a sua missão. Todos participamos do regozijo e

dos votos de sucesso que acompanharam os pilotos na sua viagem. Chegamos a declarar um feriado de vinte e quatro horas.

Depois, enchemo-nos de um júbilo ainda maior, no dia em que recebemos o comunicado de que o raio magnético funcionava tão bem na prática quanto na teoria. E verdade que ele fora testado aqui. Conduzira um yargoniano pelo espaço, mas ainda era uma conjectura se faria o mesmo com um humano da Terra. Isto ficara à mercê da sorte.

Ele fez uma pausa para tomar um gole de água.

Ceguei à conclusão de que era um orador de verdade. A essa altura, meus ouvidos se haviam acostumado à acústica da sala, e podia ouvi-lo bem. Embora seu idioma fosse estranho, percebi que ele tinha o mesmo jeito arrastado e sonoro de falar de qualquer figura pública da Terra, a mesma verbosidade eloquente.

— Tudo correu de acordo com os planos. A espaçonave Arealá decolou, avistou a Terra e dirigiu-se para a cabeça-de-ponte, na praia. Havíamos chegado à conclusão de que o terráqueo a contactar teria que ser ou Albert Einstein ou o Dr. Blount. Ambos eram estudiosos da astrofísica e tinham a capacidade de compreender o problema que lhes seria relatado. Tanto um quanto outro eram tão considerados no seu planeta que sua opinião seria respeitada e acatada pelo seu povo. Resolvemos buscar o Dr.

Blount simplesmente porque nos parecera que ele faria a viagem com maior facilidade do que Albert Einstein, que, segundo os padrões da Terra, é um homem de idade muito avançada.

Aprendemos muito sobre a vida e os hábitos do Dr. Blount, através de nossas transmissões radiofônicas controladas. Soubemos que ele tirava férias numa praia de um local chamado Massachusetts, e que gostava de dar longas caminhadas solitárias pela praia, à noite.

Atendendo aos apelos urgentes do planeta Marte, devíamos trazer o Dr. Blount para o nosso planeta e relatar-lhe os perigos que ameaçavam não apenas a Terra, mas todo o seu sistema solar. Um homem como o Dr. Blount compreenderia, seria devolvido à Terra, e seu mundo poderia ouvir suas palavras. No momento em que a espaçonave Arealá estava prestes a deixar o espaço e entrar na

atmosfera que envolve a Terra, ela percebeu uma chuva de meteoros que se aproximava. Isso exigiu uma rápida mudança de curso e uma demora de dez minutos até que a chuva se extinguisse. Todos sabem o que aconteceu depois. O erro final é admitido pelos próprios pilotos. Eles mesmos se puniram proibindo a si próprios de voar por dez anos; essa é a decisão deles, e não podemos alterá-la. Foi somente o entusiasmo que causou este erro final, a ansiedade que os levou a uma ação imediata, em vez de um procedimento calmo. Mas, meus bons amigos, é somente através de acidentes como esse que aprendemos a banir a emoção. Quando se age baseado na emoção, em vez de no raciocínio, não pode haver sucesso. Contudo, podemos dizer algo em defesa dos pilotos. A nossa única emoção deriva da realização de um trabalho bem-feito.

Todos podemos perceber o motivo e a desculpa para o entusiasmo e a ansiedade excessiva dos pilotos: a mudança de curso devida a um obstáculo não previsto, como a chuva de meteoros, seu júbilo ao descobrirem o que pensaram ser a cabeça-de-ponte em questão, o ser humano solitário caminhando pela praia. Esses fatos, aliados à emoção, fizeram com que agissem apressadamente; em consequência, o erro e, diante de vocês, o fruto indesejado de tal erro. Ele fez uma pausa e esperou pelas manifestações de simpatia da assistência, que reagiu de pronto, com acenos solenes de cabeça.

— Agora — continuou ele —, a pergunta que nos é feita é: o que fazer com esta mulher?

Durante um momento, houve apenas um silêncio mortal. Senti os joelhos amolecerem e o suor umedecer-me a testa. Por que ninguém dizia nada? Ou será que todos estavam pensando a mesma coisa terrível que eu? Matem-na! Seria tão simples. Quem iria saber?

De repente, um dos líderes da segunda fila pediu a palavra. De onde eu estava, podia ver os seus lábios se mexendo. Sanau inclinou-se para mais perto da sua caixinha sonora. Esperei tensamente pela sua tradução: — Honorável Líder Hallah e membros do conselho. Ofereço-lhes esta sugestão óbvia. Não seria possível explicar a esta mulher, de uma maneira simples, os perigos em pauta? Claro que da forma mais básica e primária. Depois, será que

esta mulher, embora uma fraca substituta, será que ela não poderia transmitir a mensagem ao seu mundo e ao Dr. Blount?

Balancei a cabeça com tanta veemência que meus dentes chacoalharam e lancei um sorriso radioso ao líder que fizera esta sugestão gratificante. Que homem simpático! Com um pouco mais de cabelo, a cor dos olhos diferente e as maçãs do rosto menos saltadas, ele ficaria parecido com meu pai. Continuei sorrindo para ele enquanto se sentava.

Um líder chamado Corla pediu a palavra, e Sanau traduziu mais uma vez:

— Ah, Líder Muttah, não pense que este plano não foi cogitado.

Foi até transmitido ao Todo-Poderoso. O próprio Grande Yargo falou.

Sanau interrompeu bruscamente a tradução, pois, à simples menção do nome mágico, a assembleia inteira se pôs de pé, gritou algumas palavras que terminavam em Yargo, resmungou um cantochão que parecia uma prece, caiu de joelhos e ficou prostrada no chão. E

Sanau — a elegante, refinada Sanau — ficou deitada com a cara contra o chão.

Fiquei ali, parada, olhando para eles. A princípio, pensei que talvez Sua Alteza tivesse entrado; mas não, estávamos sozinhos.

Somente Sanau e eu e mais os milhares de líderes e senadores. Lá estavam todos eles, de cara no chão, num transe autoimposto à simples menção do nome Yargo.

Fiquei sem saber direito o que fazer. Será que devia me jogar ao chão, como eles? Afinal de contas, não deixava de estar sendo julgada. Talvez este meu gesto significasse grande respeito; podiam acabar resolvendo me mandar para casa, com uma daquelas lindas facas como lembrança.

Enquanto eu estava procurando um lugarzinho confortável no chão, todos eles se levantaram. Bem, eu deixara escapar a minha chance, mas talvez nem tudo estivesse perdido. O nome dele poderia surgir de novo na conversa — e eu seria a primeira a me jogar no chão!

Depois que todos se acomodaram, o Líder Corla recomeçou o seu discurso:

— Ah, meus bons amigos, Sua Graça Todo-Poderosa sopesou esta solução imediatamente, depois a pôs de lado. Quem, no planeta chamado Terra, daria ouvidos a esta mulher, ou aceitaria os seus conselhos? Até mesmo o ilustre Dr. Blount poderia ter alguma dificuldade em obter uma reação de credulidade. Pensem na debacle que esta mulher causaria se voltasse para lá com uma tal história.

6

Tive vontade de estrangular aquele homem.

Ele continuou: — Mas o que se deve fazer? Enviá-la de volta à Terra sem nenhuma mensagem também é perigoso e arriscado. As histórias que contaria, se seu povo lhe desse um mínimo de crédito, causariam pânico e distúrbios. Não podemos esquecer a histeria em massa deles há cerca de uma década, quando um radioator, de brincadeira, anunciou uma invasão de Marte. Não, o povo do planeta Terra não está pronto para ver ou aceitar visitantes de outro planeta. É um povo desconfiado e cheio de suspeitas. Se acreditassem que havia espaçonaves a observá-los, tornar-se-iam agressivos. Isso podemos deduzir das guerras constantes que existem entre seus diversos países. Até que o planeta Terra se livre dessas falhas, seus habitantes jamais conhecerão o verdadeiro progresso. Informações vindas da boca desta garota inepta serviriam apenas para fazê-los redobrar seus esforços com armas atômicas e testes, e é justamente isso que Marte e nós mesmos não queremos que aconteça.

Mais um líder se levantou, desejando se manifestar. O Líder Corla retirou-se gentilmente. O novo líder concordou em que mandar-me de volta à Terra era impossível. Na verdade, achava ele que não se deveria perder mais tempo com

proposta tão inútil, que se deveria atacar o problema real, ou seja: o que devia ser feito comigo? Pude perceber que, do ponto de vista deles, era mesmo um problema. Mas não do meu.

O Líder Corla levantou-se outra vez: — É imperativo que se tome alguma medida. Ela não pode voltar para a Terra. Esta foi uma decisão unânime. Como todos sabem, a permissão para ela ficar neste planeta também foi negada.

Fiquei imaginando quem negara a permissão. Descobri a seguir.

— Como sabem, depois de uma breve reunião do conselho ontem à noite com o Todo-Poderoso, fizemos uma votação em todo o planeta para resolver a situação. Explicamos o nosso erro e perguntamos se deveria ser permitido que ela estabelecesse

residência no nosso mundo. Os votos foram computados esta manhã. Só houve um voto a favor da sua permanência. Todos os outros foram negativos.

— Que gente esnobe — comentei, mas Sanau logo me fez calar com um olhar bem severo.

— Todos sabíamos ser impossível mantê-la aqui, e no entanto, na tentativa de sermos completamente justos, deixamos que o próprio povo do planeta decidisse. E estávamos certos, embora deva admitir que não esperávamos uma votação negativa tão maciça. — Ele fez uma pausa e deu um breve suspiro. — É uma triste situação. Os habitantes da Terra estão trinta mil anos atrasados em relação à nossa civilização. Até mesmo um sábio como o Dr. Blount não seria bem-vindo aqui como residente permanente, e é fácil ver que a mulher em questão não passa de um exemplar bem inferior da espécie existente na Terra. Está em nossas mãos resolver o que deverá ser feito, aqui e agora.

Mais um líder se pôs de pé, com uma magnífica sugestão. Segundo a tradução de Sanau, a proposta dele era me fazerem uma lavagem cerebral e me mandarem de volta à Terra. A sugestão foi vetada imediatamente. Com uma lavagem cerebral completa, às vezes um yargoniano levava de dez a quinze anos para reorganizar seus pensamentos. Como o meu cérebro não se podia sequer comparar ao deles em força, uma lavagem dessas poderia facilmente me matar.

Diversos líderes apoiaram a proposta. Se desse certo, todo mundo ficaria feliz, inclusive eu. Se eu sucumbisse, não teria sido intencional da parte deles, portanto todos ainda ficariam felizes, exceto, talvez, eu.

7

Isso deu origem a um debate de uns vinte minutos, durante os quais o Líder Corla teve que pedir ordem no recinto muitas vezes, e a pobre Sanau chegou a gaguejar na confusão de tentar traduzir cada opinião na ordem adequada.

Finalmente, o Líder Corla tomou a palavra de novo. A essa altura eu já nutria um ódio absoluto por ele.

— Senhoras e senhores, estou vendo que é totalmente impossível para a assembleia chegar a uma decisão final neste momento. Eu já previra esta reação. Contudo, queria que todos tivessem uma chance de examinar o assunto em questão. Vários de vocês fizeram sugestões dignas de estudo, outros sugeriram atitudes menos práticas. Contudo, sugiro que eu me reúna novamente com Sua Graça Todo-Poderosa, e lhe apresente todas essas sugestões.

Ele que faça a escolha, e acataremos integralmente sua decisão. De acordo?

Bem, mesmo no idioma yargoniano eu podia entender um voto de concordância. Também era aparente que todos estavam achando a ideia excelente. Sanau ficou de pé. O conselho começou a se retirar. Ninguém sequer olhou na minha direção ou acenou um adeus. Olhei esperançosamente para o líder simpático que sugerira que eu voltasse para a Terra com as notícias espantosas, fossem lá quais fossem, mas nem ele olhou para mim.

Sanau tomou o meu braço e me levou de volta ao carro em forma de charuto. Eu estava terrivelmente deprimida. Não ia para casa.

Nunca mais veria David.

Dei um jeito de controlar as lágrimas. Não ia deixar que Sanau me visse desabar; provavelmente era o que ela estava esperando. Mas o que ia acontecer comigo? Estava na cara que não ia ficar dependurada nela por muito tempo. Com que então eu era um exemplar inferior! Bem, eles podiam ser entes muito superiores, mas tinham modos bastante inferiores. E esse Yargo — será que era como os outros? Qual seria a sua decisão? Aparentemente eu não estava conseguindo perceber a enormidade de toda aquela situação. Era quase como se estivesse de fora, assistindo à minha própria pessoa desempenhar um papel numa peça imaginária. Não, aquilo não podia estar acontecendo comigo. Era como se eu estivesse tendo um pesadelo que sabia ser um pesadelo, mas sem conseguir acordar e libertar-me dele. Era a hora de acordar, enquanto o sonho crescia, se expandia, inchava de perigos desconhecidos.

Nosso carro se deteve subitamente. Fiquei surpresa ao ver uma grande multidão concentrada diante do nosso prédio. Era evidente que se havia espalhado a notícia sobre o espécimen inferior que estava visitando o planeta. Mas, é claro, todos eles haviam votado contra mim, todo aquele bando de olhos verdes!

Virei-me, controlando o impulso de mostrar a língua para toda aquela turba superior. Provavelmente era o que estavam esperando que eu fizesse. Portanto, satisfiz-me com um olhar feroz, empinei o corpo ao máximo e caminhei por entre eles com grande dignidade, ou assim me parecia.

Eles me fitavam com curiosidade polida mas real. Embora mal os olhasse, vi o suficiente para perceber que havia algo de muito estranho naquela multidão.

Crianças! Era isso. Até então eu não vira uma única criança no planeta inteiro. Virei-me e examinei rapidamente a multidão. Nem uma só criança! Será que já nasciam do tamanho de adultos? Eram todos tão parecidos em altura e aparência. Como se tivessem saído da linha de montagem de uma fábrica. Os homens tinham todos cerca de um metro e noventa. As mulheres eram altas também, com cerca de um metro e setenta, e todas eram esguias e flexíveis como dançarinas. Todas se pareciam com Sanau, embora eu ache que adquiririam características diferenciais se eu ficasse por lá mais algum tempo. Tinha que admitir que Sanau era ligeiramente mais magnífica do que as outras. Na aparência, duvido que qualquer mulher da história pudesse comparar-se a ela em pura perfeição física, embora em charme e personalidade ela fosse um zero total e, quanto a isso, tenho certeza absoluta de que ela pensava o mesmo a meu respeito.

Sanau me largou sem a menor cerimônia no quarto que eu estava começando a considerar meu lar. Inclinou-se numa despedida fria.

— Até que se chegue a uma conclusão, espero que fique confortável nestes aposentos. Trarão as refeições para você nas horas certas. Desejo que a espera não seja tediosa demais.

— Espere aí! — gritei, virando-me para ela, arrebatadamente, quando ia se retirando. — Quer dizer que vou ficar sentada aqui,

trancada neste quarto?

Ela fez que sim, com indiferença total.

— Não vou fugir para lugar algum. Não tenho a menor ideia do que vai me acontecer quando o Yargo e o seu conselho tomarem a decisão, mas, até lá, será que eu não podia ao menos aproveitar a minha liberdade?

— Sinto muitíssimo. — Não parecia sentir nada. — Não aprisionamos as pessoas. Contudo, até que se chegue a uma decisão, é preciso que você fique isolada aqui.

— Isso não é muito justo, não acha? Arrancar uma pessoa da sua casa e dos seus amigos, e depois trancá-la num quarto porque vocês, a grande raça superior, não conseguem chegar a uma decisão.

— Nada tenho a opor a essa excelente lógica — Sanau assentiu. — Posso apenas compartilhar da sua esperança de que a decisão lhe seja agradável, e que seja atingida rapidamente.

— Se eu não puder voltar para casa, nada será favorável.

Mais uma vez, ela simplesmente apertou o painel e saiu do quarto.

Permaneci ali, vendo a porta fechar-se às suas costas.

Durante um momento fiquei imóvel, depois o ultraje de que fora vítima forçou-me a agir. Corri para a parede e apertei o painel, como ela fizera. Nada aconteceu. Bati e esmurrei, mas a parede continuava a ser parede, impenetrável e obstinada como se jamais na vida se tivesse aberto e transformado em porta. Eu estava presa e de repente meu pesadelo era real.

Olhei ao meu redor como um animal enjaulado. O sol se pusera atrás da montanha, mas sua sombra rosada ainda manchava o céu.

Reexaminei o quarto, mas nada havia —nem livros, nem rádio... e quanto à televisão, se eu a ligasse, somente Sanau apareceria!

Não tinha nada para fazer e não estava com sono. O jantar provavelmente chegaria logo, mas eu não sentia fome. Estava com saudades de casa e realmente amedrontada pela primeira vez na vida. Não passava de uma garota insignificante da Terra lançada contra este vasto mundo yargoniano, à mercê da sua decisão nada

compassiva. Para eles, eu era apenas um espécimen inferior de um planeta inferior.

8

Mas eu também era humana, com emoções humanas. Não apenas um “elemento do sexo feminino”, mas uma mulher de verdade, que não podia ser afastada do seu mundo e das pessoas que amava sem mais nem menos. E, sendo uma mulher com as emoções em frangalhos, fiz o que faria qualquer mulher sensata: desabei no divã e desatei a chorar

Acordei sozinha na manhã seguinte. Parecia ser um belo dia de verão. O sol brilhava, o céu estava claro. Lá na Terra o sol também brilhava num céu claro, e uma moça estava acordando para enfrentar um novo dia. Quem sabe ela estaria bocejando e pensando: “O que vou fazer hoje? Ir a um cinema? Almoçar com a turma?”

Espreguicei-me e dei um suspiro forte. Será que as pessoas se dão conta da sorte que têm? Por que não podemos apreciar as coisas quando as temos? As coisas a que nem damos valor: o privilégio de acordar na própria cama, de tomar café com a família, a liberdade de descer a rua e cumprimentar os amigos e vizinhos. Até mesmo as pessoas que trabalham e dão duro e contam os tostões e marcam o relógio de ponto também têm sorte. Estão trabalhando e dando duro e contando tostões num mundo que lhes pertence.

Podem escolher por si mesmas o tipo de vida que querem ter. Se forem infelizes, só podem culpar a si mesmas. Como eu só posso culpar a mim mesma. Se tivesse me dado conta de tudo isto, se não tivesse ido para Avalon em busca de sonhos e do passado, nada teria acontecido. Agora, nunca mais poderia aproveitar todas as coisas maravilhosas às quais não dera valor.

Enterrei o rosto no travesseiro e tentei forçar-me a não pensar em nada, mas meu peito começou a doer à lembrança das coisas que haviam ficado para trás. Se as duas criadas não tivessem

aparecido trazendo o desjejum, eu provavelmente teria tido um outro ataque histérico de choro.

Exibiam o seu sorriso de sempre, e serviram-me com muita atenção.

Examinei-as cuidadosamente. Pareciam gostar de mim. Não pude deixar de me perguntar se elas haviam votado contra mim. Mas havia sido um resultado maciço de rejeição. É claro que haviam! As esnobezinhas arrogantes!

Inconscientemente, mudei minha atitude para com elas. Já ia fazer um sinal para que se retirassem levando o desjejum, quando me ocorreu um pensamento perverso. Quem sabe aquilo as perturbava? Afinal, eram duas yargonianas orgulhosas forçadas a servir o espécimen inferior. Mordi meu pãozinho e me senti melhor. Tomara que elas detestassem aquele serviço. Tomara que detestassem ter que me servir. Quem sabe aquilo as perturbaria tanto que teriam um esgotamento nervoso? Fiquei imaginando se haveria psiquiatras em Yargo.

Era provável que não. Eles não precisavam de ajuda alguma em Yargo. Yargo. Quer dizer que o planeta tinha o seu nome. Talvez pertencesse à família dele há anos. Yargo! — parecia nome de óleo para fritar peixe —, Yargo!

Houve uma súbita confusão. Parei de comer e olhei para o chão. Lá estavam as duas — ah, Senhor, vai ver que falei o nome em voz alta! Olhei para elas com ar altaneiro. Estavam mesmo numa espécie de transe. O mesmo olhar de êxtase, o mesmo cantochão pagão que eu já presenciara na véspera. Voltei a me concentrar no pãozinho. Elas se levantariam assim que terminassem de fazer o que quer que estivessem fazendo.

E se levantaram mesmo, com aparência descansada, como se a coisa toda tivesse feito bem às suas almas, tivesse expiado seus pecados. Aquilo me deu uma ideia. Talvez eu também devesse rezar. não para ele, mas para Deus, o meu Deus.

E foi o que fiz quando fiquei sozinha, mas não sem a consciência de um certo remorso, da admissão culpada de que a gente só busca a oração quando está em desespero. A princípio, procurei urna prece digna, que se enquadrasse na situação, mas senti maior alívio

quando deixei de lado todo o protocolo e rezei com a simplicidade tranquila de uma adolescente.

Senti-me muito melhor. Na verdade, se não fosse pela monotonia mortal, eu teria até me sentido quase alegre. A única coisa que aliviava a espera interminável era a aparição regular das criadas trazendo as refeições. Sanau não deu o ar da sua graça.

Não que eu realmente sentisse sua falta. Além disso, eu sabia que poderia entrar em contato com ela pela tela de televisão. Era uma ideia. Talvez Sanau pudesse me dizer o que se passava. Atravessei o quarto, depois parei. Não, eu não a chamaria. Este espécimen inferior lhes daria uma pequena amostra da fortaleza de ânimo de um terráqueo. Não importava que a espera fosse solitária ou insuportável, eu aguentaria firme até que ela viesse me procurar.

A coisa mais difícil que já fiz foi manter essa promessa. Passei três dias e três noites inteiros sozinha, sem um livro, sem uma revista, sem uma pessoa com quem falar.

Na manhã do quarto dia, estava pronta a admitir a derrota, chamar Sanau, gritar com ela, implorar-lhe uma palavra. Já não me importava com que aquela gente admirasse ou não minha força de caráter. Estava obcecada com a ideia de que, talvez, a decisão já tivesse sido tomada, e era esta: manter-me ali, alimentar-me, e deixar-me morrer de causas naturais, solidão ou loucura.

Depois, sem nenhum aviso, Sanau apareceu. Não ofereceu nenhuma explicação pelo meu longo período de confinamento. Fez-me sinal para segui-la, indicando que tínhamos um lugar determinado para ir.

Não falei até que estivéssemos no carro, correndo à toda pela estrada reluzente:

— Sanau... — comecei a falar, e parei, pois minha voz falhara.

Afinal de contas, eu não a usava havia três dias. Tentei de novo, dessa vez com melhores resultados.

— Sanau, já decidiram?

— Praticamente.

— O que vão fazer?

Ela olhava direto para a frente ao responder: — Você pode ser enviada para o planeta Marte.

Marte! Iam mandar-me para... Marte!

Acho que berrei a palavra "Marte"! Vamos, Janet, fique calma. Não berre, não fique histérica, mantenha-se calma, vai precisar de calma. Mas Marte, Marte!!

9

Podia ser pior. Não se tratava exatamente de uma viagem até Coney Island, mas era um planeta do nosso próprio sistema solar.

Talvez o povo de Marte fosse mais compassivo. Talvez eu conseguisse persuadi-los a me mandar de volta à Terra. Seria só um pulinho, em comparação.

— Será que não vou morrer de frio em Marte?

Minha pergunta pareceu sobressaltar Sanau, que estava obviamente imersa em seus pensamentos.

— Discutimos o problema climático de Marte. Nosso planeta fica na posição exata que o seu ocupa em relação ao seu sol. Portanto, as nossas condições atmosféricas são praticamente idênticas, exceto pela pureza adicional do nosso ar.

Além disso, o nosso sol é bem superior ao seu.

Que dúvida! Mas eu sabia que aquela não era a hora de começar um debate sobre os méritos da Terra versus Yargo.

— Marte fica mais longe do seu sol do que a Terra continuou ela.

— No entanto, uma moradia subterrânea com as condições atmosféricas idênticas às da Terra seria preparada para você.

— Quer dizer que eu iria passar a vida toda debaixo da terra!

— No seu devido tempo, preparar-se-ia uma máscara para você, presumo eu, para permitir-lhe a liberdade de andar pelo planeta.

Talvez, à medida que o tempo passe, você se adapte ao clima e ao ar rarefeito. Todas estas coisas serão discutidas no devido tempo.

Prometo-lhe que haverá um preparo completo, se você for para Marte.

Se eu fosse para Marte. Ela dissera se.

— Sanau — não aumentei o tom de voz. — O que quer dizer com se eu for para Marte?

— Porque Marte pode não aceitá-la.

Subitamente, descontrolei-me de todo: — E suponha que eu não aceite Marte. — Minha voz tremia de ódio.

— Olhe aqui, eu não pedi para me trazerem para cá. Fui sequestrada, fui roubada do meu lar e do minha família, e vocês ficam aí sentados agindo como se eu tivesse entrado de penetra numa festa fechada. Acho que também tenho os meus direitos.

— Tenho a certeza de que toda esta situação nos traz muito desconforto.

— Pode lhes trazer desconforto, mas praticamente acabou com a minha vida!

Como resposta, ela se virou para a paisagem que mal se via, tal era a velocidade a que viajávamos. Após um momento, acrescentou: — Passamos três dias discutindo a situação. O Líder Corla e eu pensamos em Marte, pois foi atendendo à sugestão de Marte que a trouxemos para cá.

— E o que foi que o Yargo sugeriu que se fizesse comigo?

Ela não respondeu imediatamente. Fiquei me perguntando por que não caíra de cara no chão quando mencionei o nome dele; a seguir fiz a pergunta em voz alta, e Sanau explicou: — Quando uma pessoa está sozinha e ouve o nome do Todo-Poderoso, é meramente o costume entoar um ritual silencioso de admiração. Porém, se há duas ou mais pessoas juntas na hora da menção, realiza-se o completo ritual de ajoelhar-se e entoar-se o cântico de admiração.

Isso explicava o comportamento das criadas e da assembleia no tribunal. Explicava também que Sanau não me considerava uma pessoa. Quando estava comigo, considerava-se sozinha.

Depois ela me contou a decisão do Yargo, que imediatamente fê-lo descer ao máximo no meu conceito. Parecia que aquela alma compassiva queria me colocar numa nave espacial. Não numa nave que se dirigisse a algum lugar, apenas uma nave sem destino.

Nosso carro se deteve diante de um outro prédio de aparência fantástica, mas eu estava atordoada demais pela sugestão do Yargo para notá-lo direito. Apertei o passo para conseguir acompanhar as passadas largas de Sanau.

— Mas se eu ficasse vagando sem destino pelo espaço, o que me aconteceria? Não acabaria batendo em alguma coisa?

— Você jamais poderia bater, no espaço sideral — falou ela tranquilamente. — Depois de ter ultrapassado a atração da gravidade de um planeta, os motores são desligados e a nave toma automaticamente a posição de um satélite girando em volta do mundo na sua própria órbita.

— E o que eu iria fazer? Apodrecer dentro da nave?

— De modo algum. A nave seria equipada com livros de toda natureza, e haveria todos os meios de auto-aperfeiçoamento. Eu cuidaria pessoalmente das traduções. Haveria comida bastante para durar vários anos. A nave seria impulsionada por foguetes. No final de um certo tempo, uma nave pilotada entraria em contato com a sua e outros artigos de alimentação e literatura lhe seriam fornecidos. Dessa maneira, você poderia passar o resto da sua vida em completa paz e descanso, inteiramente livre para gozar do luxo do auto-aperfeiçoamento e da expansão da sua mente.

— Por quanto tempo?

— Para sempre.

Quase tropecei ao entrar num pequeno elevador. Apoiei-me de encontro à parede, afastando de mim qualquer esperança de que aquele governante poderoso pudesse interceder a meu favor. Que tipo de coração habitava aquele ser supremo? Será que a sua força superior também abrangia uma frieza superior, e uma indiferença superior ao destino de outro ser humano? Esse novo golpe abrandou meu medo do banimento, pois, fossem lá quais fossem os perigos que me aguardavam em Marte, jamais poderiam igualar-se ao pavor que me invadiu ao pensar na solidão ao espaço eterno.

Enquanto deixávamos o elevador, agarrei o braço de Sanau e implorei o seu apoio.

— Aconteça o que acontecer — supliquei —, não deixe que me mandem para o espaço. Por favor, Sanau, por favor!

Como resposta, ela simplesmente se afastou do meu toque, e ficou a uma distância segura, como que para prevenir-se de outras súplicas físicas da minha parte, enquanto falasse.

A falta de compaixão da sua voz era quase incrível em contraste com a simpatia genuína das palavras que proferia: — Pressenti que você se sentiria assim, e expliquei isso ao Yargo. Sabe, é que, no nosso planeta, passar a vida em conforto e estudo é um sonho tornado realidade, pois, ao fazê-lo, podemos descobrir alguma coisa que possa ser utilizada em benefício das gerações futuras. Mas, se você estudasse dez vezes o seu período de vida, em nada poderia contribuir para a nossa civilização, e a alegria do simples auto-aperfeiçoamento nada significaria para você. A princípio, Sua Excelência não pôde compreender tal coisa. Embora tenha sido informado de que você provém de um planeta atrasado, não consegue visualizar com perfeição as extremas limitações da sua inteligência ou das suas capacidades. Devo admitir que me esforcei ao máximo para explicar a futilidade da sua generosa oferta, e, finalmente, ele concordou em mandá-la para Marte, se Marte a aceitar.

Ela se virou e seguiu pelo corredor. Não tive outra escolha senão ir atrás.

Dessa feita, entramos num grande observatório, e embora eu jamais tivesse posto o pé num deles, não havia dúvida quanto às funções daquela sala. Um imenso telescópio apontava para os céus pelo telhado aberto e ao lado dele via-se uma tela gigante de televisão. Do outro lado do aposento, encontravam-se mais dois outros telescópios de igual tamanho, com os olhos brilhantes dirigidos para o céu.

Numa outra parte da sala, havia filas e mais filas de bancos, semelhantes àqueles usados em circos ou estádios. Ali estavam sentados cinquenta ou sessenta líderes. Reconheci o Líder Corla e mais alguns rostos familiares do outro dia. Esse júri, que ia dar a decisão final sobre meu destino, era um grupinho íntimo.

Mais uma vez deu-se início à sessão por meio das caixinhas douradas transmissoras de vozes, e mais uma vez Sanau assumiu o seu papel de intérprete.

— Vamos alcançar Marte através do telescópio-televisão — informou-me ela.

— Quer dizer que vamos poder ver o povo de Marte? — perguntei.

Ela assentiu, esclarecendo: — E o que é mais importante: eles vão poder vê-la.

O Líder Corla se levantou e fez um gesto para Sanau, que me tomou pelo braço e me colocou diante de uma caixa quadrada que parecia um aparelho de raios X.

— Fique diante da caixa — ela me ordenou. — Já entraram em contato com o governante de Marte. Ele e o seu conselho querem inspecioná-la.

Fiz o que me mandaram e torci para que a minha aparência agradasse mais ao chefe de Marte do que agradava aos yargonianos, o que era obviamente pouco. As luzes se apagaram e fiquei sozinha numa escuridão total. Aquela situação parecia ainda mais irreal do que as anteriores e incríveis experiências: que alguém num planeta de outro sistema solar pudesse examinar-me, ver-me. De repente, começou a emanar uma estranha luz roxa da caixa às minhas costas. Num movimento reflexo, comecei a me afastar.

— Fique onde está — ordenou Sanau. — Eles a estão observando.

Fiquei parada ali, e tentei forçar-me a dar um sorriso. Pelo menos, foi o que tentei fazer, mas meus lábios tremeram violentamente e um dos lados da boca resolveu ficar dormente. Tentei de novo — não era a hora de meus nervos me falharem. De repente, senti que tinha que ir para Marte. Comparado a Yargo, ficava perto da Terra, e, uma vez chegando lá, qualquer coisa . qualquer coisa podia acontecer. E qualquer coisa era preferível a ficar flutuando no espaço.

Enquanto eu forçava um arremedo de sorriso, a luz roxa sumiu, e simultaneamente acenderam-se as luzes do observatório.

Imediatamente, o Líder Corla tornou a palavra. Concluí que o desprezava com todas as minhas forças. Fez algumas perguntas a Sanau, que respondeu tensamente. A seguir, ele caminhou até a tela de televisão, ajeitou um pequeno microfone, colocou uns fones de ouvido e pediu atenção.

— Estamos prestes a receber uma resposta — sussurrou Sanau.

Escutei atentamente. Até mesmo os líderes pareciam partilhar da minha expectativa. O Líder Corla começou a falar com Marte. Não posso dizer exatamente o que ele dizia; só sei que usava números — quase como equações de álgebra, com muitos x igual a a e y menos x .

Cutuquei Sanau. Que conversa estranha era aquela?

Bem, era tudo a meu respeito. Explicou que somente o divino Yargo era capaz de falar a língua de todos os outros planetas. Sendo assim, estavam contatando Marte através da língua universal.

Mensagens inteiras podiam ser transmitidas numericamente. Claro, se fosse alguma coisa importante, o próprio Yargo vinha e falava.

Não apenas compreendia qualquer idioma, como o falava como um nativo do local.

Não deixei de notar o fora que Sanau me dera na sua frase aparentemente inócua. Ela não precisava gritar manchetes para que eu percebesse que era um objeto indesejado de que se podia dispor por meio de alguns números e frações, subumana demais para merecer uma consideração indevida.

Perguntei a Sanau se ela compreendia a linguagem numérica. Claro que compreendia.

Explicou que o Líder Corla estava fazendo um relatório completo da minha capacidade mental. Naturalmente, essa resposta em nada aumentou as minhas esperanças.

Aquilo parecia nunca mais acabar. Primeiro o Líder Corla citava algumas frações, depois virava a cabeça para o lado, atento ao que transmitiam os fones de ouvido, e anotava as respostas.

Concluí que as coisas não estavam ruins demais para o meu lado.

Devo ter passado no exame físico, já que estavam interessados no conteúdo do meu cérebro. Fiquei imaginando como seriam eles.

Seriam parecidos com os yargonianos? Talvez fossem um pouco menos superiores. Podiam até aprender a gostar de mim. Talvez eu arrumasse uns amigos. Qualquer um seria preferível ao esnobismo de Sanau. Podia não ser tão ruim assim, afinal de contas. Talvez me dessem uma recepção real, talvez eu me transformasse numa

espécie de celebridade visitante; com o tempo, poderia convencê-los a me devolver à Terra.

Esse pensamento me inspirou vôos mais altos. Que ovação eu receberia da minha Terra! Janet Cooper — a garota dos três mundos, Yargo, Marte e Terra. E, quem sabe, eu poderia ensiná-lhes a entrar em contato com Marte — através dos números? O Dr. Blount ou Albert Einstein entenderiam e eu seria a moça que havia aberto o caminho para o primeiro sistema de comunicações interplanetárias da Terra.

Passaria à história, como Marconi. Professoras como a Srta. Massinger seriam forçadas a ensinar minha vida a seus alunos. Ela seria estudada, como a vida de Joana d'Arc ou da Rainha Elizabeth.

De repente, o Líder Cana desligou o microfone e tirou os fones de ouvido. Até mesmo Sanau inclinou-se para a frente, na expectativa. Todos estavam tensos, menos eu, que ainda estava flutuando nas nuvens, dando autógrafos e posando para anúncios de cigarros.

Percebi a atmosfera de concentração ao meu redor e voltei depressa ao presente.

O Líder Corla falou na sua caixinha de voz. Sanau nem se deu ao trabalho de traduzir para mim. Estava ocupada demais em escutar.

O Líder Corla terminou e sentou-se. O aposento estava envolto num pesado silêncio. Sanau virou-se para mim: — O líder de Marte rejeitou-a!

A frase me atingiu como uma ducha de água gelada bem no meio dos olhos. Eu não havia pensado em rejeição. Aquela fora a grande oportunidade, o "abre-te sésamo". Estava confusa demais para sequer tentar responder. Virei-me para Sanau, mas as palavras não conseguiam chegar-me aos lábios.

Ela colocou a mão no meu ombro. Seus olhos verdes estreitaram-se como os de um gato, e no entanto falou num tom de voz quase gentil: — Sinto muito. Não há outra alternativa, a não ser a nave espacial.

Tentei responder. O esforço só fez com que eu caísse ao chão.

Sabia que ia desmaiar, e embora até mesmo esse alívio temporário da realidade me fosse bem-vindo, algo me fez lutar

contra a submissão.

Cobri o rosto com as mãos e apertei a cabeça, como se pudesse arrancar à força essa decisão cruel da minha mente. Eu fora rejeitada. Por que não podiam ter gostado de mim? Durante toda a minha vida desejei que gostassem de mim, mas só concretizei esse desejo quando encontrei David. Minha mãe fora forçada a aceitar-me do jeito que eu era; até mesmo na escola eu não tinha amigas íntimas. E agora o padrão se cristalizara: eu estava sozinha.

para sempre. Senti meus olhos se encherem de lágrimas, que me escorreram por entre os dedos, e soluzei baixinho.

Sanau me bateu de leve no ombro, indicando que devia levantar-me. A reunião já dava sinais de ter acabado; os líderes formavam grupos pequenos, discutindo a situação. O aposento ressoava com o bate-papo em língua estranha.

Levantei-me e enxuguei os olhos.

— Você está bem? — perguntou Sanau. Olhava para mim atentamente, e de repente exibiu um ar de assombro completo. — Seus olhos! — Apontou para o meu rosto. — O que está havendo com seus olhos?

Meus olhos! Fiquei assustada por um momento. Levei as mãos aos olhos. Pareciam intactos, exceto pelas lágrimas que ainda escorriam pelas minhas faces.

— Está caindo água dos seus olhos — insistiu Sanau, realmente alarmada.

Se a situação não fosse tão trágica, eu poderia ter achado graça, pois era óbvio que Sanau jamais vira lágrimas.

— Eu estou bem — expliquei. — Estava só chorando.

— Chorando? — Ela olhou para mim como se eu fosse um espécimen raro de laboratório. — Chorando? — repetiu. Depois, um ar de animação substituiu o seu olhar incrédulo. — Chorando.. Mas, é claro. Lágrimas! Quer dizer que ainda realizam este ritual na Terra?

Não dei resposta, e ela explicou numa voz vibrante de entusiasmo: — Nós já lemos sobre lágrimas. Sobre civilizações antigas e extintas que expressavam tristeza, raiva e até mesmo felicidade através de pequenas cachoeiras que desciam dos olhos. Está nos arquivos de nossos registros. Consta que tais esquisitices

ocorriam em nosso planeta há cerca de dez mil anos. Eu própria sempre pensei que isso fosse folclore. Ah, vire-se, os líderes precisam testemunhar esse fenômeno raro.

Antes que eu pudesse expressar a minha objeção, ela me fizera virar de frente para a assembleia que já debandava. Um poucas palavras trouxeram o grupo todo imediatamente para o meu lado.

Cercavam-me agitados, sem nada da reserva demonstrada nas minhas aparições anteriores. Não pude deixar de perceber os aspectos cômicos da situação. Todas as minhas tentativas de demonstrar força e ânimo não levaram um único brilho de interesse aos verdes olhos yargonianos, e no entanto essa única fraqueza que me acometera fora capaz de merecer a sua atenção e o seu interesse totais.

Ninguém se orgulha de exibir lágrimas, exceto talvez a heroína de *A Dama das Camélias*, mas não pude deixar de sentir uma espécie de orgulho nessa emoção rara que estava exibindo para uns cinquenta yargonianos agitados. Pelo menos, finalmente eu era capaz de fazer algo que eles não podiam fazer. E para acrescentar novos feitos ao meu ego moribundo, fiz o que faria qualquer garota sensata em circunstâncias semelhantes: privei-os do seu prazer recém-descoberto. Parei de chorar. Para falar a verdade, com coragem renovada, ainda fui além: virei-lhes as costas e cruzei o aposento, com dignidade.

Sanau veio imediatamente para o meu lado.

— Aborrece-a o interesse deles? — perguntou, surpresa.

Falei agressiva: — Marte me rejeita. Resta-me a alternativa que seu líder aureolado sugeriu. Tenho uma reação normal de medo e tristeza, e sou encarada subitamente como um espécimen clínico.

— Mas nós nunca vimos lágrimas.

— Não. E também nunca ouviram falar em compaixão — retruquei. — Ou será que esta palavra também foi abandonada pelo seu povo há gerações?

Ela hesitou um momento, antes de indagar: — Quer muito ir para Marte?

— Quero ir para casa.

A minha voz estava começando a falhar, mas logo recobrei a compostura, pois não queria de novo tornar-me um fenômeno raro — Eu mesma farei novo apelo em seu favor, para Marte — anunciou ela. — O governante de Marte respeita a minha opinião no tocante a diversos assuntos. Declararei que a minha opinião é que ele deve aceitá-la.

— Mas ele não aceitará — respondi. — O simples fato de que você e seu povo não me querem basta para tornar-me indesejável.

— Já pensei nisso. Você não deixa de ter razão. O Líder Conla apresentou os fatos pertinentes a sua pessoa.

Eu declararei as nossas objeções; não há nada que possamos aprender com você. Você representa uma evolução que nós há muito ultrapassamos. Mas eu declararei que, para o planeta Marte, você será um espécimen muito interessante para estudo.

Antes que eu pudesse expressar qualquer objeção, Sanau pediu a palavra e apresentou sua decisão. Obviamente, ela foi aceita, pois todos voltaram a seus lugares. Sanau foi até a tela de televisão e ajustou os fones de ouvido. Logo recomeçou a lenga-lenga familiar.

Escutei seus cálculos rápidos; observei enquanto ela anotava os números, que relacionava instantaneamente, depois a pausa enquanto escutava, depois mais números, mais anotações, mais números. Parecia que aquilo nunca acabaria.

Finalmente ela retirou os fones e desligou o aparelho. Olhei para ela; os líderes fizeram o mesmo.

— Nem tudo está perdido. — Sua voz denotava alguma confiança. — O governante de Marte declara que reconsiderará o assunto reunido com o seu conselho. Breve receberemos uma resposta.

— Mas você desligou a máquina.

— Isso levará bem uns dez minutos. Marte tem uma quantidade extremamente baixa de determinados minerais que fornecem a potência para operar a ligação. Não vale a pena desperdiçar essa força para manter a ligação funcionando. Atualmente estão extraíndo alguns desses minerais da lua deles, mas levará muitos anos até que o seu suprimento esteja normal. Só entrarão em contato conosco se concordarem em aceitá-la.

10

Nada havia a fazer, senão esperar. Tentei a força do pensamento positivo. Eles me aceitariam. Tinham que aceitar! Como seria ele, esse governante do meu planeta vizinho? Teria mais compaixão do que os yargonianos? O fato de que concordara em reconsiderar indicava uma certa dose de flexibilidade, uma certa disposição para revogar uma decisão.

Como se lesse meus pensamentos, Sanau murmurou: — Se você for aceita, o próprio governante a aceitará pessoalmente.

— Pessoalmente? Quer dizer que ele virá aqui para buscar-me?

— Claro que não! Marte não possui naves espaciais. Somos o único planeta em qualquer dos sistemas solares que conquistou o espaço. Se Marte decidir aceitá-la, receberemos a imagem do seu governante na nossa tela de televisão.

Consome menos força transmitir a sua imagem do que usar o sistema de rádio bilateral que usamos até agora.

Continuamos a nossa espera silenciosa, mas meus pensamentos eram negros e desesperados. Já não importava mais que Marte me aceitasse. Eles não possuíam naves espaciais. Essa simples frase anulava qualquer leve esperança que existisse no banimento para Marte. Marte já não mais representava um refúgio que eu viria a abandonar para voltar para a minha Terra. Marte seria meramente um exílio, ligeiramente preferível ao exílio no espaço, mas sempre uma prisão.

Comecei a ficar tensa à medida que os minutos passavam.

Engraçado como a gente nunca desiste. Se tivessem me dado o direito de escolher uma daquelas alternativas, teoricamente, eu provavelmente teria dito que nenhuma delas merecia ser aceita, e que seria inútil tentar continuar a viver. Mas como aquela não era uma situação hipotética, como era bem real e estava acontecendo comigo, percebi que estava esperando pela aparição do governante de Marte com um sentimento muito parecido com a esperança. O que prova, suponho eu, que uma pessoa normal pode suportar

muito mais adversidade do que imagina, antes de jogar a toalha. Pois eu não havia ainda desistido, de jeito algum.

Notei subitamente que estávamos ali sentados havia bastante tempo. Será que já deveríamos ter recebido a resposta? Virei-me para Sanau. Ela estava sentada ao meu lado, recusando-se a olhar em minha direção. Não podia dizer quais os pensamentos que lhe passavam pela cabeça. Seus ombros estavam eretos como sempre, seu rosto externamente impassível, e no entanto acho que ela estava desapontada. Não um desapontamento ditado pela compaixão, mas pela sua incapacidade de revogar a decisão.

— Já acabou o tempo, não? — sussurrei.

Ela não respondeu. Quando eu já ia repetir a pergunta, virou-se para mim:

— Acabou agora. Os dez minutos se passaram.

Olhei para ela. Se é que sentia alguma derrota pessoal, não se percebia pela sua expressão tranquila. A insensibilidade da sua calma provocou uma atitude final de raiva da minha parte.

— E não diga que sente muito. — Quase cuspi as palavras. — Estou vendo que não sente.

— Não sinto. É claro que não desejaria que você fosse imposta à boa gente de Marte, se isso fosse contrário ao desejo deles. Eles são superiores a você, tanto na mente quanto nos costumes; sem dúvida, seria um transtorno tão grande para eles suportar a sua presença quanto o tem sido para o nosso povo. Sei que, caso a situação fosse inversa, nós não a aceitaríamos.

Fiquei sentada ali, francamente assombrada. Não conseguia digerir direito a mensagem cruel que me fora transmitida num tom de voz tão polido. Nenhum ser humano podia falar com outro com tal ausência de sentimento, mas Sanau não tinha sentimentos, e orgulhava-se disso.

Ela tocou no meu braço, indicando que era hora de partir. De repente, os yargonianos presentes prenderam a respiração. Um raio de luz brilhante começou a dançar na tela.

— Você foi aceita — falou Sanau, imperturbável. — Dentro de um momento aparecerá a imagem do governante de Marte.

Torci as mãos nervosamente. Dentro de um instante eu o veria; o homem bondoso que mudara o meu destino.

— Quero avisá-la sobre o governante de Marte — começou a dizer Sanau, mas não pôde continuar. Meu grito sufocado abafou suas palavras.

A imagem do governante de Marte encheu a tela. Meus olhos quase saltaram das órbitas, de terror. O governante de Marte não se parecia com um yargoniano.

Não se parecia com coisa alguma que eu já tivesse visto antes!

11

Ele era um homem. Quer dizer, suponho que fosse um homem. Era alto, mais alto que um yargoniano, mas caído para a frente. Seus braços pendiam para baixo, como os de um gorila, e tinha os pés palmados. A pele possuía escamas como as de um réptil. Descrevê-

lo com exatidão é impossível. Havia somente vislumbre de feições no seu rosto de lagarto: olhos turvos que se moviam como os de um lagarto, um nariz achatado, uma boca de peixe. Usava uma armadura.

Enterrei o rosto nas mãos.

Não podia me lembrar de nenhum filme de terror que me houvesse apavorado mais do que essa visão monstruosa. E ele me aceitara!

Depois de um momento, a visão desapareceu, as luzes se acenderam e a assistência deu vazão ao seu entusiasmo, com um viva que ecoou pelo aposento. Os yargonianos estavam encantados.

Fiquei olhando fixo para eles. Mas que tipo de gente eram? Será que eu devia estar louca de alegria à ideia de passar a vida no meio de uma raça de monstros?

Sem dizer uma só palavra, Sanau me tirou rapidamente da sala.

Possivelmente, desejava evitar qualquer explosão emocional da minha parte. Conversou sem parar durante a viagem de volta aos meus aposentos.

Eu mal a ouvia. Consegui perceber, contudo, que agora era preciso tomar diversas medidas. Era preciso escolher uma tripulação, uma acompanhante para mim, que provavelmente seria ela mesma, já que eu teria que ser apresentada ao governante. Era preciso calcular as condições de vôo adequadas, a conveniência de fazer a viagem numa esquadilha ou numa única nave-mãe. Não se podia cometer nenhum engano.

Deixaram-me completamente sozinha durante dois dias inteiros. Ao final desse período, Sanau apareceu.

Parecia cheia de novidades oficiais, a despeito da sua calma perpétua, mas pude ver que ela estivera trabalhando muito. Havia leves olheiras sob seus lindos olhos; até mesmo seus ombros haviam perdido um pouco da sua postura de academia militar.

— Há quarenta e oito horas que não durmo — anunciou, como se eu fosse aplaudi-la, ou coisa parecida. — Vim tomar as suas medidas.

Vamos fazer um traje climático para você.

Fiquei parada, em silêncio atrevido, enquanto ela media os meus ombros, quadris e cintura.

— Você levará seis trajes pressurizados — explicou, enquanto anotava a última medida. — Eles a protegerão contra o clima de Marte. O povo de Marte desenvolveu sua própria cobertura epidérmica para se proteger, e a luta deles pela sobrevivência contra o frio do seu planeta e a falta de oxigênio é tão rigorosa, que terão pouco tempo para pensar em confortos desnecessários para você. Portanto, é importante que cuidemos de suas necessidades.

Não abri a boca o tempo todo. Nada havia a dizer, exceto recriminá-los de novo pela sua crueldade em me banir, mas como ela fazia ouvidos moucos, achei melhor poupar-me o esforço. Eu sabia reconhecer a inutilidade de qualquer tentativa.

Meu silêncio estimulou Sanau. Talvez eu não estivesse agindo do modo histórico que ela esperava. Ainda não sabia reconhecer a desolação muda e completa. Tornou-se mais gregária do que de costume.

— Suponho que a aparência do governante de Marte a surpreendeu.

Apenas a olhei, em resposta a essa afirmação tão fleumática.

— Não se esqueça — aconselhou ela — de que sob aquele corpo de réptil existe a alma de um ser humano, e que naquela cabeça reside um cérebro muito mais poderoso do que o do seu Professor Einstein. Você precisa se convencer de que uma aparência convencional não é a coisa mais importante da vida, minha amiguinha da Terra!

— Para você é fácil dizer isso! — Finalmente eu achara a minha voz. — Manda-me ir viver satisfeita no meio daquela raça monstruosa enquanto você vive feliz com todo o conforto, jantando com garfos de diamantes e usando calças de cetim. Manda-me ir viver num planeta frio com seis trajes espaciais e pouco oxigênio. É fácil para uma grande pessoa superior como você me dar esse conselho superior, mas se fosse responder honestamente, poderia aceitar essa decisão com verdadeira felicidade?

— Minha amiga — falou ela seriamente —, não faria nenhuma diferença para mim, ou para qualquer yargoniano, usar calças de seda vistosas ou um traje pressurizado.

Não respondi. Não havia como refutar tal declaração. Se a Sanau faltava calor, emoção, ou compaixão, certamente não lhe faltava percepção. Ela pressentiu que estava muito longe de fazer com que eu entendesse seu ponto de vista, e, num esforço para me orientar, sentou-se e começou a falar. Eu sabia que ela estava se esforçando, pois tinha muitas tarefas a cumprir, e ficar ali conversando comigo era coisa que não lhe dava prazer. Seus olhos estavam pesados. O cansaço físico parecia invadir-lhe o corpo todo. Falou em voz baixa e intensa: — Já notou, minha amiga, que não há lojas no nosso planeta?

Respondi que não notara nada, exceto a paisagem vista de relance.

E ela continuou:

— Temos prédios onde se pode comprar peças de vestuário, mas não temos lojas como as de vocês, pois, como já percebeu, todos se vestem de modo igual, no nosso planeta.

Não me dera conta daquilo. O panorama de cores tinha sido impressionante demais para que eu pudesse perceber a falta de

individualidade.

— Sabe por que começou esse costume? — indagou Sanau.
Naturalmente, eu não tinha a mínima ideia.

— O primeiro passo para o auto-aperfeiçoamento neste planeta foi dado quando abolimos o que vocês chamam de sete pecados capitais: orgulho, cobiça, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Por exemplo, para livrar nosso planeta da inveja, primeiro tivemos que analisar o que causava a inveja. Para dar um exemplo básico que até você pode entender, digamos que uma mulher compareça a um acontecimento social e veja outra mulher vestindo uma roupa mais elegante. Isso faz com que ela receba uma atenção desproporcional aos seus méritos, e a mulher que está mais modestamente vestida imediatamente sente inveja. Mas, se colocarmos roupa igual em todas as mulheres, aquela que for intelectualmente superior é que receberá os elogios e a atenção.

Isso faz com que as mulheres canalizem sua energia para o auto-aperfeiçoamento, em vez de para a vaidade pessoal.

Entendia que ela estava me explicando tudo aquilo para me preparar para a vida em Marte e para os horríveis trajes climáticos, mas sabia que não ia dar certo. Não era um argumento cuidadosamente planejado que ia fazer com que eu me lançasse em gritos de gratidão.

Foi o que disse a ela. Disse também que gostava de roupas bonitas e tinha prazer em fazer compras.

— Ah, mas se a sua mente fosse amadurecida, você não teria tempo para essa vaidade tola.

— Não concordo.

Atravessei o quarto e fiquei fitando a montanha fria, para deixar claro que, no que me dizia respeito, a discussão estava encerrada.

— Após algum tempo, o prazer se torna comparável — disse Sanau suavemente.

Continuei ereta à janela. Ela insistiu gentilmente: — Quando você era criança, como se divertia?

Dei um suspiro e respondi, cruzando o aposento: — Com jogos, suponho. Brincadeiras de pegar, patins, e tudo o mais.

Aquilo parecia tão longínquo.

— Correto — ela assentiu. — Mas, à medida que crescia, já não achava esses jogos divertidos. Foram substituídos por outros passatempos.

Concordei de má vontade. Sabia que ela ainda não havia terminado.

— Transfira este pensamento para séculos de maturidade. Vestir-se, para uma yargoniana, é tão divertido quanto brincar de pegar para você, atualmente.

Não respondi, e nem era necessário. Os olhos de Sanau brilhavam.

Sua fadiga parecia ter desaparecido. Percebi que ela não estava mais falando apenas para me convencer. Estava saboreando o desenvolvimento e os feitos de seu povo.

— O verdadeiro entusiasmo reside na compreensão de fatos que se desconhecia anteriormente. Um novo idioma é um exemplo excelente. O que pode substituir a emoção de aprender uma nova língua, e desse modo descobrir milhares de mistérios de outra raça e civilização?

— E quanto aos homens deste planeta? Também desconhecem a vaidade?

Claro que sim. Sanau pôs-se a explicar que também a eles era poupado o fardo da competição física. Havia uns quinhentos anos, os homens tinham começado a raspar a cabeça, quando descobriram que, às vezes, o homem que ficava calvo sentia inferioridade física em relação ao seu irmão mais afortunado, que fora abençoado com uma farta cabeleira. E como os sentimentos de inferioridade são fatores que contribuem para a inveja, luxúria e gula, acharam que a completa eliminação do cabelo para todos os homens era uma excelente solução.

Essa lógica conseguiu infiltrar-se pela minha depressão, e tive que admitir a sabedoria do plano. Sem ter que lidar com a inveja e a atração física, a vida seria mais simples. Talvez, se eu eliminasse os sete pecados capitais da minha personalidade, nem me importasse de viver em Marte.

Esse pensamento me trouxe de volta à sombria realidade do meu futuro infeliz, e senti um ódio súbito por aquela mulher calma que

ficava sentada ali, dizendo do que eu devia gostar ou não. Aquilo não podia estar realmente acontecendo comigo — Janet Cooper —, não podia!

Mas eu ia dar um jeito de achar uma solução. Não ia aceitar aquilo com calma resignação. Tinha que haver uma solução!

Essa frase ficou ecoando na minha mente muito tempo depois da partida de Sanau. Fiquei repetindo-a enquanto via o sol morrer atrás da montanha, e repetindo até adormecer. Aquilo não podia acontecer comigo, mas infelizmente parecia que ia acontecer.

12

Ainda estava escuro, mas Sanau estava me sacudindo. A princípio pensei que estava sonhando, mas as sacudidelas delicadas e persistentes continuavam. Abri os olhos; o quarto estava na penumbra. Sentei-me na cama.

— Que horas são?

— Está quase amanhecendo.

Acordei de pronto, cheia de pensamentos de um desastre iminente. Iam mandar-me para Marte agora, no meio da noite? Mas o sorriso incomum de Sanau afastou esse temor.

— Tenho notícias magníficas para você!

Ela estava radiante.

— Vão me mandar para casa! — exultei por um momento, também eu radiante.

Ela fez que não com a cabeça e eu voltei a me afundar nos travesseiros.

— Hoje será o dia mais memorável da sua vida — declarou ela.

Meu interesse foi levemente aguçado, pois Sanau não estava agindo como Sanau. Suas mãos se agitavam, e uma veia pulsava visivelmente em sua têmpora. Na verdade, Sanau estava quase se comportando como um ser humano da Terra. Um ser humano muito controlado, pelos nossos padrões, mas estou certa de que nos círculos yargonianos ela seria considerada desvairadamente emotiva.

— Hoje, ao crepúsculo. — ela parou abruptamente e esforçou-se para manter a voz no seu tom controlado de sempre. — Hoje, ao crepúsculo, você será apresentada a Sua Alteza Todo-Poderosa, o Yargo!

Pronto! Ela me contara! Parecia eufórica, e olhava para mim como se esperasse que eu me pusesse de pé num salto, em êxtase. Devo admitir que fiquei ligeiramente impressionada, ou talvez fosse mais curiosidade do que outra

coisa qualquer. Dessa vez, fui eu que exibi a fisionomia tranquila, e meramente perguntei o porquê dessa apresentação. Ela respondeu que Sua Alteza Todo-Poderosa em pessoa fizera o pedido.

— Tem algo a ver com a minha ida para Marte?

Ela fez que sim, e dentro de mim se acendeu uma fagulha de esperança. Ainda não estava tudo perdido, pelo menos até que eu chegasse a Marte.

Com rara calma, anunciei que estaria pronta ao crepúsculo, mas que no momento pretendia continuar dor-ruindo.

— Você não vai dormir! — ordenou ela, e arrancou-me as cobertas.

Erguei as persianas e a luz pálida da manhã entrou constrangida no quarto.

Não tive outra alternativa senão me levantar, tomar banho e ficar totalmente desperta. Mais uma vez, enquanto escovava os dentes, surpreendi-me ao notar como minhas feições comuns estavam se tornando cada vez mais atraentes. Fiquei olhando para o espelho.

Meu nariz sempre foi pequeno e bonito, meus olhos eram azuis; a mudança era quase indefinível. Uma perfeição de maciez que minha pele nunca tivera, um brilho luminoso nos olhos, uma cor vermelho-sangue nos lábios. Até minhas faces haviam adquirido um leve toque colorido que nenhum ruge artificial poderia igualar. A despeito do grande antagonismo que eu sentia por essa gente, era forçada a admitir que havia alguma verdade quanto à superioridade do seu planeta. Fisicamente, até eu estava me tornando um espécimen melhor.

No momento em que o café foi servido, Sanau me expôs os detalhes.

— Haverá um grande banquete esta noite. Todos os líderes estarão presentes.

Ataquei meu cereal e perguntei como e por que o Yargo tinha feito aquele pedido fantástico.

— Foi-lhe apresentado um relatório completo de sua futura viagem, assim como de sua hostilidade contra o planeta Marte e seus habitantes. Ele demonstrou extrema compaixão.

— Não diga!

Minha boca estava cheia, por isso não pude demonstrar toda a extensão da minha surpresa.

— Isso não deveria surpreendê-la, ou melhor, não a surpreenderia se você tivesse conhecimento dos poderes magníficos e incríveis de Sua Majestade, que se estendem 76 77

integralmente até os seres mais insignificantes. Como já afirmei com frequência, o Yargo é diferente de qualquer outro mortal. É natural para ele sentir compaixão total pela sua situação. Ele é o homem mais compassivo deste ou de qualquer outro mundo.

— Então como pode sequer pensar em enviar-me para Marte?

— Porque os sentimentos dele estendem-se à situação do povo do seu planeta, também. Para ser verdadeiramente justo, é preciso fazer bem para o maior número de pessoas. O que é uma vida como a sua contra uma civilização inteira?

Disse a ela que era a minha vida, e como era a única que tinha, estava muito interessada no que aconteceria com ela.

Bem, parecia que o Yargo podia até mesmo compreender como eu estava me sentindo, ou pelo menos foi nisso que Sanau me levou a crer.

— Ele também tem consciência de que, em sua estada em nosso planeta, você sofreu muita ansiedade, e portanto está desejoso de recebê-la formalmente antes de sua partida, para apresentar-lhe suas desculpas.

A fagulha de esperança virou cinza fria.

Houvesse o que houvesse, iam mandar-me para Marte, o tal grande jantar era apenas uma formalidade, para que não admitissem secretamente que haviam agido de uma maneira muito pouco superior. Tragam a prisioneira: tratem-na como uma igual pelo espaço de uma noite; alimentem-na bem; exibam o charme e a hospitalidade yargoniana; tragam até mesmo o Grande Pai Branco, depois despachem-na com suas consciências leves e brilhantes.

“Fizemos o melhor possível, cavalheiros, até o fim!”

Afastei a cadeira da mesa e fui até a janela. Tudo o que podia enxergar era meu perigo imediato. Não havia esperança à vista. O

quarto tranquilo, a calma Sanau, até mesmo um passarinho semelhante a um tordo parecia chilrear do lado de fora da janela:

“Desista, garota, é o fim, é o fim”.

Descontraí as mãos. Quem sabe eu não devia parar de lutar? Quem sabe não devia relaxar e aceitar meu destino como uma pessoa que está se afogando? Dizem que, se a pessoa não se debate, sente uma sensação de paz quando os pulmões enchem-se de água pela última vez. Relaxe, vá viver com os marcianos. os marcianos!

Não! Virei-me abruptamente. Se o Yargo era tão superior, talvez eu tivesse uma chance. Se pudesse fazê-lo entender como eu realmente me sentia, convencê-lo de que saberia voltar para a Terra e ficar de bico fechado sobre tudo o que vira. Eu ia lutar pela minha vida, à noite, mas com dignidade e inteligência. Mostraria a eles como um terráqueo era inferior! Eu os ludibriaria, a eles e a seu precioso chefe, e retornaria à Terra.

Voltei para a mesa e perguntei a Sanau se eu ia comparecer ao jantar como convidada. Não tinha certela. Afinal, podiam esperar que eu servisse à mesa.

— Você será apresentada ao jantar como uma convidada de honra.

A seguir, ela chamou as criadas para levarem a mesa do café.

Ordenou-me, no tom de voz de um general em comando, que me sentasse e prestasse atenção a cada palavra. Obedeci, imaginando o que viria a seguir.

— Bem, há muita coisa que sou forçada a ensinar-lhe sobre o protocolo. Duvido que você possa absorver tudo num só dia, mas faremos o que pudermos. Existem alguns fatos muito importantes que lhe devo transmitir.

— Como qual o garfo e a faca que devo usar?

Ela sorriu.

— Não estamos interessados nos seus costumes à mesa, mas há alguns costumes a que você precisa obedecer. Acima de tudo, lembre-se de que o Yargo é intocável.

Assenti. Não tinha mesmo a menor intenção de tocá-lo.

— Não deve estender a mão para cumprimentá-lo. Se você conseguir reunir coragem suficiente para conversar com o nosso magnífico líder, para suplicar novamente em seu favor, o que tenho

certeza pretende fazer, deve conter-se para não agarrar o braço dele, o que parece ser um dos seus costumes mais irritantes.

Acima de tudo, ele não deve ser tocado.

— Quer dizer, literalmente? — perguntei, realmente surpresa.

— Literal e absolutamente.

— E a esposa dele?

Sempre fui do tipo prático.

— O que é uma esposa?

Olhei depressa para ela, esperando algum duplo sentido na pergunta, mas o olhar franco de Sanau me convenceu de que a pergunta era séria.

— Quer dizer que não sabe o que é uma esposa?

Não pude evitar que o prazer transparecesse na minha voz. Ah, que glória, ainda que por um momento, poder explicar alguma coisa a Sanau!

A princípio ela pareceu completamente ignorante no assunto “esposas”, por isso expliquei detalhadamente o sentido e a significação de uma esposa, sem deixar de ressaltar que com frequência elas eram o poder oculto por trás do trono, e que eu estava prestes a me tornar uma esposa quando sua espaçonave me sequestrara por engano.

Ela escutou com um misto de interesse e divertimento, e aos poucos seu rosto se iluminou. Estava começando a se lembrar! Eu devia compreender que história não era a sua matéria favorita, mas agora que eu tocara no assunto, sim, ela se lembrava de que numa certa época, talvez vários milhares de anos atrás, a condição chamada “casamento” existira no planeta deles. Mas, é claro, fora abolida havia muito, juntamente com outros males.

— Mas, se não existe o casamento — insisti —, quais são seus padrões morais? E as crianças? E o amor?

Ela parecia prestes a me responder, depois, abruptamente, mudou de ideia.

— Não há tempo de informá-la sobre os costumes do nosso planeta. Você não terá necessidade dessas informações, mas existem muitas outras que lhe serão necessárias. para a reunião desta noite.

Senti-me insultada, e disse a ela. Afinal, eu respondera às suas perguntas sobre a esposa. Fora a extremos para explicar tudo claramente. Será que ela achava que eu era inferior demais para compreender a vida doméstica de seu grande planeta?

Seu tom de voz foi quase meigo, quando respondeu: — Talvez eu não me tenha feito entender bem. Não a consideramos uma inferior. Não da maneira que você está interpretando. Uma criança não é inferior, é jovem, inculta, e portanto ignorante e inferior. Você e seu povo terão trinta mil anos de tentativa e erro antes de sequer pensar em se acercar da nossa civilização.

— Mas aqueles líderes disseram que eu era um espécimen inferior.

Aquilo não me saía da cabeça.

— Os líderes viram você como um elemento do sexo feminino sem outro propósito na vida senão servir às suas emoções. Comparada ao Dr. Blount, você é um espécimen inferior. O que os líderes não conseguiram captar naquele

primeiro encontro é que você é típica de noventa por cento da população feminina da Terra. Não, eu diria que você é um espécimen bem autêntico.

Essa explicação ajudou a restabelecer um pouco do meu amor-próprio, e me forneceu a coragem adicional para expressar um pouco de minha afabilidade inata. Inclinei-me para a frente.

— Sanau — falei com meiguice —, eu poderia gostar de você de verdade, se você deixasse, e sinto que também você poderia gostar de mim. Por que sermos hostis? Tente compreender-me do jeito que eu sou, como estou tentando fazer com relação a você.

Compreenda-me e use sua influência com o Yargo. Peça a ele para me mandar de volta à Terra.

— Não farei tal coisa.

— Mas por quê? Você é a única pessoa que pode me ajudar!

— Porque minha opinião, e a opinião dos outros líderes, é que você, possuidora desses conhecimentos, causaria grandes transtornos na Terra. Seu planeta se tornaria uma ameaça para o sistema planetário inteiro. Mantenho a minha firme opinião de que o exílio para Marte é a única solução.

— Mas eu não abrirei a boca para dizer que estive aqui. Juro! Dou minha palavra!

— E o que é sua palavra? Só damos valor a provas e fatos. Palavras, promessas, sorte são coisas desconhecidas neste planeta e em muitos outros. Com seu ego insaciável e a sua vaidade, você não ficaria quieta.

— Ficaria, sim — choraminguei. — Quero ir para casa! Faria qualquer coisa para ir para casa!

— Não me interessam seus desejos, esperanças ou vontades. Só me interessa tirá-la deste planeta o mais breve possível. O desgaste de perder tanto tempo com você está começando a se fazer sentir tanto na minha pessoa quanto no meu trabalho.

Fiquei olhando para ela, muda de embaraço e dor. Ninguém, nem mesmo minha mãe ou minha avó em seus momentos mais críticos, jamais definira minhas falhas com uma brusquidão tão crua.

Ela não podia ferir mais. Fiz a pergunta seguinte, indiferente à crueldade da resposta. Já não importava mais; agora, eu estava apenas satisfazendo minha curiosidade.

— Sanau, por que você me odeia?

— Não sou capaz de sentir ódio.

— Vou perguntar de outro modo: por que não gosta de mim?

— Gostar de você? O que poderia eu gostar em você?

— Mas há coisas em mim de que você não gosta?

Ela sorriu.

— Não gosto nem desgosto de você. Não existe nada em você para se desgostar, mas tampouco há algo para se gostar ou admirar.

Você sabe muito pouco, contudo não expressa nenhum desejo de aprender. Em vez de esperar ansiosa por uma vida nova num planeta habitado por gente mais inteligente, choraminga pedindo para voltar para o local estagnado que chama de “casa”. Na perspectiva do encontro de hoje à noite com Sua Alteza, você não fica fascinada com a oportunidade de conhecer o maior homem deste ou de outro mundo qualquer. Simplesmente encara o encontro como mais uma chance de renovar seu pedido de voltar para uma civilização atrasada.

— Sanau, se você estivesse detida num outro planeta, não faria tudo ao seu alcance para voltar para cá?

— Claro, pois somos o planeta mais brilhante e adiantado deste ou de qualquer outro sistema solar. Mas se me fosse dada a oportunidade de ir para um planeta que superasse Yargo, mesmo que seu povo não se parecesse comigo, mas fosse gente pacífica e disposta a me aceitar, estaria radiante com a oportunidade.

Levantei-me e comecei a caminhar pelo aposento. Devia haver uma corda que eu pudesse tocar que nos poria às duas num plano comum. Precisava inspirar nela algum sentimento humano. Até agora, o único vestígio de animação que presenciara nela era a mudança de expressão. Cada vez que se mencionava o nome do grande Yargo, portanto tentei ilustrar meu argumento de um modo compreensível para ela.

— Escute, Sanau, imagine que, por algum motivo que fugisse ao seu controle, você nunca mais pudesse ver o grande Yargo. Como se sentiria?

— Nunca mais poder olhá-lo? Nunca mais usufruir das vantagens de sua liderança divina? A vida perderia a sua motivação.

Eu não esperara uma resposta tão reveladora. Mas agora não era a hora de me aprofundar. Pelo menos eu estivera pensando acertadamente.

— Sanau, na Terra existe alguém que me inspira os mesmos sentimentos. O nome dele é David. Agora você me compreende?

— David? — Ela repetiu o nome. — David? Vocês não têm nenhum governante com esse nome.

— Ele não é nenhum governante; é apenas um homem. O homem que eu amo.

Ela riu com gosto.

— Ah, o amor. O amor que dá origem à união que vocês chamam de casamento. — A seguir os olhos dela se estreitaram e a sua voz encheu-se de escárnio. — Amor! Ousa chamar isso de amor? Ousa conspurcar a santidade do grande Yargo e comparar minha devoção por ele com a paixão retardada que sente por este simples homem? Amor! Amar é contemplar uma visão de perfeição, que é o Yargo. Além disso, não existe amor!

Tive que desistir. Conhecia a futilidade de uma mente fechada.

Sanau não tinha opiniões, fazia afirmações. Afirmações fatuais, que, no seu mundo, não podiam ser contraditas.

Ela obviamente percebeu que eu desistira de tentar convencê-la, pois de modo vivaz voltou a falar no jantar de logo mais.

Mais uma vez enfatizou que eu não poderia tocar no Yargo, e concordei com a cabeça com ar cansado.

Ponto número 2: eu não poderia dar início à conversa, a não ser que ele se dirigisse a mim primeiro.

Ponto número 3: eu não poderia tocar na comida antes que ele o fizesse. Eu escutava e balançava a cabeça, como um autômato. Fui adestrada na etiqueta da corte. Deveria fazer uma reverência profunda, nunca poderia puxar um novo assunto, não poderia tocá-lo, não poderia tocá-lo, não poderia tocá-lo. Escutei, assenti, fiquei com sono.

A maioria das instruções era relativamente simples, mas Sanau ficava repetindo-as vezes sem conta, como se eu fosse um animal irracional que não entendesse direito e que precisasse aprender o som das palavras para associá-las à ação.

Finalmente, disse um basta. Pus-me de pé e declarei com firmeza que, embora não fosse brilhante, só precisava que me ditassem uma regra de etiqueta duas vezes.

Ela aceitou minha explosão de bom grado, o que era de estranhar.

Chegou até a sorrir.

— Suponho que seus nervos estejam em frangalhos. Até mesmo um yargoniano fica um pouco perturbado à ideia de ser apresentado ao Todo-Poderoso. Ainda havia mais que eu deveria transmitir-lhe, mas estou vendo que a sua condição não permitiria uma absorção adicional. Você deverá descansar o resto do dia. — Ela foi até a parede e apertou o painel. — Voltarei ao crepúsculo. Você estará preparada e à espera. Acalme seus temores; será uma experiência gloriosa. Só espero que você não fique embevecida demais para apreciá-la.

E com esta frase final ela me deixou. Embevecida demais, uma ova!

A única atração que esse encontro me prometia era a última chance de renovar meu pedido para voltar para casa. Quanto ao homem em si, nem pensara nele.

Talvez eu fosse mesmo inferior como Sanau dissera. Não me sentia nem um pouco exaltada à ideia de conhecer aquele homem fantástico, e duvidava muito que algum dia chegasse ao nível de superioridade de me jogar de cara no chão à simples menção do seu nome.

Atirei-me na cama. Era inútil esbravejar e deblaterar no isolamento. Não, o melhor era descansar e ficar bem alerta, pois embora eu quisesse negar a importância desse homem, aquela noite seria importante para mim; pois após aquela noite haveria o amanhã, e o amanhã significava Marte.

Descansei um pouco. Pensei e planejei e maquinei, mas sempre acabava num beco sem saída. Finalmente, fiquei tão cansada que cochilei um pouco, um cochilo intranquilo, ao final do qual repassei meus planos de novo. Na verdade, não tinha nenhum plano concreto. Precisava conhecê-lo primeiro para então tentar a minha estratégia. O que seria mais prático? Franqueza? Encanto, ou minha inteligência? Não sabia. Após algum tempo, desisti de pensar. Mas não abandonei a esperança. aqueles marcianos não iam me pegar, não sem uma luta daquelas!

13

Naturalmente, eu estava pronta e à espera muito antes do crepúsculo, e, quando chegou a hora, o sol se deteve no topo da montanha, como se estivesse grudado ali. A sua descida foi tão fracionada que me fez lembrar dos ponteiros de um relógio.

Quando era criança, costumava grudar os olhos no relógio, esperando perceber o pulo do ponteiro de minuto a minuto. Nunca obtive sucesso, mas o ponteiro sempre dava um jeito de se mexer.

O mesmo aconteceu com o sol, mas quando o último pedacinho corde-rosa acabou por desaparecer, estava tão exausta como se tivesse sido eu mesma a empurrar, literalmente, a grande bola de fogo para trás da montanha, com as próprias mãos.

Sanau apareceu no momento em que o céu tomou sua coloração acinzentada do começo da noite.

Por um momento, ficamos nos estudando em silêncio, como se ambas concordássemos com a importância do encontro que se avizinhava. Ela meneou a cabeça e conduziu-me ao carro que nos esperava.

Mais uma vez fizemos a viagem familiar pela cidade, só que dessa vez ela foi mais curta do que de costume, e o carro se deteve diante de uma pequena ponte levadiça. Saltamos do carro e atravessamos a ponte a pé, com quatro sentinelas nos acompanhando. Embora o prédio à nossa frente pouco diferisse arquiteturalmente das outras estruturas imponentes que eu visitara, tive a sensação de estar entrando num castelo medieval.

Talvez fosse a ponte levadiça e as sentinelas, mas havia uma sensação adicional de pompa e cerimônia no ar.

Depois de ter cruzado a ponte, parei um momento para observar o que me cercava. Com que então aquela era a residência do Sr. Deus Todo-Poderoso! Vista de perto, parecia ainda mais uma residência real. Eu já estava começando a visualizar o Yargo como

um homem gordo com jeito de sultão, sentado sobre uma almofada e cercado de beldades yargonianas. Enormes holofotes amarelos ladeavam o castelo, e ao lado de cada holofote havia um guarda em posição de sentinela, formando uma cadeia humana de homens e luzes em torno do prédio.

Inclinei-me para Sanau e sussurrei: — Se a sua raça é tão superior, por que todos estes guardas tomando conta do Yargo? Imaginava que o seu povo estivesse acima de atos violentos, especialmente se o adoram tanto!

Sanau explicou com gélida polidez que as sentinelas eram apenas a guarda de honra. Para um jovem yargoniano, a maior honra que pode alcançar é servir fielmente ao seu líder, é poder desfrutar da proximidade do Yargo. E erguendo o corpo ainda mais do que o costume, ela acrescentou:

— Nas escolas do nosso planeta, essa missão é o prêmio concedido ao estudante mais brilhante.

Os holofotes estavam ali para impedir algum ataque inimigo?

— São raios de radar — explicou ela. — Cada raio está em contato direto com uma espaçonave. Desse modo, o Yargo pode comunicar-se diretamente com qualquer nave no espaço.

Entramos no prédio e atravessamos enormes salões de recepção, em que se enfileiravam os guardas de honra. Os rapazes mantinham-se eretos, as cabeças calvas reluzindo, os olhos fitos diretamente num ponto à sua frente.

Disse a Sanau que eles me faziam lembrar os guardas diante do Palácio de Buckingham.

— É a morada de um dos seus líderes? — perguntou ela.

— Nosso não. Da Inglaterra.

— A Inglaterra não faz parte do seu planeta?

Fiz que sim, distraída. Estava completamente imersa na beleza do palácio. Estava certa de que rei algum, em país algum, morava em meio a tanto esplendor.

Mas Sanau insistiu:

— O líder da Inglaterra também não é um dos seus líderes?

— Bem, não exatamente.

Acompanhei Sanau até um banco de mosaicos. Sentamo-nos, presumivelmente para esperar nossa admissão aos aposentos internos.

— O que quer dizer com “não exatamente”? Vocês não são um único mundo?

— Acho que não. Pelo menos não no momento.

Fiquei satisfeita com o aparecimento da sentinela que veio falar com Sanau. Ela se afastou para discutir um assunto qualquer, provavelmente a minha pessoa, pois ele se virou para me olhar várias vezes durante a conversa. Eu, por minha vez, fiquei sentada, tentando parecer totalmente indiferente, imitando uma das expressões mais tranquilas de Sanau. Naquele momento, não estava me importando com o que se dizia a meu respeito; qualquer coisa era preferível ao interrogatório insistente de Sanau. Não importa o que discutíssemos, mesmo que fosse uma coisa impessoal como a Inglaterra ou o Palácio de Buckingham, eu sempre acabava na defensiva, sempre parecia levar a pior.

Quanto mais eu explicava, menos atraente parecia ser a Terra, ou pelo menos esta era a impressão que se obtinha com as perguntas dela. Enchi-me de um forte instinto de proteção pela Inglaterra, assim como pelos Estados Unidos. Era estranho. Eu era a moça que sequer viajara até Chicago, e de repente parara de pensar no meu mundo como apenas americano, ou como a cidade em que eu vivia.

Era o meu planeta, cada pedacinho, das selvas mais densas da África até a cortina de ferro que escondia a Rússia, pois a Rússia era parte do meu planeta, mais perto de mim do que jamais o poderiam estar o planeta Yargo ou Marte. Alguns de nós pensavam de modo diverso, tinham ideias políticas diferentes, mas éramos todos seres humanos na mesma Terra, respirando o mesmo ar, aquecendo-nos ao mesmo Sol, e olhando para a mesma Lua. Fiquei assombrada: ali estava eu encarando a Rússia como a ovelha negra de uma grande família, em vez de a nação guerreira e agressiva que era na realidade. Naquele momento, parecia impossível pensar de outro modo; como pensar diferente, quando se começava a abranger outros mundos e outros universos?

A sentinela e Sanau, tendo aparentemente acertado as contas com satisfação mútua, seguiram cada qual o seu caminho, e ela voltou para o banco em que eu estava.

— O encontro se realizará dentro em pouco. Nesse instante, os líderes estão se acomodando. Lembra-se de tudo?

Assenti e dei um leve sorriso. Pois, naquela hora, Sanau estava parecendo uma mãe nervosa que rezava para que a filha não fizesse feio no recital do colégio.

Sua pergunta seguinte estava bem de acordo com essa imagem: — Está bem certa de que se lembra? Acima de tudo, o que é que não pode esquecer?

Entoei, monotonamente:

— Acima de tudo não devo tocar no Yargo.

Ela balançou a cabeça num aceno nervoso, depois acomodou-se com um ar de paciência resignada, como se tivesse dito mentalmente: “Bem, haja o que houver, fiz o melhor que pude”. Mas não estava calma. A veia que lhe pulsava na têmpora indicava seu nervosismo, e, olhando mais de perto, pude notar que suas narinas delicadas tremiam ligeiramente. Eram todas atitudes altamente irregulares para Sanau.

Não que eu estivesse completamente serena. Como é que ia agir diante desse homem? Quem sabe ele teria duas cabeças. Eles provavelmente achariam isso muito normal. Apenas dois cérebros superiores, em vez de um.

Mundo superior! Pois sim! “Não toque nele! Não fale com ele!”

Provavelmente, não deveria sequer respirar na frente dele. Lá na Terra as pessoas apertavam as mãos do presidente. Até mesmo dos reis. Nós podíamos lhes ensinar umas coisinhas sobre a democracia.

Sanau levantou-se subitamente para cumprimentar o homem que vinha chegando. Quando ele se aproximou mais, verifiquei que era o Líder Corla, aquele que achava que eu era um espécimen tão inferior. Dessa feita, contudo, ele sorria afavelmente, com o seu belo rosto irradiando as boas-vindas.

A princípio, pensei que esse bom humor fosse dedicado somente a Sanau, mas, após cumprimentá-la, ele sorriu para mim e, com o se jamais nos tivéssemos visto antes, falou num inglês perfeito: —

Dou-lhe as boas-vindas ao santuário de Sua Alteza Todo-Poderosa, o Yargo.

Eu estava pronta a esquecer os ressentimentos e elogiá-lo pelo seu inglês, mas de repente ele se jogou de cara no chão. Sanau fez o mesmo. Por um segundo, fiquei embevecida com esse novo respeito.

Cheguei a achar que ele estava exagerando, até que me dei conta de que ele mencionara o nome do Yargo na presença de duas pessoas — ele próprio e Sanau.

Os dois se ergueram após a prece necessária e Sanau virou-se para mim:

— Acho que foi extremamente gentil da parte do Líder Corla aprender um discurso de boas-vindas no seu idioma.

Concordei. Agradei e disse a ele que fora muito simpático, mas pela expressão de seu rosto percebi que seu conhecimento do meu idioma se limitava àquela única frase que decorara tão diligentemente.

— Você acompanhará o Líder Corla — anunciou Sanau.

De bom grado, virei-me e fui atrás dele, mas Sanau permaneceu no saguão. Quase parei. Será que ela não vinha? E então, como o Líder Corla já estivesse quase dois metros à minha frente, saí tropeçando no seu encalço. Não havia tempo de fazer perguntas, e no entanto jamais passara pela minha cabeça que esse encontro se realizaria sem Sanau. Suponho que, sem perceber, estava contando com ela para um tipo qualquer de apoio ou orientação. Agora, uma estranha espécie de lealdade exigia que eu fizesse bonito, por causa de Sanau; portanto, fui seguindo o Líder Corla por longos corredores, até chegarmos a uma ampla escadaria.

Subimos a escadaria, que era digna de um rei. Lustres de cristal lançavam sobre ela raios de luz suaves e indiretos. Os degraus eram cobertos de veludo, macio como pele. Quatro sentinelas nos esperavam no topo da escada. Elas nos escoltaram por um corredor que terminava numa parede nua. Tive certeza de que ela se abriria, como se abriu.

Entramos num salão de baile que reluzia como um cenário de cinema. Devia haver umas mil mesas individuais espalhadas pelo

chão, dando para um tablado em forma de ferradura situado na extremidade oposta da sala. Meus olhos depararam com um panorama de cor e luxo que nenhum cenógrafo poderia sonhar em igualar. Os yargonianos vivamente ataviados, o reflexo ofuscante dos talheres que refulgiam como os diamantes que eram, o tablado imponente para o qual me conduziam.

Era um banquete, sem dúvida alguma, um banquete inigualável.

Todos os líderes e sublíderes yargonianos estavam presentes.

Todas as personalidades importantes do planeta inteiro deviam estar ali.

Fui me controlando devagar enquanto me acercava do tablado.

Procurei por Ele. Bem, se estava presente, parecia-se com todos os outros. Caminhava ereta, plenamente cônica de que todos os olhares yargonianos superiores estavam fitos em mim. Mantinha a cabeça erguida, e estava certa de que não parecia inferior demais.

O Líder Corla levou-me diretamente ao centro do tablado. Havia três assentos vazios. Ele ocupou um deles, indicou que eu devia sentar-me no outro; entre nós ficou um assento desocupado, obviamente para Ele.

Lembrei-me do aviso de Sanau — “Não o toque” — e tive que sorrir.

A disposição das cadeiras cuidava muito bem desse aspecto. De um dos lados da minha cadeira sentava-se um líder; não lembrava seu nome, mas estivera presente à minha audiência. Do outro lado ficava a cadeira vazia, separada da minha por quase um metro; mais outro metro a separava da cadeira do Líder Corla, do lado oposto.

Fiquei sentada esperando, mas nada aconteceu. De repente, tive um pensamento horrível: talvez ele já estivesse lá! Talvez fosse invisível, ou não existisse exceto na mente daquela gente. Talvez fosse Deus — o mesmo Deus nosso — só que talvez aquela gente houvesse progredido a um nível tal que podia até falar com Ele.

Olhei para a cadeira vazia e dei um débil sorriso. Olhei depressa à minha volta para ver se meu gesto fora notado; se o fora, ninguém esboçara uma reação.

Não, concluí, ele tinha de ser real. Havia um ar de expectativa grande demais no ambiente. Até eu podia senti-lo. Aquela gente

estava realmente à espera de alguém, e não era eu.

Como que para confirmar a minha conclusão, uma súbita tensão elétrica pareceu invadir o aposento. Todos ficaram completamente calados e atentos. No tablado à minha volta, cheguei a sentir os líderes enrijecerem como se tivessem levado um choque elétrico, e depois, como que obedecendo a uma ordem, todos os olhares se fixaram na parede lateral.

A tensão se espalhou e envolveu a mim também. Meus olhos correram para a parede. Ela começou a se abrir devagar, bem devagar.

14

Sanau tinha razão. Ele era supremo!

Cada yargoniano presente, embora magnífico, parecia insignificante em comparação com aquele soberano. Era como se eu estivesse vendo um leão no meio de uns filhotes magricelas.

A princípio, pensei que fosse o seu porte que o fazia tão diferente.

Ele se movia como uma pantera, com o porte régio de um leão. Sim, era isso! Os movimentos dele eram tão majestosos, tão graciosos, tão irreais, que ele parecia.

uma pantera . um leão. um verdadeiro rei. Vestia-se de modo idêntico aos demais, e no entanto seu corpo era perturbadoramente diferente; não na estatura, mas na coordenação muscular. Era quase como se eu pudesse ver o jogo dos seus músculos, num ritmo perfeito. Ele me fazia lembrar uma estátua de bronze de um deus, que o artista só consegue enxergar com os olhos da imaginação.

Caminhava devagar, sem aparentar perceber o fascínio que exercia sobre os que o cercavam. Atingiu o tablado e ergueu a mão num cumprimento. Seu povo ergueu-se como um só homem, e ficou em posição de sentido por um momento, fitando-o com franca adoração e admiração.

Havia adoração no olhar deles, como se fossem um grupo de padres que, de repente, tivessem uma visão do seu santo mais sagrado. Enquanto admirava tal espetáculo, percebi que essa adoração completa era da escolha do próprio povo. Nada havia nas atitudes dele que demonstrasse que a exigia. Ele não era nem pomposo nem autocrático. Sua atitude para com os súditos era de calma dignidade e interesse genuíno.

Eu estava lutando pelo meu próprio equilíbrio, e, quando ele me lançou um olhar, fiquei tão perturbada que não consegui encará-lo.

Não consegui nem mesmo corresponder ao cálido sorriso que me ofertou. Já ia dizer qualquer coisa para disfarçar o nervosismo

quando, felizmente, me lembrei de que não podia falar até que ele desse início à conversa. Essa lembrança repentina provavelmente poupou-nos aos dois um bocado de embaraço, pois sabe-se lá que tolíce escaparia dos meus lábios.

Fiquei de olhos grudados no chão. Queria olhar para ele. Sentia-me atraída para ele com uma força quase hipnótica, e no entanto não podia fitá-lo nos olhos. Os olhos dele! Sim, era isso. Os olhos dele!

Não eram como os dos outros. Tinham a forma oblíqua, sim, mas eram de um azul brilhante de água-marinha. Um azul tão impressionante, que fazia com que eles parecessem duas enormes pedras engastadas na sua pele cor de bronze. Talvez possuísse um poder hipnótico. Afinal, bastou um olhar para que eu perdesse todo o meu senso de equilíbrio.

Ele fez sinal para que eu me sentasse. Consegui fazê-lo com meu encanto e graça costumeiros, o que simplesmente derrubou com estrondo um copo cheio de água.

Mas ele nem sequer piscou aqueles olhos arrasadores. Lançou-me outro sorriso letal e falou: — Permita-me que lhe deseje as boas-vindas, embora com atraso, ao planeta Yargo.

Respondi “obrigada”. Uma resposta não muito notável, mas pelo menos eu conseguira falar.

Mais uma vez ele sorriu, e mais uma vez eu desviei o olhar. Levaria tempo para criar resistência àqueles olhos.

Virou-se para o Líder Corla, o que me deu uma breve trégua para organizar meus pensamentos desintegrados. Sentia nojo de mim mesma. Ele me dera as boas-vindas. Falara primeiro, e eu agira com menos firmeza do que jamais demonstrara. Eu era mesmo um orgulho para a minha raça! Ele me dera as boas-vindas e eu resmungara “obrigada”. Obrigada! Obrigada por quê???? Por arrancar-me da Terra, por humilhar-me, e agora despachar-me para junto de uma raça com aspecto subumano. Ah, mas por que eu não tivera coragem para dizer: “Não quero que me dê boas-vindas, basta que me mande para o lugar onde me encontrou”?

Mas não tivera. Dava respostas brilhantes quando estava sozinha, mas era sempre apagada, insegura e conformada quando diante de

uma situação real. Até mesmo num outro planeta eu era a mesma — a Janet Cooper simples e comum.

Mas eu mudaria. Nos meus sonhos sou a mais corajosa das heroínas. Na minha imaginação, todas essas coisas estão dentro de mim, e naquela noite elas viriam à tona. Eu poderia ir para Marte, mas pelo menos iria com um pouco de respeito próprio.

Bastava que, da próxima vez que ele falasse comigo, eu lhe evitasse os olhos... só isso. Mas é que a voz dele também era perturbadora.

Puseram o primeiro prato à minha frente. Tentei forçá-lo goela abaixo. Precisava comer para provar que não estava tão apatetada pela presença dele quanto parecia. Com esta ideia em mente, consegui engolir alguma coisa.

Foi durante o segundo prato, quando eu já desanimara de que voltasse a dirigir-se a mim, que ele falou. Antes mesmo de erguer os olhos, eu já sabia que ia falar. Senti fisicamente o olhar dele.

— Saiba que estou muito condoído com a situação em que a colocamos — falou. — Tenho perfeita ciência de seus sentimentos.

A Janet Cooper real, mas oculta, gritou silenciosamente: “Então me mande para casa!”

Mas aquele bolo de carne que estava ali presente deu um risinho idiota, ficou encantada com a perfeição do inglês dele e pensou: “Mas que dentes maravilhosos ele tem!”

Logo tornou a dedicar sua atenção ao Líder Corla. Perdera a minha chance, e desta vez provavelmente para sempre! Ele abrira a guarda, dera-me a oportunidade perfeita, mas eu apenas ficara sentada, rindo, como se ele estivesse me condecorando com a estrela de prata, em vez de estar me enviando para o mais cruel exílio. Pois bem, eu merecia ir para Marte. Merecia tudo o que ia me acontecer, mas minha sorte tinha mesmo mudado, pois mais uma vez ele se dirigiu a mim.

— Espero que ache a nossa comida agradável ao paladar.

— E maravilhosa. — Desta vez eu estava pronta para ele, resolvida a alimentar a conversa nem que fosse discutindo o preço das batatas. — Parece fazer bem a todo mundo — prossegui. — Nunca vi mulheres tão lindas quanto as do seu planeta.

Enquanto eu falava, aqueles olhos incríveis não deixaram o meu rosto por um segundo, e o efeito foi insuportável para o meu equilíbrio. Afastei o olhar e tentei respirar naturalmente.

A seguir ele riu. Virei-me depressa, mas era um riso genuíno e inocente. O riso pretendia ser inocente, mas teve um efeito devastador sobre a minha pessoa. Já era bem difícil ficar controlada quando o rosto dele estava em repouso. Mas quando ria, seu fascínio era total. Desisti de lutar contra aquele encanto anormal. Não era à toa que era o rei. Definitivamente, havia algo sobre-humano nele. Aquele homem jamais precisaria invadir um mundo; bastaria chegar lá e paralisar a todos com o seu encanto.

Permitiu que suas feições retomassem a serenidade mas deixou o sorriso permanecer nos olhos.

— Minha cara amiguinha da Terra, nossas mulheres são belas, mas aposto que você não olhou para sua própria imagem, ultimamente.

Você também é linda, sem a ajuda de nenhum artifício.

Não respondi. Não podia. Mesmo que ele tivesse acrescentado: “Não gostaria de voltar para casa?”, eu continuaria apenas a fitá-lo, com o mesmo olhar idiota. Ele achava que eu era linda! Eu, a feiosa Janet Cooper! Sem nada de especial, mesmo pelos padrões da Terra. Eu era linda! No meio de todas aquelas supermulheres, aquele homem fantástico me achava linda.

Quando finalmente juntei coragem bastante para me dirigir a ele, o Yargo já voltara sua atenção para a comida e o Líder Corla.

Eu o perdera de novo. Provavelmente para sempre, dessa vez. A sobremesa e um pouco de vinho já haviam sido servidos. Nada impedia que a qualquer momento ele se levantasse e se despedisse.

E, no entanto, havia algo que eu podia fazer. Eu não podia dar início a nenhuma conversa. Mas Sanau nada dissera sobre continuar uma conversa.

Portanto, perguntei: — Por quê? — Ele se voltou para mim, levemente surpreso.

Prosegui: — Quero dizer, por que estou com uma aparência tão melhor? Eu mesma notei isso.

Aquele sorriso arrasador de novo, mas desta vez aguentei firme e não baixei o olhar, quando ele respondeu à minha pergunta: — Há muito tempo, as mulheres do nosso planeta usavam pós e óleos na pele, como suponho que façam as mulheres da Terra. Mas isso foi há séculos. É simplesmente uma questão de aperfeiçoamento.

A mesma palavra de novo — aperfeiçoamento. Superioridade.

— No nosso planeta também estamos nos aperfeiçoando — insisti.

— Os peritos vivem inventando novos cosméticos e óleos para rejuvenescer a aparência das mulheres. Ele assentiu, pensativo.

— Sim, mas ao mesmo tempo seu planeta também está atravessando o aperfeiçoamento da agressão. Primeiro a bomba atômica, depois a bomba de hidrogênio. Haverá débeis tentativas de conquistar o espaço com a explicação de que o país que primeiro o fizer será o primeiro a controlar o mundo. Somente depois que essas coisas forem tentadas e abolidas é que os seus cientistas poderão dedicar sua atenção integral à conquista da vida e da sua verdadeira realização.

— Mas vocês conquistaram o espaço — insisti. — Por que não devemos tentar?

— Porque o espaço não pode ser conquistado até que nos conquistemos a nós mesmos.

— Majestade — falei com voz ansiosa —, é verdade que estamos muitíssimo atrasados em relação ao seu planeta, mas os nossos cientistas estão se esforçando. Construímos bombas, mas os médicos e cientistas estão trabalhando em outras coisas o tempo todo. Nossos hospitais têm progredido, temos drogas milagrosas.

Ele me interrompeu com um aceno de mão: — Mas essas drogas milagrosas só foram descobertas por necessidade, durante a última guerra. Pense no progresso que haveria no seu planeta se todas as forças que estão criando materiais bélicos, corrupção política e fortunas pessoais não fossem mais necessárias e estivessem sendo canalizadas para o aperfeiçoamento de sua raça. Pense nas curas que seriam descobertas para tantas moléstias ditas incuráveis. O prolongamento do seu período de vida, que permitiria a cada indivíduo criar mais coisas boas. Sua Terra é abençoada com muitas

mentes criativas, mas toda a energia humana da Terra se divide por tantos canais - Sabe, até que é divertido pensar que uma das citações mais conhecidas que ecoa na Terra é "unidos venceremos, divididos cairemos". A Terra inteira divide-se em países, políticas e religiões. Vocês seriam presa fácil para qualquer planeta agressivo.

Ele me pôs de lado, dirigindo-se a uma pessoa qualquer por meio da sua caixa fônica. Não pude ver quem fora honrado com tal privilégio, mas não tive dúvidas de que nossa conversa havia terminado.

Fiquei bebericando o vinho. Era inútil. Até mesmo ele falava das insuficiências do meu planeta, como se eu fosse pessoalmente responsável.

Terminei o vinho com o acompanhamento estrondoso de pratos.

Aquilo estava virando um verdadeiro banquete de corte, completo, até com dançarinas.

Pois, com o aparecimento dos pratos, fomos mimoseados com os volteios graciosamente exóticos de seis beldades yargonianas. Elas se contorciam, giravam e cantavam ao som de uma estranha melodia. Olhei de esguelha para o Yargo, e constatei que não parecia muito entusiasmado.

Foi durante a segunda dança que ele se virou para mim: — Que tal a nossa dança? É comparável às da Terra?

— É muito mais emocionante — respondi com franqueza. — Parece que elas estão contando uma história a cada passo.

Ele assentiu, explicando:

— Estão contando a sua história, a história da nossa estranha visitante. A garota do centro está representando você.

Fiquei impressionada. Ela era indescritivelmente linda, e no entanto não era perfeita como Sanau. Quebrando todas as regras do protocolo, expressei essa opinião.

Era óbvio que o Yargo correspondia à minha admiração de Sanau.

Pareceu satisfeito com o elogio e lamentou: — Foi pena que ela não tivesse tempo para comparecer ao banquete. Está ocupada no observatório.

Seu tom de voz era gentil, mas não deixei de perceber o que as suas palavras sugeriam. Sanau fora convidada, mas recusara o convite. Provavelmente suspirara: “Caro Yargo, já vejo o bastante essa criatura. Por favor, poupe-me um pouco —

Ele falou de novo:

— Como você obviamente parece admirar a beleza, suponho que deva ser uma característica e um desejo naturais entre as mulheres do seu planeta. Pena que vocês deixem tanto por fazer.

Não há motivo por que todas as suas mulheres, e mesmo os homens, não possam se tornar seres perfeitos.

— Quer dizer que existe algo que se possa fazer?

Ele fez que sim, e começou sua explicação enquanto meus olhos devoravam seu incrível rosto. Ele era indiferente ao meu olhar. Eu escutava apenas parcialmente, enquanto deixava o olhar correr de seus olhos até a simetria dos ossos de sua face, até o nariz reto, depois voltar para os olhos maravilhosos. O tempo todo eu me dava conta de que não estava fazendo mais nada em prol da minha causa, e contudo permanecia numa letargia hipnótica. Naquele momento, meu destino próximo parecia não ter tanta importância. A única coisa que importava era olhar para ele, lembrar cada músculo de seu rosto, cada expressão de seus olhos, e o som de sua voz. Estava drogada por um barbi-túrico emocional; sabia disso, e nem estava ligando.

Forcei-me a prestar atenção no sentido das palavras dele, e consegui voltar à consciência durante sua afirmação final.

— O corpo é como uma árvore — dizia ele, e eu pisquei os olhos, num esforço para compreender suas palavras. — Deveria aumentar em beleza com a idade. Nenhum yargoniano fica desfigurado por rugas na velhice. Do nascimento à morte seu semblante permanece intacto.

Tentei ordenar as palavras que se encontravam no meu subconsciente. Eu as ouvira todas. Ele falara algo sobre o ar, e naquele momento eu percebera que tinha uma covinha no queixo.

Falara sobre bombas de umidade e bombas desidratantes, quando eu estava fazendo o inventário de suas sobrancelhas.

Tudo ficava muito além da minha compreensão, mas eu balançava a cabeça como se estivesse totalmente de acordo.

Para resumir, ele me lançou um daqueles sorrisos arrasadores e falou:

— E acima de tudo, existem a paz de espírito e a falta de agressão pessoal que prevalecem no nosso planeta. Contudo, acho que você já ouviu o bastante. Acho, também, que o único problema que realmente a preocupa no momento é a decisão que fomos forçados a tomar por VOCÊ. Permita que eu lhe diga o quanto sinto que ela não tenha podido ser mais favorável a você, pessoalmente.

Pronto, era agora! A deixa que eu esperava. Ele próprio abria a guarda e se pusera à mercê de uma súplica de minha parte.

Era isso. Sua inocência era calculada. Uma súplica da minha parte agora soaria óbvio demais. Ele me pusera na defensiva, mas não era tão esperto que me tivesse derrotado. Não me davam crédito por minha inteligência, portanto eu teria que agir da maneira mais óbvia. Falei com simplicidade:

— Por favor, mande-me para casa.

Ele me olhou por um momento. Havia compaixão nos seu olhos.

Havia compaixão, e no entanto senti minhas esperanças se desvanecerem, pois havia um elemento que faltava em sua compaixão. Sim, era isso, a comiseração. Ele compreendia a minha situação difícil, pressentia a urgência do meu desejo de voltar, mas faltava-lhe a comiseração para compreender toda a extensão de minha desgraça. Sua inteligência era superior o bastante para permitir-lhe compreender a emoção de todas as criaturas; compreender, mas não sentir. Naquele momento, tive a certeza de que ele era incapaz de sentir qualquer coisa.

Por que aquele homem superior não conseguia entender a infelicidade? Seria porque jamais experimentara tal emoção? Um homem como o Yargo não saberia o que é sentir frustração, infelicidade, tristeza. Jamais conheceria a humilhação de sentir-se inferior.

Durante um segundo, ele não deu resposta. A princípio, tive medo de que não fosse responder. Dedicou atenção às bailarinas que estavam terminando sua apresentação. Então se pôs de pé e

indicou que tinha apreciado os seus esforços. Elas, por sua vez, caíram de cara no chão para demonstrar gratidão. Pareceu uma eternidade, mas finalmente elas se retiraram com muitas reverências, e mais uma vez ele se virou para mim: — Estava prevendo o seu pedido, minha amiguinha. É com o mais fundo pesar que tenho que negá-lo.

Virei o rosto. Não queria que visse as lágrimas que me inundaram os olhos, para não criar pânico, mais uma vez.

Ele deve ter pressentido o meu sofrimento, pois continuou a falar, embora eu me recusasse a erguer os olhos.

— Janet. . - este é o seu nome, Janet — repetiu a palavra. — Janet, à medida que amadurecemos, aprendemos que certos fatos têm que ser aceitos. Minha amiguinha, para você este é o começo da maturidade. Você não pode voltar para a Terra. Não pode ficar aqui. Uma vez que aceite esses fatos, terá dado um grande passo à frente.

— Como? — Mantive os olhos desviados, mas a minha voz estava cheia de lágrimas. — Aceitando a derrota?

— Às vezes a derrota é uma vitória moral.

— Não estou compreendendo.

Sanau não dissera uma palavra sobre começar uma discussão-no entanto, eu sabia que ela estaria espumando de raiva se sequer sonhasse que eu estava ousando discordar de qualquer afirmação daquele homem.

— Não é difícil compreender. — O encanto dele permaneceu inalterável. — Quando conseguimos dominar a mente para que aceite o que no momento denominamos derrota, já fizemos progresso. Somente quando conseguirmos que o raciocínio domine a emoção, poderemos começar a usar a mente até a sua máxima capacidade.

Meus argumentos dissolveram-se com minhas esperanças, e juntos partilharam uma triste morte. Totalmente derrotada, virei-me para ele:

— Pois bem. Então, diga-me como alcançar esse estado desejado.

Seu olhar denotava um respeito genuíno, e, apesar do meu desespero, pude sentir prazer na sua aprovação. Aquele momento de satisfação era injustificado, e eu o sabia. O aceno de aprovação dele era a assinatura formal de meu decreto de morte, e eu apenas aquiescia.

Estava presa na rede de sua personalidade magnética, e lutava com a ferocidade de um peixinho. Eu devia odiar aquele homem. Ele não era diferente dos outros, era apenas dotado de algum magnetismo malévolos, o mesmo poder de Svengali atribuído a ditadores como Hitler e Napoleão. Até os criminosos o possuíam num grau alarmante. Desviado para os canais apropriados, podia realizar milagres, mas, na posse de um egomaníaco, podia destruir — como eu ia ser destruída. Eu ia para Marte.

Ele estava falando de Marte. Forcei-me a permitir que suas palavras penetrassem a confusão de meus pensamentos.

— Suponho que tenha sido informada de que foi o governante de Marte que causou nossa intervenção a este engano infeliz.

Fiz que sim com a cabeça.

— Também lhe explicaram a sinceridade do desejo que nos moveu a ajudar o seu planeta? Foi somente isso que nos levou a agir.

— Há algo errado com o nosso planeta?

Naquele momento eu não estava ligando para mais nada.

— Não. É o seu sol que nos preocupa.

O nosso sol? Ouvira contar certo dia que ele cairia na Terra, ou coisa parecida. Aquilo despertou levemente o meu interesse.

— O que há de errado com o nosso sol?

— Ele é uma cefeida.

Uma cefeida. Não tinha a menor ideia do que aquilo poderia ser, mas, pelo tom de voz dele, parecia um tipo qualquer de moléstia social. Eu poderia fazer um aceno de compreensão e morrer de velhice em Marte imaginando o que seria uma cefeida, ou poderia perguntar o que era. Como até aquele momento eu não os havia fascinado com meu intelecto brilhante, fui em frente e perguntei.

— Uma cefeida, ou uma variável cefeida, é uma estrela pulsante cujas radiações, iluminação e consistência podem variar e flutuar

num fluxo atômico. Elas aumentam e diminuem de tamanho devido a pressões internas tremendas.

Se ele tivesse me respondido no seu idioma natal, eu não teria compreendido menos. Mas dei um tiro no escuro: — Todos os sóis não são iguais?

— Não, minha amiguinha. Um sol nem sempre é uma cefeida, mas uma cefeida é sempre um sol.

A despeito de meu estado de espírito deprimido, não pude deixar de rir. Sua Alteza fazia jogo de palavras - mas não havia vestígio de graça em seus olhos de água-marinha. Perguntei quantos sóis no universo eram cefeidas. Estava certa de que não podíamos ser o único planeta do mundo com tal desgraça. Embora ele não tivesse dito uma palavra ou esboçado um gesto que sugerisse que uma cefeida era algo indesejável, eu estava certa de que não era nada para se comemorar.

— Existem muitas cefeidas — respondeu ele —, mas nenhuma delas compartilha do perigo que seu sol enfrenta no momento. — Parecia coisa urgente. Por um milésimo de segundo esqueci minha própria desgraça iminente. — O líder de Marte chamou a nossa atenção para esse perigo faz sete anos.

— Foi aí que vocês começaram a enviar as suas naves? — perguntei. — Foi então que começou "o pânico dos discos"?

— Não, não foi essa a primeira vez que avistamos e observamos seu planeta. Mas foi a primeira vez que enviamos naves tão perto que se tornassem visíveis a olho nu. Há vários séculos que observamos o seu planeta. Mas foram as suas recentes explosões atômicas que começaram a nos preocupar realmente.

As peças começavam a se encaixar.

— Foi por este motivo que vocês queriam o Dr. Blount ou Albert Einstein?

Ele assentiu e a preocupação empanou um pouco o brilho dos seus olhos.

— Não devia sobrecarregá-la com esses problemas, mas como está infeliz, talvez fique mais compreensiva se conhecer as boas intenções e a urgência que nos forçaram a tomar medidas tão drásticas, que infelizmente terminaram.

Deteve-se abruptamente.

— Infelizmente terminaram com um grande erro —finalizei para ele.

O sorriso que deu foi doce e melancólico, como se, agora que eu finalmente compreendia a sua posição, ele pudesse condoer-se da minha.

— Como vê — reiterou —, em vez de querer magoá-la pessoalmente, o que queríamos era salvar o seu sistema solar inteiro.

— Mas qual é o perigo real que o nosso sol está enfrentando? E quanto às explosões atômicas?

Ele hesitou. Desta feita, fui eu a ler os seus pensamentos. Será que eu valia a explicação adicional que minha pergunta obviamente exigia?

Ele tomou uma decisão súbita e se pôs de pé repentinamente.

Todos os presentes se ergueram e caíram ao chão. Continuei sentada.

Ele se dirigiu às formas prostradas em sua língua natal. O Líder Corla e vários outros líderes puseram-se a caminho imediatamente.

Virou-se para mim. Eu o fitava num transe de semiparalisia.

— Iremos para o observatório. Tentarei ilustrar pessoalmente as minhas palavras.

Segui dois guardas para fora do salão de baile. Todas as pessoas se apressavam numa ou noutra direção. O Yargo desaparecera por uma parede.

Do lado de fora havia um carro esperando, e fiquei espantada ao ver Sanau dentro dele, juntamente com o Líder Corla. Até mesmo ela fora alertada quanto ao estranho rumo que tomara o jantar.

Era evidente que o Yargo tinha o seu próprio meio de transporte.

O observatório era maior do que aquele em que eu recebera a minha condenação. O Yargo e diversos outros líderes já estavam presentes quando chegamos. Estava atordoada demais por toda aquela movimentação para ao menos discutir a situação com Sanau, e ela também não dera nenhuma explicação. Fora uma viagem veloz, silenciosa, incomodamente tensa.

Aparentemente, tudo estava em ordem, à espera da nossa chegada. Sanau me indicou em silêncio um telescópio.

Aproximei-me dele, calada, e virei-me para Sanau, interrogativamente.

Ela espiou, ajustou alguma coisa, depois me entregou o aparelho.

— Olhe para a Lua, a lua de seu planeta.

A luminosidade muito branca da Lua quase cegava, e só a pude suportar por poucos segundos de cada vez. Observei-a durante algum tempo, afastando-me de vez em quando, mas compelida a voltar a cada vez. Tão perto, e no entanto em outro sistema solar.

Em canto algum da Terra possuíamos telescópios que sequer se comparassem àqueles potentíssimos aparelhos.

A Lua derramava sua luz prateada sobre a minha Terra. Sobre David, sobre minha mãe, sobre meus amigos. Sobre namorados em estradas desertas, sobre crianças que rezavam ajoelhadas ao pé da janela do quarto. Ela era branca e reluzente, e marcada por aquelas crateras profundas que eu vira em tantas ilustrações.

Parecia gelada, inóspita e torturada, e no entanto, naquele momento, senti que preferiria estar naquele satélite frio a permanecer em Yargo, porque era a minha lua.

O Líder Corla deu uma ordem, e Sanau sugeriu que eu fosse para outro telescópio e observasse Marte. Obedeci.

Meu novo lar. Não era tão brilhante quanto a Lua, e no entanto parecia igualmente desolado. Uma bola grande povoada por homens-lagartos que esperavam a nova cidadã. Minha vista ficou embaçada por algumas lágrimas de auto-piedade.

A seguir, observei uma lua de Yargo. Era excessivamente brilhante, mas depois de algum tempo meus olhos se adaptaram à claridade. Agora, anunciou o Yargo, meus olhos estavam prontos para observar o Sol.

Desta feita deram-me óculos escuros, e fizeram os ajustes apropriados em um novo telescópio. Mesmo com essas precauções adicionais, o brilho tremendo trouxe-me lágrimas aos olhos.

Fechei-os, tentei de novo, fechei-os, e tentei mais uma vez. Após algum tempo, pude suportar a luz por quase um minuto inteiro.

— Em alguns minutos ocorrerá uma explosão atômica na Terra — explicou o Yargo. — Quando a explosão ocorrer, eu lhe farei um sinal. Quero que observe o seu sol.

Concordei, obediente, e larguei o telescópio. Sanau fez sinal para que eu me sentasse num banco.

— Temos sete minutos — explicou ela. Depois, continuou: — Imagino que Sua Graça já lhe tenha dito que o seu sol é uma anã alaranjada.

O Yargo assentiu, e eu não fiz menção de corrigi-lo. Anã alaranjada? Ele não dissera tal coisa. Falara apenas que era uma cefeida. Este novo título soava ainda mais agourento. Todos aqueles títulos estranhos com que se referiam ao pobrezinho do nosso sol. Não pude deixar de pensar em todos os tolos que, naquele momento, estavam deitados nas praias, absorvendo os seus raios, sem se dar conta de que haviam herdado um sol muito do miserável.

— Só podemos esperar que ele não se transforme numa estrela nova — acrescentou Sanau.

Ela deduziu, pela minha expressão, que eu estava totalmente confusa. Portanto, enquanto ajustava telescópios e consultava cartas, tentou dar-me uma explicação. Foi como se compreendesse que o Yargo nem sequer começara a se dar conta da limitação da minha capacidade mental.

— As novas, o fenômeno mais eletrizante do universo, são as estrelas que subitamente rompem os seus limites. As estrelas que mais tendem a fazer isso são as cefeidas; e, entre estas, existe um tipo que tem toda a probabilidade de explodir: é a anã alaranjada.

Éramos nós! Foi então que um pensamento novo e terrível me ocorreu. O nosso sol! Talvez essa fosse a pequena explosão que estávamos ali esperando. Imediatamente verbalizei os meus temores.

Não, ele não ia explodir. Não por enquanto. Estávamos esperando por uma explosão de pequeno porte. O teste da mais nova bomba de hidrogênio.

— Como é que vocês sabem que essa bomba está sendo testada na Terra? — indaguei.

— Nossas espaçonaves nos notificaram.

Mas que ótimo! Quanta privacidade nós tínhamos! Pensei nas medidas extremas que tomávamos para proteger nossos segredos dos agentes estrangeiros e do nosso próprio povo, enquanto ali em cima aquela gente ficava calmamente sentada, vigiando cada movimento nosso, sabendo até o segundo exato em que uma bomba ia explodir na Terra.

Virei-me para o Yargo: — Mas, e o nosso sol vai acabar explodindo?

Pensava em minha mãe e em David.

— Não podemos saber quando uma estrela vai explodir. — Falava com voz condoída, como se desejasse poder evitar essa eventualidade. — Contudo, podemos reconhecer certos sinais de perigo muito antes de uma cefeida tornar-se uma pré-nova.

— Nós somos uma pré-nova?

— Não. Mas há um distúrbio no seu sol, sem sombra de dúvida, e se esse distúrbio agravar-se continuamente, quem poderá prever o resultado?

Sanau tocou meu ombro e fez sinal para que me postasse diante do telescópio. Imaginei que a hora H estivesse chegando.

— São esses distúrbios que o Yargo deseja que você testemunhe — explicou ela. Depois, dirigiu-se ao Líder Corla na sua própria língua. Ele, por sua vez, olhou para o seu relógio de pulso, deu algumas ordens e ajustou o próprio telescópio.

Olhei pelo aparelho à minha frente. O nosso sol parecia estar em excelentes condições.

— Feche os olhos — sugeriu o Yargo. — Não há necessidade de forçá-los. Vamos contar os segundos que faltam. Abra os olhos quando chegarmos ao um.

Fiquei diante do meu telescópio de olhos fechados. Os outros tomaram seus postos. O Yargo cruzou os braços com um ar de resignação entediada. Já assistira demais àquele espetáculo.

Durante um momento, percebeu-se apenas o silêncio da espera. Depois, Sanau começou a contar:

— Dez., nove oito..

Fiquei imóvel, com as pálpebras grudadas, prontas a se abrirem ao som do número 1.

— Quatro... três... dois Um!

Abri os olhos! Acho que esperava ouvir a explosão, ver o grande cogumelo da destruição se formando, mas deparei apenas com a claridade ofuscante e silenciosa do Sol. E foi então que eu a vi! Uma coisinha pequena, uma manchinha escura, como a falha num diamante faiscante. De repente, essa manchinha cuspiu uma pequena montanha chamejante, como se o próprio Sol houvesse arremessado um pedaço de si mesmo no espaço. Ela voltou ao lugar com a mesma velocidade com que fora cuspidada, e depois não houve mais nada, a não ser a claridade ofuscante e a pequena mancha escura, Agora os meus olhos enxergavam apenas o tumor negro. Era como um redemoinho sem fundo, mau e agourento.

Sanau veio desligar meu telescópio.

— Viu? — perguntou em voz baixa.

— Vi uma coisa. O que foi?

Virei-me para o Yargo.

— Vocês as chamam de manchas solares — ele respondeu.

— Quer dizer que os nossos cientistas podem vê-las?

— Não exatamente, pois vocês não possuem nenhum telescópio que possa sequer chegar aos pés de um dos nossos. É impossível ter-se uma visão direta do Sol lá da sua Terra, pois os raios ultravioleta cegariam o observador. Nós desenvolvemos uma lente filtradora.

Fez uma pausa, sentindo que uma explicação sobre esse novo assunto não passaria de perda de tempo. Continuou: — Uma mancha solar, como vocês a chamam, indica um tumulto interno comparável a um vulcão dentro de um vulcão, e cada explosão atômica que ocorre na Terra causa manchas maiores e mais violentas.

— Mas eu já ouvi falar em manchas solares — insisti.

— Tenho certeza de que nossos cientistas sabem da sua existência.

Ele assentiu.

— Sim, eles têm ciência da sua existência, mas não da extensão do perigo que representam. Nem todos concordam em que as manchas solares podem fazer com que uma cefeida se torne uma pré-nova, o que é justificável, já que não possuem a aparelhagem adequada para ter uma visão exata. Contudo, o Dr. Blount e mais alguns estudiosos de astrofísica apresentaram uma teoria sobre essa possibilidade, mas o governo que controla seu poderio militar não pode abandonar o que considera medidas defensivas vitais, apenas com base na teoria de alguns cientistas. A não ser que houvesse provas, nenhuma nação abandonaria o fabrico e os testes das bombas, e como o seu planeta está dividido em tantas nações e governos, cada nação ainda competindo com outra pelo controle do poder, isso poderia tornar-se facilmente uma controvérsia política para conduzir um partido ao poder. Nada se poderia fazer a não ser que houvesse um acordo universal. É um obstáculo intransponível.

Ele meneou a cabeça, com tristeza. Infelizmente, dizia a verdade.

Não podíamos parar de testar as bombas a não ser que tivéssemos certeza de que os outros países estavam fazendo o mesmo. Não, ao que me constava, o Sol estava perdido.

— E o que acontece realmente quando o Sol explode? — perguntei, com curiosidade quase mórbida. — Ouve-se um estrondo repentino, ou há algum aviso?

— Não é um espetáculo tão dramático como o que você está imaginando — explicou ele —, e no entanto é um fenômeno fabuloso de se observar, quando se habita um outro sistema solar.

— Deve parecer um gigantesco rojão. Um rojão com gente dentro.

— Quando uma cefeida explode — explicou ele devagar e com grande paciência —, torna-se uma gigantesca bola de fogo. Em pouco tempo ela se transforma de uma estrelinha sem importância num dos fenômenos dos céus. Muito antes de ocorrer a explosão final, a vida no seu planeta se extinguiria. Os oceanos se evaporariam e virariam desertos cheios de cicatrizes. A terra se racharia e ressecaria, todos os seres vivos pereceriam. Depois, a temperatura subiria e as chamas envolveriam todo o seu planeta, carbonizando-o inteiramente, Esse calor intenso se estenderia até a

órbita de vários planetas vizinhos, especialmente Marte, e embora Marte possa escapar da destruição total, toda e qualquer vida nele existente pereceria.

Prendi a respiração. Não admira que Marte estivesse tão preocupado!

— O planeta Marte tem conhecimento de tal ameaça — continuou ele, como se seguisse a minha linha de pensamento —, mas, como não possui naves espaciais, não tinha meios de comunicar ao seu planeta esse perigo. Não teve outra alternativa senão entrar em contato conosco. Nós estávamos apenas agindo como um intermediário amistoso, no caso. A sua nova não afetaria de modo algum o nosso sistema solar.

— Mas, o que acontece com o Sol depois da explosão? indaguei.
— Ele continua ativo, queimando tudo com que entra em contato?

— Claro que não. Após algum tempo, como acontece com todos os incêndios, este acabaria por se apagar, mas não antes de ter destruído o seu sistema solar inteiro. Até mesmo os planetas remotos, como Urano e Saturno, seriam afetados, pois todos os planetas e satélites precisam do Sol, para girar à volta dele. Sem este pivô, tornar-se-iam planetas sem rumo. Alguns se dividiriam, tornando-se asteróides, outros poderiam até ingressar nos limites remotos de outros sistemas solares, mas o sistema solar que vocês conhecem atualmente deixaria de existir.

— E o que acontece ao Sol em si? Vira cinza?

— Torna-se o que se chama de anã branca. Encolhe até a metade do seu tamanho normal, e torna-se fantasticamente pesado, com uma densidade que faria com que uma polegada quadrada de matéria pesasse mais de uma tonelada. Emitiria pouquíssima luz.

— Acha que há alguma chance de os nossos cientistas saberem de tudo isso antes que seja tarde demais?

— Eles já conhecem a maioria das coisas de que acabo de falar. Só não têm ciência do perigo das explosões atômicas, e da realidade do que chamam de "manchas solares". Profetizam que esses acontecimentos ocorrerão daqui a bilhões de anos. Mas não é necessário que venham a ocorrer. Se for tratado com cuidado, é possível que seu sol, embora seja uma cefeida, nunca se torne uma

nova. Inversamente, com provocações renovadas e intensas, isso pode até ocorrer durante o seu período de vida.

Durante um momento, fiquei sem fala. Era uma situação impossível.

Ali estava eu, de posse de todos aqueles fatos importantes, e contudo nada podia fazer para ajudar o destino do meu planeta.

Naquele momento, todos os pensamentos egoístas deixaram de existir. Não me importava o que me aconteceria, se a vida que eu conhecia na Terra corria o perigo de total destruição. A Terra precisava ser avisada; o povo precisava saber.

Agi imediatamente; agarrei Sanau.

— Tenho que avisar o meu povo.. — Virei-me do rosto impassível dela para o Yargo. — Por favor, deixem-me voltar, deixem-me contar a eles.

Senti as mãos de Sanau me segurando, prontas a se transformarem em braçadeiras de aço caso eu ousasse dar um passo na direção do Yargo.

Fiquei imóvel, mas meus olhos buscavam desesperados nos dele um sinal de concordância, um brilho de compreensão. Vi duas pedras preciosas duras, reluzentes, extraordinárias, tão perfeitas que refletiam apenas a luz da beleza, e não o brilho da compaixão humana.

Virei o rosto, Nem precisei ouvir a resposta dele. Foi exatamente como eu esperava, dada em tom bondoso e compreensivo, mas de contexto desesperador: — Minha menina, se tivéssemos tido a felicidade de trazer o Dr. Blount, nossas descobertas poderiam ter sido apresentadas ao seu povo de modo científico, como se tivessem sido feitas por ele próprio. Ele poderia ter convencido sua gente através do seu poder e do respeito que lhe dedicam. Deste modo, nós ficaríamos completamente anônimos. Essa era a nossa intenção original. O Dr. Blount teria sido sensato o bastante para concordar, Ele também teria compreendido que seu povo não está preparado para aceitar a teoria de outros mundos e outras raças sem o temor da invasão ou sem a cobiça de tornarem-se eles mesmos os invasores. Ah, não. Ainda levará vários milhares de anos até que seu

povo esteja preparado para saber tal coisa. Talvez então, se não se tiverem destruído, e ao seu planeta, se transformem numa só nação.

— Compreendo sua lógica e seu raciocínio — supliquei —, mas conheço os habitantes do meu mundo. Sei como pensam e sentem em todas as nações, porque, no fundo, todos rimos, choramos e esperamos pelas mesmas coisas. Somos parecidos, muito mais parecidos do que você e eu jamais poderemos ser. E por isso que posso falar pelo meu povo. Posso dizer com certeza que, se soubessem que seu planeta poderia ser destruído, talvez este conhecimento realizasse uma unificação que de outra forma poderia levar milhares de anos para ocorrer.

— E quem vai contar-lhes e liderá-los? Você?

Não pude responder. Quem iria contar-lhes e liderá-los? Eu? Janet Cooper? Janet Cooper, ex-secretária? A noiva de David? Ele estava certo. Era uma ideia impossível.

Como se tivesse percebido subitamente quanto tempo valioso desperdiçara com um ser tão insignificante, foi quase abrupto ao despedir-se.

Seu conselho final foi dado em sentenças curtas e sóbrias: — Espero que agora compreenda os temores que afligem o bom povo de Marte, e que este elo comum a ajude a encontrar paz e contentamento nesse novo mundo. Boa noite e adeus. Faça uma boa viagem.

Curvou-se e partiu antes que eu pudesse fazer um aceno atordoado com a cabeça. Os três líderes seguiram-no após um intervalo respeitoso, e Sanau me acompanhou até o carro que nos esperava.

A grande noite chegara e se fora.

15

O céu estava cinzento e desanimador na manhã em que vieram me buscar. Até mesmo a montanha brilhante parecia envolta numa névoa sombria. Eu imaginara que as “perfeitas condições de vôo” deveriam prevalecer para o meu dia D, e no entanto o tempo estava tão melancólico quanto o meu estado de animo.

Foi um grupinho sombrio o que se dirigiu para o aeroporto. Sanau, o Líder Corla, o Líder Kleeba, dois aviadores e eu. Ficamos calados enquanto o carro voava pela paisagem agora familiar pela última vez. Era como se tivéssemos feito um pacto de concordância muda quanto à enormidade da jornada que nos esperava. Sanau olhava firme para a frente, e cada centímetro do seu corpo tenso parecia gritar: “Olhe aqui, também não gosto da ideia deste passeio; também eu sou forçada a fazê-lo”.

Mas ela, pelo menos, ia voltar.

Até o aeroporto estava frio e cinzento. Não havia sol para bailar na superfície do grande cogumelo de prata que já estava girando seus enormes aros circulares, aquecendo-se para o vôo, quase demonstrando impaciência para partir. Tudo era cinzento. O céu, a nave, até os trajes espaciais escuros que usávamos, tudo combinava com a atmosfera deprimente.

Não havia banda de música para a minha despedida, nem mesmo um único espectador curioso. O aeroporto estava vazio, exceto por alguns mecânicos que examinavam a nave metodicamente. A subida trêmula das escadas, o único momento desesperado em que me virei para um último olhar a Yargo, o planeta inamistoso e superior que me escorraçava, e depois à própria nave espacial.

Fui amarrada no pequeno catre, na posição adequada, aceitei a injeção de decolagem sem perguntas, e partimos.

Não sei quanto tempo dormi sob o efeito do sedativo.

Sanau estava lendo quando acordei. O Líder Corla e o Líder Kleebea estudavam alguns documentos. Era uma cena aconchegante e serena. Tinha a impressão de estar no vagão de um trem que se dirigia a um destino bem conhecido.

Sanau fez um levíssimo aceno de cabeça em minha direção quando abri os olhos, Não era um aceno amistoso, ou reconfortante

—
Simplesmente significava que ela percebera que eu estava viva, e me dava ciência disso.

Fiquei deitada no meu beliche por muito tempo. Tentei ordenar os pensamentos, mas eles se recusavam a assumir qualquer forma coerente. Até a hora da decolagem, eu alimentara a esperança secreta de que algo acontecesse no momento final para impedir aquela catástrofe. No entanto, ali estava eu a caminho de Marte!

Fiquei ali num estado de suspensão, consciente daquela anestesia criada por mim mesma. Não queria pensar~ pois no fundo de todo o meu sofrimento havia a dor maior de saber que com um único piscar daqueles olhos magníficos aquela tragédia toda poderia ter sido evitada, e que ele não tivera nem o desejo nem a compaixão necessários para fazê-lo.

O desespero em si é uma emoção torturante, mas o desespero infligido por alguém a quem se venera é insuportável. Não importa o quanto eu procurasse fugir a este pensamento, sabia sem sombra de dúvida que eu, como cada um dos yargonianos, estava agora completamente dominada, no meu coração e na minha mente, por aquele governante inacreditável. Estava completamente envolvida por seu poder fascinante, e o meu medo do banimento para Marte era superado pela dor de deixar aquele homem. Nunca mais vê-lo; como é mesmo que Sanau se expressara? Nunca mais ter o direito de ver a sua imagem, de admirar a sua liderança; a vida não valeria a pena ser vivida.

É natural, suponho, que meus pensamentos se dirigissem a seguir para David. Que coisa ínfima era aquela emoção que eu considerava ser o meu amor por ele! David, que se acovardava a uma ordem do Sr. Finley. David, que me chamava de benzinho e parecia todo certinho e limpo e farisaico no seu terno riscadinho.

Mas David não faria isso comigo, ele me protegeria. A esse pensamento, senti novas ondas de desespero e raiva justificada contra o meu novo ídolo.

Saltei do beliche e me refugiei junto a uma das vigias. Fiquei ali fitando o espaço sem fim, como se quisesse escapar dos pensamentos que me perseguiram. O espaço, nada além do espaço ilimitado bem acima da atmosfera cinzenta. Vi uma nave negra e comprida passar por nós. Parecia um charutão preto, com as vigias soltando um fogo feio. Havia lido algumas referências a essas naves, também, além das informações sobre os discos. Provavelmente, eram naves de reconhecimento que marcavam a nossa velocidade e que voltariam para Yargo com os relatórios sobre o nosso progresso.

Sem me afastar da vigia, perguntei a Sanau qual era a missão real das naves em forma de charuto.

— Que nave em forma de charuto? — indagou ela.

— As naves compridas, em forma de charuto, que soltam fogo.

Vários pilotos nossos também as viram. São menores que esta nave aqui. Mas, pelo que li nos jornais do meu mundo, têm uma velocidade incrível.

Sanau obviamente traduziu a minha fala para os líderes, pois os dois levantaram os olhos; a seguir, ela sorriu para mim com ar de pouco-caso. — É, nós também ouvimos essas notícias da Terra. Na última transmissão que captamos, ouvimos a notícia de que três desses objetos tinham sido avistados. Mas não existem naves em forma de charuto. Qualquer piloto da Terra que declare que viu uma nave assim está simplesmente buscando publicidade e atenção.

Não respondi, pois era óbvio que, por algum motivo, Sanau queria manter segredo sobre o assunto. Talvez fosse alguma arma secreta em que estivessem trabalhando. Talvez Marte nada soubesse sobre esse tipo de nave, e ela não via motivo para que eu chegasse lá armada de uma informação extra.

Esqueci das outras naves até depois do jantar. Fora uma bela refeição, embora eu não tivesse muito apetite, durante a qual Sanau ficara constantemente consultando mapas. Pelos cálculos, devíamos avistar Marte dentro de umas doze horas. Ninguém jamais fizera aquela viagem antes, e todos estavam eufóricos com o modo como

corria. Nem uma única chuva de meteoros! Todos pareciam estar apreciando a viagem, exceto eu.

Eu me havia levantado da mesa para dar o lugar a um dos copilotos, quando o assunto dos charutões voltou a me intrigar.

Várias vezes, durante o jantar, percebera as suas luzes passando pela vigia. Como eu era a única que estava em posição de enxergar a vigia, suponho que os outros não estivessem cientes do que eu observava. Mas esta última vez elas passaram perto demais.

Com ar de extrema indiferença, perguntei: — A nossa nave tem luzes traseiras, ou qualquer coisa assim?

Sanau meneou a cabeça. Estava preocupada demais com os mapas para me dar uma resposta oral.

Continuei: — Bem, então é melhor pendurarmos uma lanterna, ou qualquer coisa assim, porque aquela nave em forma de charuto; que não existe, quase bateu na gente.

Eu estava totalmente despreparada para o olhar que ela me lançou.

Em seus olhos havia descrença misturada a uma ansiedade real, e aquele olhar me fez sentir uma pontada genuína de medo. Sanau não estivera fingindo, dissera a verdade.

Ela falou rapidamente com os líderes Corla e Kleeba, e os dois pareceram ter levado um chute no estômago. Depois virou-se para mim, fez um esforço extremo para recobrar a compostura e me pediu que fosse extremamente explícita. Exatamente o que eu vira?

Descrevi fielmente o que tinha visto, e falei também da observação anterior. Ela transmitiu minhas palavras aos líderes. O piloto pôs-se de pé, com a boca cheia de comida, e disparou para a sala de controles. O outro piloto apareceu em um segundo cravado.

Pela sua expressão preocupada, vi logo que soubera da minha história. Sanau repetiu-a. Ele meneou a cabeça, com a ansiedade nublando-lhe os olhos verde-esmeralda. Seu corpo inteiro parecia flácido quando retornou à sala de controles.

A essa altura, eu estava completamente apavorada. O Líder Corla discutia com o Líder Kleeba, e Sanau espiava pela vigia, com os

olhos preocupados perscrutando desesperadamente o espaço negro

—

Ela se afastou da vigia, e sua voz ressoou como um gongo acima da discussão dos dois líderes. Deu uma ordem firme aos dois, depois virou-se para mim, como se eu estivesse apoiando a dissensão deles, e reafirmou:

— Não podemos voltar. Temos que prosseguir.

Agora todos estavam nervosos.

— Se a nave não é de vocês, de quem é, então? —perguntei com firmeza.

Sanau balançou a cabeça.

— Há milhares de anos cruzamos o espaço e jamais avistamos outras naves. Ao que nos constava, nenhum planeta, em nenhum sistema solar até agora, conseguira viajar pelo espaço. Não afirmo que não existam as viagens espaciais em algum sistema solar a milhares de anos-luz de distância. Mas essas viagens teriam que estar confinadas aos sistemas solares que ficassem dentro da sua órbita. Nenhum membro da tripulação deles viveria o bastante para realizar uma viagem como essa.

Ela fez uma pausa, como que para organizar os pensamentos.

Quando voltou a falar, o fez com uma precisão derivada de pensar em voz alta, não foi propriamente uma conversa: — Se existem espaçonaves como a que você avistou, podem provir apenas do nosso sistema solar, do seu sistema solar, ou de um sistema solar a seis anos-luz de distancia. Nossos navegadores exploraram completamente este sistema. Lenea, o planeta mais adiantado deles, está, em civilização, atrasado uns três mil anos em relação à sua Terra, e, quanto ao nosso próprio sistema solar, apenas dois planetas progrediram o bastante para receber as nossas comunicações; assim, nenhum planeta está em condições de se lançar ao espaço!

— Então, de onde vêm eles?

Mais uma vez ela meneou a cabeça.

— Não consigo imaginar. Marte, Netuno, Júpiter e Plutão, todos têm um tipo de vida. Marte é o mais avançado..

— E quanto a Vênus?

— É duvidoso, mas não é impossível. — Fez nova pausa. Depois, como se tomasse uma decisão final: — Não, não pode ser Vênus. É o único planeta do seu sistema solar que mal conhecemos. É completamente coberto por densas camadas de nuvens. Nas poucas vezes em que nossos pilotos tentaram atravessá-las, a densidade das nuvens e a atmosfera pesada tornaram impossível qualquer exploração sistemática. Não há outro meio de se examinar Vênus a não ser ficando sujeito à sua atração da gravidade, chegando perto o bastante para aterrissar. Isso é sempre perigoso, e como as chances de haver vida em Vênus, e menos ainda vida inteligente, são extremamente remotas devido à pressão atmosférica, não nos arriscamos a maiores explorações.

— Mas vocês não podem deixar de considerar Vênus insisti.

— Acho que podemos. Um planeta tão imerso em neblina e camadas de nuvens acharia o estudo de outros sistemas estelares um obstáculo intransponível. Portanto, se houver vida em Vênus, é seguro afirmar que eles acreditam ser a única vida e o único planeta existente. Se possuem uma lua, não a podemos ver, e estou certa de que muito pouco sol consegue chegar até lá. Num planeta tão sombrio, a vida não progrediria e, se progredisse, jamais progrediria ao estágio de viagens espaciais.

Acredito que a sua luta pela sobrevivência retardaria qualquer crescimento em termos de civilização. Ah, não, no máximo seria uma raça esforçada e retardada.

Aquilo durou mais de uma hora. Sanau forçando a cabeça para percorrer todas as avenidas das soluções, retornando sempre ao mesmo beco sem saída. Ela prosseguia, incansável, usando minhas perguntas para estimular seus pensamentos a explorarem cada possível saída. Mas era sempre a mesma coisa. Eles não podiam existir. Mas existiam. De quando em vez, os líderes davam alguns palpites e eu perdia a conversa toda, pois Sanau voltava ao seu idioma natal.

Todos estavam totalmente alarmados — Ficamos esperando por uma reaparição da nave misteriosa, mas era quase como se nossos pensamentos se houvessem telegrafado aos estranhos ominosos.

Nada se via, a não ser o espaço e as estrelas a milhões de quilômetros de distância.

Ninguém dormiu. Pareceu uma eternidade até que avistássemos o mundo frio e hostil de Marte. À primeira vista, parecia a Lua —

Percebi contornos indistintos de montanhas e alguns pedaços verdes e marrons. Era estranho e maravilhoso ver esta bola solitária no céu e saber que logo ela se transformaria num mundo.

Estávamos nos preparando para entrar na atmosfera de Marte quando a coisa estourou. Tudo começou com um dos pilotos invadindo o nosso compartimento. Ele a vira! Eu não compreendia as suas palavras, mas me bastou olhar para onde ele apontava freneticamente para entender.

Entendi e vi! Achava-se à nossa esquerda, a uns quinze metros de distância, e estava definitivamente interessada em nós. Cercava-nos como um tubarão assassino, brincando conosco como se fôssemos uma grande baleia indefesa. Não parecia de forma alguma amistosa.

O piloto soltava pergunta em cima de pergunta. Sanau permanecia firme e balançava a cabeça. O Líder Corla discordava da sua decisão. Ela a reafirmou mais uma vez, e depois explicou-me a posição que estava tomando. Achava que não havia necessidade de atirar na nave. Até agora, ela não demonstrara nenhuma animosidade contra nós. Qualquer tipo de vida suficientemente inteligente para criar uma espaçonave daquelas teria que ter inteligência suficiente para evitar a agressão.

Torci para que estivesse certa. Queria concordar com ela, mas parecia tão estranho que nós, da Terra, houvéssemos avistado aquelas naves, enquanto o povo de Yargo, que cruzava o espaço constantemente, jamais as houvesse visto! Disse isso a ela e esperei uma explicação.

— Eles devem ter desejado não serem vistos por nós — foi a única resposta.

O Líder Corla deu outra opinião. Mais uma vez Sanau discordou, mas sem tanta autoridade. Olhei para ela, indagadoramente.

Nesses momentos de perigo comum, Sanau deixara de me considerar um ser inferior. Estávamos juntas contra uma ameaça

comum e desconhecida, e naquele momento ela me tratava como a uma igual. E por que não? Ela podia morrer tão facilmente quanto eu.

Sanau explicou que o Líder Corla achava que a nave era definitivamente hostil. Virei-me para o taciturno líder. Perdera um pouco da cor bronzeada. Até mesmo sua calva parecia pálida.

— Por que ele pensa assim? — perguntei, lutando contra a histeria.

— Ele afirma — explicou Sanau — que o motivo pelo qual jamais avistamos uma nave dessas é que, até esta viagem, jamais viajamos sozinhos. Em todas as anteriores, sempre houve uma nave-mãe, e a flotilha nunca teve menos de doze componentes. Esta é a primeira vez que uma nave empreende sozinha uma viagem dessas. No dia em que localizamos você, havia uma nave-mãe em posição pouco além da atmosfera da Terra, e onze naves-irmãs estavam a postos para interferir ao primeiro sinal de perigo. Agora que estamos sós, essa nave estranha ousa permitir que a vejamos.

Embora me doesse admiti-lo, concordava com o raciocínio do Líder Corla. Por que a nave estava se mostrando tão de perto? Até mesmo os marcianos deveriam poder vê-la. Disse isso a Sanau, e pareceu que por fim eu dera uma sugestão adequada. Ela entrou em ação imediatamente.

— Mas claro! Por que não pensei nisso? Precisamos entrar em contato com Marte pelo rádio, para perguntar o que sabem.

Ela correu para a sala de controles. Era óbvio que os líderes não depositavam muitas esperanças em tal solução.

Sentaram-se envoltos em desespero. Fiquei com eles, alternando entre a esperança e o desespero. Quando Sanau voltou, sua expressão em nada melhorou meu ânimo. Ela falou com os líderes, que imediatamente se puseram de pé e se dirigiram para a sala dos pilotos. Depois, Sanau virou-se para mim: — É uma espécie de ataque inimigo. Marte está quase em estado de pânico. Estiveram à espera da nossa chegada desde o alvorecer.

Há três horas notaram a primeira dessas naves. Naturalmente, pensaram que fossem naves batedoras nossas e lançaram foguetes de sinalização. De imediato, a nave lançou uma espécie qualquer de

raio mortal. Seis marcianos foram mortos instantaneamente e abriu-se no chão uma cratera do tamanho de uma pequena montanha. Todos os habitantes do planeta estão em abrigos, mas sete grupos de voluntários ficaram à espera do nosso contato.

Tiveram medo de mandar-nos algum sinal, receando que fosse interceptado, mas advertem-nos que não desembarquemos.

Mas, então, o que faríamos? O tubarão assassino não estava mais sozinho, seis outras feras o acompanhavam. Estavam cercando nossa nave, mas até então ainda não haviam atacado.

— Provavelmente, sabem que poderíamos destruir várias das suas naves antes que pudessem acabar conosco — comentou Sanau, severamente.

Ninguém respondeu. Podíamos aguentar vários dias antes que se esgotasse o nosso combustível, mas era óbvio que eles podiam se dar ao luxo de esperar, indo reabastecer-se por turnos em alguma nave-mãe.

Ficamos firmes, permanecendo imóveis no espaço, enquanto consumíamos o nosso combustível precioso. Eles também esperavam.

Era preciso tomar alguma decisão. Todos tinham sugestões. E as sugestões de todos foram ouvidas e dissecadas. , inclusive as minhas. Contudo, ninguém conseguiu encontrar uma solução.

Pedir ajuda a Yargo pelo rádio era impossível. Agora era impossível até mesmo a comunicação com Marte. O cordão de naves inimigas que cercava a nossa nave bloqueava qualquer chance de que as mensagens de rádio pudessem passar. Todos caminhávamos pela cabine, tornando-nos mais tensos à medida que as horas se passavam, e nada de ataque!

As vigias luminosas da matilha feroz que nos cercava pareciam uma cadeia de fogueiras. Nossa única chance, insistia o Líder Corla, era uma arrancada de surpresa.

A principal decisão a tomar era qual seria o nosso destino.

Tínhamos duas alternativas: retornar a Yargo ou tentar aterrissar em Marte. Se conseguíssemos escapar à rede de naves, sem dúvida elas nos perseguiriam. E, como ponderou Sanau, indubitavelmente

dividir-se-iam em dois grupos: um deles seguindo na direção de Yargo, o outro na de Marte.

Era a opinião dela que deveríamos escolher um destino inteiramente novo, dirigirmo-nos para lá, e depois pedir auxílio pelo rádio a Yargo. Todos concordaram com a ideia; o problema era escolher o novo destino. Onde poderíamos pousar? O Líder Kleeba sugeriu uma lua em Yargo, mas como ficava na direção de Yargo, a ideia foi imediatamente vetada. E depois, de modo bem natural, fui eu que dei a sugestão:

— Vamos pousar na Terra.

Foi uma ideia ousada, e para minha alegria não foi considerada completamente inviável. Sanau transmitiu-a aos líderes imediatamente. A seguir, trocaram-se opiniões pró e contra. Não estávamos em posição de tentar um pouso secreto na Terra, já que nossa fuga tinha que ser rápida e imediata. E se a Terra disparasse contra nós?

Reagi de pronto contra esta possibilidade. Os jornais afirmavam vezes sem conta que os aviadores haviam recebido ordens de acompanhar todas as naves não identificadas, mas jamais, em hipótese alguma, atirar contra elas. Continuei com um comprido discurso sobre a conveniência de se pousar na Terra. Pelo modo como eu falava, parecia que a Terra não estava fazendo outra coisa senão esperar sentada que nós aparecêssemos. Mas expliquei francamente que havia gente, gente importante, que não desacreditava da existência das naves espaciais, e que, tão logo entrássemos na atmosfera da Terra, pôr-nos-íamos em contato com elas pelo rádio, e eu lhes falaria pessoalmente.

Sanau estava certa de que a Terra pensaria que era um ataque-surpresa. O Líder Corla achava que podiam pensar que era meramente uma invasão por parte de uma de suas próprias nações hostis, e, acrescida a todas essas ponderações, havia a maneira aleatória como teríamos que pousar. Não havia tempo de preparar extensos mapas de navegação; simplesmente, teríamos que descobrir um espaço aberto e pousar. Não havia nem como assegurar que desceríamos num país de língua inglesa, quanto mais nos Estados Unidos. Mas, para mim, até mesmo a África era um

destino convidativo. Desde o pólo norte até a Austrália, qualquer lugar servia, desde que fosse a Terra.

Como mais ninguém pôde apresentar melhor sugestão, finalmente concordaram em ir para a Terra. Quase enlouqueci, de tão alegre que fiquei. Tentei controlar minha euforia, pois ainda via expressões de dúvida nos olhos de Sanau e dos líderes Corla e Kleeba. Mas que outra alternativa eles tinham, senão levar-me para a Terra como uma heroína e aceitar de mau grado a hospitalidade do meu mundo? Estava tão eufórica que sentia vontade de jogar beijos para aquelas naves-tubarões, feias e pretas, que nos tinham forçado a tomar uma atitude radical.

Os pilotos foram chamados e postos a par do plano. Mapas foram consultados às pressas. De acordo com os cálculos deles, chegaríamos à Terra em cinco horas, se não houvesse imprevistos.

E, no entanto, todos estávamos bem conscientes de que todo o sucesso do nosso plano dependia tao-somente de uma fuga de surpresa. Agiríamos dentro de dez minutos, exatamente.

Os pilotos voltaram à sala de controles. Aqueles minutos finais de espera foram tensos e silenciosos. Eu rezava esporadicamente.

Tanta coisa dependia do sucesso da viagem, que eu nem conseguia verbalizar as minhas preces, simplesmente ficava ali, meditando calada, reconfortada pela certeza de que as forças celestes sabiam bem quais os meus desejos, e que naquela hora não eram necessárias palavras para a oração. Sanau também estava calada.

Provavelmente, pensava no poderoso Yargo e nas possibilidades de não o ver nunca mais. Ou, mesmo que tudo corresse bem, na possibilidade do desgosto do Yargo pelo plano de ação que fôramos forçados a seguir. Afinal, tal viagem à Terra era contra os desejos do planeta inteiro. Ele fora firme na sua decisão de me impedir de voltar, portanto, como se sentiria à ideia de Sanau e os líderes aparecerem também para uma visitinha? Do mesmo modo, eu precisava enfrentar a certeza de jamais voltar a vê-lo, a não ser, talvez, que ele cedesse e viesse à Terra fazer-nos também uma visita e agradecer-nos pela hospitalidade. Quem sabe?

— Agora!

A voz de Sanau sibilou pela cabine.

Senti a nossa nave impulsionar-se para a frente. Fizemos o que fora planejado. Para cima. , para cima. , para cima Era a nossa única esperança. Mais e mais alto, atmosfera adentro. Meus ouvidos zuniam; parecia que minhas costelas estavam esmagando meu coração dentro do peito. No pânico mútuo que todos compartilhavam, tinham se esquecido de me dar a injeção para a pressão. Tudo ia ficando escuro, senti que estava ficando cega, minha respiração saía aos arrancos. . — e depois a nave parou de subir.

Estávamos salvos! As luzes da cadeia de naves inimigas não se haviam mexido. Estavam bem lá embaixo, satisfeitas porque o peixe grande ainda estava preso na rede. Afastamo-nos à velocidade máxima, até que aquelas luzes ameaçadoras se transformaram em simples pontinhos de luz.

De repente, elas notaram a nossa ausência. Mesmo àquela distância, podíamos vê-las correr de um lado para o outro, como um bando de animais raivosos incapazes de acreditar que haviam perdido a sua presa.

Dividiram-se em dois grupos, um deles seguindo na direção de Marte, e outro na de Yargo. Sanau estava certa! Estávamos salvos! Salvos! E a caminho da Terra!

16

Algumas horas depois, enxergamos a Terra. Ah, meu Deus! A minha linda Terra, com ar tão solitário! Parecia igualzinha a Marte, ou a qualquer outra bola cinza e verde que rolava pelo espaço. Pobre Terra, tão cheia de si e tão inconsciente da sua verdadeira insignificância nos programas dos céus. Ela me fazia pensar numa criancinha mimada, girando orgulhosa em volta do seu eixo invisível; uma criança que acha que o mundo inteiro e o povo do mundo tinham sido criados só para ela.

— Acho melhor esperarmos pelo alvorecer na Terra para tentarmos um pouso — sugeriu Sanau.

Eu não queria esperar um só segundo. Não aguentava esperar. Estava tão perto. Insisti num pouso imediato.

— Não, minha amiga — replicou ela —, as coisas e as pessoas estranhas parecem menos assustadoras à luz clara do dia.

Devemos ficar pairando e deixar que seu povo veja a nossa nave.

Depois, esperar que um dos seus aviões venha entrar em contato conosco. A seguir, tentaremos uma aterrissagem pacífica sob a orientação deles, pois, acima de tudo, não devemos surpreender nem amedrontar seu povo.

Fui forçada a admitir que havia lógica na sua decisão, mas refutei-a. O ponto a favor de um pouso imediato era a ameaça ainda presente das naves-tubarões — Enquanto aqueles atacantes estivessem à solta pelos céus, eu não me sentia segura. Mas Sanau mantinha-se firme no seu plano, e os líderes e os pilotos concordavam com ela. E assim, só restava esperar.

A aurora começava a aparecer aos poucos na Terra. A noite escura começou a ser tarjada de prata e ouro, e o negrume e as nuvens abaixo de nós começaram a se dissipar. Teve início a nossa aproximação deliberada da atmosfera. Ainda tínhamos dezesseis mil quilômetros a percorrer, dezesseis mil quilômetros até nos tornarmos um simples pontinho de luz visível aos habitantes do meu mundo. E

contudo, através das lentes telescópicas das vigias da nossa cabine (construídas para deixar perceber a aproximação de qualquer meteoro a quilômetros de distância), a Terra parecia tão pertinho de nós.

Grudei-me à vigia, e minha felicidade crescia em proporção ao crescimento da bola de terra cada vez maior que era o meu lar. Ela foi ficando maior, e maior, e maior, até que estávamos quase dentro da sua atmosfera. Era questão de minutos, e depois eu respiraria o meu ar, e me aqueceria ao meu sol, que agora lançava um reflexo cor de prata na nossa nave. O meu sol, o meu mundo!

E então todos perdemos a respiração. Eu dei um grito!

Ali, bem à nossa frente, se achava a nave-tubarão! Grande e negra, com suas feias vigias debochando de nós, ridicularizando a nossa débil tentativa de fuga.

Depois tudo aconteceu muito depressa. Subimos numa rapidez incrível. Enquanto as costelas me esmagavam o coração e meus pulmões ansiavam desesperadamente por ar, desmaiei.

Sanau me fez recobrar os sentidos. Voltei à consciência com um grito. Perdêramos! O Líder Corla e o Líder Kleeba discutiam intensa e agitadamente com um dos pilotos. Era óbvio que não estávamos nos dirigindo a lugar algum. O vôo rápido fora uma ação involuntária de iniciativa do próprio piloto. Agora ele viera buscar ordens explícitas.

Não havia ordens a dar. Ela se fora. A minha Terra maravilhosa.

Fiquei colada à vigia, vendo-a desaparecer na distância. E pensar que faltara tão pouco! Desatei a chorar histericamente.

Sanau correu para o meu lado.

— Janet, precisa controlar-se. Estamos todos em perigo mortal; somente o raciocínio calmo e controlado poderá nos salvar.

Fiz um esforço verdadeiro para ficar serena, pois a voz de Sanau demonstrara um interesse sincero. Incluía a minha sorte entre a dos demais, e me chamara pelo nome de batismo. Em resumo, Sanau estava me tratando como a uma igual, pela primeira vez.

Como que a oferecer mais provas do nosso novo relacionamento, acrescentou:

— Todos precisamos raciocinar sem medo. Inclusive você. Afinal — fez uma pausa e admitiu com um sorriso amargo —, foi sugestão

sua pousarmos na Terra ainda à noite. Talvez todos estivéssemos a salvo agora, se tivéssemos concordado. Portanto, enxugue as lágrimas. Precisamos ficar calmos e ajudar-nos uns aos outros.

Estávamos ganhando altitude, mas nosso perseguidor também estava. A nave seguia grudada nos nossos calcanhares, e sem dúvida chamava pelo rádio suas companheiras. Estávamos ganhando uma ligeira distância, mas, sem ter um destino definido, não havia como escapar.

Desta feita, foi o Líder Kleeba que deu a sugestão que todos aceitaram.

Vênus!

Vênus. Era a nossa única salvação. Vênus, um planeta afastado e desocupado, ao que nos constava. Ele nos oferecia uma chance de nos abrigarmos nos seus colchões de nuvens e esperar uma nova oportunidade de mais uma vez burlar o inimigo.

Desta vez, prometeu Sanau, dispensaríamos a estratégia e pousaríamos imediatamente, no meio da noite.

Parei de choramingar e comecei a me sentir melhor. Nem tudo estava perdido. Vênus ficava apenas a seis horas de distância. Não podíamos deixar que o tubarão percebesse a nossa intenção. E assim começamos a brincar de gato e rato.

Ganhávamos altura e o tubarão, agora acompanhado por metade da sua frota, também. Guinávamos para a esquerda em direção a Vênus, e os tubarões faziam o mesmo. Subíamos mais e virávamos um pouquinho para a direita, para dar a impressão de que não tínhamos nenhum objetivo definido. Mais uma guinada. Mais alto, à esquerda de novo, depois uma fração à direita, e no entanto o tempo todo estávamos nos acercando de Vênus.

Finalmente, conseguimos alcançar os colchões de nuvens densos e macios de Vênus. Mergulhamos neles. Não havia uma só coisa visível. A noite nos envolvia e, para aumentar o nosso sucesso, não apareceu uma única luz das naves inimigas.

Elas pareciam temer as camadas de nuvens — Sanau concluiu que provavelmente não haviam mapeado Vênus — Agora, mais uma vez era preciso esperar, depois rodear o planeta e sair pelo lado oposto.

Quais eram os planos deles? Ninguém soube dar um palpite. Não havia dúvida de que eram hostis; o ataque a Marte o provara, assim como o cerco deliberado à nossa nave. E, contudo, não haviam tentado entrar em contato conosco de nenhuma maneira, e até então não haviam atirado contra nós.

Sanau mais uma vez declarou que achava que o desejo deles era apreender-nos sem perder uma só de suas naves, e a única solução era aprisionar-nos no espaço até que acabasse a nossa comida. Então eles poderiam se aproximar de nós em segurança, e conduzir-nos para o destino que quisessem, fosse lá qual fosse.

E depois? Será que era a nós que queriam, ou a nossa nave? Se isso acontecesse, jurava Sanau, jamais permitiríamos que nos pegassem. Voaríamos a toda para a atmosfera e a autodestruição.

Aquele era um nobre pensamento, mas pouco me confortava. Não com aquela maravilhosa bola chamada Terra a seis horas de distância. Mas, no momento, estávamos a salvo. Eu ainda tinha esperança. Mantive-a bem juntinho de mim durante a hora em que nos escondemos nos colchões de nuvens de Vênus.

Em seguida, o Líder Corla mandou que os pilotos prosseguissem.

Enfiamo-nos no centro dos colchões, depois rodeamos o planeta invisível lá embaixo e saímos do outro lado de Vênus. Agora vinha a manobra lenta e silenciosa, de volta às luzes vigilantes dos tubarões. Lá estavam elas, firmes em seu posto. Mas havia uma boa abertura, uma brecha pela qual poderíamos escapar.

Eu já estava prestes a prender a respiração e rezar para que furássemos a rede deles quando, súbito, sem nenhum aviso aparente, saímos do nosso rumo e voltamos ao colchão de nuvens — Mergulhamos fundo e paramos — Sanau e os líderes correram para a cabine dos pilotos, enquanto eu estava dura de medo, esperando pelas novidades.

Eram desastrosas. Sanau voltou com um olhar assombrado naqueles seus belos olhos.

Tínhamos pouco combustível. Os líderes voltaram a passos lentos com o mesmo ar de derrota estampado no rosto. Não havia chance de alcançarmos a Terra. Tínhamos pela frente um vôo de seis horas,

sem contar os imprevistos, e nosso combustível dava apenas para, no máximo, três horas.

Desta vez, não fiz sugestões; exigi saber o porquê de se aventurarem numa viagem daquelas com pouco combustível.

Sanau explicou que tinham vindo totalmente preparados, com mais do que o suficiente para alcançarem Marte e retornarem a Yargo. Os tanques da nave continham o bastante para um vôo de dois dias e, como precaução adicional, levavam combustível extra que os manteria no ar por mais dois dias.

Contudo, já estávamos no ar havia perto de três dias. Usáramos metade do nosso estoque para chegar a Marte, desviáramo-nos para a Terra, brincáramos de esconde-esconde até chegar a Vênus. Até mesmo uma nave superior como aquela não tinha uma capacidade de combustível inesgotável.

Não havia escolha. Os tanques precisavam ser reabastecidos com o combustível de reserva. Os motores necessitariam de uma revisão após o reabastecimento e isso não poderia ser feito no ar.

Não havia outra alternativa senão tentar pousar em Vênus. Sanau tentou acalmar o meu pânico, declarando que devia ser uma operação muito simples. Poderíamos pousar em Vênus, encher os tanques e zarpar imediatamente.

Pousar num planeta praticamente desconhecido não era tarefa fácil. Sem dúvida, ele seria coberto de florestas e pântanos, cuja base talvez fosse de areia movediça. A nave poderia afundar no chão e jamais conseguir alçar vôo. Talvez também não houvesse um trecho limpo para pouso. Os pilotos tinham que sair da nave para reabastecê-la. Possuíamos máscaras apropriadas para a atmosfera de Marte, mas seriam válidas para Vênus?

— Se ela for semelhante à de Curasiz, no nosso sistema solar — dizia Sanau —, terá um clima tropical abrasador. Curasiz está situado dezesseis mil quilômetros mais perto do nosso planeta do que Vênus do seu, mas a distância deles do Sol é a mesma, e é isso que determina as condições climáticas. Curasiz é uma região pantanosa habitada por grandes insetos e cobras. Penetramos na sua atmosfera, mas nos pareceu sinistra demais para tentarmos pousar. Não havia vantagem em perturbar o planeta pelo pouco que

poderíamos descobrir nele que trouxesse benefícios para a vida em Yargo.

Escutei-a nervosamente, à medida que afundávamos mais e mais nas nuvens. E então, o teto se abriu inesperadamente e lá estava Vênus. Sanau tinha razão. Víamos somente selvas, uma vegetação espessa, como nos filmes sobre a África. Não me teria causado surpresa ver Tarzan voando no seu cipó entre as árvores.

Sobrevoamos o planeta por uma hora. Descobrimos várias clareiras. Escolhemos uma delas e começamos a descer. Nossa escolha fora uma ilha com uma pequena montanha na beirada e uns grupos de árvores no centro. Fora daquilo, não havia nada. Prendi a respiração enquanto íamos baixando mais e mais. A seguir os pilotos testaram a atmosfera. Nem era preciso usar as máscaras de oxigênio. Ficamos surpresos com a nossa boa sorte, e Sanau declarou que aquilo era quase incrível. A temperatura era de cinquenta e quatro graus centígrados, mesmo no meio da noite, mas nossos trajes pressurizados se encarregariam desse problema. Feito para nos proteger do frio de Marte, serviriam também para nos proteger do calor de Vênus.

A apreensão de Sanau foi totalmente dissipada, substituída pela sensação genuína de euforia da exploradora que descobria um planeta novo e habitável para o seu amado Yargo.

O júbilo dela era tão grande, que comecei a pensar que estava secretamente satisfeita por ter ocorrido o infeliz incidente. Ainda era a mesma Sanau, a Sanau para quem nada era mais importante do que mais um pouco de saber.

O pouso foi suave e todos desembarcamos. Os pilotos começaram imediatamente o reabastecimento. O Líder Corla apanhou um pouco daquela vegetação desconhecida e recolheu uma pequena porção da estranha água do riacho numa garrafa. Sanau e eu esticamos as pernas, enquanto cheirávamos o ar e escutávamos os estranhos ruídos de Vênus.

Tudo poderia ter dado certo, se não fosse Sanau ter aquela sede insaciável de saber.

Se Vênus tinha oxigênio e podia manter vegetação e Insetos, raciocinava ela, por que não teria algum tipo de vida inteligente?

Súbito, ela começou a insistir numa curta viagem exploratória.

Fiquei aliviada quando os líderes Kleeba e Corla imediatamente vetaram a ideia, mas Sanau não cedeu. Era inconcebível pousar num planeta estranho e habitável e voltar com tão pouca coisa concreta: um arbusto e um pouco de água de rio. Pretendia dar uma olhada pelas redondezas.

A despeito do meu desagrado pela sugestão dela, não pude deixar de apreciar seu desejo e ansiedade em explorar aquele estranho planeta. Vi que Sanau, a despeito de todo o seu conhecimento superior, na verdade nunca se afastara de Yargo. O fato era que, com uma única exceção, a experiência pessoal de todos se limitava a um planeta, e esta exceção (que nunca fora a Chicago de trem) agora estava botando o seu mimoso pezinho num terceiro planeta.

E assim, numa onda de compaixão de que mais tarde me arrependeria amargamente, ofereci-me para acompanhá-la em termos.

— Tenho medo de floresta — avisei —, mas podemos atravessar o riozinho e subir a colina. Lá de cima teremos uma bela vista.

Ela me recompensou com um olhar de sincera gratidão e pusemo-nos as duas a caminho. Como o riozinho era raso e não havia sapos ou peixes à vista, entramos direto, de sapato e tudo. Percorremos a distância de um quarteirão de cidade até o sopé da colina. Era uma colina pequena, não tinha mais de uns dez metros de altura, com um platô no outro lado (era o que imaginávamos), e depois, a talvez um quilômetro e meio de distância ficava a grande montanha verdejante.

Era uma colina fácil de subir. Rochas convenientes faziam as vezes de degraus, e o chão não era nem fofo nem escorregadio. Logo chegamos ao topo. Para nossa surpresa, não deparamos com um platô estéril do outro lado. O que vimos foi um lago magnífico, azul, escuro e fresco; o leve reflexo de uma pequena lua brilhava no centro dele. Era tão perfeito que parecia irreal. As duas ficamos deitadas de bruços, perdidas na contemplação da beleza estranha que nos cercava. Muito ao longe, ouvia-se o som de pássaros, e à nossa volta ouvíamos o equivalente venusiano dos grilos. Agora

meus olhos estavam bem acostumados à escuridão da noite. De quando em vez, a lua aparecia por entre as nuvens, pintando de prata as árvores.

Foi numa dessas vezes que pensei ter visto algo no lago, algo que se movia. Cutuquei Sanau e apontei naquela direção, mas nesse momento a lua resolveu voltar a se esconder entre as nuvens.

Esperamos alguns momentos, eu de olhos grudados naquele ponto.

Quando a lua reapareceu, vi que estava certa; a coisa ainda estava ali.

Desta feita Sanau também a viu. Era do tamanho de um homem e parecia estar boiando na superfície do lago. Na escuridão, mesmo com a ajuda do luar, não dava para ver se era um tronco flutuante, uma canoa ou alguma folhagem.

Era perigoso demais tentar descer pela colina e chegar perto.

Enquanto Sanau ficava vigiando, desci correndo pelo nosso lado da colina, para buscar o Líder Corla e os binóculos. Não tinha ideia de como ia fazê-lo entender o que eu queria apenas por meio de sinais, mas Sanau insistira em que uma de nós permanecesse ali para ficar de olho na coisa. Como não tinha a menor intenção de ficar sozinha no topo daquela colina, resolvi ser a mensageira.

Desci num instante, cruzei o riozinho e cheguei até o Líder Corla.

Gesticulei a minha mensagem. Ele ficou com um ar apreensivo; pensou que algo acontecera a Sanau. Começou a se dirigir para a colina. Agarrei-o e tentei fazer os gestos que correspondessem aos binóculos. Um dos pilotos nos interrompeu. Percebi, pela sua expressão, que a nave estava pronta. Para mim era o bastante. A viagemzinha de turismo de Sanau chegara ao fim. Podíamos morrer de velhice conjecturando sobre o que havia naquele lago de Vênus, e eu não sentiria o mínimo remorso.

Deixei de lado a ideia dos binóculos e parti para buscá-la. Mais uma vez estávamos prestes a ir para casa, e dessa vez eu tinha certeza de que chegaríamos lá.

Cruzei depressa o riacho. Os aros da nossa nave já estavam girando devagar, aquecendo-se para a viagem. A euforia apressou

meus passos quando ouvi um grito, um grito cheio de horror e morte.

Era Sanau!

17

Parei, petrificada. Por um momento, fez-se um silêncio tão grande que até os grilos pareceram calar-se. Depois, todos se puseram em ação a um só tempo. Os líderes Corla, Kleeba e um dos pilotos vieram imediatamente para o meu lado. Com uma bravura que não pensara possuir, saí correndo na frente, guiando-os até o topo da colina. Não havia sinal da moça, nem tampouco do objeto escuro que estivera boiando nas águas do lago lá embaixo.

Ficamos deitados de bruços, perscrutando o sopé da colina. Quem sabe Sanau perdera o equilíbrio e caíra? Sabíamos que não era verdade, mas nos apegávamos a essa ideia enquanto descíamos pelo outro lado da colina. Procuramos incansavelmente, mas sem esperanças, pois no íntimo de cada um havia a certeza de que algo bem mais horrível do que uma simples queda acontecera a Sanau.

A colina não apresentava sinal da sua presença. Ficamos parados ali, desolados, sem saber que atitude tomar. Procurar pelo planeta todo levaria meses, anos. Não podíamos partir sem ela, mas não podíamos permanecer ali indefinidamente. Voltamos ao topo da colina, onde mais uma vez fiquei deitada de bruços, examinando o lago. Era um lago límpido, belo, com aparência inocente. Os líderes seguiram o meu exemplo. Talvez sentissem, de alguma maneira, que eu estava tentando dizer-lhes o que acontecera. Seus olhos magníficos prendiam-se aos meus, suplicando mudamente por uma resposta.

Fiquei fitando as águas, em silêncio. Como explicar o que vira?

Tudo parecia tão sereno, tão inocente. Parecia impossível acreditar que algum perigo estivesse a espreita.

De repente, ouvi outro grito de gelar o sangue!

Desta vez não era Sanau. Pus-me de pé bem a tempo de ver um abelhão gigante, um abelhão maior do que um homem, cair em cima do Líder Corla num vôo rasante, apanhá-lo com as garras e alçar vôo novamente. Meus reflexos fizeram-me virar e descer

correndo a colina. Olhei por cima do ombro e vi o piloto desaparecer do mesmo modo. Um grito apavorado lutava para passar pela minha garganta entorpecida, quando senti dois braços fortes e peludos me enlaçarem pela cintura e me erguerem do chão.

Não consigo me lembrar de todos os detalhes. Sentia um medo tão terrível que me entorpecia os sentidos. Aqueles braços musculosos, fortes como o aço, rodeando a minha cintura. A sensação repugnante daquela garganta peluda contra a minha nuca.

O som nauseante do seu zumbido pavoroso, quase tão alto quanto o motor de um avião; o vento criado pelas suas grandes asas se agitando dentro da noite, e eu nas suas garras, como um animalzinho nos braços de uma águaia.

Gritei. Gritei até que minha garganta ferida e ofegante não conseguisse emitir mais nenhum som. No final, eu meramente lutava para respirar, para respirar e continuar viva. E então o monstro foi baixando numa clareira que parecia uma pequena aldeia, uma aldeia cheia de colmeias, colmeias do tamanho de um prédio de apartamentos.

O zumbido era quase ensurdecedor. Toda a comunidade viera nos receber! Milhares e milhares dessas criaturas, algumas delas com quase seis metros de altura.

Fui levada para dentro de uma colmeia. Era limpa, simples e confortavelmente fresca. O monstro me botou no chão quase com gentileza. Encolhida num canto, vi Sanau. Estava tão aterrorizada quanto eu, mas incólume, até então.

Quando o monstro partiu, arrastei-me até Sanau e agarrei-me a ela. Não fez nenhuma tentativa de me afastar. O medo gera estranhas amizades, e naquele momento estávamos unidas como nunca, no terror comum frente àquele perigo gigantesco.

Sanau foi a primeira a recuperar o equilíbrio. Sua primeira preocupação foi com a segurança dos outros membros do nosso grupo.

— Foram todos capturados? — indagou.

Assenti, desanimada:

— Todos, menos o outro piloto, que estava de guarda na nave.

Suponho que ele haja visto o que estava acontecendo e tenha se escondido.

Sanau torturava-se de ansiedade pelo destino dos líderes Corla e Kleeba, e do piloto. Via como sinal de mau agouro o fato de não estarem ali junto de nós.

Embora não estivéssemos amarradas ou amordaçadas, as duas admitíamos que seria vã qualquer tentativa de fuga. Do lado de fora da colmeia, via-se a sombra maligna de um dos monstros.

Sanau começou imediatamente a especular quanto as perspectivas do nosso futuro. Tinha poucas esperanças de que sobrevivéssemos.

Na verdade, parecia sentir um prazer macabro em profetizar os diversos modos pelos quais chegaria o nosso fim.

— Como você diz, eles parecem abelhas, no entanto podem pertencer à família das aranhas gigantes. Duvido que a inteligência deles exceda à de um animal esperto que procura comida. Sem dúvida, estamos sendo guardadas para este propósito.

Expressei minhas dúvidas de que eles fossem apenas carnívoros, pois a criatura fora muito cuidadosa ao me transportar. Um inseto gigante, que apenas procurasse alimento, poderia ter imediatamente dado umas provadinhas, para ver se eu era saborosa. Houve diversos momentos, durante o vôo, em que a minha cabeça podia ter sido esmagada contra as pedras, ou eu podia ter me arranhado toda no topo das árvores. E o abelhão manobrou intencionalmente para livrar-se dos obstáculos. Embora seus braços fossem como tiras de aço, ele tomara cuidados especiais para não me esmagar. Ainda que esse raciocínio não diminuísse o meu pânico, pelo menos servia para me fazer crer que as criaturas tinham algum plano para nós que não se limitava a fins nutritivos. Além disso, uma coisa grande daquelas tinha que possuir um cérebro. Sanau imediatamente lembrou os corpos inermes dos monstros pré-históricos em comparação com seus cérebros minúsculos.

Ficamos trocando teorias pró e contra por quase uma hora, até que outra daquelas coisas aterradoras apareceu. Ela vinha de quatro, com seus olhos brilhantes do tamanho de maçãs e as antenas viscosas de quase um metro de comprimento. Depois, ficou

de pé e fez uns ruídos esquisitos, chilreantes, como se estivesse tentando nos dizer alguma coisa.

— Ele é inteligente — sussurrei para Sanau. — Tente comunicar-se com ele!

— Ah, se Sua Graça Todo-Poderosa estivesse aqui, ele entende a língua dos insetos.

— Tente, Sanau! Pelo amor de Deus!

Ela tentou. Tentou com números, mas aqueles olhos vidrados não apresentaram sinal de compreensão. Emitiu sons estranhos com os mesmos resultados. Finalmente, desistiu e caiu ao chão, fraca de puro horror pela aparência da coisa. Eu também não conseguia olhar para ele sem sentir um nojo tremendo.

Depois, sem aviso algum, o monstro se aproximou e estendeu um braço peludo na minha direção. Gritei e me encolhi num canto. Ele continuou a se aproximar devagarinho, como um gato espreitando um rato. Encolhi-me o mais que pude, até que minhas costas doessem de encontro à parede. Sanau se encolhia ao meu lado, a mulher superior tão amedrontada quanto a inferior. Quando a coisa esticou a mão para me pegar, Sanau provou seu direito à superioridade, jogando-se à minha frente como um escudo; num movimento rápido, a criatura nos prendeu a ambas nos braços e nos tirou da colmeia.

Havia milhares deles à espera lá fora. Estavam em toda parte; alguns de pé, mordiscando as folhas das árvores; outros deitados no chão. Suas asas brilhavam ao luar, seus corpos cor de ébano reluziam como metal. Um outro monstro se acercou e pegou Sanau; o primeiro ainda me segurava firmemente. Quase como se houvesse sido dado um sinal, houve uma decolagem em massa.

Começamos a voar, com o meu captor liderando o grupo. O céu estava coalhado deles. Estremeci. Se aquela era a população de Vênus, ainda bem que aquele planeta maligno ficava oculto por nuvens impenetráveis. Torcia para que nem a Terra nem outro planeta qualquer jamais chegassem àquele pantanal.

Voávamos baixo, quase tocando os topos das árvores. A criatura me segurava com um jeito quase maternal, e tive que admitir que

aqueles olhos pavorosos me fitavam com uma expressão parecida com admiração.

Chegamos a uma imensa clareira, e bastou um olhar para que meus temores se transformassem num pânico invencível, pois bem diante dos meus olhos, enfileiradas no chão, estavam pousadas centenas das naves em forma de charuto que nos haviam perseguido. Essas eram as criaturas que as pilotavam!

Fomos depositadas suavemente no centro da clareira. Vimos com alívio que o Líder Corla, o Líder Kleeba e o piloto também estavam lá. Mas eles não haviam sido tratados com a mesma consideração.

Os três homens estavam amarrados a árvores por meio de uma substância viscosa.

O Líder Corla tinha um corte feio na testa, e o traje espacial do Líder Kleeba estava quase em farrapos. O piloto, quase louco de medo, parecia não ter sofrido nada. Fiquei imaginando se a aparência desgredada dos líderes provinha de uma tentativa de lutar contra os captores ou se os ferimentos haviam sido infligidos intencionalmente. Sanau e eu fomos levadas para o centro da clareira, suave mas firmemente seguras por dois dos monstros. Ela forçou um arremedo de sorriso para instar os líderes a renovarem sua coragem. Ficamos paradas enquanto os monstros se acomodavam. Era óbvio que estávamos esperando por alguém ou alguma coisa.

— Provavelmente o chefe deles — sussurrou Sanau.

Mais uma vez, ela estava certa. De repente o céu escureceu e surgiu um novo enxame. No centro dele voava uma abelha-mestra monstruosa, tão grotesca e nefasta que só poderia ter saído do pesadelo de um louco.

Devia ter uns sete metros e meio de altura. Sua cabeça era três vezes a minha, e suas asas abertas deviam medir uns seis metros.

Pousou graciosamente, depois virou-se e nos examinou, a Sanau e a mim. Depois, deliberadamente, foi até as árvores onde estavam presos os líderes e o piloto. Durante um momento ficou imóvel, com aqueles olhos horrendos a fitá-los. Seus movimentos seguintes foram tão rápidos e violentos que tudo aconteceu antes que o meu cérebro pudesse registrá-los direito.

Por duas vezes rastejou vagorosamente diante dos homens, depois ficou numa posição ereta e postou-se frente ao Líder Corla. Por um momento, pensei que estivesse tentando comunicar-se com ele.

O pobre coitado pensou a mesma coisa, pois inclinou a bela cabeça, esperançosamente. A abelha-mestra chegou mais perto, e então, sem aviso algum, uma língua em forma de lança, com quase um metro de comprimento, foi expelida de sua boca, transpassando a garganta dele. Sanau gemeu. Parecia que torrentes de sangue jorravam da garganta do Líder Corla, enquanto ele gritava de agonia. Levou dez minutos para morrer, sem perder a consciência.

Mantive os olhos fitos no chão, trincando os dentes, mas acabei tendo fortes ânsias de vômito. Ouvi Sanau rezando ao meu lado.

Sabia que rezava porque ouvi o nome do Yargo entoado baixinho.

O Líder Kleeba e o piloto eram homens corajosos. Sabiam que eram os seguintes, e estavam preparados para o seu destino.

Enfrentaram a rainha sem pestanejar, à espera do seu fim terrível.

Mas era óbvio que a rainha não pretendia gastar mais sua real energia com os cativos. Virou-se e afastou-se rastejando. Depois, pondo-se de pé, acenou para a multidão e alçou vôo. Metade do povo a acompanhou.

Permanecemos ali, de olhos fitos no corpo ensanguentado e sem vida do Líder Corla, desabado contra a árvore.

O Líder Kleeba e o piloto fitavam o espaço; estou certa de que visualizavam o Yargo e o seu amado planeta, para dar-lhes forças.

A confirmar meus piores temores, seis dos monstros vieram se postar diante dos dois homens. Aquele era o pelotão de fuzilamento. A intenção da rainha agora se tornava óbvia: escolhera o Líder Corla ao acaso para demonstrar o que queria que fosse feito com eles. Agora, cabia aos seus homens terminar o serviço.

Por algum motivo, íamos ser poupadas, ao menos por enquanto. De repente, Sanau e eu fomos mais uma vez carregadas pelos ares, não sem antes escutar os berros agoniados do Líder Kleeba e do piloto.

18

Sanau e eu ficamos vinte e quatro horas sozinhas, sem que nos molestassem. As criaturas apareciam apenas para nos trazer comida, que tinha gosto de mel, mas era sólida. Nós a mordiscamos em silêncio, evitando cuidadosamente o assunto do nosso futuro sombrio. Havia apenas uma débil esperança à qual nos apegávamos: o piloto desaparecido.

Por alguma razão, eles ainda não haviam descoberto a nossa nave.

Mas o que poderia um piloto sozinho fazer contra um exército daqueles? Mesmo que tentasse fugir com a nave, logo seria alcançado pela vasta frota dos monstros.

Não, mais cedo ou mais tarde eles o capturariam e o matariam como haviam feito aos outros. Enquanto eu insistia em explorar todas as vias de fuga, Sanau mostrava-se completamente conformada com a inutilidade de tais esforços.

Era sua opinião que os monstros simplesmente nos mantinham vivas até que a rainha resolvesse qual a forma horrível de morte que sofreríamos para o divertimento dela.

Quando a desesperança total do nosso destino se cristalizou na minha mente, sugeri com sinceridade que nos suicidássemos. Não importava como o fizéssemos, sofreríamos bem menos do que com qualquer morte idealizada pela rainha.

Sanau fez ouvidos moucos à minha sugestão. Estava entretida estalando os lábios e fazendo ruídos estranhos. Quando eu já começava a temer que houvesse enlouquecido de medo, dei-me conta de que estava tentando reproduzir os sons que ouvira a criatura fazer, e envidava o máximo esforço para interpretá-los.

Tinha que dar a mão à palmatória. Eu ficava imaginando métodos de cowboy e índio para fugir, ou falando em suicídio, mas aquela mulher lutava com cérebro e astúcia até o fim.

Ela continuou tentando, horas a fio. De vez em quando, rabiscava uns números no chão com um graveto e tentava descobrir a coisa matematicamente. A colmeia parecia quase refrigerada, e havia um tipo qualquer de iluminação indireta. Senti o corpo relaxar e acho que adormeci, pois a próxima coisa de que me dei conta foram as sacudidelas de Sanau.

— Janet! Descobri! Consegui descobrir! — Despertei completamente. Os olhos dela brilhavam. Estava radiante.

— Funciona!

Fitei os hieróglifos no chão... números, círculos, frações, sinais estranhos. Ela apagou depressa as marcas com o pé e alisou a terra.

Olhava para ela, incrédula.

— Quer dizer que compreende mesmo a língua deles?

Ela fez que sim, numa alegria muda. Olhei para ela com inveja, pois naquele momento Sanau esquecera tudo: nosso perigo iminente, as criaturas, tudo fora apagado pela euforia da auto-realização.

Ela fizera um trabalho completo, descobrira cada vogal e consoante. Tentou explicar-me suas descobertas. Naturalmente, não entendi patavina.

Pôs-se de pé, impaciente. Falou, cheia de júbilo: — Vou chamar um deles imediatamente. Falarei com ele no seu idioma.

Quase quebrei o tornozelo na ânsia de agarrá-la antes que chegasse à porta de entrada, onde se percebia a sombra imensa de um guarda. Consegui alcançá-la a tempo.

— Não seja idiota — murmurei. — Esta é a nossa única vantagem. Nós os compreendemos, mas eles não nos compreendem. Enquanto não souberem que são compreendidos, falarão à vontade na nossa frente.

Ela hesitou por um momento, sem estar totalmente convencida.

Sanau, a supermulher, não tinha malícia alguma; fui eu que de repente comecei a lutar com a tática de um cão vadio, de um lutador das ruas.

Continuei, empolgada: — Sanau, o que está querendo fazer? Ir lá fora conversar com a rainha? Demonstrar seu conhecimento e

acabar como o Líder Corla e como os outros? Sabe, essas criaturas não são yargonianas. Já esqueceu o que aconteceu?

A última frase fez com que aceitasse meu ponto de vista. Voltou para o fundo da caverna e sentou-se. O brilho de seus olhos diminuía.

— Suponho que você esteja certa. Mesmo que fosse morta a seguir — acrescentou com um suspiro —, seria maravilhoso poder conversar com um membro do reino dos insetos. Ah, se o Yargo pudesse saber do meu feito!

Compreendi perfeitamente o desejo dela. Eu também teria adorado que aquele homem todo-poderoso soubesse que eu não fora uma palerma completa na viagem. Afinal, algumas de minhas sugestões não tinham sido inteiramente sem mérito.

Desabei no chão ao lado dela, num silêncio exausto. Aquela não era a hora de sonhar com elogios. Era a hora de forçar o meu cérebro a funcionar com todos os cilindros.

Em todas as histórias de aventuras que já lera, as heroínas sempre lutavam até o amargo fim, conseguiam realizar fugas incríveis, e acabavam saindo vitoriosas. Nunca ficavam sentadas esperando o fim inevitável; agora, no entanto, minha imaginação hiperativa se recusava a funcionar.

Ficamos sentadas durante horas, e nenhuma de nós ofereceu um pensamento aproveitável. Por duas vezes fomos visitadas por dois dos monstros, que nos trouxeram o mesmo alimento com gosto de mel. Sanau escutava atentamente os zumbidos estranhos que emitiam. Quando foram embora, ela se virou para mim, cheia de surpresa:

— Eles estão preocupados com a nossa saúde!

— A nossa saúde?

Ela assentiu.

— Pelo menos foi o que deduzi da conversa deles. Um perguntou: “Acha que podem sobreviver com esta comida?”, ao que o outro respondeu: “Acho que o corpo delas necessita de carne de animais vivos”. O primeiro replicou: “Talvez carne de ave. Temos que tentar. A rainha nos mataria se algo lhes acontecesse. Nenhuma de nós entendia o rumo que os acontecimentos estavam tomando. É

claro que Sanau achou que deveria ir falar diretamente com a rainha. Mais uma vez, tive que lembrar com detalhes a morte dos homens para conter o seu impulso.

Eu não estava nem um pouco otimista. Esse interesse súbito pelo nosso bem-estar preconizava novos perigos. Mesmo quando as criaturas retornaram com algumas avezinhas depenadas, ainda temi o pior. Quase tive que tapar a boca de Sanau com a mão para impedi-la de pedir que limpassem e cozinhassem as aves. Insisti que continuássemos a comer o mel, para não revelar nossa arma secreta. Ela suspirou desapontada, mas deu-me razão. Ambas afastamos as aves e engolimos à força o mel. Estava começando a ter um gosto nauseabundo, e eu também estava começando a querer beber água desesperadamente. As novidades de Sanau sobre o interesse súbito da rainha pelo nosso bem-estar em nada alteraram a minha desesperança. Estava certa de que ela nos estava poupando para alguma cerimônia comemorativa. Sopesei a possibilidade de deixar de comer e morrer de fome.

Passamos uma noite intranquila. Quando nossos guardiães nos trouxeram mel de novo, pela manhã, estávamos as duas tontas de fraqueza pela falta de água. Continuei advertindo Sanau de que, a despeito de nossa sede, ela não deveria pedir água na língua deles.

Finalmente, concordei que deveríamos tentar mostrar-lhes que tínhamos sede usando a linguagem dos sinais.

Afastamos o mel. Eles ficaram intrigados com essa recusa repentina. Sanau fez sinais de quem apanhava água de um riacho com as mãos em concha, mas eu tive que me afastar e deixar a tarefa de comunicação para ela. A simples visão daqueles feios insetos me deixava fisicamente doente.

Sanau continuava a fazer mímica, mas achou jeito de sussurrar que eles estavam tendo uma conferência.

Ela pegou minha mão e fez um gesto na direção da porta. Eles nos deixaram passar. Saímos; estava insuportavelmente quente. Eles nos acompanharam. Entramos na mata. Não havia nenhum riacho à vista, mas prosseguimos, abrindo caminho por entre os arbustos e a vegetação rasteira da densa floresta. Atrás de nós, ouvíamos as passadas dos nossos horrendos captosres.

Encontramos um riacho. Era lamacento, amarelo, pouco convidativo.

— Parece estar poluído — adverti.

Sanau se debruçou e bebeu à vontade.

— Só espero que esteja — disse fervorosamente.

Caí de joelhos e peguei um pouco de água com as mãos em concha.

Bebi fartamente. Podia sentir o gosto da areia, mas nem ligava.

Sanau tinha razão. Seria o meio mais fácil. Lavei o rosto e o pescoço e até molhei o cabelo.

Voltamos, Sanau disse que os monstros não estavam nem um pouco surpresos. Simplesmente comentaram a própria estupidez em não nos oferecer água, e sentiam-se orgulhosos de sua liberalidade em deixar que demonstrássemos do que estávamos necessitando.

Estavam ansiosos para relatar a nova descoberta à sua rainha.

— De que eles são inteligentes, não há dúvida — disse ela —, mas até que ponto, não sei precisar. Um canibal do seu planeta tem inteligência; um bom cavalo, idem.

— E um criminoso também — acrescentei sombria-mente.

Acomodamo-nos para esperar a passagem de outro dia interminável. Fechei os olhos, mas o sono se recusava a chegar.

Quando eu os abri, percebi que Sanau fitava o espaço com uma expressão quase sonhadora. Senti-me muito chegada a ela; era difícil recordar o quanto eu a detestara no seu planeta.

— Em que está pensando, Sanau?

Quando fiz a pergunta, pensei que jamais seria capaz de tal impertinência lá em Yargo; mas não tínhamos mais nada a fazer senão conversar.

Ela respondeu:

— Estava pensando em Sua Alteza Todo-Poderosa.

Foi tudo. Se eu me permitisse pensar, muitas coisas me viriam à cabeça. David, minha mãe, minha casa, e até Sua Alteza. Será que não havia outra pessoa de quem Sanau gostasse?

Perguntei, curiosa:

— Você tem filhos, Sanau?

— Tive vinte e sete crianças aceitáveis.

Levei um susto. Ela dissera vinte e sete no mesmo tom de voz com que eu teria dito: “Ah, dois ou três Quando consegui falar normalmente, perguntei: — **O** que quer dizer com “aceitável”?

Ela não respondeu imediatamente. Pude sentir que sua primeira reação foi ignorar o rumo que a conversa estava tomando. Depois, ela própria se deve ter dado conta de que era melhor conversar do que ficar entretida com pensamentos mórbidos, pois, após um longo período de silêncio, replicou: — Minha cara Janet, não temos filhos em Yargo do mesmo jeito que vocês os têm no seu planeta. O ato da concepção em si é o mesmo, mas daí por diante cessa toda a semelhança.

— Como é que vocês puderam melhorar esse sistema? Pensava que o ato da reprodução era o mesmo desde o começo do mundo.

— De certo modo, não fomos adiante. Na verdade, é bem mais simples.

— Por favor, Sanau, não me diga que vocês botam ovos!

Ela sorriu.

— Mais ou menos isso. No nosso planeta, quando uma mulher sabe que concebeu, toma uma “pílula de reprodução” quatro meses depois. Exatamente seis dias após tê-la tomado, ela expele um “ovo”. A pílula de reprodução já terá formado um disco hermeticamente fechado à volta do feto, mais forte que o aço e mais macio que a carne. Ele é comparável ao ventre materno e pode manter o feto vivo durante quarenta e oito horas. A mãe leva o disco imediatamente até o “banco” mais próximo e declara a hora exata em que deu à luz. A seguir o disco é etiquetado com o nome da mãe

— E o do pai?

— O feto é produto da mãe. O pai não tem importância.

Ela se estirou no chão e fechou os olhos, dando a entender que a conversa terminara.

Mas a curiosidade me instigou a prosseguir.

— Mas, Sanau, você ainda não explicou o que quer dizer com “aceitável”.

Ela respondeu sonolenta, com voz monótona: — Para haver uma raça perfeita, é preciso haver igualdade.

Portanto, quando uma célula é levada a um “banco”, ela é examinada para que se possa constatar se existe alguma imperfeição, e a seguir para determinação do sexo. Se for do sexo feminino, e houver excesso de fêmeas no banco, é destruída.

— Mesmo se for perfeita?

Eu estava horrorizada. Ela concordou com a cabeça.

— A mesma regra se aplica se houver excesso de fetos do sexo masculino. Não há discriminação quanto ao sexo. Contudo, se a célula for perfeita e a cota não estiver preenchida, a célula será aceita. A seguir é colocada numa incubadora, onde recebe tudo o que normalmente extrairia do corpo da mãe. Desse modo o feto cresce, sem que a mãe tenha que passar por aquele período parasitário.

— E depois, o que acontece? Quero dizer, quando o bebê estiver maduro, quando nascer. Ele é devolvido à mãe?

Sanau meneou a cabeça.

— A mãe raramente vê a criança de novo.

— Nunca vê o filho? Ma~ por quê, Sanau? Como é que ela pode suportar isso?

— Porque é uma yargoniana, uma criatura da raça perfeita, a raça sem emoções.

Refutei-a com veemência:

— Uma raça não pode ser perfeita a menos que tenha emoções. Emoções fortes.

Ela se apoiou contra a parede. Seus olhos estavam mais animados.

Afinal, estava defendendo o seu amado planeta. Vênus, os monstros, até minha presença ficavam temporariamente apagados.

— Um povo emotivo não pode ser perfeito. — A voz dela era baixa e vibrante. — Vocês têm guerras. Diga-me: quais são as causas da guerra? Distúrbios emocionais, o desejo de fortuna e poder, ou a voracidade. Esse desejo faz com que um dirigente subleve o seu povo por alguma causa que ele mesmo cria.

A religião pode ser uma das causas. Pense na sua história. As primeiras guerras do seu planeta foram guerras religiosas; veja as Cruzadas; também a última grande guerra foi causada pelo ódio por

uma seita religiosa. Lembre-se, minha amiga, não pode existir uma guerra se o povo não estiver envolvido emocionalmente.

“Eliminem a ambição e a cobiça e os líderes não terão vontade de se tornar ditadores. Quando o poder verdadeiro vier somente através do conhecimento, não haverá lutas. O que poderá o dinheiro comprar se a fortuna for julgada somente pelo poder da mente de cada um? Se uma civilização inteira pensar desse modo, a ideia da guerra e das riquezas mesquinhas torna-se completamente infantil. Pode-se criar um só líder, um só idioma, e um desejo universal de aperfeiçoar o planeta e de permanecer sendo, acima de tudo, o planeta superior de todos os sistemas solares.

— Está bem, Sanau — interrompi o discurso dela. —Concordo com o seu raciocínio para a eliminação da guerra. Talvez vocês tenham acabado com esse problema usando uma lógica fria, mas acho que é uma bela emoção ter e criar os filhos, amar e viver com um marido.

Torna a vida mais rica.

— Quaisquer emoções, mesmo as “boas”, impedem a racionalização.

Para abolir um mal é preciso ser absoluto. Até que todo o sentimento de posse de um ser humano em relação a outro seja eliminado, toda a sede de poder abolida, nada poderá ser realizado.

Escurecia lá fora. Outro dia assustador estava terminando e ainda havia o amanhã. Talvez o mesmo pensamento tivesse ocorrido a Sanau, pois ela se forçou a continuar a conversa, como se por meio dela pudesse apagar o presente.

— ● casamento é uma coisa emocional — continuou — e por isso foi abolido entre nós. Ele retarda uma raça. Veja você mesma: o que a maioria das mulheres deseja do casamento? Há muitas e variadas razões, devo admitir. Uma delas, e a mais altruísta, é recriar uma forma humana à sua imagem. A reprodução do próprio eu.

— E daí? Que mal há nisso?

— Basta considerar o mal que trará. Na melhor das hipóteses, as crianças são uma grande responsabilidade. Os homens sustentam essa responsabilidade, espera-se que vivam com a mesma companheira a vida toda, ou que enfrentem o desrespeito da

sociedade abolindo a união. Pois bem, minha amiga, como se pode atingir a maturidade completa passando toda a vida adulta com um só companheiro ou companheira? O organismo humano exige a variedade. Não há pessoa alguma que possa existir somente com o amor e a devoção de uma outra pessoa, e contudo as leis da sua sociedade assim o exigem. Quando os habitantes do seu planeta se vêem forçados a desobedecer a essas leis, secreta ou abertamente, pagam à sociedade o preço de suas consciências carregadas de culpa. Se não houver fuga, essas pessoas torturadas ficam frustradas e buscam alívio em alguma válvula de escape anormal. Os mais diversos tipos de complexos e neuroses nascem daí.

— Mas, e quanto às crianças do seu planeta? — insisti.

— Como são criadas? Como podem ser normais, desconhecendo os cuidados e o amor de uma mãe? Ficam no “banco” até se tornarem adultas?

— São criadas com o mais perfeito carinho maternal.

— Mas você falou que as mães raramente vêem os filhos.

— Falei carinho maternal, não materno. Existe uma grande diferença. Quantas mães do seu planeta são criaturas essencialmente maternais?

— Todas têm o instinto maternal — retruquei com veemência.

— O instinto, sim, mas quantas mães realmente apreciam a domesticidade?

Pensei antes de responder. Infelizmente, podia entender a que ela se referia. Conhecia muitas moças recém-casadas que olhavam com saudade para os dias despreocupados no escritório. Moças que reclamavam do trabalho estafante e sem fim de criar os filhos e dirigir uma casa. Na verdade, naquele momento, não conseguia me lembrar de uma só amiga casada que realmente gostasse de empurrar um carrinho de bebê ou preparar uma refeição. Aqui e ali encontrava-se um caso isolado de uma mulher decidida que jogava um recém-nascido no carrinho e um bebê de três anos na cadeirinha e ia em frente alegremente, nem um pouco afetada por tantas atividades extenuantes, mas era preciso admitir que tais criaturas eram encaradas mais como esdrúxulas do que como nobres pela maioria dos que lidavam com elas. Cada novo pensamento servia

para reforçar o ponto de vista de Sanau. Para a maioria das mulheres modernas, criar os filhos era uma necessidade e uma obrigação, ao invés de um prazer ansiado, mesmo quando amavam o filho. Eu queria ter um filho.

Assegurara a David que gostaria de ter dois ou três, mas, com toda a sinceridade, não podia afirmar que adoraria acordar cedo e dar de mamar durante a noite. Talvez um grande amor pela criança ainda aumentasse o fardo, pois junto com ele vinha uma consciência a resmungar que não era direito desgostar dessas tarefas.

Tudo isso fora mudado em Yargo. Sanau continuou explicando que centenas e centenas de anos atrás fora feita uma pesquisa sobre o assunto e os resultados provaram que apenas vinte por cento de todas as mulheres sentiam realmente prazer em criar crianças e cuidar delas. Desse total, oito por cento eram estéreis, ou não tinham filhos por este ou aquele motivo.

Os vinte por cento que realmente apreciavam o encargo tinham ido trabalhar no "banco". Lá, elas cuidavam dos fetos desde o momento da sua aceitação. Assim, os bebês perfeitos se transformavam em crianças felizes, satisfeitas, que não tinham de enfrentar mães ansiosas e impacientes, com excesso de trabalho, excesso de cansaço e excesso de preocupação com o bem-estar delas.

— Essa ideia na sua forma mais elementar está começando a se apossar da mente do seu povo — continuou Sanau. — Alguns dos seus psiquiatras descobriram a teoria de que o amor e os cuidados carinhosos são a base para uma criança normal e bem equilibrada.

O amor sem histeria, sem emoção. Vocês estão começando a aprender que não existe a insanidade, a não ser que a criança nasça com um cérebro fisicamente danificado. Não existe uma criança má; os distúrbios emocionais é que criam o mal. Eles precisam ser contidos com a mesma rapidez com que se detém um tumor maligno. Para ir mais além, se a emoção fosse abolida, não haveria crianças emocionalmente perturbadas.

— Mas, e quanto ao amor materno? — insisti. — Será que a criança não perde por saber que não pertence de fato a ninguém?

— As crianças aprendem que o planeta Yargo lhes pertence.

Aprendem a adorar o líder todo-poderoso e a fazer dele um exemplo a seguir. Com que frequência os meninos do seu planeta fazem do pai um ídolo, para virem a desiludir-se no início da adolescência. Pense, minha amiga, nos distúrbios gerados por tal situação. Em Yargo, o ídolo da criança não pode falhar, pois é o mais perfeito dos homens. Com isso, ao procurarem seguir o exemplo de um deus como ele, elas se esforçarão por dar alguma contribuição que perdure. A criança recebe a completa árvore genealógica da família da mãe. Esta será bem-vinda para visitar a criança e tomar conhecimento do seu progresso quantas vezes quiser. Certamente, isso é superior e preferível a uma mãe cheia de amor emotivo, mas que tem que dividir o seu tempo cozinhando, lavando e atendendo ao marido. A pobre infeliz vive tão cansada que está sempre dizendo à criança: “Não faça tantas perguntas”, ou: “Por favor, vá brincar com seus brinquedos, não está vendo que a mamãe está ocupada?” Às vezes, ela pode até bater na criança, se esta se comportar mal. Quantas vezes uma criancinha já não ouviu a mãe dizer à vizinha: “Ah, se eu pudesse sair de casa por um só dia, ter um só dia abençoado para fazer o que quisesse, ia passá-lo inteirinho dormindo”?

Não pude deixar de rir abertamente, a imitação de Sanau era perfeita. Disse-lhe isso.

— Mas você esquece — lembrou-me ela — que há milhares de anos passamos pelas mesmas experiências. Nada disso pode ocorrer hoje. Nos nossos “bancos” e creches, todos estão lá porque querem estar. Todos se dedicam a cuidar da criança, que aprende a sentir que o mundo está esperando que ela venha a tomar o seu lugar no esquema das coisas.

— E depois? — Eu estava fascinada. — O que acontece quando a criança está pronta para ir para a escola?

— O sistema é praticamente o mesmo — respondeu ela. — À medida que se desenvolvem, as crianças são mandadas para o colégio interno. Nossa teoria de ensino funciona do mesmo modo.

Afinal, somente uma determinada percentagem de pessoas realmente deseja lecionar. Asseguro-lhe que no seu planeta mais de cinquenta por cento das professoras são pobres coitadas que foram

forçadas a aceitar esta profissão por necessidade econômica, influência paterna ou falta de um pedido de casamento. São infelizes, frustradas, estagnadas e pobres de espírito. Que tipo de gente é essa que tem nas mãos o destino de uma futura geração?

Pensei na Srta. Massinger e dei um suspiro de concordância.

Sanau apressou-se a explicar que as crianças não eram forçadas a aprender nenhuma matéria, eram apenas orientadas quanto aos assuntos pelos quais demonstravam um interesse genuíno.

Naturalmente, as mentes das crianças não são formadas, e seus interesses precisam ser conduzidos; mas nunca se impunha matéria alguma. Se elas não reagiam favoravelmente, a lição era apresentada de modo mais interessante, a mestra era mais dramática. Se esses esforços também falhavam, imediatamente punha-se de lado aquele assunto e apresentava-se outro. Criança alguma tinha que sofrer o espetáculo da humilhação pública por falhar.

Em Yargo, não era incomum encontrar-se um homem que fosse um verdadeiro mago em matemática, mas quase um adolescente em linguagem e em arte. Ele não era condenado por essa falha; era elogiado pelos conhecimentos que possuía, e encorajado a aumentá-los ainda mais. E, por sua vez, ouvia com grande respeito o homem cujo forte era literatura e arte. Eles compartilhavam de uma admiração mútua pelos respectivos talentos.

As mulheres, não mais sobrecarregadas por partos e criação de filhos, pelos cuidados com o marido e pela atenção à beleza pessoal, ficavam igualmente livres para melhorarem seus conhecimentos. Como o sexo em si era um fator de pouca importância, o homem e a mulher trabalhavam juntos em completa harmonia, sem elementos perturbadores. A completa igualdade dos sexos era uma realidade, e não eram necessárias leis para proclamarem esse fato. Era uma realidade presente.

Fiquei cheia de perguntas por fazer. Quando falei com Sanau, ela fez um aceno de mão, ignorando minhas objeções. O povo do seu planeta levava milhares e milhares de anos para chegar devagarinho, passo a passo, a essas conclusões. Seria impossível esperar que

alguém como eu pudesse aceitar de imediato revisões tão drásticas na estrutura social.

Embora tivesse as minhas dúvidas quanto ao sucesso completo dessas teorias, não podia deixar de enxergar sua lógica. Meu próprio caso era um excelente exemplo. Sempre quis ser atriz, e agora, naquele estranho planeta, enfrentando uma possível morte, subitamente senti que aquilo não era apenas uma fantasia de adolescente. Fora um desejo real e honesto, e por um momento senti os olhos marejados de lágrimas por todas as minhas ambições irrealizadas. Pensei se haveria teatro em Yargo.

Perguntei a Sanau.

Claro que havia. E, por sua vez, com um interesse surpreendente, Sanau me perguntou por que eu abandonara minha ideia sem fazer uma tentativa séria. Por que meu desejo fora apenas uma ideia, e não uma realidade?

Achei graça.

— Não foi apenas abandonar uma ideia — expliquei foi abandonar um capricho improvável e pouco prático.

Primeiramente, como sabe, ainda temos que nos sujeitar ao dinheiro, na Terra. Para me tornar atriz, eu teria que ter viajado para Nova York, ou para a Califórnia, preparada para fazer uma experiência de um ano. Aquilo ia custar um bocado de dinheiro, e poderia levar mais de um ano até que eu conseguisse um papelzinho mínimo para poder provar

— Quer dizer que deixou a ideia de lado sem sequer algum talento.

E, nesse ínterim, quem ia me sustentar?
experimentá-la?

— Isso mesmo. Não foi difícil, depois que fui forçada a ver a lógica de tal atitude.

Sanau fitou-me por um momento. Depois, com uma expressão incrédula nos belos olhos, perguntou: — Quer dizer que foi nisso que se transformou seu... uma ideia pouco prática? Se esse desejo existia desde a sua infância, então era isso que você tinha como ideal, no entanto você o abandonou e mudou o seu destino, sem mais nem menos?

— Bem — Fiquei meio desconcertada. — É, acho que o abandonei mesmo. Fiz um curso de secretariado e arrumei um emprego que me agradava. Não posso dizer que o adorasse, ou que puxasse pela minha inteligência. Era um trabalho de rotina. Depois, conheci David. Estamos noivos. Na verdade, íamos nos casar em setembro.

Suspirei por todo o prazer perdido de que era agora forçada a me privar.

Sanau também suspirou, mas não de pena pelo meu infortúnio. A piedade dela se estendia a toda a minha civilização.

— Que coisa mais triste. Ao enfrentar esse destino em Vênus, estou abandonando um planeta maravilhoso, uma raça superior, e o líder mais hábil de todos. Mereço que se apiedem de mim, mas você merece que a cumprimentem por ter escapado da vida que levava.

— Não posso dizer que prefira esta colmeia ao meu novo apartamento!

— Que comparação odiosa — replicou Sanau. — A vida que lhe seria oferecida em Marte eia certamente preferível. Pelo menos lá você teria a oportunidade de conviver com uma nova raça e canalizar seus esforços para uma atividade que poderia apreciar.

— Sanau, não sou tão adiantada assim. Acho que prefiro os prazeres simples do meu novo apartamento e David às delícias de Marte.

Ela meneou a cabeça, discordando com veemência.

— Minha amiga, se você pudesse se ouvir falando! Ouça a si mesma sem emoção, e de um modo impessoal. Sua vida inteira se resume numa série de fugas, a princípio de você mesma, depois da própria vida. Você continuaria a correr até que a morte lhe abrisse os braços, como alívio. Para vocês, a morte oferece paz, um fim para a sua dor e a sua existência mesquinha e frustrada. Para nós, a morte simplesmente oferece um descanso merecido para uma vida plena.

— Não é tão ruim assim como você faz parecer — insisti.

— O que você estava fazendo que realmente apreciava? Como se pode ser feliz no seu planeta se você é um exemplo típico?

— Sanau — quase gritei de irritação —, sou um exemplo típico, e não estou infeliz. Talvez pelos seus padrões minha vida seja estagnada, mas lembre-se de que tudo é relativo. Sua vida não me atrai em nada.

Ela me olhou dentro dos olhos.

— Você me disse com sinceridade que queria ser atriz, ou pelo menos ter uma chance de tentar. Esse era o seu desejo máximo, e contudo você agora o admite quase com vergonha, pois foi forçada a deixá-lo de lado como um mero sonho, sem ter tentado descobrir se no seu coração e na sua mente existia um talento criador genuíno. A seguir você foi forçada a fazer um curso, creio que de taquigrafia, que não tinha vontade de fazer. Após completá-lo, foi forçada a procurar um emprego que também não lhe dava um prazer verdadeiro. Você se afundava cada vez mais no pantanal da infelicidade e da insatisfação, mas conseguiu escapar ao descobrir David. Conseguiu convencer-se rapidamente de que o alívio que sente ao poder fugir daquela situação é amor; embora eu não seja capaz de sentir tal emoção, estou certa de que isso não é amor, minha amiga.

— Você está errada — retruquei com veemência —, eu não tinha que me casar com David. Conhecia outros homens, mas escolhi David, acima de todos. Ora, todas as minhas amigas me invejam.

— É, você o ama e escolheu-o acima da datilografia e da canseira que era forçada a enfrentar no escritório, e nada mais. Em comparação com esse serviço indesejado, David era uma dádiva. Talvez, até mesmo em comparação com os companheiros das suas conhecidas, David fosse um presente dos céus. Talvez suas feições fossem mais simétricas. Talvez sua capacidade de ganhar dinheiro fosse superior. E então você diz a si mesma que tudo está bem, que você realmente é uma pessoa afortunada. O que vem a seguir? A anestesia da excitação que antecede ao matrimônio, cujo clímax é a própria cerimônia do casamento. Uns poucos meses para saborear as delícias da emancipação das rédeas da sua família, até que descubra que está amarrada ainda mais firmemente pelas rédeas do matrimônio. Você se deleita com essa falsa segurança. Olha com orgulho para os poucos bens que agora lhe

pertencem, saboreando a experiência de exibí-los às suas amigas menos afortunadas, que ainda estão presas ao escritório do qual você conseguiu escapar. A seguir vem sua realização, como vocês dizem. Descobre que está para ter um filho. Acredita que fez uma coisa extraordinária, algo que ninguém jamais fez, sem se lembrar de que os animais irracionais têm várias ninhadas por ano. Você vê horrorizada seu corpo tomar um tamanho e uma forma grotescos. Durante meses você se arrasta, alternando entre prazer, desânimo e dúvida misteriosos. Será que você vai morrer? A criança vai morrer? Ela será normal? Será que você voltará a ser bonita e desejável? Será que seu marido ainda a ama com aquela paixão e admiração iniciais? Você voltará a sentir aquela maravilhosa sensação romântica ao toque dele? Ele conseguirá esquecer a criatura disforme em que você se transformou e lembrar-se da noiva etérea que adorava? Você terá a capacidade de ser uma boa mãe, além de uma boa esposa e amante? Será que este David será bem sucedido, e ganhará dinheiro o bastante para dar à criança tudo de que ela precisa?

— Pare!

Gritei tão alto que a criatura que estava de guarda do lado de fora da caverna veio ver o que havia. Entrou rastejando e olhou para nós duas, com as grandes antenas agitando-se no ar, como que escutando para certificar-se de que estávamos bem; depois, rastejou de novo para fora, mas percebíamos sua sombra no chão.

— Desculpe — falei, mortificada. — Sanau, você dá um sentido tão horrível às únicas coisas maravilhosas da vida. Consegue fazer as coisas brancas ficarem pretas. Você está pegando a nossa vida e examinando-a através dos seus olhos, despidos de emoção. Sem o sentimento que motiva as ocorrências, concordo que podem parecer tão desagradáveis como você as pinta. Uma caminhada solitária no deserto pode ser uma caminhada longa, quente e cansativa. Mas se a fizermos ao lado de quem amamos, ela se torna uma experiência memorável, e até mesmo um deserto vira uma rua de namorados. Acho que não compete a você fazer uma análise de nossa vida como uma espectadora tão impessoal.

— Não tão impessoal quanto você crê — respondeu ela. — Você parece esquecer que também passamos por todas essas experiências. Já vivemos com emoções. Não eu, nem minha mãe, nem minha avó, mas temos histórias e romances que registram essas emoções e esses fatos, do mesmo modo que vocês têm documentos. Vocês aprenderam os costumes dos nativos das suas selvas africanas, dos índios, até mesmo ouviram falar de seus ritos matrimoniais e de suas cerimônias. Portanto, eu falo com conhecimento de causa quando ataco os costumes angustiantes de seu planeta.

Meneei a cabeça.

— Pode atacar. Se eu tivesse ficado na Terra, teria podido viver emoções e experiências que você jamais conhecerá. Você se apega às coisas ruins, à deformidade do corpo, às dúvidas, mas omite as experiências maravilhosas que fazem com que valham a pena todas as preocupações e temores. Sanau, talvez tudo valha a pena por aquele único momento maravilhoso que você ignorou completamente. Recostar-se após aqueles longos meses de preocupação e angústia e experimentar a alegria de ter o seu bebê nos braços. Saber que ele é o seu sangue e a sua carne, unidos pelo sangue do homem que você ama. Saber que tudo o que possui extraiu do seu corpo; você vibra de alegria por ter-lhe sido permitido contribuir para aquela vida. É uma coisa viva, viva graças a você. Tenho perfeita consciência de que uma gata vadia dá à luz uma ninhada, mas a ninhada dela é mais comparável aos vinte e sete filhos que você teve, pois não passam de frutos de um momento de prazer físico. Se eu tivesse tido a sorte de casar com David e ter um bebê, ele teria sido a prova viva e concreta da consumação de um amor verdadeiro.

— Amor verdadeiro, que duraria exatamente um dia, um mês, um ano. — O rosto dela exibia uma expressão indisfarçável de desdém. — Mas o que é uma semana ou um ano de felicidade egoísta em comparação a anos de labuta e ambições abandonadas?

Você está esquecendo todas as esperanças e sonhos que foi forçada a deixar de lado em troca desse êxtase de curta duração.

Esquece o seu desejo de ser atriz. Esquece o tédio de aprender uma profissão que não lhe interessava. Pense nisso, um ano inteiro gasto num esforço sem entusiasmo. Janet, podem-se perder e recuperar as riquezas mundanas, mas nunca se pode recobrar um momento perdido. E o que acontece depois desse grande momento em que você se recosta e vibra com o milagre de ter dado à luz uma criança? Instigará seu companheiro a trabalhar cada vez mais e ele obedecerá, vindo assim a falecer mais cedo do que a natureza pretendia. Você passará a vida poupando para adquirir coisas necessárias e supérfluas para a criança, e será forçada a assumir encargos adicionais que não lhe trarão alegria ou inspiração. Muito em breve, terá aberto mão de todas as ideias que alguma vez significaram felicidade para você. Depois de uma vida de trabalho, preocupação e luta, seu filho chegará à maturidade. Se for mulher, partirá para os braços de um homem qualquer, para viver a mesma vida que você viveu. Se for um homem, virá participar a você qual a sua ambição na vida. Nove vezes em dez, ela não será aquilo que você desejava para ele, ou será contrária aos desejos da mulher que ele escolheu por companheira. Ou ele será um individualista e se oporá a vocês, vivendo com a consciência atormentada por tê-las feito infelizes, e por tudo o que perdeu (sucesso algum lhe trará paz de espírito ou verdadeira auto-realização), ou, se for como noventa por cento da sua civilização e se acomodar, será lançado a uma ocupação que não lhe trará nenhuma gratificação espiritual, e se transformará num daqueles autômatos a quem vocês chamam de humanos. E assim o ciclo continua.

Estirei-me no chão frio. Como oradora, Sanau não tinha competidores. Emocionalmente, eu me opunha às suas ideias, mas mentalmente não era páreo para as suas racionalizações; portanto, abster-me de maiores discussões. E lá no fundo havia a dúvida de que talvez ela não estivesse muito longe da verdade.

Como que para alimentar essa semente de dúvida, ela continuou a mostrar em detalhes a destruição do meu espírito.

Se eu tivesse tido a ventura de ter nascido em Yargo, teria recebido todas as oportunidades para realizar meu desejo de ser atriz. Quando minha educação estivesse terminada, seria colocada

sob a tutela do Conselho de Teatro. Sob a proteção do conselho, teria a oportunidade de representar todo e qualquer papel. O público seria o juiz e o júri. Não haveria os críticos nem os agentes de publicidade que têm o poder de fazer ou destruir um artista. A seguir, após um certo tempo, se se descobrisse que meu talento era insuficiente (o que seria improvável, já que qualquer pessoa que realmente ame sua profissão e trabalhe nela sem interferência raramente falha), poderia continuar como atriz, lutando para chegar à perfeição. Ou, se quisesse mudar, arranjaria uma colocação na profissão que eu amava, lecionando, fazendo cenografia ou figurinos.

— Como vê, minha amiga — acrescentou Sanau —, o amor existe no nosso planeta, mas não o amor como vocês o definem. O amor é pelo trabalho e pela criação, não é o amor de um ser humano por outro.

— Quer dizer que não existe nenhum ser humano que você ame?
— perguntei, incrédula.

— Amo todo o meu povo, embora não seja o amor como você o compreende, e respeito o trabalho que ele está fazendo. Não existindo o amor por um só ser humano, não poderá haver ciúmes, ódio ou intrigas. Não há ninguém a quem eu deseje mal, o que estou certa não se aplica aos humanos da Terra.

A essa altura estava completamente escuro. Uma criatura entrou na caverna, trazendo mel e água em xícaras toscas feitas de folhas gigantes. Comemos e bebemos em silêncio. Por um momento, esquecera o perigo real que espreitava lá fora da colmeia. Era uma coisa estranha que,

naquela noite prenhe de perigo e mau agouro, estivéssemos falando tão racionalmente dos costumes de nossos planetas.

Acabei de comer e me deitei para dormir. Lembrei-me de um amigo de David que estivera prisioneiro num campo de concentração na Europa. Seis companheiros dele já haviam sido abatidos pelo pelotão de fuzilamento, e os restantes estavam certos de que a alvorada lhes traria o mesmo fim. Assim, em sua última noite, ficaram todos sentados falando de suas casas, dos filhos, discutindo política e a filosofia da vida em geral. Falaram sobre todas as coisas,

exceto o fim que os aguardava. Faltando duas horas para o amanhecer, os Aliados invadiram o campo e eles foram salvos. Mas Sanau e eu não tínhamos fuzileiros ou aviadores lutando para nos salvar. Essas eram as nossas horas finais, e não havia uma sombra de chance na qual se pudesse depositar um débil raio de esperança.

Quando fechei os olhos, aproveitei-me da proteção adicional da escuridão para fazer a Sanau a pergunta que ficara pairando em minha mente, o tempo todo. Perguntei-lhe se estava apaixonada pelo Yargo.

Ela não denotou surpresa ou raiva diante da indagação.

Com uma calma encantadora e uma ausência total de malícia, respondeu:

— É claro que amo o Yargo. Amá-lo compara-se a amar o nosso trabalho, ou o nosso planeta. Pois não existe nada que mortal algum, neste ou em outro planeta qualquer, possa realizar que ele não possa igualar ou suplantar.

A seguir, fechou os olhos, e, provavelmente pensando na imagem dele, entrou numa meditação extática.

E assim se passou a segunda noite no planeta Vênus.

19

Na manhã seguinte, nossa monotonia foi quebrada por um vôo surpresa. Mal acabáramos de comer o indefectível mel, fomos conduzidas pelas monstruosas criaturas num vôo através do planeta.

O sol atravessava a névoa com a mesma infrequência com que a lua o fazia, e no entanto era claro e quente em Vênus. Admirei-me com a aceitação calma com que passara a encarar essas viagens aéreas.

Lá ia eu pelos ares tendo como única proteção um par de braços gigantes e peludos, sabendo que aquele ronco de motor não passava do zumbido de um inseto matador de homens, e no entanto meu único medo era do que viria a seguir.

A viagem terminou diante de uma colmeia gigante, de estrutura elaborada, que fazia a nossa caverna parecer um formigueiro.

Imaginei que ali fosse a morada da rainha. Estava certa.

Ela estava à espera quando eu e Sanau fomos postas dentro da colmeia. Fiquei muito perto de Sanau para que ela pudesse traduzir qualquer fragmento de conversa que pudesse ouvir e entender, mas para meu desgosto e ansiedade crescente, Sanau nem abriu a boca. Não era por falta de atividade. Havia constantes zumbidos e volteios de antena, primeiro por parte da rainha, a seguir dos seus assessores, depois de um outro grupo que dava a sua opinião. O barulho ficou ensurdecido, como numa imensa serraria. Cutuquei Sanau e lancei-lhe um olhar súplice, mas ela agia como se estivesse em transe, como se não fosse capaz de entender a mim, que dirá àquelas estranhas criaturas.

Subitamente, a rainha ergueu seu corpanzil e, numa posição ereta, emitiu um som chocalhante, zunidor. Era um espetáculo de gelar o sangue: aquele inseto monstruoso, de pé nas pernas traseiras, com as asas imensas cascadeando até o chão, os olhos enormes fitando os presentes. Desviei o olhar.

Era óbvio que a rainha estava dando uma ordem qual quer e, quando acabou, acocorou-se. Um zumbido tremendo encheu o

aposento, seguido por um repentino silêncio.

Sanau desmaiara!

Acho que ela mesma se obrigou a voltar a si. As criaturas ficaram muito preocupadas, e levaram água e mel aos seus lábios. Sanau conseguiu abrir os olhos com visível esforço, e pôs-se de pé com dificuldade. Segurei-lhe o braço, a despeito de minha súbita fraqueza, pois sabia que Sanau havia desmaiado por causa de alguma coisa que escutara, alguma coisa relacionada aos nossos respectivos futuros. Se ela havia desmaiado, eu provavelmente ficaria louca, furiosa.

Ainda bem que no momento só uma de nós compreendia o que se passava.

Afastei esses pensamentos. Minha preocupação principal era de que as criaturas não percebessem que Sanau as compreendia. Felizmente, elas só pareciam interessadas no bem-estar imediato de Sanau. Levaram-nos embora, rápida e gentilmente, de volta à nossa prisão habitual.

Logo que nos vimos a sós, virei-me para Sanau com o rosto branco de medo. Ela se afastou e gemeu desesperada. Implorei em voz baixa para que me contasse todos os fatos, mas sua recusa em me responder fez com que eu a sacudisse, frustrada.

— Exijo que você me conte — berrei. — Tenho o direito de saber!

Ela me olhou e, com os olhos brilhantes de angústia, disse: — Minha amiguinha, não sei de nada. Foi apenas o calor que me fez sucumbir.

Ela não estava bem treinada na arte dos subterfúgios. Tentei de novo:

— Uma yargoniana não desmaia por causa de condições que uma terráquea pode suportar, Sanau. Você não está falando a verdade.

Ela se recusou a responder e deitou-se no chão, de costas para mim.

Passei uma hora infrutífera implorando, adulando, ameaçando, e não obtive resposta.

Quando o mel enjoativo e a água foram trazidos para a refeição da noite, estava exausta pela falta de sucesso e pelo esforço

despendido. O que ela ouvira que a fizera desmaiar? O que fizera o seu espírito superior fraquejar a tal ponto?

Comecei a lambiscar o mel sem vontade.

— Aconselho-a a não comer — falou ela, com voz monótona.

Larguei depressa o mel.

— Eles vão nos envenenar?

— Isso seria uma morte misericordiosa — replicou.

Afastei a comida e a água e emburrei. Repeti que achava a atitude dela injusta. Não importava o tipo de morte que nos aguardasse, a incerteza que me atormentava era mais apavorante do que a verdade.

Ela me olhou como se verificasse a sinceridade de minhas palavras.

Obviamente acreditou em mim, pois reconsiderou e abandonou a sua máscara de fingimento.

— Ia poupá-la, minha amiga, para o seu próprio bem, para permitir que tivesse ao menos mais uma noite de repouso. Posso apenas afirmar que a morte pelas nossas próprias mãos é a única escolha que temos.

Começou a revirar a colmeia, procurando alguma coisa dura que servisse para esse fim. Mas o aposento estava vazio. Até mesmo os recipientes em que nos traziam a comida eram de folhas macias.

— Um galho de árvore serviria — dizia desesperada.

Poderíamos furar os pulsos.

Eu a seguia o tempo todo, ajudando-a na busca e insistindo para que me dissesse toda a verdade. Depois de certificar-se de que a busca fora completamente infrutífera, ela se sentou e olhou para mim. Nos seus olhos havia o mais absoluto desespero.

— Não é uma história bonita, Janet. Eu os subestimei demais.

Embora não possam comparar-se com os yargonianos e sua inteligência superior, superam os habitantes do seu planeta de todas as maneiras. Na verdade, em certa época, tinham a exata estrutura física dos humanos da sua Terra.

Aquelas abelhas haviam sido gente? Era impossível acreditar, mas enquanto Sanau falava, fui aos poucos aceitando os fatos. A maior parte do que pudera saber fora graças à discussão entre a rainha e

os súditos. Nosso destino era ideia da rainha, e só dela. A princípio o povo discordara, queria que morrêssemos imediatamente, como os líderes e o piloto. Hoje, contudo, o assunto fora posto em discussão.

Após o debate, houvera a votação. A proposta alarmante da rainha fora aceita por grande maioria.

O planeta Vênus, continuou Sanau a explicar, já gozara das mesmas condições climáticas da Terra e de Yargo. Depois da era glacial, quando a Terra não passava de um globo de água e gelo, Vênus foi o primeiro a ter o calor necessário para abrigar uma raça de seres humanos. E então, com a passagem de milhões de anos, a temperatura de Vênus cresceu em intensidade e os humanos aos poucos foram se transformando numa raça de criaturas-insetos gigantescas.

Finalmente eles aprenderam a controlar o seu clima horroroso, com a construção de habitações que absorviam e dissipavam o calor e a umidade. Isso explicava o conforto da colmeia em que estávamos presas.

De quando em quando, nascia um mutante, uma regressão à raça original a que tinham pertencido. Em geral, o mutante era meio gente, meio abelha, ou uma abelha com algumas características humanas. Felizmente, o mutante raramente sobrevivia mais do que uns poucos anos, mas os monstros eram uns tipos vaidosos, e não admiravam a forma que haviam adquirido. Nutriam a esperança de que, algum dia, viessem a retomar completamente a sua antiga imagem humana.

Para alimentar essa fagulha de esperança, a rainha produzira um mutante que parecia quase humano. Era um macho.

Eu acompanhava essa história bizarra com um interesse quase compassivo, mas quando Sanau fez uma pausa, minha paixão transformou-se em pânico imediato. Nem precisei que ela concluísse. A verdade me atingiu como um soco entre os olhos! Ela continuou falando; e eu escutava, esperando irracionalmente que meus piores temores não se realizassem.

— E agora entramos na história — dizia ela em voz baixa. — Teremos o privilégio de iniciar uma •nova geração. Daremos à luz os rebentos desse mutante que conseguiu sobreviver à puberdade.

Queria desmaiar; desejava cinco minutos de inconsciência para esquecer a história que ela contara.

Mas não desmaiei. Fiquei ali sentada, fitando o espaço. Aquilo não podia estar acontecendo comigo!

— Eles são muito inteligentes — prosseguia Sanau.

— Há algum tempo que vêm imaginando esse plano, e esperando por uma oportunidade. Não podiam pousar na Terra ou no meu planeta. Era muito arriscado sequestrar alguém. Não ousavam atacar nossas naves. Sempre viajamos com uma frota completa. Na verdade, tomavam muito cuidado para não serem vistos por nós, pois sabiam que éramos muito superiores em força e que facilmente os aniquilaríamos. Avistar uma nave isolada era o sonho dourado deles. Você estava certa quando imaginou que eles não tinham intenção de nos atacar. Estavam esperando que acabasse o nosso combustível, para forçar-nos a pousar em Vênus. Fugindo como fugimos, fizemos o jogo deles.

— Mas por que mataram o Líder Corla e os outros? Pensei que eles queriam o máximo possível de seres humanos.

Sanau sorriu.

— Você esquece que esta é uma raça de abelhas. A única fêmea fértil é a rainha. Se a abelha mutante fosse uma rainha, então o Líder Corla, o Líder Kleebe e o piloto teriam sido poupados, e nós teríamos tido o destino deles. O mutante é macho, por isso somos necessárias. O plano deles é que os nossos rebentos se casem e cruzem com outros mutantes. Com isso, uma raça de humanos acabará por se desenvolver de novo.

— Você falou em casar, Sanau.

Ela assentiu.

— Com a raça do jeito que é, com uma fêmea chefiando uma raça de operárias e zangões, o casamento é impossível. Mas eles estão tão ansiosos para recriar sua antiga civilização que pretendem seguir todos os costumes humanos que já possuíram.

Não respondi. Caímos numa depressão sem fim, torturadas pelas visões de nossa imaginação. Não consigo lembrar como passamos aquelas horas terríveis. Nenhuma de nós dormiu naquela noite; tampouco conversamos. Sei apenas que aos primeiros raios da

aurora surgiram os monstros pavorosos. Justo nesse dia, haviam
chegado cedo, para levar-nos ao príncipe herdeiro que nos esperava.
Nosso futuro marido!

20

Fomos levadas para a grande clareira que obviamente servia como o principal ponto de reunião e local onde se realizavam as cerimônias dos venusianos.

A rainha estava acomodada sobre um toco de árvore, e sua pequena comitiva ficava às suas costas. À sua frente se amontoava toda a população de Vênus, ao que me parecia. Devia chegar a quase um milhão, insignificante em comparação à população da Terra ou de Yargo, mas assustadora para Sanau e para mim. A clareira devia ter uns doze mil metros quadrados, mas não tinha espaço suficiente para acomodar aquela multidão presente. Até as árvores estavam carregadas com aqueles gigantes monstruosos, espectadores entusiasmados nas arquibancadas.

Fomos conduzidas imediatamente diante da rainha. Ela ficou de pé, na sua postura desajeitada, e fez um sinal.

O príncipe herdeiro apareceu em cena. Numa jaula! Olhamos para a monstruosidade que, com nossa ajuda, estava destinada a propagar a vida humana em Vênus.

Era exatamente como Sanau o descrevera: meio homem, meio abelha. Parecia que tanto seu corpo quanto a sua mente ressentiam-se desse erro da natureza, pois percorria a jaula como um animal selvagem, rosnando, zumbindo e emitindo estranhos sons guturais que pareciam arremedos de palavras.

Era pequeno até mesmo em comparação com um homem, não chegando a um metro e vinte de altura. O tórax e as pernas tinham forma humana. Da cintura para cima, era coberto com uma penugem espessa. Em lugar de braços, possuía imitações franzinas de patas de abelha, que não pareciam capazes de outra coisa senão agitar-se raivosamente; nas costas deformadas tinha duas asas imensas, inanimadas e disformes. Mas o mais grotesco nele era a cabeça, de formato humano, mas duas vezes maior que o normal, e sem cabelos. A mesma penugem espessa que lhe cobria o corpo percorria o meio da sua calva e descia pelas costas. Ele possuía

antenas, e seus olhos eram grandes e facetados, de abelha, e seu nariz era achatado. Enquanto rosnava e esbravejava, deixava as presas à mostra.

Era óbvio que não se comparava em inteligência aos demais habitantes do planeta. Evidentemente, a natureza despendera toda a sua energia fabricando aquele corpo fantástico, e esquecera-se do cérebro. O fato de estar enjaulado provava também que era violento, pois, se não o fosse, por que tratar um príncipe herdeiro com tanto desrespeito?

Notei uma estranha mistura de orgulho e tristeza no olhar que a rainha lançou a seu infeliz filho. Estou certa de que, bem lá no fundo, ela preferiria que ele tivesse nascido outro abelhão monstruoso, voando feliz pelos pântanos, livre para dedicar-se a uma atividade normal, possuidor de uma mente para amá-la e respeitá-la. Em vez disso, o destino de toda a sua raça dependia daquela mente e daquele corpo disformes.

Ela voltou-se rapidamente para seus súditos, era novamente a rainha (não mais a mãe), e zumbiu ordens. Vi que Sanau cambaleava de encontro ao gigante que a segurava. Senti um frio na barriga, pois, embora não tivesse ideia do que nos aguardava, a expressão de Sanau bastou para me deixar alarmada.

Um pequeno exército armado de lanças feitas de galhos de árvores caminhou até a jaula e entrou nela. A criatura na jaula rosnou, sibilou, zurrou; parecia que lá dentro havia milhares de animais selvagens. As abelhas que entraram mantiveram distância, usando as lanças como um domador usa a cadeira para manter afastado o leão. Depois de dez minutos de berros e rugidos de gelar o sangue, conseguiram encurralar o príncipe, agora lívido, e amarrá-lo a uma das paredes da jaula. A seguir, as abelhas saíram da jaula e vieram fazer profunda reverência diante da rainha, que emitiu mais alguma ordem. Sanau empalideceu visivelmente. Dois monstros vieram tirar-nos daqueles que nos seguravam.

Começaram a levar-nos para a jaula! Finquei pé com um berro apavorado, mas era inútil lutar contra aqueles braços de aço.

Sanau e eu fomos jogadas à força dentro da jaula. A porta se fechou, deixando-nos à mercê da criatura enlouquecida.

Todos cercaram a jaula. O espetáculo prometia ser interessante.

Sanau e eu nos encolhíamos na extremidade oposta àquela em que estava amarrada a criatura. Rosnando contra o tratamento ultrajante que recebera, ela ainda não nos havia notado.

De repente, pareceu se dar conta de que não estava só, e levantou os olhos em meio a um forte rugido. Aqueles olhos saltados encontraram os meus. Enfiei o punho cerrado na boca para abafar um grito, temerosa de atijar ainda mais a sua raiva. Deus se apiedasse de nós se as cordas não conseguissem contê-lo.

Subitamente, sua fúria cedeu e ele ficou estranhamente sereno.

Olhou para Sanau, depois voltou a olhar para mim, como que nos avaliando. Fiquei parada, naquele fascínio terrível em que deve ficar o coelho hipnotizado pela cobra. E então, uma coisa surpreendente aconteceu. Os lábios ensopados de saliva da coisa se abriram numa careta. Estou certa de que ele pretendia dar um sorriso, mas as presas amareladas eram tão apavorantes que estremeci violentamente. E então ele começou a balançar a cabeça, sem tirar os olhos de mim.

Sanau murmurou: — Fique calma, nada vai acontecer agora. A intenção deles é deixar que se acostume conosco. Ele tem a inteligência de um débil mental.

Assenti. Tentei até sorrir. Depois, ele começou a agitar aqueles bracinhos inúteis e suas antenas moveram-se com tanta força que criaram uma brisa que me desmanchou o cabelo. A saliva escorria pelo queixo dele enquanto escavava o chão como um potrinho.

Imaginei se seria tão evidente para os monstros-abelhas quanto o era para mim que a coisa estava encantada comigo!

Sanau postou-se à minha frente, protetoramente, mas nenhuma de nós duas contara com a ideia fixa do débil mental. Ele imediatamente começou a rosnar e se retorcer, provando sem sombra de dúvida que queria ter a visão do seu verdadeiro amor: eu!

Sanau fora completamente rejeitada.

Para não aumentar a confusão, ela se afastou de pronto. A coisa parou de se agitar e me fitou com um olhar aveludado. Não havia pupilas visíveis nos seus grandes olhos.

— Eu estava testando a inteligência dele — sussurrou Sanau. — Queria ficar na sua frente e verificar se ele se satisfaria em olhar para mim, ou se realmente demonstrava alguma preferência.

— Parece que sim — concordei desalentada.

— Então talvez eles me destruam — falou ela, com voz esperançosa.

— Não creio. É provável que guardem você como sobressalente.

— Eu não estava tentando fazer graça, a frase saiu naturalmente. — Afinal, eles têm que esperar para ver. Quem sabe eu seja estéril, com aquela coisa.

Parei de falar quando minhas palavras me fizeram pensar em meu destino inevitável.

Sanau suspirou em voz alta, como se tivesse pensado o mesmo. A coisa se acorou e ficou me olhando com evidente satisfação.

Continuou serena até que nos tiraram da jaula, depois entrou em ação, súbita e violentamente. Se isso era possível, parecia mais enfurecida do que antes, e por um momento aterrador tive certeza de que ia arrebentar as cordas e a jaula. Talvez a rainha também pensasse assim, pois sua ordem seguinte fez com que a jaula fosse levada embora, enquanto seu habitante berrava o que certamente era o equivalente venusiano aos nossos piores palavrões.

A seguir, nós é que fomos levadas de volta à nossa prisão.

Tão logo ficamos a sós e pudemos respirar tranquilas, Sanau me informou dos planos que eles tinham para nós. Nosso noivo ignorava completamente os fatos da vida. Devido à sua debilidade mental evidente, fora sempre mantido no cativeiro. Nenhuma abelha no seu juízo perfeito queria ter contato com ele. A rainha não desejava submetê-lo a nenhum esforço extraordinário, pois a força de um mutante era uma coisa instável. Portanto, haviam mantido o monstro celibatário, esperando até capturar um ser humano de verdade, ou então até que nascesse outra mutação fêmea. Mas agora o destino transformara seu sonho impossível em realidade. Como insetos atraídos pela teia da aranha, havíamos pousado intencionalmente no planeta deles, e o mutante ficara obviamente encantado com o que lhe fora preparado. Agora, eles estavam totalmente aptos para prosseguir com o plano.

— Suponho que agora vão contar a ele como nascem os bebês
— falei, tentando aliviar um pouco aquela situação terrível.

Sanau deu um débil sorriso.

— De certo modo, sim. Colocarão junto a ele uma fêmea voluntária da sua raça, uma sub-rainha. Ao invés de enfrentar uma luta de morte com a rainha atual, que é o destino costumeiro delas, essa sub-rainha será ricamente recompensada, e receberá uma província pequena para governar.

— Quer dizer que há mais de uma rainha? — perguntei, surpresa.

A testa de Sanau ficou enrugada com o esforço para ordenar os seus pensamentos.

— Pelo que pude observar, elas não se comportam exatamente como as abelhas da Terra ou do meu planeta. A rainha obviamente comanda e propaga a raça. No mundo das abelhas, quando nasce outra rainha, ela trava contra a rainha mais velha um combate mortal, e a vencedora governará a raça. Mas, como este planeta é tão grande, a nova rainha pode simplesmente viajar para outra província, e só declarará guerra se achar que pode sair vitoriosa.

Atualmente, essa rainha é a única governante. Parece também que não botam ovos, mas dão à luz os rebentos do mesmo modo que os mamíferos.

Fez-se um momento de silêncio. Finalmente, rompi aquela quietude terrível com a pergunta que ambas nos fazíamos secretamente: — E o que vamos fazer? Não vamos ficar paradas esperando que essa coisa pavorosa aconteça, não é?

— Acho que temos que nos deixar morrer de fome.

Sanau respondera calmamente, quase com indiferença, e eu concordei com um aceno sereno de cabeça. O suicídio é uma ação violenta; deve ser realizada rapidamente, como condiz com o desejo que a motiva. Mas morrer de fome nos parecia a única alternativa no momento, a despeito do medo da autodestruição. A consciência do que a vida nos traria fazia da morte uma ideia abençoada.

Quando nos trouxeram a comida, fingimos que a aceitávamos. No minuto em que as criaturas desapareceram, fizemos buracos no

chão, jogamos lá dentro o mel e a água, cobrimos de novo os buracos, alisamos a terra e devolvemos os recipientes vazios.

Fizemos a mesma coisa na manhã seguinte. Fiquei desapontada ao notar que nenhuma de nós sentia pontadas de fome ou fraqueza alguma. Estava certa de que as duas estaríamos vivas quando o príncipe estivesse pronto para a experiência. Para aumentar esse medo crescente, as criaturas pareciam ter adivinhado nossos planos, pois ficaram ao nosso lado durante a refeição da noite.

Sanau fez sinal para que eu comesse. Não podíamos despertar as suspeitas delas, portanto obedeci. Tão logo desapareceram, Sanau me arrastou para um canto da colmeia, e nos forçamos a vomitar. Quando a ação nauseante acabou, enterramos os vestígios.

Comecei a me sentir tonta. Não sei se pelo vômito forçado ou pela falta de comida, mas minha cabeça ficou leve, e senti dores fortes na barriga. Sanau também admitiu que não estava se sentindo bem, e assim saboreamos um momento macabro de esperança. A cada onda de náusea ficávamos mais felizes. Estávamos começando a morrer!

Fiquei tão fraca que tive de me esticar no chão, com o rosto encostado na frescura da terra. Antes eu nunca pensara direito na morte. Sempre tivera a esperança secreta de que, quando a minha hora chegasse, eu não me daria conta. A morte não poderia ser apavorante, se a gente não soubesse que estava próxima. Seria como adormecer, fechar os olhos e perder a consciência, e nunca mais acordar. Afinal, a infelicidade que se associa à ideia da morte não é na verdade a incerteza do que nos vai acontecer, mas a tristeza de deixar para trás as pessoas que amamos e a alegria da nossa existência atual.

Na verdade, no que dizia respeito a deixar para trás os prazeres que tornavam a vida digna de ser vivida, eu morrera no momento em que o jato de luz da nave yargoniana me arrancara da Terra.

Mesmo em Yargo não havia vida para mim. O líder deles, embora esplêndido, não era real. A euforia causada pela sua presença era inspirada pela minha imaginação. O encanto que ele irradiava não era para mim; o sorriso que me fazia engasgar não era sequer dirigido para mim. Amá-lo e admirá-lo seria tão emocionalmente

satisfatório quanto amar um belo quadro ou outra obra de arte qualquer; comparável a adorar um pico de montanha, ou um pôr-do-sol, e a sonhar com eles. Belos, irrealis e igualmente inanimados.

E, eu morrera nas dunas de areia de Avalon. Agora, estava apenas esperando a morte fazer efeito.

21

Estava tão fraca na manhã seguinte que mal pude me sentar.

Consegui abrir os olhos e pelas frestas na porta tosca percebi que já era dia. Estava totalmente acordada, e não mais desejava dormir, mas minhas pálpebras se fecharam e eu desabei no chão sem vontade ou forças para me levantar.

Mas Sanau era feita de material mais resistente. Ajoelhou-se ao meu lado, preocupada.

— Está bem, Janet? — Eu me mexi debilmente para provar que, infelizmente, ainda estava viva. — Acorde. Force-se a ficar sentada — ordenou ela. — O sono revigora o corpo. Infelizmente, sinto-me bem disposta agora. Daqui por diante, não podemos mais dormir.

Forcei-me a obedecer. Minha cabeça estava tão leve, e eu me sentia nauseada. Minha garganta seca implorava água.

Sanau insistiu:

— Precisamos caminhar. — Levantou-me à força. —Vamos andar pelo quarto para gastar nossa energia restante. Isso é meio caminho andado. A inanição, por si só, poderia levar dias, talvez tenhamos apenas horas. Precisamos enfraquecer a nossa resistência com atividade física.

E assim pusemo-nos a caminhar para morrer. Dei um jeito de fazê-

lo. Era como se fôssemos sonâmbulas. Sanau tinha verdadeira inveja da minha resistência mais baixa enquanto me arrastava de um lado para outro, e ao mesmo tempo acho que se sentia grata pela carga adicional que aquilo representava para a sua estrutura super-resistente. Finalmente, as duas não aguentamos mais e caímos ao chão. Eu estava coberta de suor frio.

— Quanto tempo acha que ainda temos?

Eu ofegava, e meu coração parecia prestes a explodir dentro do peito.

Ela me lançou um olhar avaliador.

— Sem dúvida você será a primeira a morrer. Suas forças estão se esgotando rapidamente. Pelo menos agora, desejaria ter a inferioridade de um ser da Terra.

Ela realmente falava a sério.

— Continue a andar — insisti. — Não fique parada me consolando.

Ela obedeceu. Caminhava exatamente como um animal enjaulado, e só parou quando duas das criaturas apareceram trazendo a nossa comida.

Mais uma vez elas permaneceram ao nosso lado enquanto nos forçávamos a comer. O que faltava em gosto à comida era fartamente compensado pelas vitaminas que continha. E quase podia sentir as minhas forças voltando mas não fiquei alarmada. E claro que ambas pretendíamos repetir o procedimento desagradável mas necessário da véspera.

Mas, para consternação nossa, apenas um dos gigantes foi embora.

Depois de uma conferência rápida entre si, um deles se acomodou ao nosso lado.

— O que faremos? — murmurei para Sanau.

Ela deu de ombros.

— Tarde demais, minha amiguinha. Parece que o acasalamento do jovem príncipe foi extremamente bem-sucedido, e o que lhe falta em inteligência é compensado pela virilidade. Agora que seu apetite foi aguçado, ele está ansioso por nós duas.

— N-não!

Quase me engasguei com a palavra. Bastou olhar para a expressão dos olhos dela.

— Sanau, estrangule-me — implorei. — Eu serei a primeira, tenho certeza. Por favor, me mate.

— Gostaria de poder fazê-lo. — A voz dela estava cheia de compaixão. — Mas, mesmo que tentasse, nosso guarda não o

permitiria.

Esgueirei-me por detrás dela.

— Agora — murmurei, súplice. — Ele não pode ver. Por favor, esgane-me!

Ela tentou, não se pode negar. Suas mãos envolveram e apertaram minha garganta. Não ofereci resistência. Rezei para a morte chegar. Ela apertou mais, com os dedos macios e firmes . e mais, e mais . Senti o ar me fugir do peito; parecia que os meus pulmões estavam se enchendo de água e, contra minha vontade e meu desejo, meu corpo objetou com violência a essa tentativa de destruição. Debatí-me, e quando comecei a sufocar, a criatura imediatamente saltou para o nosso lado. Sanau largou-me de chofre, e pôs-se a me atender com falsa preocupação. Embora não tivesse ideia do que havíamos tentado fazer, o monstro resolveu ficar a meu lado com cuidado quase paternal.

Voltei a respirar normalmente, e logo não sentia mais nada a não ser a dor do remorso por havermos falhado.

Não demorou para que aparecesse um comitê para nos buscar. A oferenda estava prestes a se realizar.

Mais uma vez fomos levadas pelos ares até a grande clareira, onde novamente se amontoava toda a população do planeta. Sanau e eu fomos levadas diretamente à presença da rainha. Ela, por sua vez, sibilou uma ordem qualquer, e, sem aviso algum, dois dos monstros começaram a nos arrancar os trajes espaciais.

Era óbvio que os habitantes de Vênus não os achavam adequados como vestes nupciais.

O traje de Sanau foi o primeiro a ser retirado. Eu estava de bom grado ajudando meu guarda monstruoso com algumas presilhas difíceis de soltar quando parei e emiti uma exclamação de raiva e vergonha. Eles estavam arrancando do corpo de Sanau o restante das suas roupas. Ela não ofereceu resistência, ficou ali, nua e bela, com a cabeça bem erguida, os olhos fitando desdenhosamente algum ponto distante. Era como se estivesse tentando me dar o exemplo.

A seguir, fui despida. As criaturas não deram atenção aos nossos corpos. Aquela era uma experiência puramente clínica.

Para minha surpresa, Sanau foi escolhida como a primeira a ser sacrificada. Foi conduzida para diante da rainha, que concordou com a cabeça. A jaula apareceu; o príncipe cessou todos os seus movimentos ao ver Sanau; parecia que a brancura de seu corpo o hipnotizara. Estremeci de horror ao perceber que desta vez não havia cordas para segurá-lo. Por um momento ele ficou imóvel, fitando Sanau, depois berrou e estendeu os braços murchos pelas grades da jaula, na direção dela. Agora que havia provado o gostinho da vida, não estava mais tão exigente. Nem mesmo olhou para o meu lado.

Eles a levaram para a jaula. Berrei e tentei correr para ela, mas dois braços de aço me seguraram. Não sei exatamente o que pretendia fazer; foi meramente o reflexo inconsciente que há em todos nós de salvar alguém da destruição, de estender os braços para suavizar a queda; não foi uma verdadeira demonstração de coragem.

Desviei o rosto. Eles a estavam levando para a jaula. Era horrível demais para se olhar. Solucei por Sanau e por mim mesma, e em meio aos meus gritos escutei a voz dela: — Janet! Fique calma! Nada mais pode nos ferir, exceto o nosso medo. Force-se a superá-lo. Finja que nada disso está acontecendo. Pense em Yargo, no seu planeta, no seu David.

Essas foram as últimas palavras que ouvi. A coisa deu uma risada de hiena. Abri os olhos. Sanau estava diante da jaula, e uma das criaturas rastejava para abrir a porta. Estava ereta, a brancura da sua pele incrivelmente linda em contraste com a cabeleira negra que lhe descia pelos ombros. Fiquei fascinada pela sua coragem impecável. Parecia uma deusa pagã que se dirigia orgulhosa para um sacrifício pelo fogo.

Uma verdadeira yargoniana até o fim, cumprindo a regra principal da sua crença. Nem um vestígio de emoção. Nem sequer por um ombro mais caído ela deixava transparecer o pânico que sentia.

Fria e quase desafiadoramente, enfrentava aquela fera que zumbia e babava. Somente as grades estavam entre eles, somente alguns segundos a separavam daquele terrível destino, e no entanto

ela não fraquejava. Com inteira admiração eu me-curvei à sua superioridade. Falar era fácil, e no entanto, neste momento final, ela se mostrava à altura das suas mais veementes afirmações.

Desejava poder emular aquela bravura, mas sabia que, quando chegasse a minha hora, eu seria arrastada berrando histericamente.

E agora, tudo estava pronto para o ato final. O guarda postava-se à porta da jaula, pronto para abri-la. Virou-se para a rainha, esperando a sua ordem, mas ela resolveu cair de joelhos e realizar uma pequena cerimônia antes do rito do acasalamento. Todos os seus súditos seguiram-lhe o exemplo. A demora só serviu para prolongar a agonia de Sanau. Ficou imóvel diante da jaula, fitando a coisa que a esperava lá dentro. Rezei por ela. Rezei por mim mesma, e fileiras e mais fileiras de abelhas monstruosas também rezaram, provavelmente por um resultado favorável para aquela experiência fantástica.

Eu as fitava horrorizada. Seus corpos negros e lustrosos faziam o chão brilhar como ébano. Parecia incrível que também elas estivessem rezando. Fiquei imaginando a qual divindade orariam. Seria possível que fosse a mesma à qual eu rezava? Olhei para os céus como que a buscar uma resposta. O sol se filtrava por entre as nuvens, um sol fraco, ridículo, como que encabulado por ter que testemunhar aqueles acontecimentos repugnantes.

E foi então que eu o vi!

A princípio pensei que o sol estivesse me fazendo ver coisas, ou talvez fosse a minha imaginação. Fechei os olhos para permitir que a luminosidade diminuísse, depois os reabri para olhar de novo.

Mas ele estava lá. um disco redondo, pequeno, prateado! Caí de joelhos e comecei a soluçar. Talvez não fosse tarde demais. Meus soluços podiam ser ouvidos acima dos zumbidos dos insetos que oravam. Sanau me ouviu e se virou.

— Janet. — A voz dela era baixa e serena, sem aparentar o pânico que devia estar sentindo. — Janet, não chore por mim. Tudo vai dar certo. Poupe suas forças. Isto é algo que ambas temos que enfrentar e aceitar.

— Olhe para cima, Sanau! — soluzei. — Olhe para o...

E então ela o viu. Pude percebê-lo pelos seus olhos e pelo súbito enrijecimento de sua garganta. A seguir ela apagou toda a expressão do belo rosto e virou-se rigidamente para o ocupante enraivecido da jaula.

Mantive os olhos grudados no céu. Sabia que era perigoso, mas não possuía a fortaleza de ânimo de Sanau. Eu era apenas eu, Janet, uma moça apavorada da Terra que rezava pela esperança que estava à vista.

Nossa nave não estava só. Contei seis delas, todas do tamanho de maçãzinhas. Vinham nos buscar, O piloto que permanecera na nave devia ter conseguido escapar, e fora buscar ajuda em Yargo; mas seria tarde demais para salvar Sanau!

O ritual terminara. Estavam levando Sanau para a porta da jaula. Gritei de novo.

— Não diga nada, Janet! — A voz dela era uma ordem. — Sua única chance é um ataque de surpresa.

Continuei fitando o céu. A bravura de Sanau era incrível demais; ela já não pensava no seu próprio destino, pensava em mim, colocando minha esperança diante da sua desgraça.

— Vou gritar e apontar para o céu — avisei a ela.

— Eu a proíbo! — Ela estava à porta da jaula. A criatura correrá para lá, à espera. Sanau insistia: — Não diga nada, ou eles entrarão em suas naves e atacarão. Nem um só yargoniano deve perder a vida sem necessidade. Eu não valho tanto.

Mordi o lábio para não gritar, e senti o gosto do sangue. A rainha também olhou para o alto, casualmente — e viu nossas naves! Ela berrou e parecia que milhares de serras estavam cortando madeira. Todo mundo endoidou. O guarda ainda estava ao lado de Sanau, diante da jaula, esperando as ordens da rainha. Para aumentar ainda mais a confusão histérica, a fera frustrada rugia a sua irritação pela demora, e, enfurecida, quase arrebentava as grades da jaula.

Sanau, o príncipe herdeiro e eu fomos temporariamente esquecidos diante do novo desafio. Montes e montes de abelhas furiosas, transformadas pela raiva do desapontamento e pelo medo da invasão, voaram para seus postos de comando. Várias dirigiram-

se para as naves-tubarões. Em meio à algazarra, a rainha zumbia ordens constantemente.

Sanau e eu ainda estávamos seguras pelos braços de aço dos dois guardas. Podia sentir a confusão em que se encontravam. Tinham medo de soltar suas presas, mas não queriam ficar fora da luta durante o contra-ataque. Várias vezes pediram orientação à rainha, mas ela estava entretida demais em organizar os seus guerreiros para lhes dar atenção. Escutei o ronco dos motores; eram os charutões que decolavam.

A batalha aérea se desenrolava. Chamas rasgavam os céus nublados. A rainha permanecia em terra, assistindo ao combate.

Doze sentinelas a ladeavam, agindo como mensageiros. No centro da terrível arena se achava o nosso mísero grupo: Sanau, eu, as duas sentinelas, todos olhando para cima, cada qual rezando pela vitória da sua causa. Apenas o monstro enjaulado permanecia indiferente à movimentação à sua volta. Revoltado porque seu tesouro lhe estava sendo negado, rosnava e rugia tão alto que quase abafava os motores das naves e as explosões nos ares.

Lá em cima a luta continuava. Uma das naves deles espatifou-se próximo de nós, matando duas das criaturas. Seus companheiros tiraram os cadáveres da nave e fiquei surpresa ao ver a cor do sangue que escorria de suas feridas. Nunca me ocorrera que fosse vermelho, como o meu.

Eu estava na maior tensão; o coração batia tão forte que na minha nudez eu podia ver meu peito subir e descer.

Rezava para que nada acontecesse às naves yargonianas. Rezava por Sanau. Rezava por todos nos.

Dava para ver que estávamos ganhando. Mais e mais charutões se espatifavam, ou faziam pousos de emergência. Os guardas da rainha estavam totalmente ocupados com o atendimento aos feridos. A rainha ficara só, dando ordens aos berros, agitando as grandes antenas, em fúria pela derrota iminente. Nossas naves voaram mais baixo. Era uma frota imensa, com cerca de cem naves.

Eu ainda podia contar uns dez charutões que não haviam desistido do combate, e que dardejavam de um lado para o outro, como insetos furiosos, mas a luta estava dominada. Queria gritar de

júbilo, mas Sanau e eu ainda estávamos cativas. Nossos guardas não demonstravam intenção de nos soltar, embora seus olhos corressem de nós para a luta no céu, e a criatura raivosa ainda estendesse os braços pelas grades na direção de Sanau.

Subitamente, a rainha saltou do toco de árvore que lhe servia de trono. Chegou ao centro da clareira, olhou para o céu, depois para a grande destruição do seu planeta. Sabia que nossa vitória era definitiva.

Rapidamente, sibilou uma ordem que fez com que vários milhares de monstros manquejantes emergissem das florestas. Alguns, sem dúvida, estavam feridos, outros carregavam os menos afortunados, mas todos estavam com uma expressão de derrota abjeta.

Ela emitiu uma ordem final. Nossos guardas nos soltaram e acompanharam a rainha e seu bando numa retirada rápida para a floresta densa além da clareira. Por um momento, Sanau e eu ficamos paralisadas. Nossa liberdade era incrível demais. Depois, numa onda de emoção, corri para o lado de Sanau. O alívio dela foi tão intenso que deu um passo atrás e levou a mão à cabeça, como que para afastar uma súbita tonteira.

Aconteceu tão depressa que acabou antes que eu pudesse dar um grito de advertência. Posso apenas recordar aquela risada demente de vitória! Nós duas esquecêramos a coisa que fora deixada ali, na jaula. Quando Sanau dera um passo atrás, um daqueles braços aparentemente inúteis conseguira agarrá-la.

Ela saltara instantaneamente, mas ele não largou seu braço. Sanau puxou com todas as suas forças, até ficar branca de dor, mas não conseguiu escapar.

Corri para o lado dela, tomando cuidado para não ficar ao alcance do monstro, agarrei-lhe o braço livre e puxei até não mais poder. Foi inútil.

— Não se preocupe — ofeguei. — Juntas evitaremos que ele a puxe para dentro da jaula. Ele nada poderá fazer contra a nossa força conjunta. Nossas naves pousarão e o matarão.

Ela assentiu e olhou para o céu. Uma das naves estava bem acima de nós, preparando-se para pousar. Ficou pairando ali, e

depois lançou um jato de luz em nossa direção. Compreendi imediatamente. Devíamos ficar sob o jato, para sermos transportadas para a segurança da nave. Balancei a cabeça, berrei, apontei para Sanau. Era óbvio que da nave não se podia ver exatamente qual o problema, mas eles obedientemente começaram a se preparar para pousar.

Era apenas uma questão de minutos, agora, mas o braço de Sanau estava ficando azulado. O monstro apertava com mão de ferro, impedindo o fluxo sanguíneo.

— Não vai demorar muito — consolei-a. Ela continuou imóvel, com o rosto impassível ocultando a dor que sentia.

Eu também sofria com o esforço despendido. É verdade que éramos duas contra um neste cabo-de-guerra macabro, mas a coisa demonstrava uma força notável. Sentia fortes pontadas de dor no pescoço e nas costas, mas sabia que, se afrouxasse a pressão por um segundo, Sanau seria violentamente puxada pelas grades da jaula.

Comecei a tossir. A princípio pensei que fosse pela fumaça do combate. Depois, dei-me conta de que havia muito a luta em si terminara e que a maior parte dos incêndios se apagara. Portanto, virei-me para procurar a origem da fumaça.

Minhas esperanças desabaram de vez. Vinda da floresta, deslizando vagarosamente em nossa direção, uma substância preta e oleosa destruía tudo em seu caminho. Era como óleo ou piche fervente, mas pelo modo como as árvores e a vegetação morriam e murchavam, deduzi que tinha a potência de um ácido superpoderoso.

Com que então essa era a arma»secreta derradeira deles para impedir que as naves pousassem para nos salvar. Provavelmente, não haviam derramado a substância por todo o planeta, apenas nos campos de pouso e na área à nossa volta. Tudo estava acabado, e logo agora que a salvação parecia tão próxima.

Uma de nossas espaçonaves voltou e ficou pairando acima de nós. Percebeu o perigo que se alastrava e a inutilidade de tentar pousar. Imediatamente, mais duas naves se juntaram a ela.

Naquele momento tive a certeza de que lá em cima todas as brilhantes mentes yargonianas estavam trabalhando em conjunto, tentando desesperadamente arranjar uma fórmula para nos salvar.

É claro que havia o raio de luz, mas ele não podia ajudar Sanau, e eu não podia deixá-la.

— Eles vão mandar o raio de novo, Janet. Provavelmente estão se comunicando entre si agora. Para mim não há esperança. Quando o raio surgir, solte-me e salte para dentro dele. A criatura não me pegará; o óleo fervente me atingirá primeiro.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não vou deixar você.

Agora soluçava por nós duas.

Ela sorriu, mas a dor era evidente em seus olhos. O braço dela dobrara de espessura sob a pressão feroz da mão do monstro. O sangue deixara de correr.

— Janet, vá quando o jato de luz aparecer. Não tenho medo do óleo fervente. Não é a pior maneira de se morrer. Só peço que diga ao Yargo que não tive medo. Diga a ele que morri com sua imagem sagrada diante dos olhos.

O óleo vinha deslizando em nossa direção. Estava a uns cinquenta metros de distancia. Eu mal podia respirar devido à fumaça. A nave estava pairando exatamente acima de nós, como que presa da mesma indecisão que tomava conta de minhas emoções.

E então, em meio a este horror e destruição, testemunhei o gesto mais primitivo de amor e devoção que jamais vira. Cruzando a floresta enfumaçada, indiferente ao perigo que corria, vinha voando a rainha. Ela deve ter tido perfeita consciência de que era um alvo pateticamente fácil para a nave prateada que nos sobrevoava, mas jamais saberei se havia algum pensamento de perigo ou autopreservação em sua mente de inseto. O que sei é que, naquele último momento, sua única preocupação era salvar aquela aberração monstruosa que se debatia e sufocava na jaula.

Obviamente, não percebeu que ele ainda se mantinha aferrado ao braço de Sanau. Desceu sobre o topo da jaula, na tentativa de erguê-la e a seu ocupante e voar, por cima da destruição, para o

esconderijo seguro onde estavam seus súditos. Talvez tivesse tido sucesso, se não fosse pelo peso adicional de Sanau, e pela força que eu fazia no extremo oposto.

O tempo todo o óleo se aproximava cada vez mais. Estava a menos de dois metros de distância. A rainha zumbiu de pavor e puxou com força desesperada. O filho dela berrou como o animal enfurecido que era, e Sanau e eu lutamos com o que restava das nossas forças.

Não havia um segundo a perder. Senti Sanau relaxar o corpo. Parara de lutar.

E então o raio de luz desceu do céu. Movia-se nervosamente, tentando chegar o mais perto possível de nós. Parou a poucos centímetros de distância, à espera de que eu me posicionasse sob ele.

— Vá, Janet! — A voz de Sanau suplicava debilmente. — Deixe-me. Vá para a sua segurança, eu lhe imploro!

Hesitei. Talvez tivesse obedecido, se fosse apenas o perigo do óleo cauterizante que estivesse à espera de Sanau. Mas eu sabia que, se soltasse seu braço, a rainha conseguiria erguer nos ares a jaula, a criatura, e Sanau. E ela viveria, à mercê daquela coisa e da fúria dos monstros.

Dei um passo na direção da luz, ao mesmo tempo agarrando o braço livre de Sanau com as duas mãos, e puxei com cada partícula de força que me restava. Puxei até que o braço dela se soltou da articulação do ombro. Mesmo assim eu não largava, não menos determinada do que o monstro dentro da jaula.

Agora eu estava diretamente sob o jato de luz e ele começou a me erguer do chão, provando ser um aliado adicional, puxando-me enquanto eu puxava Sanau. E então, com um grande repelão, Sanau ficou livre! Segurei o seu corpo leve nos braços enquanto subíamos pelos ares. Fechei os olhos, mas não antes de ver o quadro nauseante lá embaixo: a rainha erguia a jaula com o seu feio ocupante berrando irado enquanto olhava desapontado para o seu mísero troféu o braço branco e sem vida de Sanau, que ele aconchegava ao peito!

22

A viagem de volta a Yargo foi um pesadelo. Enrolaram-nos em cobertores, e deram-nos conhaque. Os pilotos me puseram de lado e foram tratar imediatamente do braço de Sanau. Enfiei-me num macacão que havia a bordo e fiquei a postos, pronta a prestar qualquer assistência que fosse necessária, mas tive que apelar para todas as minhas forças simplesmente para ficar consciente.

Cada vez que lançava um mero olhar para a horrenda ferida de Sanau, era acometida por uma onda de náusea.

Trabalharam febrilmente no ferimento de Sanau. O braço havia sido arrancado da articulação, mas eles deram um jeito de fazer um torniquete com o que sobrara do seu ombro. Fiquei satisfeita ao perceber que a perda de sangue com a amputação forçada finalmente a deixara inconsciente.

Ela ficou ali deitada no catre, com um cobertor sobre o corpo antes perfeito, e um buraco feito onde seu braço direito deveria estar. Embora a nave fosse equipada com um estojo médico completo, e toda a assistência lhe houvesse sido prestada, eles nada lhe deram para aliviar a dor que em breve a estaria dilacerando. Depois de colocar as ataduras necessárias, os pilotos fizeram sinal para que eu ficasse de vigília enquanto voltavam para a sala de máquinas. Será que o desejo deles pela supremacia completa também abrangia a perfeição física?

Cinco minutos se passaram, e então percebi um leve tremor em suas pálpebras. Tive vontade de fugir, mas aguentei firme. Sanau tinha que saber a verdade. Tomara não tivesse que ser eu a contá-la!

Ela abriu os olhos. Não falou, mas a expressão de seu rosto disse muitas coisas, principalmente de sua gratidão. Subitamente, uma onda de dor fez com que olhasse para o braço. Sobressaltada, tentou soltar a mão da minha, procurou sentar-se para ver melhor o

que já pressentia ter acontecido. Mas dessa vez fui mais forte, e ela caiu sobre o beliche, exausta pelo esforço.

Fechou os olhos. Depois de um momento, falou: — Tem que estar aí Tem que estar. Ainda sinto dores nos dedos, no pulso..

Não respondi, mas fiquei com os olhos cheios de lágrimas.

Ela me olhou fixamente.

— Ele não está mais aí, não é, Janet?

Não precisei dar resposta. As lágrimas que escorriam pelo meu rosto contaram a ela o pior.

Desviou o rosto. Mordeu com força o lábio, e não sei se o gesto era motivado pela dor física ou pela dor da sua perda. Depois de alguns minutos, ainda de olhos fechados, falou baixinho: — Sinto muito não lhe haver agradecido por ter salvo a minha vida, Janet.

— Não se preocupe com seu braço, Sanau. — Minhas palavras se atropelavam infantilmente, enquanto tentava consolá-la. — Na Terra temos guerras em que homens perdem os braços e as pernas. Eles sobrevivem e levam vidas felizes e úteis. Somos inferiores a vocês e damos um jeito, que dirá alguém como você, completamente superior.

Ora, você nem precisa de dois braços.

Sei que soava como uma adolescente patética nos meus esforços para consolá-la, mas falava do fundo do coração, não estava tentando fazer frases. Até nossa breve aliança em Vênus, eu pesara a maioria das minhas declarações, temendo o ridículo, mas o passado em Yargo e a atitude previamente desdenhosa de Sanau havia muito tinham sido apagados da minha memória. Sentia apenas admiração pela sua coragem e força. Jamais esquecerei a tentativa valente de me consolar enquanto caminhara para sua desgraça junto àquela coisa na jaula. Agora, achava que era meu dever absoluto fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudá-la a superar aquela terrível experiência.

Como se reconhecesse meus débeis esforços, ela conseguiu dar um sorriso, e tocou a minha cabeça num raro gesto de afeição. Sua voz era suave e carregada de dor: — Para um ser inferior, você agiu de uma maneira muito superior.

Duvido que qualquer yargoniano pudesse ter demonstrado mais coragem. — Após uma pequena pausa ela continuou, falando devagar e com esforço: — Quanto ao meu braço, sem dúvida sentirei falta dele, mas darei um jeito. Só tenho pena de não o haver perdido realizando algo para meu líder e meu planeta. É triste tê-lo perdido de maneira tão desnecessária.

As últimas palavras dela se perderam numa onda violenta de dor.

— Não podem lhe dar nada para aliviar a dor? — perguntei.

Ela negou com a cabeça e falou com esforço: — Nossos anestésicos não podem ser administrados no espaço sideral. Requerem oxigênio demais.

— E quanto à injeção que me deram? Não ajudaria?

— Não. Nossos organismos não reagem a sedativos tão fracos. Seria como tomar uma injeção de água.

Mais uma vez, todo o corpo dela tremeu. Fiquei ali sentada, impotente. Nada podia fazer, senão sentar e ver aquela mulher magnífica manter o rosto imóvel e os olhos fechados contra uma dor física lancinante.

Percebi que estava rezando para que ela desmaiasse; qualquer coisa que a libertasse do sofrimento insuportável. Mas ela permanecia consciente e calada, demonstrando apenas por uma careta ocasional a agonia que estava sentindo. Passou-se uma hora de dor silenciosa. A nave voava daquele modo estranho e imóvel que só o vácuo do espaço sideral parece permitir. Era como estar sozinho numa câmara à prova de som, como se, subitamente, todos os sons do mundo tivessem cessado, como se todas as coisas vivas tivessem morrido de repente, e se estivesse sozinho num mundo estranho e surdo. Nada havia senão aquela calma infinda, e no entanto eu sabia que estávamos viajando à velocidade da luz. Eu me achava sozinha num mundo silencioso, um mundo morto, acompanhada pelo rosto calado da mulher ferida no beliche à minha frente.

A testa e o lábio superior de Sanau ficaram cobertos de leves gotas de suor. Rasguei o bolso de meu macacão, umedeci-o com água e passei no rosto dela, que abriu os olhos brilhantes de dor.

Apertei-lhe a mão num consolo mudo. Ela, por sua vez, me deu um sorriso quase de desculpas, como se sentisse muito que eu

tivesse que assistir ao seu sofrimento.

Pedi água em voz baixa. Fui correndo buscar. Amparei-a enquanto ela bebia. Parecia febril. Eu também senti uma súbita onda de náusea. Ela estendeu a mão e tocou minha testa.

— Janet, deite-se no outro catre. Você não está bem.

Balancei a cabeça e disse que me sentia ótima, mas na verdade eu estava era tonta e com uma dor súbita no estômago. Aquela não era hora de ficar doente.

— Arranje-me umas roupas — pediu ela. — Não quero sair da nave de maca. Pretendo sair andando.

Admirei mais aquela demonstração de coragem, embora duvidasse de que até mesmo ela tivesse forças para tanto. Ainda assim, fui até a cabine do piloto e disse por sinais o que queria. Voltei com um macacão e ajudei-a a vesti-lo. Percebi que ela evitava deliberadamente olhar para seu braço arrancado, mas nenhuma de nós duas pôde ignorar a manga vazia.

— Podia ter sido pior — disse ela, com a sombra de um sorriso. — A criatura podia estar me segurando pelo pescoço.

Voltou a cair no beliche com um leve gemido, e dessa vez o suor lhe escorria pelo rosto. Estava lutando contra a dor, lutando com toda a sua superioridade, mas estava perdendo. Eu também estava perdendo. A dor dela nos cercava, nos esmagava. Minha garganta estava seca, minha cabeça doía violentamente. Várias vezes tive a visão duplicada. Sabia que estava prestes a desmaiar. Eu não era páreo para aquela provação; o sangue de um simples corte num dedo sempre me deixara nauseada. Olhei com ansiedade para o outro beliche. O travesseiro fresco parecia me convidar para enterrar nele a cabeça, para me esconder da fealdade da dor. De repente, senti vontade real de vomitar. Deixei Sanau apenas o tempo suficiente para me aliviar, voltando enfraquecida, mas cada vez mais decidida a permanecer ao lado dela.

— Gostaria de poder sucumbir à inconsciência — murmurou Sanau.

— Seria mais fácil para nós duas.

— Pare de lutar e relaxe — falei. Afinal de contas, ela desmaiara antes, em Vênus. Quem sabe não desmaiaria de novo?

Ela deve ter lido os meus pensamentos, pois retrucou: — Não desmaiarei. Em Vênus aconteceu por causa do horror e do choque, mais tarde pela perda de sangue, mas agora — sorriu amargamente — chego a desejar que não fôssemos uma raça tão superior. Um yargoniano não desmaia de dor. nós simplesmente.

Nem ouvi o resto, que foi abafado por um gemido baixo. De repente, ela se sentou na cama como que atingida por um raio.

— Ah, Janet — ofegou ela —, não aguento mais! Não aguento mais!

Eu a abracei apertado. Abracei-a e murmurei palavras de consolo.

Aconcheguei-a ao peito como uma mãe aconchegaria o filho, e o tempo todo eu sabia que ela objetava violentamente ao consolo que recebia. Suponho que não fosse permitido a um yargoniano demonstrar dor, afinal também era uma emoção. Mas ela se agarrava a mim contra a vontade, com o rosto ainda impassível, a respiração penosa de tanta dor.

— Por que não grita? — exclamei. — Grite, berre, chore. Pode aliviar.

— Não posso., uma yargoniana nunca demonstra emoç..

Não ouvi o restante, mas senti a umidade das lágrimas no meu pescoço. Abracei-a forte e fingi que não percebera. Subitamente, aquela dor inacreditável represada arreventou os diques de gerações de controle. Seus soluços abafados se esconderam no meu ombro, e o tempo todo a dor maior que ela sentia por ter fraquejado forçava seus pedidos de desculpas.

— Desculpe, Janet. Sinto muito provar ser tão inferior . mas não consigo me controlar.

Ela lutou com bravura, mas a dor agora estava totalmente vitoriosa. Seus soluços continuaram por uma hora. Eu a consolava sem dizer palavra, e o tempo todo ficava de olho na porta. Se um dos pilotos aparecesse, estava resolvida a protegê-la. Ninguém saberia daquela emoção humana que ela ousara libertar.

Felizmente, não fomos perturbadas. Depois de algum tempo, seus soluços cessaram, ela me soltou e lutou como uma criança para

respirar normalmente. Demonstrava mais medo pela emoção que estava libertando do que demonstrara pela perda física do braço.

Molhei o pedaço de pano em água fria e coloquei-o sobre seus olhos. Ao fazê-lo, notei que ela desviou depressa o rosto. Seu embaraço era indescritível.

Após algum tempo, ela se recompôs. Depois, pediu em voz baixa: — Janet, por favor, atravesse o quarto e aperte o painel direito.

Obedeci, imaginando que assim chamaria um dos pilotos para trazer algo que ela quisesse. Para surpresa minha, o quarto ficou imediatamente às escuras, iluminado apenas pela luz débil das estrelas longínquas. Afundei-me na cadeira 176 177

mais próxima, tomando aquele gesto como sinal de que Sanau queria dormir. Em vez disso, eia me chamou.

Tateei pelo quarto escuro até me acomodar na beirada da cama.

Mal podia enxergar suas feições à débil luz prateada. Ela tirou o pano que lhe cobria os olhos.

A voz parecia sair-lhe com muito esforço.

— Quero agradecer a você. Mais tarde, quem sabe, apertarei sua mão e olharei dentro de seus olhos. No momento minha humilhação é tão grande que necessito me proteger na escuridão.

— Sanau. — comecei, mas ela me tapou os lábios.

— Sei que as lágrimas são coisa normal entre o seu povo, mas cometi um grande ato de fraqueza. Reverti a uma emoção primitiva que fora abandonada há centenas de gerações; somente eu, dentre todos os yargonianos, sucumbi a uma tal fraqueza. Não mereço ser uma yargoniana. Não mereço ser uma líder. Envergonhei a mim mesma e a meu povo.

Mais uma vez, tentei falar e ela me impediu.

— Sei que você vai me prometer silêncio. Em meio à minha fraqueza e ao meu sofrimento, não deixei de escutar as suas palavras de consolo. Mas sempre saberei que demonstrei tal fraqueza. Tenho que viver comigo mesma, minha amiga.

Quando falei, foi com a paciência carinhosa da mãe que fala com uma criança teimosa.

— Sanau, duvido que qualquer yargoniano nas últimas gerações tenha sofrido as torturas que você sofreu nas últimas vinte e quatro horas. Duvido que até mesmo o grande Yargo pudesse aguentar tamanha dor sem demonstrá-la.

À menção do nome, seus olhos fantásticos se encheram novamente de lágrimas, como se ela estivesse visualizando o desprazer dele pelas suas atitudes.

Rebusquei em minha mente tudo o que pudesse mitigar a perda de auto-respeito que ela sentia. Expliquei que as lágrimas nada tinham a ver com a bravura. Que sua bravura real fora a força que demonstrara frente ao perigo, fora o modo como tentara me dar coragem. Seu grande feito em conseguir decifrar o idioma de Vênus com base em alguns zumbidos. Ceder a uma emoção não era falta de superioridade ou de capacidade mental. Expliquei a ela que, no meu planeta, às vezes era preciso ser homem forte para chorar, e que só uma pessoa forte podia sentir emoções.

El a escutava em silêncio, mas pude perceber que minha conversa não estava adiantando muito. O pesar que sentia pela sua humilhação não comportava consolo, e para aumentar seu tormento, a dor ficava cada vez mais intensa. Várias vezes, em meio às minhas súplicas, ela não aguentou e soluçou de novo. Após certo tempo, desisti de falar e tentar confortá-la. Concentrei-me apenas no esforço para tentar suavizar sua dor física, que agora estava absolutamente insuportável. Dei-lhe água, umedei sua frente, massageei-lhe a nuca. Protegi-a dos olhos do piloto quando ele veio nos trazer comida. Fingi que ela estava adormecida em meu ombro, e ele simplesmente largou a bandeja e foi embora, indiferente à sorte dela. Era uma yargoniana. Uma yargoniana era feita para suportar a dor. Ele não tinha dúvidas de que uma supermulher como Sanau podia suportar e vencer qualquer coisa.

Ela não objetou quando acendi a luz para poder alimentá-la e comer um pouco, também. O tempo todo eu lutava contra a certeza de que a dor que eu estava sentindo não era fruto da minha imaginação, ou uma, dor solidária. Meu estômago se recusava a aceitar a comida e eu estava com febre alta. Será que eu contraíra alguma moléstia naqueles pantanais, ou pegara alguma doença dos

próprios monstros? Havia quanto tempo estávamos voando? A noite toda? Um dia e uma noite? No espaço sideral tudo é noite; e, de repente, me pareceu que eu jamais conhecera outra coisa que não fossem aquelas horas intermináveis cheias de dor.

Olhei para Sanau e lutei contra a histeria que sentia estar tomando conta de mim. Sanau parecia ter piorado muito. Comecei a temer pela sua vida. O rosto dela estava literalmente cinzento, e agora a dor parecia se estender pelas suas costas inteiras. Quis chamar um dos pilotos, mas ela me proibiu. Eu tinha medo de que ela pudesse estar com alguma infecção, mas ela me assegurou de que aquilo era impossível. A ferida fora completamente esterilizada. Um yargoniano era incapaz de ineficácia.

Mais horas de tortura se seguiram. Acho que acabei adormecendo sentada, pois quando abri os olhos me descobri largada numa cadeira. A cabine estava clara, o que queria dizer que estávamos ao alcance dos raios do sol.

Sanau estava acordada. A dor dela diminuía um pouco, mas seus olhos espelhavam uma dor muito mais profunda do que a que sofrera fisicamente: a dor da sua decepção consigo mesma.

— Pousaremos em breve — falou em voz baixa.

— E depois? — indaguei.

Ela me olhou com ar de interrogação.

— Quero dizer — Fiz uma pausa, achando que talvez estivesse me aproveitando de nosso novo relacionamento. No entanto, a pergunta tinha que ser feita, e, sem alternativa, fui em frente: — O que me acontecerá? Serei mandada para Marte imediatamente?

Ela me olhou por um momento. Quando falou, sua voz era baixa e sem emoção.

— Janet, não tenho autoridade para lhe prometer nada. Sou uma líder, e meu voto conta como tal, mas temos urna verdadeira democracia, e assim vencerá a maioria. Mas eu lhe juro. — Hesitou, depois falou com dificuldade aparente: — Juro que de bom grado daria meu outro braço para que você pudesse voltar a seu planeta. Só posso lhe prometer o meu apoio integral.

Concordei com a cabeça. Aquilo bastava. Sabia como eram estranhas aquelas palavras, vindas de Sanau. Não insisti para que

continuasse porque não queria que ela percebesse que eu estava sendo culpada de mais outro pecado imperdoável. O pecado de expressar compaixão por uma amiga. A emoção abolida e imperdoável da afeição.

23

Lembro-me muito pouco da nossa aterrissagem em si. Havia uma enorme multidão no aeroporto, e pequenos fragmentos de vivas e comemorações entusiásticas conseguiram chegar ao meu consciente. Lembro-me de Sanau descendo a rampa, ereta e sozinha. Recordo a aprovação, solene e despida de emoção, com que nossa tripulação foi recebida por um imponente grupo de líderes. Escutei as exclamações ensurdecedoras para Sanau, mas algum tempo antes da nossa chegada — não sei se horas, minutos ou segundos — eu perdera o controle das minhas resoluções e ingressara no santuário abençoado da semiconsciência.

Eu não era nenhuma heroína vitoriosa. O último vestígio da minha força recém-adquirida tivera uma triste morte lá no espaço. Desci da nave nos braços fortes de um dos membros da tripulação, mas notei que Sanau descera exatamente como esperara. ereta, uma perfeita yargoniana até o fim.

Em meio à névoa do meu estupor, prometi a uma testemunha invisível que, houvesse o que houvesse, eu jamais revelaria o que Sanau denominara sua “fraqueza”. Lembro que fiz esse juramento e depois, naturalmente satisfeita por ter assumido esse compromisso moral, deixei-me cair na inconsciência total, com a gratidão com que a pessoa que sofre de insônia recebe a chegada do sono.

Nunca saberei quanto tempo permaneci nesse estado. Estava deitada na cama quando abri os olhos, e embora estranhasse o ambiente que me cercava, tive a certeza de que estava no palácio real.

Era um quarto de dormir magnífico, com uma parede de vidro que oferecia uma vista pitoresca da montanha familiar. Outra das paredes apresentava uma porta aberta que dava para um terraço.

Aí, duas yargonianas conversavam com um homem de aspecto sério.

Consegui me recostar contra os travesseiros, e a seguir fiz uma vã tentativa de sair da cama. Uma dor cruciante no flanco me impediu de realizar meu intento. Caí para trás, e pequenas gotas de suor inundaram minha testa. Havia algum problema muito grave comigo.

Meus movimentos chamaram a atenção do grupo no terraço, que se dirigiu de pronto para o meu lado.

Uma das mulheres falou num inglês fonético: — Desejo-lhe um bom dia.

A despeito da minha dor, sorri debilmente. Aquela fala, claro, fora decorada com esforço, preparada especialmente para quando eu acordasse.

A mulher, aparentemente — satisfeita com seu desempenho, saiu apressada, presumivelmente para anunciar meu retorno ao mundo dos vivos. Continuei deitada, temendo que qualquer demora da parte dela fizesse desse retorno urna visita temporária, pois agora eu realmente temia pela minha vida. A dor era como uma faca incandescente e, se não fosse pelo exemplo da coragem demonstrada por Sanau, tenho certeza de que meus berros teriam trazido o palácio inteiro correndo para o meu lado. Com uma poderosa imitação da fortaleza yargoniana, mordi os lábios e deixei apenas que o suor que me porejava a testa traísse a dor que sentia.

Sanau apareceu quase que imediatamente. Se eu estivesse mais forte, teria estendido os braços com alegria para envolvê-la; mas, após um breve olhar para seus olhos verdes e frios, fiquei satisfeita de ter me poupado nova humilhação. Pois ela era a antiga Sanau, fria, controlada, totalmente yargoniana em equilíbrio e insensibilidade. É, Sanau estava intacta. Somente a manga vazia enfiada no cinto servia como lembrete de que certa vez sentira realmente uma emoção humana.

Ela se inclinou profundamente.

— Sei que não está se sentindo bem.

Assenti. Tive vontade de gritar e implorar que ela voltasse a ser a mulher que eu conhecera durante um curto dia repleto de dor.

Senti vontade de gritar: "Somos amigas, Sanau! Eu lhe imploro, não se esconda nessa concha mecânica de proteção".

Mas não falei coisa alguma; simplesmente, fiz um aceno de cabeça.

Meus olhos buscaram desesperadamente no rosto dela um sinal da amizade que compartilháramos durante algum tempo, mas não havia nenhum, e eu sabia

que jamais retornaria. Sentia-me doente, e não só de mal físico.

Nunca tivera uma amiga íntima na Terra. Tivera conhecidas, mas nunca uma amiga de verdade. Durante nossa experiência em Vênus, mesmo sem que fosse essa a sua intenção, Sanau me oferecera as emoções que a vida sempre me negara.

Eu a escutara e aceitara voluntariamente sua sabedoria; que não me fora enfiada garganta abaixo. Ela me oferecera proteção e coragem altruístas quando enfrentava a própria destruição. Nem mesmo uma mãe teria agido melhor. Minha verdadeira mãe sempre se preocupara com o meu bem-estar, mas fora egoísta no tocante a me abraçar ou me fazer um carinho, e creio que o que sentia por ela era um misto de medo e devoção. Jamais esqueceria a voz calma de Sanau dizendo-me para não ter medo, como jamais esqueceria como me suplicara para eu me salvar, deixando-a morrer.

Na viagem de volta me fora permitido pagar parte de minha dívida para com Sanau, do mesmo modo como me fora permitido libertar um pouco da afeição transbordante havia tanto trancada em meu coração.

David nunca fora afetuoso. Raramente pegava na minha mão, e, quando o fazia, era um gesto mais de camaradagem do que romântico. Quando eu reclamava da sua falta de afeto, ele respondia: "Olhe, benzinho, os sujeitos que são muito demonstrativos são os mesmos que estão de olho em outra pequena enquanto beijam a ponta dos dedos da própria. Desconfie sempre dos beijoqueiros. Quanto a mim, posso não dizer um monte de coisas bonitas, mas o que sinto vou demonstrar pelas minhas ações.

Vou cuidar de você quando estiver doente. Vou amar você mesmo quando ganhar umas ruguinhas no rosto e umas gordurinhas na barriga. Eu vou amar você, e é isso que importa".

Esses eram os pensamentos desconexos que vinham me atormentar enquanto eu fitava com mudo desapontamento a mulher que estava rejeitando a minha amizade. Uma amizade curta, completa em todos os sentidos, mas que acabara na mesma rejeição que eu enfrentara a minha vida toda.

Como se houvesse resolvido ir logo ao assunto, Sanau se dirigiu a mim quase com brusquidão:

— Você está com apendicite.

Quase sentei na cama.

— Estou com o quê?

Ela indicou o homem no terraço.

— O insigne doutor descobriu esse fato muito incomum. O pequeno órgão no seu lado direito está inflamado.

— Ele vai operar? — perguntei, sentindo o pânico normal à ideia de uma cirurgia.

— Se você o permitir.

Se eu permitir! Era necessário? Era sério? Fiz-lhe essas perguntas.

Pela primeira vez a expressão serena abandonou seu rosto, e um brilho de interesse surgiu em seus olhos.

— Não podemos saber da seriedade do seu estado. Cabe a você autorizar a operação.

— Mas se vocês estão tão adiantados, devem poder dizer se um apêndice está seriamente inflamado.

— Nunca vimos um apêndice — foi a resposta dela.

Agora foi a minha vez de ficar olhando com cara de boba. Ela prosseguiu explicando que o apêndice era um órgão completamente inútil, portanto eles haviam se livrado dele, como haviam se livrado dos dentes de siso, das amígdalas e dos ossos do cóccix. O apêndice fora o primeiro a desaparecer, e não existia no planeta deles havia vinte mil anos. Era uma raridade de tal ordem que nem sequer havia um exemplar dele nos centros médicos. Tinham apenas fotos para documentar que existira. Naturalmente, a descoberta da existência de tal órgão no meu corpo fora um acontecimento e tanto. Na verdade, continuou Sanau a explicar, o próprio Yargo teria muito interesse em examinar um órgão desses.

Com grande dignidade, fiz um aceno de mão e disse que permitiria a operação. Seria para mim um grande prazer doar meu apêndice à cultura yargoniana.

Ou os acontecimentos seguintes se desenvolveram com rapidez assombrosa, ou foi o meu estado entorpecido que deu um ar irreal e célebre ao que se seguiu. Sanau, lembro-me vagamente, fez um sinal ao médico, que devia estar por perto à espera de meu consentimento. Senti a picada familiar no braço e tive até a consciência de estar sendo levada para um auditório muito iluminado, que parecia uma sala de operações da Terra, só que em escala gigante. Lembro-me até, quando finalmente caí em completa inconsciência, de que estava levemente aborrecida de que uma plateia tão grande fosse assistir ao que eu considerava uma operação extremamente pessoal. Na sala vivamente iluminada, percebi fileiras e mais fileiras de yargonianos, e senti um momento de força e raiva que quase me fez objetar a essa invasão da minha privacidade. Acredito que até tentei me sentar; contudo, na realidade, provavelmente nem pisquei os olhos. Depois senti a anestesia tomar conta de mim e dormi de vez.

Passei um dia e uma noite semi-adormecida, numa consciência nublada. Um leve repuxão no flanco a cada movimento que eu fazia confirmava que a operação fora realizada. Percebi que Sanau levantava a minha cabeça de vez em quando para me forçar a beber um pouco de suco. Fora isso, só dormi.

Quando voltei a ter plena consciência do que me cercava e fiquei livre da dor, vi Sanau; Sanau, com seus olhos frios e inexpressivos; Sanau, pronta para criticar.

— Você suportou a operação com relativa facilidade, mas os estragos sofridos pela experiência venusiana a deixaram num péssimo estado físico. Precisarás de várias semanas para se recuperar.

Senti o desprezo que suas palavras continham. Ela suportara os estragos da viagem e uma amputação traumática, e no entanto o seu sistema nervoso superior reagira de modo a permitir que se recompusesse totalmente em vinte e quatro horas. Por outro lado,

eu estava naquele triste estado apenas por causa de uma simples operação.

Sem muita esperança, perguntei:

— O que vai acontecer quando ficar boa?

— O Yargo em pessoa comunicará as instruções finais.

— Hesitou um momento, como se tivesse algo pertinente a acrescentar, depois, reconsiderando, voltou para a sua concha.

Continuou: — Parto esta noite numa viagem pelo planeta. Vou fazer conferências em todos os Estados sobre o que encontramos em Vênus.

Virou-se em direção à porta. Titubeou por um instante, depois, com uma urgência repentina e quase desajeitada, acrescentou: — Se eu não a vir de novo, quero que saiba que lhe sou grata. Sou-lhe grata por tudo, e quero que compreenda que estou apenas agindo da maneira que creio ser certa que sei ser certa.

Por um segundo fugaz nossos olhos se encontraram. Jamais saberei as mil coisas que ela não disse e que estava tentando dizer, ou os pensamentos reais que aquelas palavras formais ocultavam, pois Sanau se virou abruptamente e saiu do quarto.

Recostei-me nos travesseiros e tentei raciocinar. Procurei dissociar minhas próprias emoções e crenças dos fatos em si.

Tentei desesperadamente recordar suas palavras exatas; as coisas que dissera, não o que eu pensava que tentara dizer.

Eu ia embora; isso era definitivo: “O Yargo em pessoa comunicará as instruções finais”. Instruções queriam dizer ação. Mas, para onde eu iria? De volta para Marte? Para algum outro planeta distante? Não tinha esperanças de que me mandassem para a Terra. Aquela gente nada me devia. Eram incapazes de um sentimento, portanto não podiam ter senso de obrigação. Além disso, àquela altura qualquer senso de obrigação teria sido esquecido, e o fato de que eu tinha sido sequestrada pertencia ao passado distante. Provavelmente, estavam todos revoltados contra mim. Pois eu não lhes trouxera problemas incríveis? A perda de três bons homens, do braço de Sanau, o aborrecimento de mandar uma equipe de salvamento, uma guerra total com Vênus. Ah, claro, provavelmente iam mandar-me para o planeta mais remoto do

sistema solar inteiro. Um que fosse habitado apenas por um urso polar.

É, era isso. Até explicava a estranha atitude de Sanau. Ela provavelmente sentia que me havia faltado. Por este motivo queria sair da cidade o mais depressa possível, e para o outro lado do planeta! Viagem de conferências! Tinha era sumido com toda a rapidez.

Esse terrível golpe me enfraqueceu mais do que o sofrimento físico. Tentei dormir. Desejava poder tomar um sedativo.

Qualquer coisa era preferível a ficar acordada com meus pensamentos, mas passei um dia inquieto e insone. O sol irrompia pelo meu quarto, espalhando uma alegria da qual eu não podia partilhar. As criadas apareciam silenciosamente, de vez em quando, trazendo comida, e quando a noite finalmente chegou, caí na tão desejada sonolência, de pura exaustão nervosa. Quando estava começando a pegar no sono de verdade, as criadas entraram ruidosamente e se jogaram ao chão.

Sua Alteza Real estava chegando!

24

Instantaneamente, fiquei desperta de todo. Não sei se essa atitude foi causada por minha própria reação emocional a tal encontro, ou pela irradiação que sua presença trouxe. Sei apenas que me esforcei para ficar sentada na cama, mas Sua Alteza fez um aceno de mão, indicando que todo o protocolo devia ser esquecido naquela visita. Ele vinha sozinho, apenas informar-se sobre a minha saúde.

Desabei de encontro aos travesseiros e sucumbi ao desejo de fitá-lo com admiração, temor, suspeita. Acho que eu esperara que aquela visita fosse feita com toda a pompa e o formalismo dos nossos encontros anteriores. Esperara vê-lo acompanhado de pelo menos seis líderes e toda uma comitiva, mas, a não ser pela agitação das criadas, ele fizera uma entrada bem simples. Como qualquer amigo que viesse visitar um doente.

Para aumentar ainda mais a informalidade, puxou um banquinho para o lado de minha cama e sentou-se. A uma distância razoável, diga-se de passagem.

— Quero elogiar sua coragem — falou, com um sorriso amável.

A frase foi ambígua demais para que eu tentasse responder, pois não sabia ao certo a qual coragem se referia no se a coragem demonstrada em Vênus, ou minha atitude tocante à operação —, portanto apenas assenti, em silêncio. Ele imaginou que eu estivesse nervosa, e não estava totalmente errado.

— Sanau contou muitas histórias sobre o modo mais do que admirável com que você se comportou. Ofereço as minhas sinceras condolências pelas muitas provações que foi forçada a suportar.

— Sanau é que foi a corajosa — consegui dizer.

Ele balançou a cabeça.

— Sanau simplesmente agiu como uma yargoniana. É você que merece os elogios.

Mais uma vez assenti em silêncio, pois não tinha certeza se estava mesmo sendo elogiada ou insultada.

A seguir, ele acrescentou: — Sanau mereceu um dia inteiro de comemoração. Agora, está em viagem. — Mais uma vez fiz um aceno de cabeça para significar que sabia que ela havia partido.

— Quero também lhe agradecer o ter-se submetido à operação.

Como devem tê-la informado, um apêndice é um fenômeno raro em nosso planeta. Estávamos todos ansiosos para ver um em primeira mão.

Dessa vez fiquei realmente embasbacada, e já estava achando que era mais do que hora de eu dizer alguma coisa, em vez de ficar balançando a cabeça feito boba. Mas o que podia dizer? Ele estava agradecendo a mim por ter me submetido a uma operação necessária para salvar a minha vida. Agia como se eu tivesse passado mal apenas em benefício da ciência. Eu tinha que dizer alguma coisa. Sabia que aquela visita era apenas de cortesia, um gesto de delicadeza e boas maneiras da parte dele. Provavelmente, aquela era a última vez que o veria, e eu não estava fazendo nada para tornar o encontro memorável, ou pelo menos agradável.

Portanto, num esforço derradeiro para contribuir com alguma coisa para o encontro, falei: — Sanau veio se despedir. Ela é maravilhosa. Nem parece se importar com a perda do braço.

Ele pareceu sopesar a minha frase.

— Não, já que isso não a impede de continuar seu trabalho. Eu esperava que ela ficasse ao seu lado até você ficar mais forte — continuou. — Seria mais reconfortante ter por perto alguém que falasse e compreendesse sua língua, mas ela estava ansiosa por voltar ao trabalho.

Desviei o rosto. Teria sido melhor que ele não tivesse dito essas palavras. Uma coisa era pressentir que Sanau não me tinha afeição; outra coisa bem mais dolorosa era ouvir a verdade.

Ele se pôs de pé.

— Estou certo de que fará tudo ao seu alcance para apressar sua convalescença, pois, tão logo suas forças voltem, você será devolvida ao seu planeta Terra.

Não exclamei surpreendida. Não rolei de alegria. Não fiz nenhuma das coisas que imaginara fazer. Fiquei apenas olhando para ele apalermada.

O Yargo sorriu à minha reação evidente de estupefação e esclareceu:

— Não mereço crédito pela decisão; foi tudo ideia de Sanau.

— Mas todos vocês não tinham que concordar?

— Nem sequer houve votação. É alto o grau de consideração que o povo tem agora por Sanau. — Ele sorriu com benevolência. — O menor desejo dela é uma ordem, e como era desejo dela que você fosse devolvida à Terra, ele nem foi questionado. Contudo, está subentendido que você nos deixa com uma promessa solene de abster-se de relatar uma só palavra de toda essa experiência.

Sanau parece confiar em sua palavra.

— Sim, eu prometo. Mas por onde vou dizer que andei? Já faz bem umas três semanas que sumi.

Os olhos dele cintilaram.

— Isso, minha amiguinha, é problema seu. Um yargoniano fala somente a verdade. Na Terra, pelo que sei, vocês têm muita habilidade em torcer os fatos segundo seus propósitos. Não estou me referindo a você, pessoalmente — apressou-se a acrescentar —,falo do povo de seu planeta.

— ... acho que dou um jeito — gaguejei.

— Estou certo de que sim. Sanau também deposita a mesma confiança em você. IÉ evidente que deixou em Sanau uma bela impressão do seu caráter.

— Mas ela nem quis ficar mais uns dias

Não pretendia dizer isso, mas não era uma yargoniana. As minhas emoções ainda estavam vivas.

Um leve clarão que lhe perpassou pelos olhos deixou entrever irritação. Ele fizera a sua visita, cumprira sua obrigação e estava louco para ir embora. Minha frase conseguira perturbá-lo. Ele estava de pé, mas parecia não querer sair sem resolver um assunto importante.

Sentou-se de novo. Por um momento, parecia que estava procurando as palavras adequadas, e, quando falou, sua voz era

cálida e bondosa:

— Minha amiguinha, posso ver que você se afeioou• muito a Sanau.

— Não respondi, mas minha afirmativa muda pareceu entristecê-lo. — Embora possa compreender sua emoção, não posso senti-la.

— Eu a compreendo porque sei que existe no seu planeta. Minha amiguinha, é uma bela coisa você admirar Sanau, respeitá-la por seus feitos, querer emulá-la de todas as maneiras, mas seus sentimentos precisam parar por aí. Deve deixar de esperar qualquer tipo de afeição em troca.

— Então, como vou pensar nela? Se respeito e admiro uma amiga, devo também amá-la.

— Apenas pense nela — insistiu ele. — Pense nela quando voltar para a Terra. Deixe que suas virtudes a orientem para uma vida mais perfeita. Pense nela como mais poderosa e criativa do que qualquer mulher em qualquer mundo, mas pense nela como uma estátua sem vida no que toca aos atributos de amizade que você procura.

Não respondi de pronto. Estava certa de que houvera momentos em que Sanau me considerara uma amiga. Sua preocupação pelo meu bem-estar não fora mecânica nem fria.

— Todos neste planeta são totalmente sem emoções? — perguntei.

Ele fez que sim.

— Foram necessárias muitas gerações de aperfeiçoamento cuidadoso da raça para causar essa transformação, mas agora, felizmente, somos uma raça perfeita. Estamos libertos das emoções. Nós e nossos descendentes estamos livres do amor-próprio e do amor humano. — Dessa feita, ele se dirigiu para a porta. Hesitou mais uma vez. — Não desconheço a existência dessa força dentro de você. Ofereço-lhe a minha mais sincera comiseração. Descanse bem, minha amiga. Você deve deixar o nosso planeta o mais breve possível; caso contrário, temo que o faça de coração partido.

Ele saiu rapidamente do quarto.

Fiquei assombrada quando ele veio me visitar no dia seguinte, e depois no outro. E na noite do terceiro dia quase fiquei doente de desapontamento, quando ele não apareceu na hora de costume.

Será que eu dissera algo errado na noite anterior? Fiquei recostada no travesseiro, revivendo com cuidado cada frase, cada fragmento de conversa. Não, até que fora uma noite muito satisfatória. Ele me contara que haviam descoberto um novo sistema estelar a uns três bilhões de anos-luz de distância, e eu escutara atentamente, imaginando de que diabo ele estava falando.

Tinha certeza de que fizera as exclamações apropriadas nas horas certas. Então, onde estava ele?

Penteei e repenteei o cabelo várias vezes. Quando já estava prestes a desistir e apagar a luz, ouvi uma batidinha na porta.

Sentei na cama e mandei que entrassem. Nunca podia imaginar que fosse Sua Alteza, pois ele nunca batia; simplesmente irrompia pelo quarto, como o sol.

E lá estava ele, em toda a sua magnificência.

— É tão tarde — explicou —, que temia que você já se houvesse recolhido.

Puxou o banquinho para perto da cama e sentou-se. Embora nada na sua aparência denotasse fadiga, senti que ele estava cansado.

Durante um momento ficamos os dois calados, tranquilos, com a grande lua nos iluminando por trás da montanha. Senti vontade de pegar a mão dele e perguntar se tinha tido um dia difícil no escritório. Felizmente, abafei o impulso, e como não sabia de que assunto tratar, preendi-me ao protocolo e deixei que ele iniciasse a conversa.

Ele o fez com uma pergunta estranha: — Quantos anos já viveu, minha amiguinha?

Disse a ele que tinha vinte e dois anos.

— Estou surpreso de que com tão pouca idade seus poderes de recuperação sejam tão lentos.

Então era isso. Ele estava louco para eu ficar boa e ir embora do seu planeta.

— Nosso povo não volta a ficar em forma com a mesma rapidez dos yargonianos — falei. — Mas estou certa de que estarei pronta para viajar dentro de alguns dias.

Assentiu, como se mal tivesse ouvido.

— Além da autodestruição, ou “guerras”, como vocês as chamam, qual a causa mais comum de morte em seu planeta?

Disse-lhe que eram doenças cardíacas e câncer, e ele balançou a cabeça tristemente.

— Doenças cardíacas. A causa e a cura são tão aparentes.

Descubram a cura e ninguém envelhecerá, pois quando se descobre como manter a elasticidade do músculo, da fibra e do nervo, o coração permanece forte, e o corpo não envelhece. Estou surpreso de que alguns dos seus cientistas não tenham feito essa descoberta. Quanto ao câncer, é um inimigo mais ardiloso.

Estranhamente, suas palavras me encorajaram. Em algum lugar havia uma cura para essas moléstias, e se eles a haviam descoberto aqui, estava certa de que algum dia nós também a descobriríamos. Mas, e o que acontecia a seguir? perguntei.

Quanto tempo as pessoas viviam, em Yargo?

Ele me disse que a média de vida em Yargo era de quase trezentos anos. Ele próprio estava com oitenta anos.

Oitenta!

Puxa, mas ele era um velho! Dez anos mais velho do que meu avô!

Ele percebeu meu olhar incrédulo e deve ter adivinhado meus pensamentos, pois, com algo parecido com vaidade, assegurou-me que, em Yargo, com oitenta anos não se estava nem na plenitude da vida. Pois só se terminavam os estudos aos cinquenta!

Estremeci. Que pesadelo!

— Quer dizer que por aqui se frequenta a escola até os cinquenta anos?

— A instrução formal termina após vinte e cinco anos. A seguir, é a hora da verdadeira busca do saber. Os estudos posteriores são autodeterminados. Afinal de contas, a mente não está formada nos primeiros vinte e cinco anos. As pessoas tomam e revogam muitas decisões tocantes ao trabalho que escolheram para a sua vida. É

tolice pensar que um adolescente é capaz de tomar uma decisão que afetará todo o seu futuro, ou capaz de consumir saber suficiente para servi-lo pelo resto da vida.

Perguntei a idade de Sanau. O Yargo disse achar que ela estava perto dos cem anos.

Reagi bem. Não demonstrei emoção. Quase sufoquei, só isso.

Depois que ele me ofereceu um pouco de água, reuni forças para fazer mais uma pergunta. Já que eles haviam superado tudo o mais por que não a morte?

Fui recompensada com um sorriso arrasador. Parecia que eu fizera uma pergunta muito inteligente.

— Meu povo — explicou ele — não é governado pela emoção.

Portanto, não há por que temer a morte. A morte chega para os habitantes do nosso planeta através de um desejo, não através de outra causa qualquer.

— Quer dizer que a pessoa se levanta um belo dia e diz: “Hoje eu pretendo morrer”, e pronto!

Rimos juntos.

— Minha cara Janet, quando se viveu trezentos anos, trezentos anos passados em trabalho criativo, deseja-se morrer. O cérebro fica cansado. A pessoa já viveu e criou o bastante, e finalmente deseja descansar. Ela comunica o fato aos que a cercam, amigos e colegas, e após algum tempo se recolhe. É isso. A morte não visita ninguém sem ser chamada, e, quando o é, significa que é tão desejada quanto uma boa noite de sono por um habitante do seu planeta.

Não concordava com isso, e externei minha opinião. Jamais desejaria morrer, se pudesse fazer a escolha.

Ele sorriu.

— Talvez eu possa esclarecer este desejo com um exemplo pessoal. Quando você era criança, Janet, provavelmente pensava que nunca iria para a cama, se permitissem. Quando chegava a hora, você relutava, como todas as crianças, utilizando os mais diversos recursos. Contudo, agora que está mais velha e pode ficar acordada até a hora que quiser, há vezes em que recebe de bom grado o sono, e se entrega a ele voluntariamente. Assim é a morte para um yargoniano maduro.

— Está certo, mas cada vez que vou dormir voluntariamente, sei que vou acordar na devida hora — argumentei.

— Janet, qual é a verdadeira causa de você desejar permanecer viva?

Pensei com cuidado antes de responder.

— Acho que a principal é a curiosidade, e o amor pelas que me cercam, e, bem, creio que, mais do que tudo, o amor pela vida.

— E não o medo da morte?

— Bem, sempre se teme o desconhecido até um certo ponto — admiti.

— É verdade, mas neste planeta não existe nenhum desses fatores. Após trezentos anos de vida criativa, a curiosidade que você mencionou está mitigada. O amor pelas pessoas, no nosso conceito, já foi amplamente satisfeito pelos nossos feitos e esforços criativos, pois tudo o que fazemos é em prol do aperfeiçoamento de nosso planeta e de seus habitantes. Para nós, não existe o medo da morte. Sabemos a resposta. Não existe incerteza, e, como não estamos presos a amores mortais, não há tristeza pela partida.

— Qual é a resposta à morte?

— O descanso eterno, tão desejável quanto uma noite de sono para os que estão exaustos.

— E quanto ao céu, ao inferno, à vida posterior? E quanto a Deus?

Ele se levantou.

— Já conversamos demais por hoje. Você precisa descansar.

E assim foi durante uma semana inteira. Certas vezes, ele se demorava quase uma hora; em outras, a visita era curta. Mas eu sempre sentia nele o desejo de que eu me recuperasse e partisse logo.

Certa noite resolvi trazer a conversa para uma base mais pessoal.

Era uma noite maravilhosa: as luzes estavam fracas, a lua era cor de laranja, eu vestia uma camisola com capinha muito elegante, e ele estava contando como descobrira a cura para o câncer. Conio sempre, eu o estimulava a continuar, pois notara que ele geralmente se demorava mais quando estava entretido em me dar alguma explicação.

Meu cérebro inferior pôde compreender que a cura do câncer era tão simples quanto a cura do resfriado comum. O vírus do câncer é parecido, em estrutura, com o vírus do resfriado, e igualmente ardiloso. Agora, as crianças yargonianas eram, ao nascer, vacinadas contra o câncer, assim como contra a desintegração de seus músculos e vasos sanguíneos.

Escutei a explanação dele com um misto de admiração e frustração. Merecera a honra de uma visita noturna durante uma semana, e voltaria para a Terra sem conhecer quase nada de sua pessoa. Teria conhecimento de muitos fatos que não ousaria revelar, mas o que eu queria era um pouco de conhecimento pessoal sobre aquele homem, algo a ser armazenado nas minhas lembranças para as longas noites de inverno, quando voltasse para casa. Queria associar algo ao seu brilho devastador; queria associar uma frase pessoal àquele sorriso fascinante. Com audácia imperdoável, deixei escapar a pergunta: — Vossa Alteza tem filhos?

Sem hesitar, ele respondeu que não tinha certeza. Em resposta ao meu olhar de incredulidade, dispôs-se a explicar.

— Antes de me tornar o Yargo, diversas células foram enviadas aos bancos por mulheres com quem eu tivera contato físico.

Entretanto, como apenas a maternidade é registrada, não há prova da paternidade dos rebentos. Contudo, agora que sou o Yargo, as mulheres com quem tenho contato para satisfação física destroem as células imediatamente. Não são aceitas em banco algum.

Esforçando-me para igualar seu tom displicente, indaguei qual o motivo desse procedimento.

— Por que não se deve almejar o trono do Yargo sem outro motivo que não o mérito. Se houvesse laços de sangue, e o descendente demonstrasse qualquer capacidade, é claro que haveria uma inclinação em seu favor. A honra de ser o Yargo deve estar à disposição de todos, e ser obtida somente por aquele que tiver o poder e a capacidade para ser o eleito.

— Mas seu planeta não seria beneficiado com a continuação de sua linhagem? — argumentei. — Afinal de contas, há vantagem na transmissão de células para criar um cérebro superior.

— Resultaria em preconceitos. Uma família se consideraria melhor do que a outra, o que resultaria em mal-estar pessoal e status social, coisas que no momento não temos. Não, é melhor permitir que as pessoas desenvolvam as próprias mentes com linhagens diferentes, oferecendo poderes criativos diversificados. Isso faz um raça igual e mais forte.

Ele se despediu, desejando-me uma boa noite.

A noite fora um grande sucesso. Uma hora de discussão sobre sexo, com todo o sentimento de uma aula de biologia de ginásio.

Fiquei imaginando se ele estaria dormindo. Provavelmente, não. Afinal, algumas mulheres tinham contato físico com ele. Por que não eu? Nossa, o que eu estava dizendo? Estava mais do que na hora de dormir, de ir embora daquele planeta, de voltar para David. David.

Apaguei a luz.

26

Graças a Deus, Sanau apareceu no dia seguinte. Estava voltando de uma tomé vitoriosa, e planejava ficar na cidade durante um dia, antes de partir para nova viagem. Naturalmente, viera apresentar-se imediatamente ao Yargo.

Ela me fez uma breve visita de cortesia, que foi dolorosa para nós duas. Por mais que eu tentasse, não podia ocultar um ar de recriminação. Ela comentou que eu estava com boa aparência e que parecia forte o bastante para viajar.

Na hora em que estava de saída, perguntei pela vida sexual do Yargo, da maneira mais casual que me foi possível.

A surpresa dela foi provocada pelo fato de eu ter compartilhado uma discussão desse tipo com Sua Majestade. Depois de convencer-se de que a conversa existira, explicou no seu modo tranquilo o complicado ritual da vida amorosa de Sua Majestade.

O palácio possuía um harém e tanto, composto de mulheres que nada exigiam da vida senão atender o Yargo no aspecto sexual.

Essas mulheres eram selecionadas para essa honraria do mesmo modo que qualquer yargoniano era selecionado para qualquer tarefa naquele planeta. As serviçais do palácio eram escolhidas do mesmo modo, entre as mulheres que gostavam de cuidar da casa, de cozinhar e de servir aos homens.

— O contato físico — indaguei assombrada — é realmente encarado como uma ocupação voluntária, legal, e tudo o mais?

Sanau ressaltou que o desejo físico não era necessariamente acompanhado de amor, e que o amor, mesmo o amor que eu conhecia, nem sempre implicava um intenso desejo físico.

— Algumas pessoas são dotadas de glândulas e hormônios que exigem uma maior quantidade de contatos físicos, assim como alguns corpos exigem mais açúcar e gordura do que outros, Algumas mulheres nunca sentem um verdadeiro prazer no contato físico; então, para que procurá-lo? No entanto, na Terra, as mulheres que

não sentem prazer precisam fingir para fazer filhos e prender os companheiros. Em vez de ser encarado como um mero ato físico, o sexo é envolto em segredo e disfarçado em “amor”, e é a base de toda a sua civilização. Isso é totalmente sem sentido. O que acontece à mulher que a natureza dotou de hormônios em abundância que clamam por satisfação? Ela só será feliz se por acaso arranjar um companheiro que também clame por contatos físicos constantes. Se o casamento não for perfeito, ela terá que negar ao seu corpo o que ele exige. Será uma mulher infeliz, frustrada, que cria os membros da geração futura como espelhos da sua neurose. Contudo, se ela se abandonar aos seus desejos naturais, será condenada e desprezada pela sociedade. É uma situação muito ruim, essa tia Terra, em que se nega o desejo químico, que é real, disfarçando-o em amor, que é irreal.

— E no seu mundo — indaguei — as mulheres que sentem muito desejo é que são selecionadas para o Yargo?

Sanau assentiu.

— Correto. Essas mulheres declaram que querem servi-lo, fazem requerimentos, e entre elas escolhem-se as mais perfeitas. Elas vêm morar no palácio e ficam aqui até o fim da vida.

— Então, o Yargo não é completamente intocável?

— As mulheres que tiveram contato com o Yargo tornam-se intocáveis, por sua vez. Permanecem isoladas aqui, dedicando a vida a Sua Alteza Todo-Poderosa.

— Mas isso é uma coisa atrasada — retruquei — e contrária a toda a sua teoria. Se essas mulheres são fogosas e desejam satisfação constante, como podem contentar-se em viver escondidas, esperando um capricho ocasional de um líder com o qual nem podem conversar em pé de igualdade?

— Você esquece que essas mulheres são voluntárias para essa ocupação, com plena consciência de todos os seus riscos. Para elas, esse breve encontro é uma experiência religiosa. Nada pode satisfazê-las mais do que imaginar que lhes foi permitido agradar e gratificar o mais perfeito dos homens.

Olhou-me de repente com cara feia, como se estivesse com raiva de ter deixado escapar essa informação.

— Se você refrear sua curiosidade e dedicar suas energias à recuperação de suas forças, ficará boa muito mais depressa.

— Mas não posso evitar sentir curiosidade sobre vocês todos — argumentei.

— E que benefício lhe trará esse conhecimento? Você vai voltar para o seu planeta, com um voto de silêncio, e contudo parece querer debater cada assunto.

Encaminhou-se para a porta.

— Vou ver você de novo, Sanau?

O olhar dela foi franco.

— Não creio. Estarei fora durante sete dias. Espero que você já tenha partido, quando eu voltar.

Saiu do quarto rapidamente.

Bem, agora a coisa era comigo. Era evidente que o Yargo era um anfitrião delicado, e não me convidaria a partir. Se eu ainda estivesse aqui quando Sanau voltasse, tenho certeza de que ela não faria a mesma cerimônia. Ela tinha razão. Quanto mais eu ficasse, quanto mais eu ficasse, o quê? Teria preferido retornar como a heroína vitoriosa. Qual a explicação que daria para o meu desaparecimento? Bem esta setia uma preocupação para mais tarde. O "x" do problema era se eu queria mesmo ir para casa. Claro que queria. Havia David, minha mãe, meu mundo. Fiquei repetindo essas frases, mas elas não me soavam bem. O que eu queria? Ficar ali~ Aquilo era um absurdo; o problema era só que eu já estava há muito tempo longe de casa. Entrementes, ia tentar descobrir tudo o que pudesse sobre aquela gente, e depois, talvez, escreveria um livro sobre minha experiência, como ficção, é claro.

O Yargo não podia se zangar com isso, não é mesmo? Não estaria quebrando a promessa. E por que ele era intocável? E como ele reagiria se eu lhe fizesse tal pergunta? Só que eu não faria.

Mas fiz.

Enfeitei-me o mais que pude aquela noite. Na verdade, nem estava na cama quando ele chegou. Descansava numa poltrona, e estava até satisfeita comigo mesma. Era a primeira vez que não me sentia morbidamente consciente de minha inferioridade em relação àquela raça dominante. Talvez porque Sanau tivesse sido tão

mandona e forte, talvez pela proximidade das estrelas através das vidraças coloridas, pela brisa que agitava a folhagem lá fora, só sei que de repente senti confiança em mim mesma como mulher. Muito feminina, pequena e fraca, mas uma mulher de carne e osso, não uma máquina magnífica.

Quando o Yargo entrou, lançando aquele seu sorriso radioso, respondi com um outro igualmente radioso, e entrei direto na minha fala ensaiada.

— Já estou me sentindo bem o bastante para sentar-me numa poltrona, Alteza, mas ainda não o bastante para me ajoelhar diante do senhor.

Estava torcendo para que ele dissesse que não havia problema, que éramos tão bons amigos que eu não precisava me ajoelhar. O que ele respondeu me encheu de esperanças.

— Não espero que você se ajoelhe.

Que beleza. Meu sorriso ficou mais largo. Aí, ele continuou: — Apenas meus súditos, meus amigos e meu povo se ajoelham.

Você pertence a um planeta diferente. Não tem motivo para se ajoelhar. Não há elos entre nós.

Meu sorriso desapareceu.

Ele nem notou. Estava inquieto. Não puxou o banquinho para o meu lado, nem se sentou na cadeira que eu colocara estrategicamente perto da minha. Planejara a cena toda com cuidado antes de sua chegada, mas as coisas não estavam correndo conforme o plano.

— Agrada-me vê-la mais forte — disse ele.

Não respondi. Será que aquilo era uma indireta? Será que Sanau falara com ele?

— Soube que você recebeu uma visita de Sanau. Como o dia de hoje não foi longo e solitário para você, não me demorarei mais.

Então ela falara com ele. Falara com ele e provavelmente lhe dissera, com educadas palavras yargonianas, para ficar longe de mim.

— Desejo-lhe uma boa noite.

Ah, era por esse motivo que ele vinha me visitar. não que sentisse vontade; apenas achava que eu devia me sentir só e que

precisava conversar com alguém. Eram as suas boas maneiras que o traziam ao meu quarto todas as noites. Bem, agora estava tudo acabado.

Mergulhei de cabeça.

— Alteza — Ele estava à porta; virou-se. — Queria fazer-lhe uma pergunta.

Ele ficou parado. Eu não era nenhuma mulher fatal, mas o que me faltava em charme e glamour me sobrava em tenacidade. No tom de voz mais casual possível, perguntei: — Por que o senhor é intocável?

Ele me deu um sorriso paciente.

— Para o bem do meu povo.

Balancei a cabeça.

— Não é que eu esteja bisbilhotando, é apenas que não consigo entender: todos se prostram feito escravos diante do senhor. É uma coisa tão medieval num povo tão adiantado. Que benefício isso poderá trazer ao senhor ou a seu povo?

Aquilo serviu pelo menos para trazê-lo de volta ao meio do quarto.

— É o único modo de se dirigir a um governante — explicou. — Já atravessamos o que vocês chamam de modo de vida democrático.

Na Terra, vocês nem sequer começaram a se aproximar da verdadeira democracia.

— Para mim, democracia é igualdade para todos — interrompi — e não o povo se prostrar de cara no chão diante de um homem.

Os olhos dele faiscaram, mas o rosto permaneceu impassível.

— Vamos examinar o passado histórico — falou numa voz calma, repleta de zombaria disfarçada.

Recostei-me na poltrona, desalentada. Ele era totalmente incapaz de sentir emoção. Nem conseguira enraivecê-lo. Houve apenas aquele olhar de censura momentânea pela minha ignorância. Eu falhara sob todos os aspectos.

Com infinita paciência, continuou explicando: — Lembre-se, minha amiguinha, que houve um período no seu próprio planeta quando os governantes eram a lei e o povo se ajoelhava numa

adoração respeitosa. Esse costume foi se modificando, o que vocês chamam democracia começou a aparecer.

O governante era eleito pelo povo e vocês tinham que respeitá-lo... até um certo ponto. Vocês insistiam em provar que ele não era divino. Mostravam suas fraquezas, declaravam alto e bom som que ele era de carne e osso como todo mundo, possuidor dos mesmos defeitos e falhas.

— E vocês não chamam a isso democracia? — perguntei exaltada.

— É desrespeitoso! Na sua busca pela verdadeira democracia, vocês foram longe demais, um erro natural para uma raça ainda em processo de se educar. Vocês descobrirão por si mesmos as falhas, se não se destruírem antes disso. Vocês são um pobre povo às tontas. Um belo dia, aprenderão que não querem ser governados por alguém que possua as mesmas fraquezas que vocês possuem; então escolherão um líder que, naquele momento, seja superior a todos os homens da Terra.

Vocês o escolherão porque ele não é igual a outro homem qualquer, e como um homem desses nasce apenas uma vez em várias centenas de anos, vocês adorarão e reverenciarão cada ano da vida dele. Vocês saberão que ele é digno no momento que aparecer à sua frente, e como e superior a vocês sob todos os aspectos, vocês o proclamarão intocável. Você apertaria a mão de um santo, se ele fizesse uma visita à Terra? Seu povo não se ajoelha diante do seu santo homem em Roma? Deve ser a mesma coisa com um governante. Ele deve ser um líder espiritual e político, aclamado e adorado por todos. Essa, minha amiga, é a verdadeira democracia.

Inclinou-se e saiu do aposento, e eu não fiz nenhum esforço para detê-lo. Estava completamente exausta pelo seu discurso. Ora, ele falava como se fosse Deus, ou uma espécie de semideus. Talvez ele tivesse razão, talvez chegássemos a uma situação daquelas daí a milhares de anos. Estava cansada demais para discutir a lógica dele.

No entanto, não conseguia odiá-lo. Não houvera nenhuma ostentação na sua explicação. Simplesmente expusera os fatos, impessoal e calmamente, como se estivesse explicando com paciência a uma criança por que dois e dois eram quatro. Enquanto

pegava no sono, as coisas foram ficando claras para mim. Dois e dois eram quatro, pelo menos quando o Yargo explicava o problema.

27

Ele não me visitou na noite seguinte, nem na próxima. Se eu tivesse maleta ou escova de dentes, teria feito a mala, mas não tinha nem uma coisa nem outra, e assim fiquei apenas esperando que me despachassem do planeta.

Estava esperando ser informada da hora da partida por um guarda ou uma criada. Após dois longos dias de silêncio, não tinha esperanças de rever o Yargo ou Sanau.

Qual não foi a minha surpresa quando ele entrou calmamente no quarto na terceira noite. Foi entrando, como se não fosse um deus ou o Yargo e não me tivesse negligenciado por tanto tempo.

Não falei nada. Bastava de perguntas sobre seu planeta e seu modo de vida. Provavelmente, era a última visita dele; eu tentaria torná-la agradável.

Era uma noite fragrante.

— Acho que um pouco de ar fresco faria bem à nossa paciente — disse ele com um leve sorriso.

— A refrigeração do quarto é tão boa. .. — comecei a responder, mas ele já abriu a porta e saiu para o terraço. A princípio, fiquei em dúvida sobre o que deveria fazer. Seria ousadia acompanhá-lo até o terraço? Mas, se eu ficasse no quarto, aquilo também não poderia ser encarado como desinteresse e grosseria? Bem, o fato é que qualquer das escolhas que eu fizesse seria a errada, portanto fui calmamente atrás dele.

Acertei, pela primeira vez! Ele se virou e sorriu. Fiquei ao seu lado, deixando cuidadosamente quase um metro de espaço entre nós dois. Era uma coisa estranha, um homem sozinho no quarto de uma mulher e ela esforçando-se por manter distância.

Ele me indicou o que parecia ser apenas mais outra estrela no céu.

Para mim, parecia uma estrela igual às outras, talvez somente um pouco mais apagada. Mas ele me informou que era um novo astro. Já se designara uma espaçonave para investigar a sua origem e determinar se era um novo planeta que saíra do curso, um grande asteroide errante ou uma pré-nova.

— Aquele astro também foi avistado pela Terra — explicou.

— Como sabe?

— Já esqueceu? Vigiamos constantemente sua Terra. Pelo menos três das nossas espaçonaves patrulham seu planeta. Mas seu povo só as vê quando elas voam extremamente baixo para marcar algum local específico.

— Pelo menos estamos atentos o bastante para detectar vocês. E certamente causam um estardalhaço nos jornais quando os avistamos.

— Isso é intencional — replicou ele.

— Quer dizer que pretendem alarmar-nos?

— Não, minha amiguinha. Pretendemos ser vistos pela sua gente.

Queremos plantar, na mente do seu povo, a semente da ideia da existência de outros mundos. Queremos que eles aceitem essa teoria gradativamente, e sem medo, mas seu Pentágono e a Força Aérea parecem resolvidos a confundir as pessoas com retratações, negativas e declarações enganosas.

Voltou a se concentrar no astro misterioso. Eu também o examinei. Aproximara-me da grade da varanda, quebrando a regra do metro de distância. Estava bem perto dele, mais do que qualquer yargoniano já estivera. O que aconteceria se eu estendesse a mão e o tocasse?

O pensamento me assustou e eu me afastei. No entanto, não conseguia tirá-lo da cabeça.

O que aconteceria?

Será que ele gritaria comigo ou apenas sairia da sala sem dizer palavra?

Talvez ele tenha sentido que eu não estava mais prestando atenção no pontinho de luz, ou quem sabe pressentiu o rumo que os

meus pensamentos estavam tomando, pois virou-se e olhou bem dentro dos meus olhos.

Por um longo momento nós nos fitamos. Seus olhos estranhos quase me hipnotizaram, mas forcei-me a não desviar o olhar.

Depois, sem mudar a expressão, de olhos fitos nos meus, falou suavemente:

— Suplico-lhe que não diga o que está em seus lábios e em sua mente. Destruirá tudo.

Senti o suor porejar-me a testa, e o coração bater loucamente dentro do peito, mas não afastei meu olhar. Ficamos imóveis, depois o rosto dele mudou, quase como se quisesse me pedir um favor; mas, quando falou, foi com voz monótona e inexpressiva.

— Suplico-lhe que não fale.

Sabia que meu destino inteiro dependia daquele momento. Podia baixar os olhos e fazer uma perguntinha trivial sobre o novo astro.

O momento passaria; talvez fosse até esquecido. Mas naquele instante ele me parecia a minha única chance de felicidade, e parecia gritar para mim: “Aproveite!” Esta era a chance de libertação, da descoberta do que eu buscava; se a deixasse passar, voltaria à insegurança confusa em que vivia.

Quase como se o olhar dele tivesse desanuviado minha visão e me dado um poder novo, senti-me subitamente segura. Pela primeira vez na vida eu tinha certeza; sabia o que queria, não precisava perguntar a minha mãe, a David, a meus amigos, a ninguém. Eu sabia!

Falei: — Eu o amo, Yargo.

Falei tranquilamente, e nunca falara assim antes, com tanto significado.

Ele não respondeu. Deu alguns passos e deu-me as costas. Quando voltou-se de novo para mim, seu porte era régio e orgulhoso. Nos olhos dele percebi uma ponta de piedade, e sabia que havia perdido. Perdera minha chance de qualquer coisa.

A piedade dele era para mim.

Mas, como um animal preso arranhando a jaula, falei de novo: — Você ouviu? Entendeu o que eu disse?

Ele fez que sim com a cabeça. Agora a piedade nos seus olhos era indisfarçável. Fiquei com raiva e gritei, para que as lágrimas não transparecessem em meus olhos e em minha voz: — Não me dá uma resposta? Não tem nada a dizer?

— E há uma resposta? — indagou.

— Há — berrei. — Tem que haver. Diga que me odeia! Diga que está pouco ligando! Mas não fique aí para-~ do, sentindo pena de mim!

— Mas não posso dizer nenhuma dessas coisas — respondeu.

— Mas você não me ama!

Tinha medo de ter esperanças.

— Claro que não a amo.

Não havia emoção em sua voz. Apenas declarava um fato.

— Está bem. — Eu me esforçava para não parecer histérica. — Você não me ama. Partamos dessa premissa. Mas, por favor, por favor, não comece com essa conversa de que ninguém neste planeta ama um ser mortal. Já ouvi isso antes, milhares de vezes.

Mas de uma coisa eu sei: você sente alguma coisa por mim. Você pode não se dar conta, mas sente!

Parei para respirar. Quando ele não respondeu, dei mais uns passos em sua direção e insisti:

— Yargo, você é magnífico e brilhante e distante, mas me ama.

Talvez não se dê conta, mas me ama, porque sei que amo você.

Nunca soube o que era o amor antes, e de repente tudo está claro para mim; tudo está claro e estaria para você, se não se reprimisse, se tentasse.

— Janet! — Ele me interrompeu. — E impossível para mim amar você. Seria tão impossível para mim amar você quanto para você amar a vegetação de meu planeta, ou as criações que foram obra do meu povo. Essas são as coisas que amo. Amo uma folha de grama mais do que amo você, pois aquela folhinha cresce para que todos a vejam e apreciem. Não posso amar um ser humano. Posso amar apenas os feitos que uma pessoa é capaz de criar para que os outros desfrutem.

Enquanto eu escutava, minha humilhação à rejeição dele se desvanecia. Quando ele falava de amor, havia no seu olhar algo que

eu sempre esperara encontrar nos olhos de alguém. David nunca o possuía, e no entanto aquele homem o irradiava ao falar numa folha de grama, no progresso de seu planeta, na felicidade de seu povo.

Um homem capaz de amar coisas inanimadas, possuidor da maior inteligência, tinha que poder sentir. Precisava. aprender a sentir!

— Yargo — minha voz estava repleta de desespero. —Por favor, Yargo, abra essa sua mente brilhante. Você, que compreende tudo, tente compreender-me. Tente compreender-me. E possível. Você podia estar sentindo emoções e nem mesmo dar-se conta delas.

Por que outro motivo teria passado essas noites comigo? É certo que não há nada que eu possa ensinar-lhe. Já satisfez totalmente sua curiosidade sobre minha pessoa e meu povo. Você passou essas noites comigo porque, bem lá no fundo, estava com vontade! Porque tinha prazer em estar comigo.

— Admito que apreciei sua companhia — falou ele, como se pensasse em voz alta.

— Apreciar a companhia de alguém é uma emoção — falei apressada —, é uma emoção de verdade. Eu não posso trazer nenhuma contribuição para seu planeta ou seu povo, mas contribuimos um para o outro, Yargo, e essa é a base do amor.

Pela primeira vez ele pareceu inseguro, mas, quando falou, sua atitude era a de encarar tudo aquilo como um experimento impessoal.

— Seria realmente estranho que uma emoção que morreu há milhares de anos no meu povo viesse a renascer de repente em mim. Diga-me, o que mais eu sentiria se a amasse?

Senti-me fraca e tonta com essa virada inesperada dos acontecimentos. A esperança que me inundou deixou-me atordoada. Se eu pudesse convencê-lo! De repente senti, sem sombra de dúvida, que nunca mais poderia viver sem aquele homem.

Nunca mais poderia voltar para David, para a Terra, para meu povo. Para mim só haveria dúvidas ao lado dele. Eu não amava David. Amava o Yargo, era preciso lutar por ele, lutar para que ele

compreendesse. Mas havia uma chance, uma chance débil, mas havia.

Podia sentir minhas cordas vocais se retesando enquanto me esforçava para falar. Falei em voz baixa, pois sabia que o menor toque de histeria faria com que ele fosse embora. Pressionei as unhas nas palmas das mãos cerradas para controlar minhas emoções. Era preciso fazê-lo entender, meu cérebro inferior precisava fazer com que aquele cérebro superior aceitasse minhas ideias.

— Se você me amasse —. quase murmurei — teria vontade de ficar comigo. Teria vontade de mostrar-me coisas. Como você me mostrou o novo astro, esta noite. Isso é parte do amor, partilhar algo que se descobriu com a pessoa que nos é mais cara. Não há nada complexo sobre o amor. E tão simples, simples mas desconcertante para os mais sábios dos homens, e então...

— Então?

Os olhos e o tom de voz eram indagadores.

— E então você teria vontade de me tomar nos braços e ficar juntinho de mim, de todas as maneiras.

— O que eu faria com você nos braços?

Abafei um desejo louco de cair na risada. Ele falava a sério. O governante magnífico era quase infantil em seu desejo de me compreender, de ser completamente justo e honesto.

Eu sabia que, se ele realmente pensasse que gostava de mim, seria sincero, pois desconhecia a desonestidade.

Ficamos ali de pé, os dois, cada um tentando compreender o outro.

Aproximei-me dele. Podia ver os pêlos finos de suas sobrancelhas, meu rosto refletido nos seus olhos. Podia sentir o leve perfume de sua água de banho. Cheguei mais perto, tão perto que, para evitar tocá-lo, teria que parar de respirar.

Ele não se afastou um milímetro. Ficou imóvel, com os olhos perscrutando os meus, como se neles pudesse achar a resposta.

A seguir, com coragem nascida do desespero e de uma louca esperança, abracei-o e apertei meus lábios contra os dele.

E então o medo transformou-se em esperança; ele não estava me empurrando para longe de si.

Ele não estava fazendo nada. Estava como uma estátua • de pedra. Minha esperança desmoronou, transformando-se num desespero agoniado.

Totalmente derrotada, larguei-o e forcei-me a olhar para ele.

Seu sorriso era triste.

— Isso foi uma expressão de amor, Janet?

Assenti.

— Não gostei. Não gosto de ser tocado.

— A não ser que busque satisfação física com uma das componentes do seu harém — falei, quase cuspiendo as palavras.

— Isso é diferente. É gratificação física. Quando meu corpo tem fome, eu a sacio. Agora não tenho fome. Quando tenho fome, nem se pensa em amor, no entanto você afirma que isso é amor. Não, não gostei nada.

— É porque você nunca beijou ninguém antes — argumentei.

— É verdade, mas aceito de pronto novas ideias se elas me atraem. Seus lábios nos meus me deram uma sensação muito desagradável. — Ele fez uma pequena pausa, depois acrescentou, como que a resumir todo o incidente: — Parecia que eu estava sendo sufocado. Desisti. Mas não inteiramente.

— Está bem, Yargo, talvez não lhe tenha agradado meu beijo, mas você gosta de mim. Sei que gosta. Pode levar algum tempo, muito tempo, até que você se dê conta disso. Talvez seja culpa minha tentar forçá-lo, mas você descobrirá por si mesmo, a seu modo, e estou disposta a correr o risco. Suplico-lhe, deixe-me ficar aqui, e prometo que jamais tocarei no assunto de novo. Serei feliz vendo você, conversando com você. Esperarei toda a vida, se for preciso.

Ele meneou a cabeça.

— Você diz isso agora, Janct, mas sei que não é assim. Não, você não pode ficar aqui. Você é uma terráquea que vive num estado chamado emoção.

— Yargo. — Minha voz tremia, eu implorava. — Ah, Yargo, sei que você acredita que tudo é motivado pelo poder da mente. A

mente é uma coisa maravilhosa. Admiro sua inteligência e a de seu povo.

Não posso deixar de admirar os progressos que fizeram. Lá na Terra também admiramos uma inteligência brilhante, e temos muitas, embora não tão brilhantes quanto as suas. Mas há uma outra coisa que temos e da qual nos esquecemos a maior parte do tempo, somente apelando para ela quando tudo o mais falha. Como agora, que falhei de todas as maneiras. Falhei em minha feminilidade, em minha atração física, falhei até mesmo na lógica pura e simples, portanto agora preciso apelar para aquela outra coisa... a fé. Não me sentirei sozinha ou infeliz. Terei a minha fé enquanto espero.

Os olhos dele ficaram intrigados por um momento.

— Não estou entendendo. Fé em quê?

— Em Deus. Vou rezar. Vou rezar para Deus fazê-lo entender.

Pertencemos a mundos e sistemas solares diferentes, mas pelo menos isso nós partilhamos. , o mesmo Deus. E ele me ajudará. Ele nos ajudará aos dois.

A resposta dele foi precisa e chocante.

— Isso é impossível. Eu sou Deus.

Dei um passo atrás, incapaz até mesmo de emitir um som diante de tanta blasfêmia.

Dessa vez o sorriso dele foi quase zombeteiro, ao perguntar: — Diga-me, vocês ainda têm religião em seu planeta?

— Claro que sim. Não me diga que vocês aboliram isso também.

— Mas claro, muito antes de abolirmos outras emoções. Deus é uma grande mente, uma grande força, uma grande liderança. A religião é para os fracos. Nós governamos o nosso próprio destino; não precisamos recorrer a fantasias. Eu sou o Yargo, o mais poderoso entre os poderosos; portanto, sou Deus.

A única emoção que eu sentia no momento era a raiva, que me inundava o corpo.

— Devia ter imaginado — gritei. — Vocês não poderiam acreditar em nada que não pudessem ver, tocar ou provar; mas Deus existe, e você não é Ele. Deus é bem real, embora vocês não O possam trazer à luz com todas as suas equações fantásticas, pois Ele só se mostra

aos puros de mente e coração. Mas Ele existe para guiar-nos e cuidar de todos nós.

— Não acredito em nada que não possa ver — foi a resposta dele.

— Claro, mas posso provar que você está errado. Se seus cirurgiões mais experimentados me retalhassem e examinassem meu coração e meu cérebro, o que achariam? Achariam um coração e um cérebro iguais a qualquer outro coração e cérebro. Poderiam achar o amor que sinto por você em cada um desses órgãos?

Poderiam vê-lo? Poderiam prová-lo? Não, porque ele **é** algo intangível. Mas existe. Existe, tão forte e real que neste momento minha cabeça está estalando e chego a me sentir mal de tanto amor por você. Este amor, esta coisa intangível, pode causar-me uma verdadeira dor física porque é real e forte, assim como Deus!

Eles são comparáveis, de certa forma. Deus é amor. Deus causa o amor. Era ele.

Fiz uma pequena pausa, depois virei-me súplice. — Yargo, não me mande embora. O tempo todo baixei a cabeça para seu planeta superior e sua mente superior. Só desta vez, escute-me. Tente crer e entender algo que transcende a compreensão numérica. Quem criou este seu fantástico planeta?

Não foi você, nem foi seu povo. Ele foi criado por Deus, que criou todos os planetas e sois. os seus e os meus assim como nós fomos criados à Sua imagem e semelhança.

Ele achou graça de verdade.

Agora eu estava uma fera. Falei com veemência: — Não estava tentando diverti-lo. Sei que tenho sido uma fonte constante de diversão para todos vocês, mas antes de voltar à pseudobarbárie de meu planeta, deixe-me dar-lhe um conselho. Se quiser, pode abolir o amor, o parto natural das crianças, todas as emoções, em você mesmo e no seu povo, mas não os deixe sem fé alguma.

— Meu povo tem sua fé — replicou ele. — Sua fé em mim.

— E você, em quem se apóia? — gritei. — Ah, não precisa responder, já sei. Apóia-se em você mesmo. Não precisa de ninguém para guiá-lo porque é dotado de um grande cérebro superior. Vocês chamam isso de progresso? Eu chamo de barbárie.

Nós também temos um país na Terra que aboliu a religião, ou pelo menos tentou, já que parte do seu povo ainda crê. Mas é um país infeliz; também eles pensam que estão progredindo. Mas não estão. Eles se isolaram do resto do mundo por detrás de uma cortina de ferro.

— Esta é a estupidez do seu planeta — interrompeu ele. — Não há um idioma universal, os países guerreando uns contra os outros.

— Temos muitas coisas que depõem contra nós — argumentei. — Mas temos uma coisa em comum. Deus. Pode ser que todos não tomemos o mesmo caminho. Há várias estradas a trilhar, mas todas levam ao mesmo destino. E é isso que nos manterá juntos, é o que nos impede de destruirmos uns aos outros, e é também o que coloca à parte aquele país a que me referi. Eles acabarão por se destruir porque não têm fé, e sem fé não há amor, não há felicidade, não há vida.

Desta feita ele jogou a cabeça para trás numa risada gostosa, uma risada que a gente daria ao ver uma gatinha enfurecida toda enrolada numa meada de lã.

Não me lembro exatamente quando bati nele. Só sei que bati.

Talvez fosse porque ele continuava a rir. Talvez fosse porque eu o amasse tanto e quisesse fazê-lo compreender. E talvez fosse porque soubesse que o havia perdido definitivamente.

Minha bofetada estalou em seu rosto.

Ele parou de rir.

Fitou-me por um momento e, mais uma vez, nem sinal de emoção.

Nem de raiva.

— Perdôo e compreendo sua ira — falou. — A evolução e o progresso de trinta milênios ou mais é muita coisa para uma pessoa como você enfrentar. Uma mente mais forte do que a sua não aguentaria a pressão. No entanto, no futuro, seus descendentes pensarão e sentirão como eu. A evolução será lenta, mas existirá, se seu povo ainda não se tiver destruído a essa altura.

Virei o rosto e comecei a soluçar, derrotada.

Ele se acercou. Ao falar, sua voz era baixa.

28

— E agora, posso desejar-lhe uma boa noite?

Olhei para ele, devagarinho. Ele estendia a mão para mim. Muda de assombro, eu a tomei.

Aqueles estranhos e maravilhosos olhos se enrugaram de leve, e com pomposidade estudada apertou minha mão, à moda da Terra.

— Desejo-lhe boa noite.

Ele sorriu e saiu do quarto.

Não fiquei surpresa quando, no dia seguinte, a criada apareceu trazendo o meu velho vestido de linho vermelho, que, sem dizer palavra, me entregou. Bem, era simples assim. Eu ia embora vestida do jeito que me encontraram.

Mas eu não era a mesma; jamais voltaria a sê-lo. Rasguei uma das costuras enquanto me enfiava no vestido. Agora não era a hora de me descontrolar.

Nem fiquei surpresa por Sua Alteza não ter mandado nenhuma proclamação oficial de despedida. Imagino que, quanto mais cedo eu saísse do planeta dele, melhor. Até mesmo a criada parecia constrangida enquanto me ajudava a vestir-me.

Fui escoltada por um pequeno comitê, todo composto de desconhecidos, que me conduziu ao aeroporto no mesmo veículo em forma de charuto que me trouxera pela primeira vez à cidade.

Comecei a me sentir como num sonho. Aquela era a viagem que eu tanto exigira. Estava indo para casa, para o meu lar.

Mas onde era o meu "lar"? Era em Yargo? Ou era no lugar que até então continha tudo o que me era caro e familiar? Meu planeta, David, minha mãe. Pensei neles serena-mente, sem emoção. David e minha mãe. Era estranho, mas o Yargo e Sanau — insensíveis e alienígenas — haviam despertado em mim uma emoção mais sincera do que as duas pessoas que anteriormente possuíam toda a minha atenção e o meu amor.

Enquanto estava no campo de pouso, observando pela última vez tudo o que me cercava, procurei fixar cada detalhe com nitidez na

minha memória; depois, resolutamente, subi os degraus da espaçonave.

A porta, mais uma vez, eu me voltei. Era quase como se o planeta estivesse me ordenando que ficasse, como se gritasse: “Fique conosco, Janet, sabemos que aqui é o seu lugar.

Sabemos que ele a ama!”

Fiquei com os olhos cheios de lágrimas. Lágrimas que fizeram com que as abóbadas longínquas brilhassem como diamantes ao reflexo pálido da lua. As adormecidas naves em forma de cogumelo, espalhadas pelo aeroporto, despertaram minha inveja. Aquelas coisas inanimadas permaneceriam ali, mas eu iria embora.

Estava prestes a entrar na nave quando vi uma figura que caminhava apressada em nossa direção. À luz do luar, percebi as cores vivas do traje yargoniano. Quem sabe era um mensageiro, trazendo notícias dele? Talvez houvesse mudado de ideia!

Os pilotos também notaram a figura que se aproximava e esperaram para ver quem era. Logo percebemos o corpo esguio e a manga vazia. Era Sanau! Estava sem fôlego quando chegou à nave.

— Que bom que cheguei a tempo, minha amiga.

— Algum problema?

— Eu apenas desejava dizer adeus.

Falou inexpressivamente, mas em seus olhos houve um brilho rápido de emoção.

Os pilotos, percebendo que não havia problemas, entraram na nave.

Fiquei ali, fitando Sanau. Durante um momento, ficamos ambas igualmente constrangidas e pouco à vontade.

Depois de uma breve pausa, ela falou: — Faça uma boa viagem, Janet.

Concordei sem dizer palavra. Fiquei imaginando o quanto ela adivinhava, o quanto sabia.

Ela me abraçou apertado, com o braço que lhe restava, depois me empurrou quase rudemente.

— Vá depressa — murmurou —, vá depressa ou nos destruirá a todos.

Fiquei com os olhos marejados de lágrimas. Sanau, minha Sanau insensível, estava infeliz porque eu ia embora. Pela primeira vez em sua vida regrada, eu fizera com que ela sentisse uma emoção, e aquilo a perturbava e confundia. Sempre sentiria que cometera algum crime desconhecido, que revelara alguma fraqueza.

Precisava fazê-la compreender.

— Sanau — peguei a mão dela. — Isso é amizade, Sanau. É uma coisa boa.

— Não, não é — respondeu. — Causou-me muitos conflitos interiores. Foi por esse motivo que me afastei quando você estava doente. De repente, descobri que meus valores estavam mudando.

— Você esquecerá. E eu vou embora.

Ela meneou a cabeça.

— Infelizmente, o mal já está feito. Como posso retornar ao meu modo correto de pensar? — O tom de voz dela era quase infantil.

— Janet, em minhas viagens, em minha turnê de palestras, sabe o que fiquei fazendo? Procurando meus filhos. De uma hora para outra fiquei obcecada por um estranho desejo de saber se estavam todos bem e felizes.

— Mas assim é que tem que ser — falei desesperadamente. O tempo era tão pouco. Já ouvia o ronco macio dos motores.

— Não é assim que tem que ser. Isso me impede de realizar meu trabalho no prazo mais curto possível. Perdi tempo viajando para cidades que não constavam do roteiro procurando uma criança.

Cuspiu a palavra “criança” como se fosse o objeto mais indesejável de se procurar.

— Achou algumas delas?

— Algumas.

A voz dela era de desgosto.

— E não ficou feliz?

— Só conheço a felicidade do trabalho.

— Sanau, sentiu alguma coisa?

Ela deu um suspiro.

— O que importa o que eu senti? Elas não tiveram o menor interesse por mim. Mal deram importância ao nosso relacionamento.

Só lhes interessava a viagem que eu havia feito e as coisas que lhes podia ensinar.

— Quer dizer que a trataram como a uma líder talentosa, e não como a uma mãe? — Eia concordou. — Mas o que pode esperar delas, se foram treinadas para pensar assim! Mas você poderia ensinar-lhes. Se eu, um ser inferior, pude ensinar você a sentir emoção, é claro que você, com todos os seus recursos mentais, poderá desfazer as coisas que elas aprenderam.

— Não, Janet. Quem garante que o seu modo de pensar é o certo? Eu acho que é errado. Nada que cause infelicidade pode ser certo.

— A gente só pode ser feliz quando também conhece a infelicidade — retruquei. — Nada pode ser sempre estável.

— Janet, creia-me, estou certa. — Falou apressadamente, pois os discos de prata da nave já começavam a girar. — Durante minha viagem, pela primeira vez, eu me senti infeliz.

Infeliz pela emoção de deixá-la doente. Infeliz pelo desinteresse de meus filhos por mim como ser humano. Uma coisa vai puxando a outra. O trabalho criativo fica prejudicado por esses pensamentos inúteis. Não, Janet, nós aqui em Yargo estamos certos. Vá, vá imediatamente, e que a sorte a acompanhe.

— Vou sentir sua falta, Sanau.

— Tenho pena de você, que retorna a uma vida muito triste. Uma vida curta, repleta de emoções inúteis e dolorosas. Essa é a sua vida, e esta é a minha. Vá em frente. Adeus.

Virou-se depressa e saiu correndo, e no entanto quase tive certeza de ter visto lágrimas em seus olhos; mas foi tudo tão rápido que não pude ter certeza definitiva. Meus olhos estavam úmidos quando entrei na nave. Fiquei olhando a porta se fechar. Ia para casa. Ia deixar tudo o que parecia ter importância para mim, não apenas o Yargo e Sanau, mas toda aquela maravilhosa gente adormecida, um grande povo que precisava apenas ser despertado.

Mas não seria assim. Num dia longínquo, esse também seria o futuro do meu próprio mundo. Talvez fosse o futuro perfeito, mas alguém mais sábio do que eu teria que decidir isso.

Desabei desalentada num dos beliches e deixei que me amarrassem para a decolagem. Senti a picada da agulha no braço e quase imediatamente caí naquele sono tranquilo e familiar.

Acordei bem a tempo de ver a nossa nave acercar-se da atmosfera da Terra. Era um espetáculo emocionante. A minha Terra, flutuando nos céus como uma estranha bola redonda. Parecia tão distante; era impossível visualizá-la como um mundo cheio de vida, de cidades, oceanos e desertos. Um planetazinho estranho e solitário, povoado por milhões de pessoas que achavam que ele era o único mundo nos céus. Povoado por gente que ansiava por dominá-lo.

Um dos pilotos apareceu e fez sinal para que eu o seguisse. Saímos da minha cabine e descemos por uma escadinha em espiral até um pequeno aposento vazio. Ele apertou um botão na parede nua de aço, que começou a se abrir.

Agarrei-me a ele. Além da parede, só se via o céu. Será que iam me trair? Iriam simplesmente atirar-me no espaço? Devolver-me à Terra em pedacinhos.

A abertura agora tinha o tamanho de uma porta uma porta que dava para a noite lá embaixo.

— Pronta?

Fitei-o assombrada e indaguei:

— Fala inglês?

Ele sorriu.

— Não bem, apenas pouquinho. Sanau ensinou. Você pronta?

Gesticulei, embaraçada.

— Pronta?

Subitamente, percebi a luz. Lá estava o mesmo jato de luz que me erguera, esperando para pousar-me lá embaixo, uma escadaria para o mundo que eu conhecia.

— Vá — ele ordenou. — Luz leva você em segurança. Relutei. Não que não acreditasse nele, mas aquele piloto de olhos verdes era o meu último elo com o Yargo e o mundo que estava abandonando.

— Depressa — insistiu ele. — Estamos pertinho Terra, talvez ser visto por seus pilotos. Eles chegar perto, e morrer.

— Quer dizer que atirarão neles?

— Não, raios da nossa nave proteger nave de meteoros; mesmo raio dissolver metal suas naves. Agora, depressa, pular!

Pulei. O que poderia temer? Sem o Yargo, o que mais existia?

Nunca mais o veria, nunca mais; e de repente senti-me grata pela escuridão que começava a me envolver. Estava entrando na inconsciência e pouco se me dava se voltasse a acordar. Nunca mais o veria, nem veria Sanau, nem. e tudo se apagou.

Ouvi-o dizer: “É, é ela, sim”, e depois agarrou meu braço, tocou um apito, e surgiu do nada um outro guarda.

Parei e enterrei o rosto nas mãos.

O aposento estava em lusco-fusco e a escuridão prematura do inverno tornava-o frio e impessoal. O Dr. Galens acendeu as luzes de sua sala e me trouxe um copo de água. As luzes nos trouxeram os dois de volta à realidade. De volta à Terra, e para longe do Yargo mais uma vez.

Estava emocionalmente exausta após a dramatização da minha história. O Dr. Galens parecia estar igualmente perturbado.

Ficou calado por alguns minutos. Acendeu o meu cigarro, esvaziou o cinzeiro repleto de pontas dos cigarros que eu fumara, depois voltou a sentar-se e fitou-me atentamente.

— O que aconteceu depois que você voltou a si? — perguntou suavemente. — Depois que desceu à Terra por meio do raio. Onde eles a deixaram?

— Nas dunas de areia em Avalon. Estava quase amanhecendo.

Entrei na aldeia aos tropeções. Estava de assustar, com o vestido parecendo que não saíra do corpo o mês inteiro, o cabelo desgrenhado pelo vento e a maresia, mas não tinha um só arranhão.

— E o que fez você?

— Nada, a princípio. Fiquei ali sentada, olhando para o céu.

Finalmente comecei a caminhar. Acho que estava atordoada.

Continuava caminhando; ao que me lembre, estava consciente, mas não tinha destino. Não tinha certeza de quanto tempo se passara desde que fora para Yargo; uma semana, três semanas, um mês.

Acho que estava com medo de pensar, com medo de desabar, se me desse conta de que jamais veria o Yargo de novo. Portanto,

continuava caminhando. Acho que me dirigi à aldeia inconscientemente. Um guarda se aproximou de mim; vinha me seguindo havia algum tempo. Afinal, as pessoas não andam a esmo pelas ruas de Avalon de madrugada. Acho que ele pensou que eu estivesse bêbeda ou doente, mas quando olhou direito para mim, A voz do médico era docemente insistente: — E depois o quê, Janet?

— Levaram-me para a cadeia local. Parece que meu retrato saía nos jornais. Ah, eu era famosa em Avalon! Naturalmente, David e a minha família quase tinham enlouquecido com meu sumiço. Fazia semanas que toda a força policial de Nova Jersey vinha trabalhando no caso. Chegaram a prender um pobre ladrão da aldeia, porque eu fora vista conversando com ele. Naturalmente, suspeitou-se •de tudo, desde estupro até um crime da mala.

Vigiaram a praia, para ver se meu corpo aparecia, chegaram a dragar a baía. Como eu era uma maria-ninguém, e a minha família não era muito rica nem muito pobre, a publicidade fora apenas local, e o caso todo fora esquecido em poucos dias. Menos, é claro, por David, por minha família e pela força policial de Avalon.

— Suponho que a interrogaram exaustivamente, não?

Assenti.

— Eu estava com uma cara horrível, e não tinha a menor intenção de deixar transparecer onde estivera realmente; acho que estava bem incoerente. No começo, acho até que pensaram que eu era meio maluca. Meu Deus, nunca vou esquecer aquela manhã, sentada naquela delegacia de polícia horrível, com todo mundo me fazendo perguntas! Chegaram até a chamar o psiquiatra da cidade. Eu apenas fazia uma cara confusa, dizia que estava cansada, e que queria ir para casa.

— Não me lembro de ter lido a respeito nos jornais daqui da cidade — interrompeu o Dr. Galens. — Não saiu nada?

— Não. O caso só foi manchete em Avalon: “Vítima de amnésia vagando pelas ruas de Avalon”. Fizeram a polícia local parecer um autêntico FBI. — Esmaguei o cigarro no cinzeiro e comecei a andar pela sala. — Minha família e David imediatamente abafaram a história. Foram buscar-me e se mostraram todos muito bons.

Bons demais. Realmente pensavam que eu tinha tido amnésia. A princípio, deixei que pensassem o que lhes aprouvesse. Poupava-me de suas perguntas. Todos tentavam agir como se nada houvesse acontecido. Eu perdera um mês da minha vida e eles estavam simplesmente felizes por ter-me de volta. E depois, quando comecei a me sentir melhor, resolvi que jamais lhes contaria.

Manteria a promessa feita ao Yargo.

29

— E manteve?

— Lutei muito para readaptar-me à ideia de que voltara para ficar, que nunca mais veria o Yargo, Sanau ou uma nave espacial de novo. Lutei também para acabar com o abismo que se abriu entre mim e David. Ou melhor, com o meu abismo, pois David sentia-se tão chegado a mim quanto antes. Certa noite, resolvi contar a ele.

Achava que isso ajudaria a fazer as coisas voltarem a ser o que eram antes. Ia até mesmo contar-lhe que eu quisera ficar lá, e o que sentira pelo Yargo. Achava que ele não ia sentir ciúmes de um homem do outro mundo; e, afinal, eu nada fizera de errado. Queria um relacionamento honesto. Um homem e uma mulher não podem começar uma união com um grande segredo entre eles.

O Dr. Galens concordou.

— Mas você não contou?

— Comecei a contar. Lembro-me que foi numa quarta-feira, cerca de uma semana depois de minha volta. Fôramos jantar no Chandelier Room. Billy Sinns tocava ao piano a cação favorita de David, These Joolish things. Decidi que ele tinha que saber.

Comecei: "David, quando sumi não tive amnésia. Quero que você saiba a verdade. Ninguém mais sabe, e só você vai saber. Fiz uma longa viagem, David, num disco voador, para outro mundo..."

— E ele não acreditou em você?

— Pior ainda, agiu como se eu estivesse meio louca. Fez com que eu parasse e disse: "Querida, não me importa onde você esteve. Você voltou, e só isso interessa. Nunca mais vamos falar no assunto.

Coisas assim acontecem com muita gente, e nós vamos fazer de conta que nada aconteceu com você".

— Não desisto facilmente, Dr. Galens, como o senhor já deve ter percebido; portanto, tentei de novo: "David, precisamos conversar sobre isso". E ele falou: "Sabe, benzinho, há um velho ditado que diz que, às vezes, esquecer é mais importante do que lembrar. Se

esquecermos esse assunto completamente, será como se nada tivesse acontecido, mas se ficarmos sempre tocando nele, ele será sempre um obstáculo. Não quero mais ouvir uma só palavra sobre isso. Eu a amo. Não me importa se você foi para Marte, Europa ou Sião; todos nós vamos para outros mundos, de vez em quando. Você voltou e ponto final". Depois eu falei: "Por favor, David, ouça o que tenho a dizer". Ele fechou a cara e disse: "Janet, tenho sido bem paciente, garota. Muito poucas vezes lhe exigi alguma coisa, mas agora estou exigindo. Não quero falar nesse assunto".

— E acabou a conversa? — O Dr. Galens pareceu surpreso.

— Bem, Billy Sinns veio até nossa mesa naquele momento e David insistiu para que tomasse uma bebida conosco. Ele aceitou e ficaram batendo papo sobre música, ou coisa parecida. Nunca mais conversamos sobre Yargo.

— E quanto ao casamento? Não era para vocês terem se casado em setembro?

— Era. Eu adiei. Como podia casar com David? Estava apaixonada pelo Yargo. Ele era a única coisa real para mim; David era como um estranho. Até a lembrança de Sanau evocava pensamentos mais carinhosos do que o contato real com minhas amigas mais antigas.

David foi um amor; concordou com o adiamento. Admitiu que eu estava muito abalada e que precisava descansar; portanto, adiamos o casamento para dali a seis meses.

— E agora o dia marcado está bem próximo?

— É daqui a três dias, mas não posso. — Sentei-me e comecei a soluçar. — Dr. Galens, eu tentei! Juro que tentei esquecer. Não fiquei alimentando as lembranças. Cada vez que o rosto do Yargo vinha aos meus pensamentos, eu o afastava. Mantinha-me sempre ocupada. Ficava pensando coisas bonitas sobre David. Cheguei a me sentar e fazer uma lista de todas as coisas maravilhosas que me esperavam. Mas não deu certo. Foi por isso que vim consultá-lo. Não posso casar com David. O que devo fazer? Caso, e espero que um dia venha a esquecer o Yargo, ou rejeito David e jogo fora a única chance frágil que tenho de ser feliz?

— Janet — a voz do médico era baixa, quase súplice as pessoas fogem para outros mundos quando sofrem uma perturbação emocional. Esses outros mundos parecem frequentemente mais reais do que aquele que elas habitam, e às vezes é impossível retornar à realidade. Você foi bem sucedida

Fiquei de pé. Minha voz tremia de raiva e desespero.

— Se o senhor insistir em me considerar uma doente mental, estaremos apenas desperdiçando nosso tempo. Não nego que esteja emocionalmente perturbada, mas apenas por causa da aventura que vivi. Não vivi esta aventura porque sou emocionalmente perturbada.

— Sentei-me. Nada mais tinha sentido. Precisava controlar-me. — Dr. Galens, não quis me exceder, mas o senhor precisa acreditar em mim. Tudo isso aconteceu de verdade. Preciso pensar calma e controladamente, como o Yargo gostaria que eu pensasse, e tudo será resolvido.

Pode ser que então eu venha a ser um ente superior, superior demais para este mundo, mas não o bastante para.

Não pude continuar. Desta feita o Dr. Galens ficou quase zangado.

— Janet! Pare de falar desse jeito. Você está começando a se parecer com o impossível supergovernante imaginário que criou no seu sonho. — O tom de sua voz prendeu minha atenção. — Pois bem — Ele fez uma pausa, e voltou a ser o conselheiro compreensivo: — Tem alguma prova tangível de que esteve naquele mundo? Trouxe com você qualquer pedacinho de metal, um fragmento de material, qualquer objeto que possa provar a existência de tal civilização?

Fiz que não com a cabeça.

— Sabe o estado em que estava quando parti — expliquei. — A última coisa em que podia pensar seria numa prova da viagem.

— Quer dizer que nem uma vez lhe ocorreu trazer alguma prova concreta da viagem? Nem mesmo como lembrança particular?

— Dr. Galens, contei ao senhor sobre minha última noite no planeta, no palácio do Yargo. Houve aquela cena horrível. Chorei até dormir, sabendo que ia deixá-lo. Sabe o que é deixar a única pessoa que jamais se amará na vida? Sabendo que não há modo algum de

um dia voltar a vê-lo? É pior do que a morte, porque a morte nos oferece a promessa de uma vida posterior, da existência eterna das almas. Mas o Yargo não crê nisso, talvez nem tenha alma. Aquilo era o fim de tudo para mim. Não, Dr. Galens, eu realmente não tinha cabeça para trazer uma lembrancinha.

Ficamos os dois sentados, calados, cada qual lutando com as suas dúvidas. De repente, os olhos dele se iluminaram, como se tivesse achado a solução.

— A sua apendicectomia!

— O que tem ela?

— A cicatriz. Você tem a cicatriz como prova. Se um dos nossos médicos mais eminentes.

Balancei a cabeça.

— Não há nem sinal de cicatriz. Já lhe contei. Eles não dão pontos. Fecham o corte com um dispositivo qualquer. Não há cicatriz.

Repeti as palavras como se fossem um dobre de finados.

— Mas houve uma incisão, não é?

— Durante uma semana fiquei com um arranhãozinho fino, como que feito a lápis. Depois ele sumiu completamente.

— Mas seu apêndice foi retirado.

Concordei, desanimada. Eu não estava ali para provar que tudo acontecera, e sim para descobrir como continuar vivendo em paz.

Ele se levantou, sorridente como se tivesse descoberto a penicilina.

— Vamos tirar uma radiografia.

— Como queira — falei monotonamente. — Sei que minha viagem não foi uma alucinação. Quando o senhor pegar a chapa e falar com o meu clínico, e comprovar que dois meses antes da viagem eu tinha uma apêndice que agora não tenho, e nem tenho cicatriz, o senhor também saberá que não foi. E daí?

— Cada coisa a seu tempo — falou, quase alegremente. Deu um telefonema.

Eu iria diretamente do seu consultório para um laboratório de raios X. Pela manhã, ele teria os resultados.

Pus-me de pé, obediente. Estava tão melancólica quanto a chuvinha que começara a cair de encontro à janela. A radiografia provaria apenas a autenticidade de minha história. Nada mais fora conseguido, e amanhã faltaria menos um dia para o casamento.

Saí para a noite chuvosa e tomei um táxi até o laboratório de raios X. Lá, deixei que o homem tirasse uma série de chapas. Dei a ele o nome do clínico de minha família, para que pudesse verificar o histórico de minhas entranhas, e fui para casa.

Mais outra noite sem esperança, sem sono, sem o Yargo.

30

Fui me apresentar ao Dr. Galens na manhã seguinte.

Ele me recebeu sorridente. Sua mesa estava coberta de grandes chapas de raios X. Ofereceu-me um cigarro e esperou até que eu me acomodasse.

O médico parecia até um ator consciente de sua marcação de tempo. Esperei pacientemente. Pude perceber que ele tinha notícias importantes.

Pigarreou como se fosse dirigir-se a uma plateia repleta.

— Janet, esse problema vai ser facilmente superado; isto é, se você cooperar e aceitar certos fatos.

Assenti, e fiquei imaginando o que viria a seguir.

— Janet, aqui estão suas radiografias, tiradas de diversos ângulos.

Janet, quero que saiba que seu apêndice está completamente intacto.

Por um momento, a importância de sua declaração não atingiu minha consciência.

Ele voltou a repeti-la.

— Janet, seu apêndice está intacto. Está sadio e no lugar apropriado. Dentro de seu corpo.

Agora, nada mais tinha sentido. Eu fora operada. Mas meu apêndice ainda estava em meu corpo. Será que eu estava louca?

Louca de verdade? Vai ver que estava, e então o Yargo não era real. Acho que desmaiei.

Estava deitada no frio sofá de couro quando abri os olhos; a enfermeira me oferecia uma bebida. Tomei um gole grande e engasguei. Era conhaque. Sentei-me e afastei o cabelo dos olhos.

Precisava pensar. Precisava ouvir o Dr. Galens, ou então tudo estaria perdido. Se ele não me ajudasse, eu ia acabar num hospício.

Começou a me bombardear com perguntas. O tipo de perguntas que se faz a um maluco, pois acho que era isso o que eu era:

maluca.

Tentei não pensar. Tentei responder às perguntas com sinceridade. Eu sempre tivera muita imaginação? Lera muito a respeito de discos voadores? Sentira medo deles? Ou uma curiosidade exagerada a seu respeito? Já sofrera perda de memória anteriormente? Já me apaixonara alguma vez por um homem inatingível? De inteligência superior? Meu pai se parecia com esse homem, em algum aspecto?

Tentei responder razoável e logicamente. Sim, eu tinha uma imaginação fértil. Discos voadores? Despertavam-me uma atenção normal, de um leitor comum. A princípio, um pouco de ceticismo, depois uma vaga sensação de que eles talvez fossem uma arma secreta de nossas próprias Forças Armadas. Não, nunca me apaixonara por alguém que nem de longe se parecesse com o Yargo.

Um professor de história, certa vez. Era alto, muitíssimo inteligente, mas não era calvo nem tinha olhos cor de água-marinha. Não, nunca sofrera de perda de memória e meu pai não se parecia com o Yargo, em aspecto algum.

Mas eu não podia acreditar que não tivesse acontecido. Enquanto respondia às perguntas dele, sabia que tudo fora real.

O Dr. Galens foi maravilhoso. Cancelou todas as suas consultas e passou dois dias trancado comigo. Talvez meu caso o interessasse, ou quem sabe sentia pena de mim, de verdade. Durante dois dias, trabalhamos sem cessar, tentando juntar os fragmentos de minha vida. Durante dois dias, aceitei e rejeitei suas sugestões sensatas, tendo perfeita consciência de que elas tinham sentido.

Ele explicou que, talvez, bem lá no fundo, eu não quisesse me casar com David. Meu amor por ele era genuíno, mas eu lutava contra a ideia do casamento. Esse medo subconsciente era causado pela frustração de ter renunciado à carreira teatral com que tanto sonhara. O fato de ter conseguido abafar com sucesso meu impulso contribuiu apenas para torná-lo mais forte do que nunca no meu subconsciente. Eu o mencionara constantemente durante toda a minha viagem imaginária, em minhas conversas com aquele líder inexistente. No planeta de meus sonhos, fizera questão de que ninguém fosse frustrado em suas ambições, como eu o fora. Cada

um poderia fazer exatamente aquilo que desejava. Era óbvio que eu tinha medo do amor, portanto o aboli no meu novo planeta para que ninguém pudesse desfrutá-lo, a não ser que eu participasse.

O casamento com David apresentava outro problema, explicou o médico: significava abandonar permanentemente todos os meus sonhos infantis. Meu desejo ardente de ir para Avalon, para rever o local que adorara em criança, era uma tentativa de recriar os dias felizes e despreocupados da infância, quando meus sonhos ainda estavam à espera de serem realizados.

Essa atitude provava que eu estava fugindo somente do presente, e me refugiando no passado.

Sanau representava minha mãe, cuja aprovação eu vivia procurando, e a quem desejava poder amar. A superioridade dela era a desaprovação constante que sentia em minha mãe. O Yargo surgiu para mostrar à minha mãe que eu era uma pessoa importante. Ele era um homem superior, diferente de todos os outros. Que eu fosse capaz de vencer todos os obstáculos e atrair aquele homem superior significava que eu era alguém. Mas até nas minhas alucinações eu saía derrotada. Meu problema todo, explicou o Dr. Galens, era meu sentimento de inferioridade e minha busca de aprovação aos olhos de meus pais. Eu me negava a aceitar David porque minha mãe o escolhera para mim. Estaria me casando com um ótimo, maravilhoso homem comum, um homem que minha mãe achava que eu merecia. Se ela achava que eu o merecia, eu achava que ele não era suficientemente bom, porque, na minha opinião, ela não me tinha em boa conta. Eu sentia que ela estava muito satisfeita de eu estar conseguindo me casar.

Avalon simplesmente trouxera todas essas ideias ao nível da minha consciência. Aquela lugar era a minha última esperança de realização. Quando também Avalon provou ser uma decepção, fiquei por lá, buscando, torcendo para que pelo menos um sonho pudesse ser realizado. Naquela derradeira noite, até meu passatempo infantil de procurar estrelas cadentes não me trouxera de volta os sentimentos de encanto e alegria. Vestígios de sonhos desfeitos, de esperanças perdidas, do futuro incerto e indesejado voltaram a me

atormentar, e deve ter havido um choque repentino entre o subconsciente e o consciente. E tive o colapso nervoso.

A pessoa que erra por aí, vítima de amnésia, está num outro mundo, explicou o Dr. Galens, mas é raro que se lembre dos pensamentos e fantasias que teve nessa outra existência. Meu caso era muito raro, e o problema é que todos os três estágios estavam intactos.

Agora, eu tinha que transformar o real no real e o irreal em fantasia, insistia o Dr. Galens. Quanto mais eu me prendia ao Yargo, mais me aprofundava no mundo irreal. E esse era o verdadeiro perigo.

Levei bastante tempo até sequer começar a crer que estivera viajando somente em minha mente. Quando as dúvidas se tornavam insistentes demais, e a lembrança do Yargo real demais, punha-me a olhar para as chapas de raios X. Poderia haver prova mais forte dos argumentos do Dr. Galens do que uma operação inexistente?

Mas, então, onde eu passara todo aquele mês? Onde comera e dormira?

O Dr. Galens explicou que as vítimas de amnésia às vezes levam vidas duplas. Empregam-se em cidades estranhas; algumas até chegam a cometer bigamia.

Voltamos ao presente e às suas complicações bem reais. Ele me forçou a me questionar se queria ou não me casar com David. Nada tinha contra meu noivo, ou contra o casamento em si; simplesmente, amava o Yargo. Mas não existia nenhum Yargo, e David existia. O tempo era curto demais para uma solução definitiva. O Dr. Galens falou que eu precisava de dois anos de análise constante, para me aprofundar em meu subconsciente e arrancar de lá todas as minhas inseguranças e ressentimentos.

O conselho final dele foi que eu pedisse para adiar o casamento pela segunda vez. Quando vencêssemos minha obsessão, e começássemos a análise, sem dúvida eu teria um futuro feliz com David.

Saí do consultório do Dr. Galens no final da tarde, com um fio de esperança. Afinal, ele era um homem brilhante. Poderia me ajudar.

Eu adiaría o casamento e voltaria ao meu antigo emprego. Daria um jeito de conseguir o dinheiro para uma análise completa. Logo tudo ficaria no lugar certo:

David retomaria o seu papel principal em minha vida, e o Yargo retrocederia para um sonho exótico.

31

Só que não foi assim tão fácil.

Declarei a minha intenção de um novo adiamento naquela mesma noite, ao jantar. Como eu não mencionara o Dr. Galens, ou o motivo que me levava a consultá-lo, David provou ser um oponente obstinado.

Mais outro adiamento? Será que eu não o amava? O que as pessoas iriam pensar? Ele iria fazer papel de palhaço.

Argumentei que ainda não estava bem de saúde, nem pronta para me casar. Ele afastou minhas objeções; eu estava muito bem, e tão logo me tornasse sua esposa todos os meus problemas desapareceriam.

A dor e a dúvida que se espelhavam em seu rosto aumentaram minha insegurança. Minha mãe ficou do lado de David, uma aliada fervorosa. Adiar o casamento? Pois sim! Já haviam sido tomadas todas as providências. A vida do pobre David fora toda planejada de acordo com a data da cerimônia. Até mesmo o Sr. Finley, seu patrão, compare. cena. As férias dele estavam marcadas, e as passagens compradas para a nossa viagem de navio às Bermudas.

Diversos de seus casos legais haviam sido adiados para que tivesse tempo de sobra para o casamento e a lua-de-mel.

E assim continuou a discussão até que ele foi buscar a derradeira arma masculina.

— O que foi, querida? Você não me ama? O que foi que eu fiz?

Várias vezes tive que morder o lábio para não gritar toda a triste verdade, mas um sentido latente de autopreservação fez com que

me controlasse. Se contasse a verdade, David sem dúvida cancelaria o casamento em caráter permanente. Ele tinha pouca imaginação, não compreenderia nada sobre o consciente e o subconsciente. Para ele, eu não passaria de uma maluca. Mas que beleza! A cidade inteira comentaria. Pobre Janet Cooper, e aquele excelente David esperara tanto tempo! Também não seria nada bom para a minha família. Eles ficariam ansiosos para abafar a história toda. Eu seria tachada de “débil mental da cidade”; nem conseguiria arrumar um emprego; como iria pagar ao Dr. Galens? Estaria pior do que nunca, mais doente do que nunca, sem emprego, sem David.

Sem enxergar outra alternativa, concordei em não adiar a data da cerimônia. Seria realizada no dia seguinte, como estava marcado.

Lá estava eu, na véspera de meu casamento, cercada pelos que me eram caros — David e minha família —, pensando naqueles outros tão distantes, tão distantes que nem mesmo haviam existido.

Deixei de lado tais pensamentos e até me animei o bastante para fazer um brinde a nosso futuro. Na verdade, parecia-me tanto com a antiga Janet que David foi embora cheio de otimismo masculino, achando que meu ataque súbito de quase histeria não passava de nervosismo pré-nupcial.

Nenhuma futura noiva era mais desconsolada do que eu, depois que David foi embora. A máscara de animação desapareceu, e fiquei imersa na minha grande depressão. Minha mãe e minha tia corriam de um lado para outro na agitação tradicional da “família da noiva”, ocupadas demais para perceberem meu estado. Fiquei vendo as duas colocando nas malas minha lingerie delicada, em meio a suspiros de admiração. Derramaram fartas lágrimas sobre o vestido de noiva, o enxoval, e sobre mim. Finalmente tudo estava pronto: as roupas novas para as Bermudas na mala grande, a frasqueira pronta e à espera.

Olhei para elas e tentei aparentar o ar alegre que fingira para David. Consegui até mesmo dar um sorriso ao ver minha mãe passar da agitação a uma calma lacrimosa, enquanto discutia suas recordações com minha tia. Sorri de seus penteados muito engomados que denunciavam uma visita ao cabeleireiro. Eu nem pensara em fazer o cabelo ou as unhas. Fui para o meu quarto.

Lavei o cabelo e enxuguei-o com uma toalha grande. Ele estava ficando opaco; não era mais brilhante e sedoso como quando eu estava em Yargo; só que eu nunca estivera lá, portanto meu cabelo não mudara. Fiz as unhas; estavam rachando. Em Yargo, até mesmo minhas unhas eram fortes, só que não havia Yargo. Finalmente, a casa ficou em silêncio. Era meia-noite, hora de ir para a cama. Amanhã a esta hora, eu estaria casada.

Apaguei a luz e fui para a cama.

Eu estava correndo pela rua e sentia frio. Parei. Era tarde.

Quando saíra da cama? Estava com o vestido de linho vermelho e um casacão largo. Será que estava enlouquecendo de novo? Tinha que parar de correr. Quando me vestira? Não conseguia lembrar.

Talvez eu não estivesse correndo. Será que houvera outro problema com minha cabeça? Talvez eu esteja louca de verdade, talvez esteja deitada na minha cama. Mas isto é real. Sinto o frio e a minha respiração está ofegante. Posso até enxergar a fumacinha que meu hálito quente forma no ar noturno. Estou correndo.

Continuava correndo.

Talvez este seja o começo de outro ataque de amnésia. Quem sabe vou ter outro esgotamento e sonhar que estou de volta a Yargo?

Ainda estou neste mundo, numa rua da cidade, uma rua que conheço tão bem, e ainda assim continuo correndo. Para onde estou indo? Nem eu mesma sei a resposta. No entanto, parece que sei para onde estou me dirigindo. — Talvez seja meu subconsciente me guiando. Meus pés parecem conduzir-me rua abaixo, através das avenidas, em frente, em frente — o parque!

O parque! Onde eu brincava quando era criança! O Dr. Galens estava certo. Estou tentando voltar ao passado, em busca de minhas lembranças. É, lá está o morro. Nós o chamávamos de Morro dos Desejos. A gente corria até lá em cima, fazia um pedido, cuspi no vento, e o desejo da gente se realizava. Ah, o Dr. Galens tem razão. Preciso voltar para minha casa, para minha cama, para David. Preciso de ajuda, preciso mesmo de ajuda. Mas será verdade que estou neste morro nesta noite gelada, ou ainda estou na minha

cama? O parque é perigoso, à noite; é perigoso para uma moça sozinha. A gente lê tantas coisas nos jornais

Mas eu continuava correndo, subindo para o topo do morro.

Cheguei lá em cima e fiquei ofegando e soluçando. Talvez aquilo fosse loucura, talvez eu não estivesse mesmo ali, talvez tivesse ficado realmente maluca, dizia para mim mesma. Mas, e daí? Neste momento, estou aqui. Faça um pedido! Faça! Que mal pode haver?

Ergui os olhos para o céu. As estrelas estavam tão baixas que literalmente riam de mim.

— Yargo! Yargo! — Eu estava gritando, mas não ligava. — Ah, Yargo — soluzei. — Você disse que suas espaçonaves estão constantemente vigiando a Terra. Se houver alguma, que transmita minha mensagem. Yargo, venha buscar-me.

Venha buscar-me!

Caí no chão, exausta. Os pedacinhos de grama morta arranhavam meu rosto. Fiquei largada ali, durante algum tempo. Nada aconteceu. Lógico que nada aconteceu. Eu estava maluca, doente.

Depois, lembrei-me do cuspe. Claro, a gente tinha que cuspir no vento; aquilo fazia parte da realização do desejo. Com um soluço, levantei-me do chão e me pus de frente para o vento. Cuspi para dentro da noite. O vento jogou o cuspe de volta sobre meu rosto.

Durante um momento fiquei ali, sozinha em cima do morro, de braços estendidos para o céu como se esperasse algum milagre, banhada pela luz fria da lua e das estrelas pálidas.

Ah, Yargo, Yargo! Caí de joelhos e rezei para Deus, para o Yargo, mas somente as estrelas pareciam me ouvir. Elas pareciam dançar, como se estivessem rindo de mim, debochando de mim

E foi então que vi o disco!

Lá estava ela! Pequena e redonda, a maçã platinada tão conhecida, lá estava no céu. Vinha girando em minha direção, ficando maior, cada vez maior. — Ela vinha vindo!

Eles me haviam ouvido, ou então eu estava realmente louca. Quem sabe era isso? Eu estava louca, louca. Mas nem me importava.

Fiquei como que petrificada, fitando o objeto no céu. Agora estava acima de mim, redondo e imóvel. O vento parou, a Terra pareceu imobilizar-se. Agora, o raio. Ah, por favor, mandem o raio. Sim!

Não mais uma coisa estranha e aterradora, mas bem-vinda; um caminho para as estrelas, para o céu, para o Yargo!

— Ah, meu Deus, estou louca — soluçava. — Sei que estou louca de verdade.

E então o raio me ergueu.

Subi, , subi subi e a escuridão abençoada me envolveu.

Quando abri os olhos, ele estava ao meu lado, sorrindo.

— Ah, Yargo — as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Yargo, sei que você não está aqui de verdade, mas não me importo. Se isso é a loucura, nunca mais quero ficar boa. Ele não respondeu, mas seus olhos não deixavam meu rosto.

— Sei que não é verdade, por causa do apêndice — gaguejava eu.

— Yargo, ainda tenho o meu apêndice; portanto, sei que você não é real.

Ele me abraçou.

— Como tenho procurado por você, Janet. — A voz dele era meiga. — Há meses que sobrevoa a Terra, sempre à sua procura. Eu a amo.

— Agora não tenho dúvida de que estou louca — respondi, feliz.

— Não, Janet, você não está louca. Precisa voltar ao meu planeta. Precisa salvar-me, e ao meu povo.

— Salvar seu povo? Vocês, que estão milhares de anos à nossa frente?

Ele fez que sim e falou, sempre abraçado comigo: — Somos o povo mais adiantado de todos os planetas. Mas qual é o planeta que possui mais sabedoria? Não sei. Não há dúvida de que ultrapassamos todos os seres nas nossas conquistas científicas, no nosso progresso. Mas, como gente, talvez tenhamos retrocedido, pois, em comparação com você, Janet, não somos gente. Como entendo agora o que você tentava nos dizer. Deve haver uma hora em que a ciência tem que terminar, e as emoções, a esperança e a

fé têm que começar. Quem possui mais sabedoria? Vocês, que têm um período de vida curto e pontilhado de muitas doenças e necessidades, mas que sentem amor e ódio, e têm fé e dão à luz os seus filhos; ou nós, que sobrepujamos todas as fatalidades do mundo e, ao fazê-lo, colocamo-nos fora da própria vida?

Compreendi, e para a minha felicidade agora quem suplicava era ele.

— Volte ao meu mundo. Ajude-nos a manter as coisas boas, e ensine-nos aquilo que esquecemos. Ensine-nos a amar uns aos outros, e a perceber que até mesmo os vícios mesquinhos que acompanham as emoções são melhores do que a ausência total de emoção. Ensine-nos o que a fé significa para você. Foi sua fé que realizou este milagre. Que moveu um mundo. Ensine-nos sobre o Deus que há muito abandonamos, um Deus que fez com que nossas inteligências brilhantes cometessem o erro de capturar você, em vez de um cientista, para que você pudesse mostrar-nos o caminho.

— Você é um grande homem, Yargo — falei. — preciso ser grande para admitir tal fraqueza; e eu vou tentar, nós vamos tentar.

Ele me abraçou apertado e naquele momento conheci a verdadeira perfeição. O contato de seu corpo forte contra o meu, o ronco dos motores, a escuridão da noite lá fora.

Ele rompeu o silêncio e sorriu para mim. Numa voz levemente maliciosa, falou: — E, Janet, nós nunca chegamos a retirar o seu apêndice. Temo que nosso ilustre cirurgião estivesse apenas exageradamente ansioso para ver o referido órgão. Depois de abrir sua barriga e satisfazer sua curiosidade, ele mudou o diagnóstico e anunciou que o que você tinha não passava de uma simples dor de estômago à moda da Terra.

Ri. Rimos os dois juntos, e eu me agarrei a ele e disse a mim mesma que pouco me importava se aquilo estava acontecendo ou não, contanto que não terminasse.

— Talvez isto não seja real, Yargo, talvez eu esteja maluca-mas nunca me deixe ficar boa. Nunca me deixe voltar para a Terra!

Ele respondeu, com voz séria:

— Não, Janet, você voltará para a sua Terra um dia, quando seu povo tiver maior compreensão, quando puder aceitar a sabedoria de

outros mundos. Então, você deverá retornar e avisar a eles que existem coisas que o homem não pode, não deve dominar. Que há um limite para o progresso, mas que nunca deverá haver limite para a fé e para o amor. Se a Terra se transformar num mundo povoado por gente que não mais sabe amar, poderá não aparecer nenhuma Janet vinda de outro planeta para mostrar-lhes o caminho. Sim, você deverá voltar, algum dia, mas só em visita.

E então ele me abraçou e me beijou, e seus lábios não eram feitos de pedra.

No dia seguinte, os jornais deram uma breve notícia sobre o noivo que ficou esperando na igreja. A noiva sofrera um ataque de amnésia no verão anterior, e a família e o médico dela temiam que tivesse tido uma recaída. Os jornais das áreas adjacentes pediam aos leitores para ficarem atentos, para o caso de ela aparecer por lá.

Principalmente nas proximidades de Avalon, Nova Jersey.

FIM

A Autora e sua Obra

Americana de Filadélfia, nascida em 1921, filha do famoso retratista Robert Susann e da professora primária Rose Susann, Jacqueline foi atriz de teatro de mediano sucesso antes de se dedicar com êxito à literatura. Casada durante quase trinta anos com Irving Mansfield, produtor de cinema e de TV, morreu no dia 21 de setembro de 1974, após uma batalha de doze anos contra o câncer. Com exceção do marido e de uns poucos amigos íntimos, ninguém, até sua morte, sabia da longa e corajosa luta que Jacqueline vinha travando contra a moléstia.

Apesar de sua pequena bagagem literária, Jacqueline Susann foi uma das escritoras mais bem-sucedidas que a história do mundo editorial registra. O seu primeiro romance, datado de 1966, "O vale das bonecas", foi, de acordo com o "Guinness book of world records", o maior sucesso mundial de livraria. "A Máquina do Amor", livro lançado três anos depois, tão logo saiu, galgou o primeiro lugar nas listas dos mais vendidos e permaneceu nessa posição durante cinco meses. Seguiu-se, em 1973, "Uma vez só é pouco", igualmente um best seller, que fez de Jacqueline o primeiro autor a ter três livros consecutivos a encabeçar as listas dos best sellers. Veio ainda "Dolores", livro póstumo, saído em 1976, e que repetiu o exemplo dos anteriores, tornando-se um memorável sucesso de vendas.

Julgava-se, por se conhecer pouco da autora, que esses haviam sido os seus primeiros romances, até ser descoberta, depois de sua morte, a existência deste "Yargo", inédito e tão sensacional quanto os que ela havia publicado. Em realidade, Jacqueline estreara com um livro pelo qual nutria grande carinho, sobre sua cachorrinha ("Todas as noites, Josephine"), assinara em co-autoria a peça "Lovely me", encenada na Broadway em 1946, e colaborara nas décadas de 40 e 50 com artigos e contos para várias revistas de grande circulação. Hoje em dia, os seus livros são encontrados em

mais de trinta idiomas, e calcula-se que se tenha vendido um total superior a cinquenta milhões de exemplares em todas as edições.